GILFRANCISCO

Ranulfo Prata

vida & obra

EDISE

Ranulfo Prata
Vida & Obra

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador
Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado do Governo
Elder Sandes Vieira

SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente
Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Administrativo-Financeiro
Filadelfo Alexandre Silva Costa

Diretor Industrial
Mílton Alves

Gerente Editorial
Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial
Antônio Amaral Cavalcante
Cristiano de Jesus Ferronato
Ezio Christian Déda Araújo
Irineu Silva Fontes
João Augusto Gama da Silva
Jorge Carvalho do Nascimento
José Anselmo de Oliveira
Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

GILFRANCISCO
(Organizador)

Ranulfo Prata
Vida & Obra

EDISE
Aracaju
2018

Copyright©2018 by GILFRANCISCO

CAPA
Carlos Augusto Dantas Arcieri

DIAGRAMAÇÃO
Carlos Augusto Dantas Arcieri

REVISÃO
Yuri Gagarin Andrade Nascimento

PRÉ-IMPRESSÃO
Dalmo Macedo
Marcos Nascimento

Catalogação na publicação elaborada pela Bibliotecária
Neide Maria J. Zaninelli - CRB-9/ 884
Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R213

Ranulfo Prata: vida e obra [recurso eletrônico] / Gilfrancisco (organizador). – Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2018.
336 p.: il.; 21 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide
web: https://segrase.se.gov.br/

ISBN 978-85-53178-14-8

1. Literatura. 2. Biografia. 3. Sergipe. 4. Medicina. I. Santos, Gilfrancisco dos. II. Titulo.

CDU 869.0(81).09

Editora filiada

SNEL
Sindicato Nacional dos Editores de Livros

ABEU
Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7430
edise@segrase.se.gov.br

Uma Dívida em Resgate

O livro que iremos ler é fruto do trabalho cuidadoso e intenso de um pesquisador. O historiador Gilfrancisco, dotado de intenso fôlego para remexer os anais do tempo pretérito, estimula o que será, o começo apenas, do resgate de uma dívida imensa do Governo de Sergipe, em relação à memória de um dos mais ilustres literatos sergipanos.

Ranulfo Hora Prata, romancista, contista, médico, professor, na sua simplicidade e timidez, às quais se refere Gilfrancisco, o autor deste livro, antecipou-se aos agitos da Semana de Arte Moderna de 1922, dos quais estava distante, mas já avançara na transformação da nossa literatura, enraizando-a com a terra brasileira, nordestina, sergipana.

Ranulfo, um lagartense com raízes na nossa Simão Dias , viveu pouco, mas deixou um legado de virtuosos resultados em todos os setores de atividades às quais se dedicou. Foi criativo e inovador na literatura, precursor nas ciências médicas, e exemplar como sacerdote da solidariedade humana, que aprofundava, indo ao âmago da esperança cristã.

Seus descendentes lhe seguiram as exemplares pegadas. Um dos seus filhos, também médico, Paulo, voltou suas atenções para o atendimento aos pacientes oncológicos, e fez avanços numa época em que a doença ainda era uma fatalidade quase insuperável. Seu filho, Henrique, não seguiu a tradição da família, não foi atraído pela medicina, tornou-se empresário. Dedicou-se, então, a concretizar o sonho do pai. Foi muito além do sonho, instalou não só um portentoso sistema de aten-

dimento, pesquisa e prevenção na área oncológica, mas sobretudo, uma filosofia de trabalho, de ação filantrópica, que é hoje um destaque brasileiro no campo da oncologia. O Hospital de Barretos é referência mundial.

O governo de Sergipe inicia, com a publicação deste livro um percurso pela obra de Ranulfo Prata, o avô paterno de Henrique; e que terá continuidade com outras publicações, para demonstrar, também, a adesão do poder público ao fervilhar da inteligência sergipana, que cuida do presente, e vai ainda ao passado, encontrar-se com a seiva mater da criatividade, inspiração e sonho que nos alimenta.

BELIVALDO CHAGAS
Governador de Sergipe

Aos funcionários das Instituições pesquisadas meu carinhoso apreço: Biblioteca Epifânio Dória (SE), Fundação Clemente Mariani (BA), Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Instituto Tobias Barreto - Pesquise (SE) e especificamente aos pesquisadores/escritores Antonio Fernando de Araújo Sá e Jackson da Silva Lima.

In Memorian
Marcelo Déda
(1960-2013)

Acreditando que essa viagem
poderia ter mais de um destino.

As grandes dores não se descrevem;
ou se sentem ou se imaginam

Ranulfo Prata

Ao prezado Ranulfo
O sonhador e irmão
Que tem Prata no nome
E ouro no coração

Cleomenes Campos
(1897-1968)

SUMÁRIO

Algumas palavras iniciais 21

Prefácio 23
Ranulfo Prata, de Médico a Imortal: Claudefranklin Monteiro Santos
Ranulfo Prata: Epifânio Dória

Capítulo I 31
Ranulfo Prata, adormecido nas estantes
Síntese Biográfica
Fortuna Crítica

Capítulo II 55
A Morte de Ranulfo Prata na Imprensa
Faleceu o escritor Ranulfo Prata: Diário Oficial do Estado
Falecimento, Dr. Ranulfo Prata: Folha da Manhã
Homenagem ao escritor Ranulfo Prata: Diário Oficial do Estado
Mensagem a Ranulfo Prata: Folha da Manhã
O comandante morreu, mas os navios continuaram iluminados: Paulo de Carvalho Neto
A Homenagem Prestada à memória do escritor Ranulfo Prata: Diário Oficial
Ranulfo Prata: Paulo de Carvalho Neto
Homenagem à memória de Ranulfo Prata: Antônio Guilherme Gonçalves

Capítulo III 69
Notas Natalícias
Aniversário do Dr. Ranulfo Prata: A Luta

O Aniversário de um escritor: A Luta
Capítulo IV 73
Correspondência
Uma opinião valiosa: A Luta
Carta: Dr. Prado Sampaio

Capítulo V 77
Notas de Anápolis
Anápolis hospeda um escritor ilustre: A Luta
O escritor Ranulfo Prata vai residir em Aracaju: A Luta

Capítulo VI 79
Entrevista
As previsões de um escritor: A Luta

Capítulo VII 81
Conferência
Conferência: Diário Oficial do Estado
A Conferência do Dr. Ranulfo Prata: Sergipe-Jornal

Capítulo VIII 83
Julgamento Crítico

O Triunfo – 1918..... 87
O Triunfo: Revista A.B.C.
Ranulfo Prata: Jornal do Comércio
O Triunfo: Péricles Nunis Barreto
O Triunfo: Lima Barreto
O Triunfo: Correio de Aracaju
Um romancista sergipano: João Ribeiro
O Triunfo: Altamirando Requião
Juízes e Comentários: João Cabral
As Quartas-feiras: Carlos Garrido

Dentro da Vida – 1922.....115
Ranulfo Prata - Dentro da Vida: Perillo Gomes
Dentro da Vida: Diário da Manhã
Ranulfo e o mal de Lázaro: Acrísio Torres

O Lírio na Torrente – 1925.....125
Os romances brasileiros – O Lyrio na torrente: ABC
O novo romance de Ranulfo Prata: A Luta

A Longa Estrada – 1925.....131
Literatura do Sertão: ABC
Um livro apreciável: Gazeta do Povo
O Novo livro de Ranulfo Prata através da crítica: Gazeta do Povo
O Novo livro de Ranulfo Prata através da crítica: Gazeta do Povo
A Longa Estrada: A Luta
Impressões - Sobre o livro Alonga Estrada do Dr. Ranulfo Prata: Elias Carmello

Teses – 1926.....143
A Renascença das letras em França: A Luta
Duas teses de literatura: Prado Sampaio

Sofrimento – 1933.....157
A Guisa do Prólogo: Pe. Moisés Ferreira

Lampião – 1934.....161
Lampião: Boletim de Ariel
As excentricidades do Banditismo - Ranulfo Prata e o livro sobre
Lampião: Donatello Grieco
Noticiário: Diário Oficial do Estado de Sergipe
Lampião, Ranulfo Prata: O Jornal.
Lampião, Ranulfo Prata: Peregrino Junior
Apresentação: Antônio A. C. Araújo
Notícia de Lampião: Jorge Amado

Navios Iluminados – 1937.....177
Navios Iluminados: Hermes Andrade

Navios Iluminados: Folha da Manhã
Livros e Idéias: Rubens do Amaral
Navios Iluminados: G. Conception
Livros Novos: Nelson Werneck Sodré
Navios Iluminados: Menotti Del Picchia
Navios Iluminados: Carlos Chiacchico
Ranulfo Prata: Silveira Bruno
Navios Iluminados, romance de 1937, (reeditado): Antonio Gonçalves Filho

Capítulo IX 197

Análise Geral da Obra
Ranulfo Prata: Messias Fonseca
Ranulfo Prata e suas obras: Frasilde
Um lugar para Ranulfo Prata (contribuição bibliográfica): Paulo de Carvalho Neto

Capítulo X 241
Contos Esparsos
Sonho de Escoteiro: Ranulfo Prata
Fertilidade: Ranulfo Prata
Rendeiros: Ranulfo Prata

Capítulo XI 259
Subsídios Biográficos

Capítulo XII 281
Apêndice: Academia Sergipana de Letras
Saudação - Discurso do Acadêmico Marcos Ferreira, por ocasião da Posse do Dr. Luiz Pereira de Melo na Cadeira vaga com o falecimento do Acadêmico Ranulfo Prata.
Recepção - Discurso Proferido na ASL, pelo Dr. Luiz Pereira de Melo, na solenidade de sua Recepção.

Pósfacio 331
Ranulfo Prata: Luiz Eduardo Oliveira

Algumas palavras iniciais

Desde que cheguei a Sergipe em janeiro de 1996, minha intenção era conhecer as obras dos escritores sergipanos que se destacaram no passado. Um dos primeiros livros consultados foi **Prosa Sergipana** – uma antologia, organizada por José Olyntho e Márcia Maria, publicada pela editora Thesaurus, 1992. Do livro listei alguns autores, entre eles estavam o de Ranulfo Prata (1896-1942), Alina Paim (1919-2011) e Paulo de Carvalho Neto (1923-2003), mas a pesquisa só teve início em 2004, sendo interrompida logo em seguida, para dar prioridade a outros projetos, considerados mais importantes. Lembro-me perfeitamente da profunda emoção e surpresa que senti ao ler Lampião, de Ranulfo Prata, foi minha primeira investida em sua obra. Seu conterrâneo Paulo Dantas (1922- 2007) autor do prefácio da 2ª edição de Lampião (1945) pela Piratininga, conta ter sido encontrado um exemplar da primeira edição do livro dentro da bolsa de Lampião, com anotações feitas pelo próprio biografado, no dia em que ele foi morto. Consegui parte da sua obra na Biblioteca Epifânio Dória, onde realizei as primeiras leituras, o restante dos livros foi encontrado no Instituto Geográfico e Histórico de Sergipe.

Pretendia publicar este livro através da coleção Base, Edições GFS, destinada aos escritores e temas da história literária dos estados da Bahia e Sergipe, tendo por objetivo enriquecer o conhecimento bibliográfico sobre autores significativos da literatura desses dois estados. Através da coleção Base foram publicados cinco títulos com tiragem de cem exemplares: Literatura Sergipana, uma Literatura de Emigrados nº1 (2007); Jacinta Passos: a busca da poesia nº2 (2007); A Romancista Alina Paim nº3

(2008); O Contista Renato Mazze Lucas nº4 (2008); e Instrumentos e Ofício: inéditos de Carlos Sampaio nº5 (2008). A coleção foi interrompida por falta de recursos financeiro do autor/editor.

Preparei um livro para principiante, capaz de ser entendido por todos, pelos que estudam pelos que ensinam e também por aqueles que aguardam um primeiro encontro com a obra de Ranulfo Prata, escritor pioneiro, o mais famoso romancista sergipano da época. No entanto, pouco se conhece da vida-obra desse homem revelador, que através da sua obra denunciou a paisagem sertaneja marcada pelas grandes extensões pediplanizadas, drenadas por rios temporários e cobertas pela caatinga. Até hoje é a região mais caracterizadamente subdesenvolvida do país, com contrastes sociais exacerbados com grandes contingentes populacionais marcados pela miséria, com uma estrutura fundiária que provoca contínuo fluxo emigratório para os grandes centros urbanos.

Escritor profundamente humanista, homem cheio de bondade e compreensão, Ranulfo Prata vive ainda na memória dos que o conheceram pessoalmente, mas pouca reação provoca no espírito das novas gerações. Neste livro estão reunidos pela primeira vez vários artigos, discursos, entrevistas, correspondências, conferências, prefácios sobre a obra de Ranulfo Prata, além de três contos esparsos perdidos ou esquecidos em velhos jornais. Esses textos, certamente complementam a compreensão desta personalidade marcante. Espero ser este livro uma contribuição e homenagem reveladora a quem através da força, da verdade, determinação e obsessiva curiosidade em explorar novos conhecimentos, revelariam com seus textos um nordeste de ignorância, pobreza e medo.

Prefácio

Ranulfo Prata, de Médico a Imortal

Claudefranklin Monteiro Santos[1]

Cheguei ao conhecimento de Ranulfo Prata por via indireta. Leitor voraz dos escritos de Lima Barreto, até o segundo ano do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe, deparei-me com um curioso traço de sua trajetória de vida: uma intensa relação com o escritor carioca, por quem era chamado de amigo e confrade. Toda essa consideração não foi à toa. Por várias vezes, conhecedor da medicina de sua época, com raro talento, Prata tentou a regeneração do amigo do vício do álcool e das repetitivas crises de loucura e inconsciência, em sua casa, na cidade de Mirassol-SP,

Os dois amigos tinham o hábito de trocar cartas, algumas delas na década de 20, do século XX. Ao que se sabe, Lima não era dado a respondê-las. Elas revelam momentos íntimos entre eles, cujo drama de vida os aproximou, e demonstram a existência de um humanismo pouco comum aos escritores da época.

Para os estudiosos e biográficos de Ranulfo Prata, Lima Barreto teria sido, também, sua grande referência literária, por este se ater às pessoas e aos lugares, como fazia em seus romances e contos. Doravante, Prata se transformou num dos maiores contistas da literatura nacional.

---

1 Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. É professor e pesquisador do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades (GPCIR) e Tutor do Programa de Educação Tutorial em História da UFS. Membro do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho (MAC/ASL) e da Academia Lagartense de Letras.

Neste particular, vale destacar o que lhe escreveu a respeito, Acrísio Torres: "*Foi no consultório médico que nasceu o escritor. É da observação direta e real da vida, das dores, das lágrimas, dos sofrimentos, dos impulsos dos clientes que narra seus contos e romances*" (*Literatura Sergipana*, 1976, p. 105).

A medicina e a literatura, ambas nesse movimento pendular de cuidar e de curar. Esse encontro transcendental em busca de alcançar a eternidade e vencer a perenidade das coisas, as mazelas do corpo e da alma, os vícios embriagantes da inspiração repentina, dos causos e casos criados, das expressões mais puras do gênio humano, pulsante na pena ou na caneta, na folha ou na tela.

Até julho de 1996, Ranulfo Hora Prata (1896-1942) era um ilustre desconhecido em sua cidade natal, Lagarto-SE, reduzido a uma ruela cumprida, na lateral do Supermercado G Barbosa, um dos acessos para a feira livre da cidade. E nesse sentido, não seria um exagero meu dizer que ele viveu à sombra dos fantasmas de Sílvio Romero, Laudelino Freire e Aníbal Freire.

Naquele ano, tive a felicidade de escrever um artigo para o jornal *Folha de Lagarto*, em minha coluna *História e Estórias de Lagarto*. O texto, muito apropriadamente intitulado *Em Tempo*, recordava uma efeméride que teria passado batido: o Centenário de seu Nascimento. E nisto ficou.

Mas, no transcorrer dos anos, passei a notar um certo interesse, crescente pelo autor, que se tornou ainda mais popular e lembrado na cidade, sobretudo, a partir de três situações.

Uma, envolvendo o escritor a músico Alessandro Monteiro, que, estudioso do Cangaço, defrontou-se com uma das obras de Ranulfo Prata: *Lampião* (1934). Obra que lhe valeu o reconhecimento nacional e internacional, servindo de base para o roteiro do clássico "O Cangaceiro" (1952/1997) e demais filmes cujo tema seja o banditismo social.

Em 2013, foi fundada a Academia Lagartense de Letras. Entra as trinta cadeiras criadas, Ranulfo Hora Prata tornou-se o Patrono da Cadeira de Número 04. Seus fundadores, este que vos escreve, Rusel Barroso, Assuero Cardoso e Emerson Carvalho, entenderam que o escritor e médico lagartense deveria estar no panteão dos importantes nomes da cultura de Lagarto, sobretudo por estar entre aqueles que se notabilizaram para além das suas fronteiras.

E uma outra situação, ocorrida em 11 de junho de 2015, quando seu neto, o pecuarista e diretor presidente do Hospital do Câncer de Barretos, Henrique Prata visitou as terras que deram origem ao avô conhecido nacionalmente. A presença de Henrique mobilizou autoridades, intelectuais, religiosos e descendentes, entre eles o Bacharel e Professor Paulo Andrade Prata.

Paulo Andrade Prata é Presidente da Academia Lagartense de Letras e instituiu que entre os meses de abril de 2016 e abril de 2017, se comemoraria o Ano Ranulfo Prata. O Sodalício se mobilizaria em torno da memória do escritor, que será tema do Dossiê 1 de sua Revista Eletrônica: *o Visgo da Jaca*.

Sobre Ranulfo Prata, para aquela ocasião, escreveu assim Dr. Paulo Prata: *Notável talento da chamada "literatura proletária", dos anos 30, viveu exclusivamente para o trabalho e a família. Pautou sua vida profissional, como médico radiologista, pelo espírito de caridade cristã. A obra que produziu revela a grandeza de sua alma, mostrando o seu comprometimento com os menos favorecidos. Em "Navios iluminados", romance realista moderno, revela o cotidiano dos pobres e oprimidos, notadamente dos estivadores e operários do Porto de Santos, que buscavam tratamento para tuberculose, na Santa Casa de Misericórdia*.

Inspirado na vida dos trabalhadores do porto de Santos, "Navios iluminados" está inserida na chamada literatura proletária emergente dos anos 30, a qual procurava retratar a vida dos

miseráveis e desafortunados, frutos da saga capitalista. A obra é referenciada por importantes teóricos da literatura brasileira, a exemplo de Marisa Lajolo e de Irenísia Torres de Oliveira - Pesquisadora da Universidade Estadual do Ceará.

Ainda de sua fortuna crítica, na literatura, vale destacar "O Triunfo" (1918), "Dentro da vida" (1922), "O lírio na torrente" (1925), "A longa estrada" (1925).

O Professor Anselmo Vital de Oliveira, entusiasta da literatura brasileira, e ocupante da Cadeira de Número 04, da Academia Lagartense de Letras, assim se refere ao seu Patrono: "*Ainda que a História da Literatura brasileira tenha sido indiferente à obra de Ranulpho Prata e a crítica atual demonstre pouca vontade em reconhecer o valor e lugar do médico, escritor e intelectual lagartense na literatura dos primeiros instantes do nosso modernismo, ainda assim, avulta o legado de um soberbo cidadão, devotado às causas do seu trabalho e da sua família, arredio às adulações, mas produtor de uma obra cujo escopo foi o oprimido, o esquecido, o rejeitado. A tinta cristã que esclareceu a trajetória de luta e dor de seus personagens, não comprometeu uma visão realista da sociedade da época, nos moldes de um Zola e da ideia naturalista, configurando um escritor à altura de um Lima Barreto e dos quantos decidiram escancarar a decisiva influência do meio, no estado de miséria que ainda caracteriza uma população periférica*".

Todos esses predicados valeram Ranulfo Prata o acento da cadeira nº 07 da Academia Sergipana de Letras, cujo Patrono é Curvelo de Mendonça, natural de Riachuelo. Foi um dos seus dezesseis primeiros componentes, quando da sua fundação em 01 de junho de 1929.

Em meio as questões até aqui expostas, ressaltamos e parabenizamos o jornalista e escritor Gilfrancisco dos Santos pela iniciativa de rememorar e sacramentar a memória do escritor lagartense, na obra que ora se torna pública não somente para seus

estudiosos, mas também para seus admiradores e para toda uma geração ainda carente de cultivar seus valores identitários.

Gilfrancisco é membro da Comissão Estadual da Verdade - SE, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Trata-se de um baiano radicado nas terras do cacique Serigy, um entusiasta da cultura sergipana. Desenvolveu ao longo dos anos, o gosto pela pesquisa histórica e aprimorou o faro de pesquisador, com trabalhos importantes. Sendo o mais recente, em parceria com Marcos Cardoso, sobre José Amado do Nascimento.

Por isso mesmo, alguns o classificam de *sergipanólogo, sergipanista ou papívoro*, alcunhas bastante apropriadas para o tamanho de sua dedicação e para o resultado alvissareiro de sua produção literária e historiográfica.

Nesse afã de frequentar arquivos sergipanos, Gil tem se dedicado a dissertar sobre biografias, por exemplo. Assim, há alguns anos, ele vem reunindo material para nos brindar com *Ranulfo Prata – Vida e Obra*. Que a meu ver, chega num momento muito oportuno, frente a necessidade de imortalizado, de enfim, lhe sedimentar no lugar dos grandes nomes da cultura sergipana e brasileira. Sim, pois as obras têm o poder de reavivar as pessoas e lhe conferir vida eterna.

No dizer do próprio autor, Gilfrancisco, Ranulfo Prata estava adormecido nas estantes. Este livro, *Ranulfo Prata – Vida e Obra* reúne um rico e variado conjunto de informações a respeito do escritor, radicado na cidade de Santos, onde faleceu no 24 de dezembro de 1942. Trata-se de trabalho denso, contendo parte de sua fortuna crítica, análises e comentários a respeito, artigos de jornal, notas ilustrativas, aspectos diversos da vida, da morte, da obra e de sua imortalidade.

Penso que não exista melhor eternidade para um escritor que as páginas de um livro. Ranulfo Prata, despertado das estantes, jamais do esquecimento, salta da escrita de Gilfrancisco para

renascer nas mãos, corações e mentes daqueles que se servirão desta obra num banquete chamado leitura.

Ranulfo Prata[2]

Ranulfo, glória da terra em que nasceste,
Justo orgulho de tua geração.
É mentira dizer que tu morreste
Quando te alaste à sideral mansão.

Quem na terra venceu como venceste,
Ébrio de luz e cheio de emoção,
As tarefas mensais que recebeste
E que cumpriste com fulguração,

Não é mortal, nesse dizer vulgar
Que só atinge à túnica finita
Que nos cumpre na terra suportar.

A flama augusto, perenal, bendita
Que em nós flameja que nos faz vibrar,
É de Deus semelhança e infinita.

Epifânio Dória
(1884-1976)

2 Relicário Poético de Epifânio Dória – Da mocidade à velhice, (org) José Francisco Menezes, Gizelda Morais e Naná Garcez de Castro Dória. Aracaju, Editora Diário Oficial, 2012.

Capítulo I

Ranulfo Prata, adormecido nas estantes[3]

GILFRANCISCO

"No caminho da minha vida tive a felicidade de encontrar duas criaturas verdadeiramente extraordinárias que, de algum modo, vieram quebrar-lhe a monotonia e o desinteresse: Jackson de Figueiredo e Martins Fontes. Duas inteligências raríssimas e duas almas de grande exceção".

Ranulfo Prata

Sergipe/Bahia/São Paulo

Esta semana o médico e escritor lagartense, Ranulfo Prata se vivo estivesse, completaria 114 anos de nascido, continua esquecido dos sergipanos, não foi sequer lembrado pelos conterrâneos durante as comemorações dos 130 anos de emancipação de Lagarto. O escritor Ranulfo Prata, necessita com urgência de uma revisão crítica, um lugar que lhe cabe e que lhe tem sido negado. Sua obra não tem sido reeditada para conhecimento das novas gerações, apesar de se encontrar disponíveis as primeiras edições

3 Publicado na revista Ícone, Ano 4, nº17, agosto/setembro, 2011.

em nossas bibliotecas: Epifânio Dória, sete títulos; Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, sete títulos; Academia Sergipana de Letras, nove títulos e o Instituto de Educação Tobias Barreto - Pesquise, quatro títulos. A grande contribuição bibliográfica sobre Ranulfo Prata foi dada pelo simão-diense Paulo de Carvalho Neto ao mestre da ficção brasileira, romancista dos melhores de nossa "atual" literatura, sem falar nas outras artes literárias que exerceu com igual competência: a ensaística e o conto.

O crítico Austrogésilo Porto, autor de um livro fundamental para o estudo da poesia social em Sergipe, conhecido por poucos estudiosos da literatura sergipana, O Realismo Social na Poesia em Sergipe[4], pretendia publicar em 1968 o livro Panorama do Conto Sergipano, onde nos chama a atenção para o pioneirismo do contista Ranulfo Prata:

"Foi Ranulfo Prata ao nosso ver quem primeiro apareceu dando definição ao conto em Sergipe. E não foi só isto. Além de aplicar a sistemática que o conto requer buscou temas de fundo social, observando hábitos, costumes: relações sociais da época da região em que nasceu e viveu por muito tempo. Ranulfo Prata, um dos primeiros ou talvez o primeiro escritor sergipano a aceitar e pôr em prática o sentido do movimento novo da literatura brasileira que surgiu com Oswald de Andrade, Graça Aranha e outros culminando com a histórica Semana de Arte Moderna em São Paulo. Deve ser ressaltado que o escritor simão-diense na época era já conhecido como romancista e contista fora dos limites da província. Nossa surpresa maior é que sendo Ranulfo Prata tão grande para as letras em Sergipe pouco se fala no seu nome".[5]

Apesar de não ser volumosa, desde a publicação do pri-

4 O realismo Social na Poesia em Sergipe, Austrogésilo Santana Porto. Aracaju, Livraria Regina, 1960.

5 Aos Sábados – A propósito de um livro em preparo, Austrogésilo Santana Porto. Aracaju, Diário de Aracaju, 28 de setembro, 1968.

meiro livro, Ranulfo Prata desenvolveu uma obra de valor ascendente. Foram quatro romances, um livro de contos, um documentário e alguns folhetos. Sua exclusão nos compêndios literários nunca justificada tem contribuído para o esquecimento em torno do seu nome: Aspectos da Literatura Brasileira, Mário de Andrade; História da Literatura Brasileira, Massaud Moisés; História Concisa da Literatura Brasileira, Alfredo Bosi; História da Literatura Brasileira, Antonio Soares Amora; A Literatura no Brasil, Afrânio Coutinho; De Anchieta a Euclides (Breve História da Literatura Brasileira), José Guilherme Merquior são alguns exemplos pelo sentenciamento do silêncio de Ranulfo Prata. Talvez por causa do seu temperamento humilde, ensimesmado, retraído, informa Leonardo Argolo em 1933, lamentava-se de que Ranulfo se recusava a aparecer em público: "vivia arredio, quieto, fora da efervescência intelectual", ou Correia Júnior (1954) que observou também esse comportamento em Ranulfo: "era o que se pode chamar um espírito fechado, pouco amigo de intimidades, não cultivando jamais a camaradagem boêmia".

Ranulfo Hora Prata nasceu em Lagarto, Estado de Sergipe, no dia 4 de maio de 1896. Lagarto, um dos municípios mais antigos de Sergipe, berço de Silvio Romero (1851-1914), Laudelino Freire (1873-1937), Enoch Santiago (1892-1957) e Abelardo Romero (1907-1979). Mas os primeiros passos de Ranulfo foram dados em Simão Dias, onde a família tinha várias propriedades, bem como sua fonte de pesquisa para a criação de seus personagens. Filho do coronel Felisberto da Rocha Prata e Ana Hora Prata, as primeiras letras aprendeeu com a professora Elisa Machado em Simão Dias, em seguida estudou em Estância com a educadora dona Marocas Monteiro no Colégio Camerino, continuando os estudos em Salvador (Bahia), frequentando o afamado Colégio de Carneiro Ribeiro, onde estudou outro destacado escritor ser-

gipano, Bernardino José de Souza (1884-1949), para o curso secundário, concluindo-o no Ginásio Ipiranga, na capital baiana. Em Salvador, entrou para a Faculdade de Medicina da Bahia, cursado até o quarto ano e concluído no Rio de Janeiro, em 1919, para onde o atraia a fascinação do meio erudito e letrado. Ranulfo Prata inicia-se na literatura ainda estudante de Medicina, na Bahia, quando recebeu o primeiro Prêmio do Concurso de Contos patrocinado pelo jornal A Tarde, em 1916, com O Tropeiro, publicado na edição do mesmo periódico em 20 de maio. Por esta premiação recebeu a importância de cem mil réis, e incluíra o conto mais tarde no livro A Longa Estrada. Sobre a presença de Ranulfo na redação do jornal para se identificar como autor do conto vencedor, publicou o jornalista Henrique Câncio, na edição de 22 de setembro: "Era incrível! Como poderia admitir que aquele rapaz tão pequenino e tão magro, fosse capaz de produzir uma tão grande obra? E me lembrei então de uma engomadeira que trabalhava na casa de um amigo... Um dia eu e esse amigo conversávamos no terraço. Dezembro. Sol a pino! Um calor de rachar! E a engomadeira saindo muito suada de um quartinho pequeno, onde engomava, dizia, indignada: 'Oxentes! Como pode caber um calor tão grande num quarto tão pequenininho!'".

Formado médico, foi interno no Hospital do Exército entre 1918 e 1919, e por algum tempo pensou em servir como oficial médico nas forças armadas. Decidido pela clínica médica vai para Minas Gerais, residindo em São Tomaz de Aquino até 1920. Depois passou a residir em Mirassol, no Estado de São Paulo, onde exerceu a clínica médica. Foi nesta cidade que conheceu a professora Maria da Glória Prata, com quem se casaria em 1923. Nesta época, Ranulfo Prata é descrito como: "pequeno de porte, medindo um metro e sessenta de altura, olhos castanhos grandes, cabelos castanhos claros, repartidos ao meio, cabeça chata

autêntica, contrastando o todo franzino com aquela robustez de espírito, que faz do sertanejo de Euclides ('antes de tudo um forte')". Paulo de Carvalho Neto, sempre o teve fisicamente como Camilo. Quando Ranulfo Prata morreu, o descreveu em artigo publicado na Folha da Manhã de 7 de janeiro de 1943, como: "De estatura média, magro como um retroz, duma tez abaciada, puxando um pouco para terrosa, onde a esbate coloração mórbida dos anêmicos e dos que vivem peremptoriamente pelo cérebro. Por outros lados, porém, foi o mais frisante contrário da glória de Portugal. Não trazia bigode nem bengala e repugnava os Neptunos. Não conheceu Luizas, nem Celestinas, nem Amélias, nem Marias do Adro, nem Anas Plácido. Conheceu uma Beatriz".

Acometido de abscesso pulmonar, Ranulfo Prata parte para o Rio de Janeiro de maneira definitiva, sendo internado na Casa de Saúde S. Sebastião para o tratamento agudo; estagia depois por alguns meses em Sta Tereza, no Hotel das Paineiras e retorna a Anápolis para um repouso oportuno. Na casa grande do Engenho paterno, da qual restava apenas a velha chaminé e a casa de farinha.

Restabelecido da doença, retorna ao Rio de Janeiro em 1924 e reassume a vida profissional. Dois anos depois retorna mais uma vez a Sergipe, ingressando por concurso no Ateneu Pedro II, onde como candidato à vaga de uma cadeira de Literatura, defendeu duas teses: Repercutiu em nossas letras o movimento romântico de 1830? e A Renascença das Letras em França. Ranulfo não chegou a ocupar a cadeira.

Na tarde de 24 de agosto às 15h no Ateneu Pedro II, realizou-se a sessão solene de posse dos novos colegas, Ranulfo Prata e Florentino Menezes, respectivamente professores de literatura e sociologia, nomeados após realização de concurso público:

"Presente os senhores professores desse nosso importante

estabelecimento de ensino secundário, foi lida a ata da sessão anterior, lidos os decretos de nomeação dos novos professores e após breves palavras proferidas pelo presidente da sessão prof. Leandro Diniz, foram empossados os nossos ilustres patrícios. Ao tomar posse da cadeira de sociologia, pronunciou muito eloquente sábia oração o prof. Florentino Menezes; também usando da palavra, falou o prof. Ranulfo Prata, que disse muito breves e expressivas frases, relativamente a missão honrosa que acabava de encetar. Ambos foram sinceramente aplaudidos".[6]

Em Aracaju, organizou, a pedido do governador Graccho Cardoso (1927-1929), um setor de Radiologia no Estado, no Hospital Cirurgia. Não se adaptando a província, retorna novamente ao Rio de Janeiro com intuito de estruturar sua clínica especializada, período em que abre vaga para médico radiologista em Santos, na Santa Casa e Beneficência Portuguesa, candidata-se e obtém aprovação. Ranulfo residiu em Santos de 1927 até sua morte em 24 de dezembro de 1942, onde escreveu quase toda sua obra. Em 1933, a convite dos diretores do Centro D. Vital de Sergipe, Ranulfo Prata realizou em 11 de fevereiro às 8:30, a conferência "Do sofrimento. Caminho de Perfeição", na Associação Comercial do Estado:

"Dos diretores do Centro D. Vital desta capital recebemos o seguinte convite:

O Centro D. Vital de Aracaju, representado por sua diretoria abaixo firmada, tem a honra de convidar v. excia. e exma. família para assistirem à conferência que, sob o título "Do sofrimento. Caminho de Perfeição", realizará, no dia 11 do corrente, às 8 ½ horas da noite, no salão nobre da Associação Comercial, o notável romancista sergipano doutor Ranulpho Prata, que será

6 Correio de Aracaju. Aracaju, 25 de agosto, 1926.

apresentado pelo vitalista Dr. Abelardo Cardoso.

Aracaju, 7 de fevereiro de 1933, - Rubens de Figueiredo, presidente; Dr. Volney Tavares, vice-presidente; Cícero Sampaio, secretário; Dr. Guilherme Nabuco Maciel, tesoureiro; prof. Graça Leite, bibliotecário." [7]

Ranulfo e Lima Barreto

Sobre sua amizade com o escritor maldito, Lima Barreto (1881-1922), inicia-se no momento em que Ranulfo envia um exemplar do livro O Triunfo, dias depois resenhado por Lima e publicado na revista A.B.C., de 28 de setembro de 1918, incluído anos depois no livro Impressões de Leitura (1956). Em 1940 Ranulfo Prata fala a Silveira Peixoto sobre seu encontro com Lima Barreto: "Foi visitar-me no Hospital do Exército, onde eu era interno. A visita desse mulato genial deu-me grande alegria. Sentados num dos bancos do imenso parque do Hospital, o Lima, meio tocado, como sempre, mas perfeitamente lúcido, claro, brilhante mesmo, queria saber com segurança se a Angelina do romance era realmente bonita como eu pintara. Todos os ficcionistas, dizia-se com ironia, têm a mania de fazer belas raparigas das cidades pequenas. Nos lugarejos por onde eu andara nunca vira nenhuma... Eram todas feias, grosseiras, desalinhadas... E eu garanti que a minha Angelina era positivamente, encantadora, capaz de virar cabeças sólidas de gente de grandes cidades".

Em 29 de julho de 1921, Ranulfo escreve ao amigo Lima Barreto procurando orientá-lo diante do agravamento da saúde

7 Diário Oficial do Estado de Sergipe. Aracaju, 11 de fevereiro, 1933.

de seu pai João Henriques: "Seu pai não tem apresentado melhora nenhuma? De conformidade com o que você me diz sobre ele, imagino a sua casa transformada num quarto de hospício. Porque não o medica o Gotuzzo, para ele ter pelo menos alguns momentos de depressão? Nesse estado constante de excitação, é que ele não pode durar".

A conferência O Destino da Literatura, publicada nas páginas da revista Souza Cruz, Rio de Janeiro, nº58-59, out/nov (1921), deveria ser lida meses antes em Rio Preto, próxima de Mirassol (SP), onde Lima Barreto se encontrava para uma estação de cura, a convite de Ranulfo Prata, tinha o objetivo de tentar a cura do alcoolismo do genial criador de Policarpo Quaresma, pondo-o no regime do copo de leite. Assustado com o fato de ter de enfrentar uma platéia estranha e ávida por conhecê-lo, Lima Barreto desapareceu misteriosamente. Os amigos haviam organizado uma caravana para acompanhar o romancista. Iam todos de automóvel. Mas na hora de seguirem para Rio Preto, começaram a procurá-lo por todos os cantos de Mirassol. E Ranulfo Prata, após a busca, acabou encontrando o amigo, estirado numa sarjeta, bêbado.

Falecimento e Homenagem

A notícia da morte de Ranulfo Prata abalou os meios intelectuais e consternou, profundamente, a sociedade local. O desaparecimento prematuro desse conhecido intelectual brasileiro, morto aos 46 anos, deixou na época uma lamentável lacuna nas nossas letras, pois Ranulfo Prata não era somente um escritor de largos recursos de imaginação e de estilo, mas também um estu-

dioso na nossa sociologia, um esclarecido intérprete da psicologia nordestina. Todos os seus livros lograram êxito e honrosas opiniões da crítica: Registra o Diário Oficial do Estado de Sergipe em sua edição de 28 de dezembro de 1942:

"Ranulfo Prata pertencia à distinta família conterrânea, tendo nascido na cidade de Lagarto. Era filho do coronel Felisberto da Rocha Prata e de Ana Hora Prata, irmão do Sr. Arivaldo Prata, e cunhado do ilustre jurista destacado elemento de nosso meio comercial e social, Dr. Antonio Manuel de Carvalho" (...) "Todas as suas obras lograram êxito e honrosas opiniões da crítica, entre elas Dentro da Vida e Lírio na Torrente. Os seus últimos livros publicados foram Lampião e Navios Iluminados, que obtiveram geral consagração. A dolorosa perda penalizou sinceramente a quantos admiravam o fulgor da inteligência e da cultura do Dr. Ranulfo Prata, que soube elevar as tradições intelectuais de Sergipe e figura, com justiça, entre os seus filhos inesquecíveis".

Promovido pela "Mensagem dos Novos de Sergipe" (núcleo cultural, literário e artístico) em 12 de janeiro de 1943, realizou-se no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, uma homenagem à memória de Ranulfo Prata. Os oradores da homenagem foram: Garcia Moreno, José Amado Nascimento e Luciano Lacerda. O Diário Oficial do Estado, em sua edição de 15 de janeiro de 1943, registra a sessão do dia 12:

"Essa homenagem foi assistida pelo Dr. Manoel Antônio de Carvalho Neto, que se revestia das funções de representante do exmo. Sr. Interventor Federal e da Academia Sergipana de Letras, da qual é presidente, e pelos Drs. Arício de Guimarães Fortes, secretário geral do Estado, em exercício; Enoch Santiago, chefe de Polícia; Dr. Luiz Pereira de Melo, diretor do departamento estadual de Imprensa e Propaganda; jornalistas, membros

de todas as associações literárias; senhoras e senhoritas.

A presidência da sessão coube ao Dr. Carvalho Neto que ao assumir a curul presidencial explicou, com palavras fluentes, os motivos da reunião, traçando rapidamente a personalidade do saudoso autor de "Navios Iluminados", para findar concedendo a palavra ao jovem Paulo de Carvalho Neto coube dizer das razões da fundação de Mensagem, afirmando que as angústias do momento não tiveram nem podiam ter a força de matar o espírito de uma geração que se forma ou mesmo embrutecê-lo fazendo a mocidade perder o gosto pelos livros. (...)

Encerrando a sessão, falou mais uma vez o Dr. Carvalho Neto, declarando ser aquela a primeira homenagem que Sergipe intelectual prestava ao seu ilustre filho, porque outras virão depois, promovidas por nossas associações literárias".

O homem e a Obra

Ranulfo Prata esteve sempre preso a Sergipe, pelos mais sublimes elos do amor. Este sujeito prudente, companheiro sincero, equilibrado, teve em sua primeira fase uma influência marcante pela espiritualidade do amigo Jackson de Figueiredo (1891-1928), que o aproximou do Centro Dom Vital, associação civil criada sob inspiração da Igreja católica, em 1922, por Jackson de Figueiredo e pelo arcebispo do Rio Dom Sebastião Leme. Seu objetivo era congregar e formar uma nova geração de intelectuais católicos, através da dedicação ao estudo e ao apostolado.

Ranulfo Prata produziu uma obra humanista, sensível às realidades da vida e nas proporções sociais. Era um intelectual antenado para o mundo, disciplina nas suas leituras. Na fazenda

da família em Simão Dias, sentado no terreiro, ouvia atentamente as histórias da gente camponesa e isso mais tarde marcaria a intensa compreensão do sertanejo sofredor, lutador e honesto do interior reproduzido em sua obra, tipos descritos com muita perfeição. Em carta ao amigo conterrâneo Marcos Ferreira de Jesus, político que presidiu a Assembléia Constituinte de 1947, foi Prefeito de Aracaju e fundou a Academia Sergipana de Letras – ASL e a Sociedade Cultural Artística de Sergipe, escreve:

"Estou com vontade de dar um volume de contos uniformes com o título de Nordestinos, de coisas só daí. Mande-me alguns motivos que se prestem; que é o sertanejo, a sua imagem, bruteza, hospitalidade, amor, grandeza d'alma". A dedicatória manuscrita de Ranulfo Prata para Marcos no livro Navios Iluminados, diz o seguinte:

"Ao Marcos querido, colaborador desde livro com um grande abraço do/assinatura/Santos, Natal de 1937".[8]

E outra correspondência a Marcos, sentia falta das longas conversas e convida-o a passar alguns dias em Santos:

"Venda dois garrotes, compre passagem na costeira e venha passar uns dias aqui, para a salsugem do mar civilizado tirar-lhe o cheiro de surrão de feira. Precisamos de você aqui, por uns dias".

E quando esta visita foi realizada, conta-nos Marcos:

"Passamos uns dias juntos em Santos. Era um encanto acompanhá-lo, hora certa, da Santa Casa a Gafré ou ao seu consultório ou a Beneficente Portuguesa. Em todos aqueles departamentos de caridade era ele o chefe, o mestre do raio X. 10 horas chegamos a Beneficente Portuguesa, recebeu-nos o provedor lido em cousas de Portugal, servia-se chá e biscoito, aparecia então

8 Este exemplar foi por mim adquirido num Sebo de Aracaju e pertenceu anteriormente, conforme carimbo de doação em 1985, feita pelo próprio Marcos Ferreira, a Loja Maçônica - Cotiguiba.

grandiloqüente, de branco, algo espalhafatoso o poeta trovador do indaiá, aquele mestre cantador celebrava sua missa votiva de adoração a Eça de Queiroz enquanto Ranulfo mostrava os encantamentos da frase camiliana".

Ivan Turgueniev (1818-1883), o primeiro escritor russo a alcançar fama internacional, construiu uma obra cujas raízes estão na Rússia do século 19, da qual registrou com limpidez a complexidade social o dramático conflito entre o velho e o novo. O nosso Ranulfo Prata soube como poucos escritores do seu tempo, guardar em sua obra uma imagem vivida e fervilhante da sua terra natal, embora afastado de Sergipe muito cedo, nunca perdeu sua identidade. Ranulfo foi escritor com um excepcional sentido de composição literária, cuja obra representa ponderável contribuição para a literatura ficcional, por isso ocupa lugar de relevo em nossas letras. Tal como Turgueniev registra em suas páginas uma variedade de tipos humanos, produzindo uma obra realista, de denúncia, se prevalecendo do estilo nordestino, fonte de inspiração, utilizando uma linguagem firme, apesar de amorosa.

A profissão de médico e sua vivência por várias cidades do interior, certamente contribuiu muito na elaboração dos seus contos e romances, através das observações atentas do real da vida; as dores, os sofrimentos, as lágrimas e os impulsos dos seus pacientes. Ranulfo denunciou o lado mais cruel de sua existência, quase sempre cheia de privações e miséria, criando uma galeria de tipos que povoam por toda a sua obra. Máximo Gorki, quando resolve escrever Ganhando meu Pão, romance em que narra os anos em que mal saído da infância, já enfrentava o mundo dos adultos: "seria muito oportuno fazer uma boa pintura do passado, a fim de iluminar os caminhos que conduzem ao futuro". Foi buscando essa ternura humana que habita em todos nós, que Ra-

nulfo Prata, procurando analisar essas imagens que transmitem um mundo tumultuoso de poucos privilegiados, fotogramas do seu tempo, que ainda hoje é possível encontrá-los em qualquer parte do Brasil nordestino, uma atmosfera essencialmente interiorana, camponesa, e, sobretudo, uma permanente indagação do homem diante de seu destino. Portanto, esses são os principais ingredientes encontrados em sua obra.

Livros Publicados

O Triunfo. Rio de Janeiro, 1918 (romance)

Dentro da vida – Narrativa de um médico de aldeia. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1922 (romance). São Paulo, 2ª Ed. Clube do Livro, 1953.

O Lírio na Torrente. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1925 (romance. Premiado pela Academia Brasileira de Letras).

A Longa Estrada. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1925 (contos).

A Renascença das Letras em França. Aracaju, J. Lins de Carvalho, 1926 (tese).

O Teatro no Brasil (tese), 1929.

Do Riso (tese de formatura).

O Valor da Radiografia no esqueleto e no diagnóstico da sífilis congênita.

Repercutiu na nossa Literatura o Movimento Romântico de 1930. Aracaju, J. Lins de Carvalho, 1926 (tese).

Sofrimento. Aracaju, 1933 (conferência proferida quando da inauguração do Centro D. Vital, em Sergipe).

Lampião. Rio de Janeiro, Ariel Editora, 1934. São Paulo,

2ª. ed. Edições Piratininga, com ilustrações de Aldemir Martins, 1945. São Paulo, 3ª Ed. Traço Editora, 1984 (documentário).

Navios Iluminados. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1937. São Paulo, 2a. ed. Scritta, 1996. (romance). Traduzido para o espanhol por Benjamin Garay.

Martins Fontes, médico (folheto).

Síntese Biográfica

1896 – Nasce em 4 de maio na cidade sergipana de Lagarto, um dos municípios mais antigos de Sergipe, a 78 quilômetros de Aracaju. Mas seus primeiros passos foram na cidade de Simão Dias. Filho do coronel Felisberto da Rocha Prata e D. Ana Hora Prata. As primeiras letras aprendereu com a professora Elisa Machado em Simão Dias. Depois estudou em Estância com D. Marocas Monteiro no Colégio Camerino. Em Salvador concluiu o curso secundário nos colégios Carneiro Ribeiro e no Ginásio Ipiranga.

1914/1917 – Ingressa aos dezoito anos no Curso de Medicina na antiga Faculdade de Medicina da Bahia, situada no Terreiro de Jesus, época em que despertou o gosto pelas letras.

1916 – Colocado em primeiro lugar com o conto O Tropeiro, em concurso promovido pelo jornal A Tarde (Salvador) e recebeu como prêmio a quantia de cem mil réis, além da publicação do conto na edição de 20 de maio.

– Publica o conto Sonho de Escoteiro.

1918/1919 – Interno do Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro.

1919 – Conclui o curso de Medicina.

1920 – Em janeiro recebeu o grau de doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina da Capital da República.

– Publica no Rio de Janeiro pela Revista dos Tribunais o livro Do Riso (61 ps.) tese inaugural.

– Reside em São Tomaz de Aquino em Minas Gerais, onde conhece Cândida Maria, sua paciente.

– No final desse ano, passa a residir em Mirassol, no Esta-

do de São Paulo, onde exerce a clínica médica.

1921/1924 – Reside em Mirassol (SP).

1921 – Em julho escreve ao amigo Lima Barreto para orientá-lo sobre o agravamento da saúde de seu pai, João Henrique.

1923 – Janeiro viaja de automóvel com os amigos Jackson de Figueiredo e D. Brandão e vão até as margens do Tietê ao salto do Avandava.

– Casa-se com a professora Maria da Glória Prata.

– Acometido de abscesso pulmonar é internado na Casa de Saúde São Sebastião, no Rio de Janeiro.

1924 – Retorna ao Rio de Janeiro para reassumir a vida profissional, depois de restabelecida sua enfermidade.

– Em dezembro encontra-se mais uma vez em Anápolis, onde pretende passar quatro meses antes de seguir para o Rio de Janeiro.

1925 – Em dezembro, Ranulfo escreve da capital federal, comentando o recebimento do livro O Jornalista de Macururê.

1926 – Retorna a Aracaju e presta em julho concurso no Ateneu Pedro II a vaga de uma cadeira de Literatura, defendendo duas teses: Repercutiu em nossas letras o movimento romântico de 1830? e A Renascença das Letras em França. Apesar da aprovação no concurso, permanece por pouco tempo. Simultaneamente leciona na Escola de Farmácia e Odontologia.

– Entrevistado pelo jornal A Luta, informa sobre um projeto do romance A Jagunça.

1927/1942 – Reside em Santos.

1927 – A pedido do governador do Estado de Sergipe, organiza um setor de Radiologia no Estado, no Hospital de Cirurgia.

– Presta concurso na Santa Casa e Beneficência Portuguesa, de Santos e obtém aprovação.

– Passa a residir em Santos até sua morte em 24 de

dezembro de 1942, mas quando lhe sobrava algum tempo visitava Sergipe.

1929 – Presta concurso em Ribeirão Preto, para o Ginásio daquela cidade, defendendo tese sobre o Teatro no Brasil.

1930 – Titular da Cadeira nº7 da Academia Sergipana de Letras, tendo como patrono Manuel Curvelo de Mendonça.

1931 – Leu o estudo na Sociedade Médica de Santos: Martins Fontes, médico, singela homenagem prestada ao amigo poeta.

1933 – Passa férias em Sergipe e encontra-se em Anápolis com parentes e amigos.

– A convite dos diretores do Centro D. Vital de Aracaju, filiado ao Centro do Rio de Janeiro, realiza em 11 de fevereiro a conferência "Do Sofrimento. Caminho de Perfeição" no salão nobre da associação Comercial. Era um Centro de arregimentação católica e desenvolvimento da cultura católica, com reuniões semanais às sextas feiras.

1936 – Encontra-se em Aracaju, em visita a pessoas de sua família. O Estado de Sergipe registra sua presença na edição de 29 de janeiro: "Apesar de já se encontrar a dias entre nós somente hoje noticiamos a sua estada, fazendo-o orem com as nossas escusas".

1942 – Em março esteve pela última vez em Sergipe, permanecendo por um mês e visita o túmulo do seu irmão Oscar Prata, a quem dedicara em 1937 o romance, Navios Iluminados.

– Morre aos 46 anos na noite de 24 de dezembro, numa Casa de Saúde, de Santos, ao lado da esposa e do filho Paulo, vitimado por uma hemorragia intestinal.

Fortuna Crítica[9]

AMADO, Jorge. Notícia de Lampião. Rio de Janeiro, boletim de Ariel, nº9, 1934.

AMARA, Rubens do. Livros e Idéias. Aracaju, Folha da Manha, 31, abril, 1938.

ARAÚJO, Acrísio Torres. Literatura Sergipana. Aracaju, Imprensa Oficial, 1972. Brasília – DF, 2ª. edição Centro Gráfico do Senado Federal, 1976.

_____. Ranulfo e o Mal de Lázaro. Aracaju, Gazeta de Sergipe, 10. jun. 1978

ANDRADE, Hermes. Navios Iluminados. Anápolis, A Luta, 23,janeiro, 1938.

ARAÚJO, Antônio A. C. (Apresentação). São Paulo, Lampião, Ranulfo Prata

ATHAIDE, Tristão de. A Longa Estrada e O Lírio na Torrente. Rio de Janeiro, 27, dezembro, 1925.

BARRETO, Lima. O Triunfo, A.B.C., 28, setembro, 1918. Crônica agrupada posteriormente em Marginália. São Paulo/Rio, Editora Mérito, 1953.

_____. Correspondência – Tomo II.

BARRETO, Péricles Munis. O Triunfo. Aracaju, Diário da Manha, 25, setembro, 1918.

BOLETIM DE ARIEL. Lampião. Rio de Janeiro, nº3, dezembro, 1933.

BUENO, Silveira. Ranulfo Prata. Navios Iluminados, Ranulfo Prata. São Paulo, Clube do Livro, 1946.

9 Esta Fortuna Crítica foi organizada a partir do álbum de recortes de jornais pertencente à Ranulfo Prata. Nesta seleção privilegiei os textos com referências completas (órgão, autor, local, data e ano de publicação), acrescentando outras referências que foram encontradas no decorrer da pesquisa por este autor.

_____. Lyrio na Torrente. São Paulo, folha da Noite, 11, outubro, 1925.

_____. Figuras Íntimas. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 10, setembro, 1926.

_____. Ranulfo Prata. Navios Iluminados, Ranulfo Prata. São Paulo, Clube do Livro, 1946.

CABRAL, João. Juízos e comentários. Aracaju, Diário da Manhã, 29, dezembro, 1918.

CAPISTRANO, David. (Abas). Navios Iluminados, Ranulfo Prata. São Paulo, Scritta, 1996.

CARMELLO, Elias. Impressões. Aracaju, Correi de Aracaju, 5, novembro, 1926.

CARVALHO NETO, Paulo de. Ranulfo Prata. Aracaju, Folha da Manhã, 07, janeiro, 1943.

_____. O Comandante morreu, mas os navios continuaram iluminados. Aracaju, Sergipe-Jornal, 14, janeiro, 1943.

_____. Um lugar para Ranulfo Prata. São Paulo, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – USP, nº.12, 1974. p.171-190.

_____. Um lugar para Ranulfo Prata. Washington, Vol. XXIV, nº.1 Jannuary-march, 1974.

CAVALCANTE, Waldemar. Uma biografia de Lampião. Rio de Janeiro, diário de Notícias, 11, março, 1934.

CHIACCHIO, Carlos. Romances. Salvador, A Tarde, 31, maio, 1939.

CIDADE (A) DE RIBEIRÃO PRETO. A Longa Estrada, 28, agosto, 1925.

CLUBE DO LIVRO. Aos nossos leitores. Navios Iluminados, Ranulfo Prata. São Paulo, Clube do Livro, 1946.

_____. Nota Explicativa. Dentro da Vida, Ranulfo Prata. São Paulo, Clube do Livro, 1953.

CORREIO DE ARACAJU. Homenagem ao escritor Ranul-

fo Prata. Aracaju, 9, janeiro, 1943.

DANTAS, Paulo. (Prefácio). Lampião, Ranulfo Prata, São Paulo, Edições Piratininga, 2a. ed. 1945.

DIÁRIO DA MANHÃ. Dentro da Vida. Aracaju, 23, outubro, 1922.

DIÁRIO DA NOITE. Um livro sobre Lampião. Rio de Janeiro, 27, janeiro, 1934.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. Centro D. Vital. Aracaju, 11, fevereiro, 1933

_____. Faleceu o escritor Ranulfo Prata. Aracaju, 28, dezembro, 1942.

_____. Homenagem ao escritor Ranulfo Prata. Aracaju, 10, fevereiro, 1943.

_____. A homenagem prestada à memória do escritor Ranulfo Prata. Aracaju, 15. Janeiro, 1943.

ESTADO DA BAHIA (O). Um documento sobre Lampião, Salvador, 31, janeiro, 1934.

ESTADO DE SERGIPE. Dr. Ranulfo Prata. Aracaju, 29, janeiro, 1936.

FRASILDE. Ranulfo Prata e suas obras. Anápolis, A Luta, 27, fevereiro, 1938.

FERREIRA, Pe. Moisés. Á guisa de prólogo. (Prefácio)

FERREIRA, Marcos. Discurso de Apresentação. Aracaju, Revista da Academia Sergipana de Letras, nº11, abril, 1946.

FIGUEIREDO, Jackson de. Ranulfo Prata. Rio de Janeiro, Gazeta de Notícia, 14, outubro, 1925.

FONSECA, Messias. Ranulpo Prata. Anápolis, a Luta, 14, novembro, 1926.

FOLHA DA MANHÃ. Mensagem a Ranulfo Prata. Aracaju, 13, Janeiro, 1943.

GARRIDO, Carlos. Ranulfo Prata. Aracaju, Correio de

Aracaju, 09, março, 1921.

GONÇALVES, Antonio Guilherme. Ranulfo Prata. Homenagem à Memória de Tomaz Catunda e Ranulfo Prata. Santos, Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Santos, 1944.

GAZETA DO POVO. Um livro apreciável. Aracaju, 4, agosto, 1925.

_____. O novo livro de Ranulfo Prata através da crítica. Aracaju, 10, setembro, 1925.

_____. Idem. Aracaju, 14, setembro, 1925.

GILFRANCISCO. Adormecido nas estantes sergipanas. Aracaju, Cinform, 17 a 23, Maio, 2010.

_____. Ranulfo Prata contista e romancista. Aracaju, Revista Ícone, Ano 4, nº17, agosto/setembro, 2011.

_____. Sergipe nas Páginas do Diário Oficial.

GLOBO (O). A Longa Estrada. Rio de Janeiro, 7, agosto, 1925.

GRIECO, Donatello. As excentricidades do banditismo – Ranulfo Prata e o livro sobre Lampião. São Paulo, Folha da Manhã. 28 de janeiro, 1934.

GUARANÁ, Armindo. Dicionário Bibliográfico Sergipano. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica Editora Paulo Pongetti & C., 1925.

JORNAL DE RECIFE. Um documentário sobre Lampião. Recife, 10, fevereiro, 1934.

JORNAL DO COMÈRCIO. Livros Novos. Rio de Janeiro, 4, setembro, 1918.

LUTA (A). Aniversário do Dr. Ranulfo Prata. Anápolis, 3, maio, 1925.

_____. Aniversário de um escritor. Anápolis, 02, maio, 1926.

_____. Uma opinião Valiosa. Anápolis, 31, dezembro, 1925.

_____. Anápolis hospeda um escritor ilustre. Anápolis, janeiro, 1926.

_____. O escritor Ranulfo Prata vai residir em Aracaju. Anápolis, 21, janeiro, 1926.

_____. As previsões de um escritor. Anápolis, 21, dezembro, 1924.

_____. O novo Romance de Ranulfo Prata. Anápolis, 11, outubro, 1926.

_____. Um Livro apreciável. Anápolis, 10, agosto, 1925.

_____. Navios Iluminados. Anápolis, 23, janeiro, 1938.

_____. Ranulfo Prata e suas obras. Anápolis, 27, fevereiro, 1938.

MELO, Luiz Pereira. Discurso de Recepção. Aracaju, Revista da Academia Sergipana de Letras, nº11, abril, 1946.

MIRANDA, Nicanor. Um tema doloroso. Rio de Janeiro, Folha da Manhã, 2, fevereiro, 1934.

MOREIRA, Eidorfe. Presença do Mar na Literatura Brasileira. Belém, H. Barra, 1962.

NOTÍCIA (A). O Triunfo romance de Ranulfo Prata. Rio de Janeiro, 8, setembro, 1918.

NOITE (A). Lampião. Rio de Janeiro, 16, fevereiro, 1934.

ORIENTE (O). Ranulfo pra íntimo. Simão Dias, 1º, outubro, 1926.

PELEGRINO JÚNIOR. Sobre alguns Livros – Lampião "Resenha Literária". Rio de Janeiro, Lanterna Verde, maio, 1934.

PORTO, Austrogésilo. A Propósito de um livro em preparo. Aracaju, Diário de Aracaju, 20, setembro. 1968.

RIBEIRO, João. Aracaju, Diário da Manhã, 29, setembro e 1º, outubro, 1918.

SAMPAIO, Prado. Carta a Ranulfo Prata. Aracaju, Correio de Aracaju, 4, setembro, 1926.

_____. Duas teses de Literatura. Aracaju, Gazeta de Sergipe, 5, fevereiro, 1928.

SERGIPE-JORNAL. Dr. Ranulfo Prata. Aracaju, 28, janeiro, 1936.

_____. A conferência do Dr. Ranulfo Prata. Aracaju, 13, fevereiro, 1933.

SODRÉ, Nelson Werneck. Livros Novos. São Paulo, Correio Paulistano, 20, março e republicado na Folha da Manhã, Aracaju, 26, abril, 1938.

TARDE (A). Conto Tropeiro. Salvador, 20, maio, 1916.

_____. Notícia sobre Ranulfo Prata. Salvador, 22, setembro, 1916.

_____. Uma Evocação Oportuna – a propósito do último livro de um laureado. Salvador, 15. ago. 1925.

_____. O Lyrio na Torrente. Salvador, 1º, novembro, 1925.

VIEIRA, Monsenhor Primo. Ranulfo Prata, quase esquecido. São Paulo, Separata da revista da Universidade Católica de São Paulo, Vol. XXIII, dezembro, 1961/ março, 1962.

Capítulo II

A Morte de Ranulfo Prata na Imprensa

Faleceu o escritor Ranulfo Prata

Diário Oficial do Estado

Acha-se de luto as letras nacionais com o passamento, que acaba de ocorrer do Dr. Ranulfo Prata, talentoso romancista e homem de ciência. Nome por demais conhecido, o desse ilustre sergipano dispensa referências encomiosas.

A notícia da sua morte abalou os meios intelectuais e consternou profundamente, a sociedade local. Ranulfo Prata pertencia à distinta família conterrânea, tendo nascido na cidade de Lagarto. Era filho do coronel Felisberto da Rocha Prata e de D. Ana Hora Prata, irmão do Sr. Arivaldo Prata, e cunhado do ilustre jurista destacado elemento de nosso meio comercial e social, Dr. Antonio Manuel de Carvalho Neto. O desaparecimento prematuro do conhecido intelectual brasileiro, que sucumbe aos 46 anos de idade, abre uma lamentável lacuna em as letras pátrias, pois Ranulfo Prata não era somente um escritor de largos recursos de imaginação e de estilo, mas também um estudioso da nossa sociogênese, um esclarecido intérprete da psicologia nordestina.

Todas as suas obras lograram êxito e honrosas opiniões da crítica, entre elas Dentro da Vida e Lírio na Torrente. Os seus últimos livros publicados foram Lampião e Navios Iluminados,

que obtiveram geral consagração. A dolorosa perda penalizou sinceramente os quantos admiravam o fulgor da inteligência e da cultura do Dr. Ranulfo Prata, que soube elevar as tradições intelectuais de Sergipe e figura, com justiça, entre os seus filhos inesquecíveis.[10]

Falecimento, Dr. Ranulfo Prata

Folha da Manhã

Acabamos de receber a triste notícia da morte do ilustre sergipano Dr. Ranulfo Prata, consagrado homem de letras, poeta e romancista exímio.

Filho do respeitável ancião cel. Felisberto Prata, nasceu na cidade de Lagarto, pertencia à Academia Sergipana de Letras e foi catedrático do antigo Atheneu Sergipense, hoje Colégio Atheneu de Sergipe.

Atualmente residia na cidade de Santos, S. Paulo, onde exercia com proficiência e destaque, como médico que era a sua clínica.

Registrando o falecimento do ilustre e saudoso patrício Dr. Ranulfo Prata, mandemos ao nosso distinto amigo cel. Felisberto Prata e exma. família as nossas sentidas condolências.[11]

10 Diário Oficial do Estado de Sergipe. Aracaju, 28 de dezembro, 1942.

11 Aracaju. Folha da Manhã, 29 de dezembro, 1942.

Homenagem ao escritor Ranulfo Prata promovida pela "Mensagem" dos novos de Sergipe

Correio de Aracaju

No próximo dia 12, terça-feira, às 20 horas, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, será prestada carinhosa homenagem à memória de Ranulfo Prata, cujo falecimento recente produziu vivo pesar em nossa terra, da qual era filho dos mais ilustres. A solenidade foi promovida pela "Mensagem", núcleo cultural, literário e artístico, ultimamente inaugurado nesta capital, e que tem como presidente o acadêmico Paulo de Carvalho Neto.

Os oradores da homenagem ao escritor Ranulfo Prata serão os conhecidos intelectuais Dr. Garcia Moreno, José Amado Nascimento e Luciano Lacerda.

A iniciativa dos moços da "Mensagem" foi recebida com a manifestação de apoio e simpatia que merece, por parte das instituições e círculos culturais e jornalísticos de Aracaju, prometendo revestir-se do máximo brilho e expressividade.[12]

12 Aracaju. Correio de Aracaju, 09 de janeiro, 1943. Republicado: Aracaju. Diário Oficial do Estado, 10 de fevereiro, 1943.

Mensagem a Ranulfo Prata

Folha da Manhã

Mensagem dos Novos de Sergipe marcou ontem a sua primeira vitória pública, e por sinal que grande vitória.

Conforme previamente anunciáramos, realizou-se a solenidade da homenagem dos moços à memória de Ranulfo Prata, ultimamente falecido na cidade de Santos, aos 47 anos, depois de uma vida útil a humanidade, como médico que foi, e útil a literatura brasileira, como romancista que também foi.

20 horas no salão do instituto Histórico, seleta assistência sob a presidência de honra do Dr. Carvalho Neto, representante de sua excia. O Sr. Interventor Federal, decorreu a magna sessão.

Usaram da palavra, ao mesmo tempo apresentando Mensagem, e estudando o autor de Navios Iluminados, os jovens Paulo Carvalho Neto, José Amado Nascimento e Luciano Lacerda. Discursos moços de gente moça, afirmação de inteligência moça em Sergipe.

Venceram os "novos" de Mensagem e Ranulfo Prata recebeu condigna homenagem.[13]

13 Folha da Manhã. Aracaju, 13 de janeiro, 1943.

O Comadante morreu, mas os navios continuaram iluminados

Paulo de Carvalho Neto

Discurso proferido pelo acadêmico Paulo de Carvalho Neto, por ocasião da homenagem prestada à memória do saudoso sergipano Ranulfo Prata:

Meus senhores:

Estamos reunidos para comemorar uma data solene na história literária do Brasil. Antes, porém de serem ouvidas as palestras anunciadas, como uma demonstração sincera de admiração pelo nosso Ranulfo Prata, eu, na qualidade de presidente de Mensagem, devo-lhes uma explicação. Salientarei os pontos, razão pela qual nos reunimos para sessões literárias e nos reuniremos, a seguir. Pontos, que a extrema atenção de muitos para com a guerra, não deixou que fossem eles absorvidos e bem meditados. Esta foi a conclusão que tiramos, porque o que vimos, quando de longe lhes gritamos, foram gestos soltos, desconexos... Atitudes desesperançadas, debilitá-las, de quem não espera mais nada neste mundo. Insistimos ainda uma vez. E compreendemos tudo quando um, afinal, sem argumento, desamparado, as mãos sem uma direção no ar, os cabelos desgrenhados, falou-me tristemente: – Que queres? Literatura? Estamos em guerra, não nos podemos preocupar com tal coisa!...

Senhores olhem bem para estes jovens porque estes são uns bravos, exclusivamente com o entusiasmo deles próprios arriscaram-se a fundas "Mensagem dos Novos de Sergipe". Compreendemos que estamos em guerra, sim, e mais dentro dela que

muitos, porque já estamos convocados. Mas o que não compreendemos é que devemos abandonar as letras, as artes, as preocupações superiores do espírito. Deixarmos de nos debater agora por aquilo que nos engrandece mentalmente, é, como disse um mestre de Direito, sabotar o futuro. Continuaremos, pois, no nosso intento, caminho do futuro. Ainda porque evitamos que nos lancem o título de responsáveis pela frase muito em moda de um literato desalentado: "Sergipe atravessa um longo período de pasmaceira intelectual". Quisera esclarecer a este acadêmico que o que há é a falta de compreensão para com os moços, ou literariamente falando para com os modernos. Pois como é senhores, que uma Academia que possui quarenta membros, e numa sessão solene, como esta, de caráter estritamente literária, só comparecem pouquíssimos deles![14]

Homenagem prestada à memória do Escritor Ranulfo Prata

Diário Oficial do Estado

O que foi a solenidade do dia 12, promovida pelos moços de "Mensagem".

A juventude intelectual sergipana prestou no dia 12, por intermédio de "Mensagem dos Novos", expressiva homenagem à memória do saudoso romancista conterrâneo Ranulfo Prata, recentemente falecido em São Paulo.

14 Sergipe-Jornal. Aracaju, 14 de janeiro, 1943. A continuação do artigo saiu na edição seguinte, em 15 de janeiro. Não foi localizada a conclusão do artigo, na coleção da Biblioteca Epifânio Dória, estava faltando a página. Na coleção do IHGSE está faltando todo o ano de 1943.

Essa homenagem foi assistida pelo Dr. Manoel Antônio de Carvalho Neto, que se revestia das funções de representante do exmº Sr. Interventor Federal e da Academia Sergipana de Letras, da qual é presidente, e pelos Drs. Arício de Guimarães Fortes, secretário geral do Estado, em exercício; Enoch Santiago, chefe de Polícia; Dr. Luiz Pereira de Melo, diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda; jornalistas, membros de todas as associações literárias, senhora e senhoritas.

A presidência da sessão coube ao Dr. Carvalho Neto que ao assumir a curul presidêncial explicou, com palavra fluente, os motivos da reunião, traçando rapidamente a personalidade do saudoso autor de "Navios Iluminados", para fundar concedendo a palavra ao jovem Paulo de Carvalho Neto, presidente da ala moça dos intelectuais sergipanos.

Ao futuro acadêmico Paulo de Carvalho Neto coube dizer das razões da fundação de "Mensagem", afirmando que as angústias do momento não tiveram nem poderia ter a força de matar o espírito de uma geração que se forma ou mesmo embrutecê-lo fazendo a mocidade perder o gosto pelos livros.

O orador foi vivamente aplaudido por todos os presentes.

Em seguida, o Dr. Carvalho Neto declara que entre os oradores inscritos figurava o Dr. Garcia Moreno, o qual deixara de comparecer, por motivos de ordem superior.

A presidência lê, então, uma carta do ilustre facultativo, dirigida a um dos membros da diretoria de "Mensagem dos Novos", escusando-se.

Usou da palavra o inteligente moço José Amado do Nascimento que, em apreciável trabalho sobre a vida de Ranulfo Prata, mostrou como conhecera o nosso romancista e quais as impressões que ele lhe causara, por duas vezes que se avistaram.

Depois, passa a estudar a personalidade literária do escritor, desde "Lírio na Torrente" até "Navios Iluminados", causando boa impressão o trabalho que apresentou José Amado.

Seguiu-se-lhe na tribuna o conhecido beletrista Luciano Lacerda que, por muito tempo, prendeu a atenção dos ouvintes com a leitura de um discurso baseado na História da Literatura Nacional, acabando por secundar o primeiro orador ou o seu juízo sobre a obra de Ranulfo Prata.

Todos os oradores foram calorosamente aplaudidos.

Encerrando a sessão, falou mais uma vez o Dr. Carvalho Neto, declarando ser aquela a primeira homenagem que Sergipe intelectual prestava ao seu ilustre filho, porque outras virão depois, promovidas por nossas associações literárias.[15]

Ranulfo Prata

Paulo de Carvalho Neto

Era sergipano. Morreu em São Paulo. Fisicamente eu sempre o tive como Camilo: – "de estatura média, magro, como um retroz duma tez embaciada, puxando um pouco para terroso onde se esbate coloração mórbida dos anêmicos e dos que vivem peremptoriamente pelo cérebro.

Por outros lados, porém, foi o mais frisante contrário da glória de Portugal. Não trama bigode nem bengala e repugnava os Netunos. Não conhece Luizas, nem Celestinas, nem Amélias, nem Marias do Adro, nem Anas Plácido. Conheceu uma Beatriz. Destoou do comediante divino da Divina Comédia porque casou com ela. Foi sempre um homem feliz. Escrevia romances estudava e clinicava. Lia a Bíblia. Nunca foi preso. Literariamente dividia o tempo com o seu único amigo: Cleomenes Campos. So-

15 Diário Oficial do Estado de Sergipe. Aracaju, 15 de janeiro, 1943.

mente com ele. Nunca desejou a popularidade que poderia ter alcançado. Detestava as terras artísticas.

De tempos em tempos dava um salto na sua terra para ver os pais e os irmãos. Regressava na mesma sombra em que viera porque a Academia da qual ele foi membro, sonolentamente deixava-se estar escarrapachada na sua *chaise-longue* de bons viventes. "Hoje não, Ranulfo. Venho outro dia".

Uma vez eu lhe menti – disse que tinha lido navios Iluminados.

Este? Gostou?

– Muito padrinho.

E timidamente lhe mostrei, a lápis, um esboço de crítica.

Ele olhou... olhou... e depois:

– Está fraco. Eu não escrevi com esta intenção que você alude.

Fiquei muito vermelho, baixei a cabeça, envergonhado e fui ler o livro.

Achei-o estranhamente desconcertante.

Outra vez foi na Bahia. Estava na farmácia, meio clamo, quando de repente, aparece tio Ranulfo. Chegou-se afetuosamente, abraçou-me. Vinha de Sergipe. Ia para Santos na manhã seguinte, pela Panair. Se eu queria alguma coisa. Na verdade eu queria: era que ele se sumisse logo dali. Mas as suas notícias rendiam. O moço do balcão veio afinal de dentro do laboratório e me entregou um pacote.

– Que é isto – pergunta-me o feliz autor de Lampião.

– Remédios pras vias.

Eu tinha um colega na pensão que não podia nem sair. Mas titio pensou que era para mim, passou a tarde todinha numa conversa chata de moral, de casos clínicos, assombrosos, de rapazes que morriam cedo. Ele morreu ontem e o meu colega ficou. Como é a Vida!

Era um escritor de pulso. Meu irmão de São Paulo admi-

ra-o muito. Eu não gostei de O Lírio na Torrente mas gostei de A Longa estrada. Meu irmão falou que O Lírio na Torrente havia tirado o prêmio de romance da Academia Brasileira de Letras. Naquele dia eu não queria brigar.

A esta hora deve estar com Martins Fontes. Eram muito amigos. Quando titio publicou o seu último livro botou assim:

A Martins Fontes,

Que não morreu para mim.

O agradecimento mais tocante que já li na minha vida.

O seu primeiro sucesso foi o primeiro prêmio que um dos seus contos arrancou brilhantemente num concurso de A Tarde, da Bahia. Quando olharam o autor viram um menino.

Como Huxley, não concedeu a idéia de ver o único filho partir para a guerra. Érico entrevista Aldous!

"Não é mesmo horrível criar-se um filho para transformá--lo depois num dragão destruidor?" – diz o nostálgico de Point Counter Point.

O filho dos Huxley de certo já abandonou os estudos na universidade do Colorado e está agora defendendo a causa das Nações Unidas. Mas Antony Beavrs o pacifista, o apóstolo de não resistência, sofre.

Ranulfo Prata não podia sofrer.

Sonhava muito. Terminara um romance:

– E a vida, amorosa, frágil e perfumada e como um lírio na torrente. (ilegível) a Morte levou-lhe pessoalmente a assertiva. E foi coerente: – para mais poesia tê-lo na noite de Natal.[16]

16 Folha da Manhã. Aracaju, 07 de janeiro, 1943.

Homenagem à Memória de Ranulfo Prata

Antônio Guilherme Gonçalves

Lancei o olhar em torno: "a Terra arde abrasada debaixo da candente abóbada de um forno. Já não chora sobre ela o orvalho da madrugada, secaram-se, de todo as lágrimas das fontes. E na fulva aridez aspérrima dos montes, entre as cintilações narcóticas da luz, as árvores antigas erguem para o ar, atléticas mendigas fantasmas espectrais, os grandes braços nus. E exaurindo a força enorme que ela encerra, o Sol aplica à Terra um cáustico de brasas".

Deste modo Guerra Junqueiro pincela em vermelho, a paisagem que rodeou o berço de Ranulfo Prata.

Do ambiente agreste onde o mandacaru e o chique-chique são expressões híspidas da Natureza, onde, todos os dias, o látego do Sol fustiga o indígena tragicamente invencível, veio ele para perto de nós, trazendo nas atitudes agudas asperezas que afastavam no Coração incomuns excelências que retinham.

Pois necessário se tornava conhecê-lo, alongado do azedume exterior para, na sua intimidade difícil, lhe amarmos a Alma, tamanhamente cheia desses delicados bizantinismos que são estigma iniludível dos de escol.

Dentro de um meio displicente em que não há pensamento nem existe criação, pensava e criava. Mas, procurando incansavelmente o sentido de si próprio, fez-se um retraído. E da inquietude contínua do seu Espírito, saíram essa amargura e esse tédio que o marcavam e entristeciam, obrigando-o a voltar-se para

Deus, num justo anseio de remuneração extra-terrena.

Falando baixo, como consigo mesmo, por vezes, as frases chispantes e inventivas ruivas de sarcasmo, demonstravam o drama de incompreendido. Porém quase sempre como soe aos introspectivos, a Razão decidia pelo lado da aquiescência benévola e, despido o tom de combatividade ríspida com que repulsava a estupidez e a maldade, quebrava o doésto com um sorriso tranquilo sublimado por piedades prenhes de perdões.

E que celebridade nítida, que talento impetuoso servindo um caráter de têmpera magnífica, plasmava de encantadas riquezas a sua forma superior.

De tal sorte o agigantava a transcendente mescla remarcável que, nunca, com ele falei, sem o comparar a Martins Fontes. Um Martins Fontes sereno, pondo na dialética mansidões de evangelista e na controvérsia um jeito convincente de quem pouco se lhe dava o convencer.

Quando misturavam os antagonismos ou agregava falarem em Credos, Fontes audaz cavaleiro de cota d'ouro reluzente terçava o gládio faiscante da espetacular palavra parnasiana: Prata, metido no couro dum gibão nordestino, dava, com o aguilhão da ironia, finas ferroadas cristãs no encantador e ingênuo ateísmo do Vate Altíssimo.

Todavia, o ateu e o católico, paradoxalmente, se uniam: na pureza dos seus corações não havia refolhos onde o ódio se aninhasse, nem ângulos em que a malquerença se escondesse.

Antes os ritmava um calmo e doce isocronismo de bondade, dessa bondade apoteoticamente nua das berrantes roupagens hipócritas do convencionalismo, bondade candidamente bíblica, toda feita de recatados receios, temerosa de que a mão direita soubesse o que a esquerda fazia.

A imaginação foi o vértice que os juntou. Num, ultrapas-

sando o imaginável, gerava fantasmagorias que o policronismo estonteante da linguagem diria reais: noutro uma fala brunida, larga, flexuosa, tirava da Vida o que a Vida possui de trovar para transformar o sofrer em redentores motivos ascensionais da perfeição.

Cadinhados em igualdade admiravam-se e queria-se para aquém das invejas.

Médicos, ambos, o mesmo fervor sacerdotal os guiava em nobreza. E se bem que certos não escapassem à crítica sutil, que no poeta era doída picada de abelha e no escritor ardido espinho de cárdio, achavam que a profissão, num mundo honesto, devia ser ciência perfeita, de dadivosa caridade, para que viesse o triunfo sobre a mísera condição humana, por um caminho que levasse à maior altura e que ninguém ousaria percorrer sem um límpido ideal e multiplicar-lhe a energia.

O nosso mister, tocando a terra macula-se. Por isso eles se colocaram no inatingível.

Apesar de homem assim, haverá por muito tempo, lada a lado, desgraçados até às lágrimas e felizes até ao acme da ilusão; quem morra estourando de fartura e quem se extingue escanzelado de fome, quem estenda a mão tentacular na sôfrega avidez duma esmola e quem esbanje em nababescos desperdícios afrontantes.

O dia chegará, contudo, em que a humanidade cansada de padecer, há de levantar os olhos ansiosos para os céus à procura de Cristo e todos, depois, nos chamaremos irmãos.[17]

17 Homenagem á memória de Tomaz Catunda e Ranulfo Prata – Discursos, Hugo Santo Silva e A. Guilherme Gonçalves. Santos, Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Santos, 1944.

Capítulo III

Notas Natalícias

Aniversário do Dr. Ranulfo Prata

Quem quer como nós, tenha estudado a personalidade do Dr. Ranulfo Prata, tirará a conclusão de que este nosso ilustre patrício é um desses raros espíritos plenos de nobreza, de alento e de bondade.

Logo aos vinte anos publicou, no Rio de Janeiro, o seu romance de estréia, O Triunfo. Poucos anos depois, já em Minas, quando se imaginava que os trabalhos da medicina lhe roubavam os momentos de meditação, eis que o jovem escritor dá a publicidade o seu belíssimo romance Dentro da Vida. Agora, tem em preparo dois livros mais, O Bastardo e Histórias Agrestes.

O dr. Ranulfo é também, como já dissemos, um espírito cheio de nobrezas e de bondade, pois, onde quer que passe deixa, bem vivo, o vestígio da sua generosidade.

Basta lembrar a campanha benemérita que ele vem fazendo aqui em prol do nosso Hospital.

É justo, pois que nos congratulemos com as alegrias da sua ilustre família, amanhã, dia do aniversário do escritor, augurando-lhe vida longa e plena de felicidades.[18]

---

18 A Luta. Anápolis – Comarca de Simão Dias, 03 de maio, 1925. Depois de acirrada disputa entre os simãodienses, defensores do nome Simão Dias e os mudancistas, que queriam o nome de Anápolis, em 25 de outubro de 1912, o presidente do Estado, José Siqueira de Menezes, sanciona a Lei mudando o nome de Simão Dias para Anápolis. Após 32 anos, a 7 de dezembro de 1944, Anápolis deixa de existir, e o nome da cidade volta a ser Simão Dias.

O Aniversário de um escritor

Quem conhece de perto Ranulfo Prata, indo ao Aracaju não voltará satisfeito se não for à residência desse escritor ilustre. Foi por isso que, quando lá estivemos, procuramos logo esse nosso amigo.

Encontramo-lo cercado de livros, tendo o alto das paredes quadros de arte e retratos de escritores célebres.

Recebeu-nos com carinho especial. Em seguida derramou-se a nossa palestra sobre os assuntos desta terra que ele tanto idolatra.

Rimo-nos como crianças. Ele é muitas vezes, expansivo, alegre e, sobretudo irônico.

Em dado momento, perguntamos-lhe:

"Quando ilumina as páginas da A Luta com os seus escritos"?

– Breve. Agora é impossível. Imagine que vou ficar a frente dos trabalhos de raios X, no Hospital de Cirurgia.

Sou lente na Escola de Farmácia e Odontologia.

Tenho que estar diariamente no consultório, onde acabo de instalar o aparelho Raios Ultra-Violetas e, ainda por cima, estou escrevendo uma tese para o grande concurso a um lugar de lente no Ateneu.

– Sobre que assunto versará a sua tese?

– Sobre a História da Literatura Brasileira e Literatura das línguas latinas.

O festejado escritor pegando numas tiras de papel escritas leu alguns trechos para ouvirmos. Ficamos deslumbrados com o que ouvimos.

Não duvidaremos da sua vitória, tanto mais quanto

Ranulfo Prata, além da sua tese doutoral, é ainda autor de quatro romances.

Pois bem, o aniversário natalício desse romancista transcorre na próxima terça-feira. Flores, muitas flores lhe serão oferecidas.A estas juntamos o amplexo d'A Luta.[19]

19 A Luta. Anápolis – Comarca de Simão Dias, 02 de maio, 1926.

Capítulo IV

Correspondência

Uma opinião valiosa

A Luta

O Redator desta folha recebeu a carta seguinte do ilustre escritor Ranulfo Prata.

Emílio li com especial agrado o seu furo de estréia O Jornalista de Macururê. A observação, o modo de narrar e muitas outras qualidades fazem do livro uma auspiciosa estréia.

Gostei sobretudo da primeira parte que não pode ter a qualificação de conto, senão mais um episódio da vida do interior.

Felizmente o personagem jornalista saiu vitorioso na luta travada contra o coronel refratário ao progresso, mandão e autoritário.

Este seu livro representa um grande esforço, sendo por mais esta razão digno de todos os louvores.

Continue a trabalhar que há de firmar seu nome nas letras sergipanas.

Do amigo e confrade

Ranulfo Prata.

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1925.[20]

20 A Luta. Anápolis – Comarca de Simão Dias, 31 de dezembro, 1925.

Uma carta do conhecido homem de letras sergipano Dr. Prado Sampaio ao Dr. Ranulfo Prata, também nosso patrício e ilustre romancista.

Prado Sampaio

Ilustre Sr. Dr. Ranulfo Prata, meu conterrâneo e amigo - concluída a leitura sistemática de sua obra de conteur e romancista envio-lhe os meus parabéns que deles se faz credor por justos títulos.

Quem estudar com interesses as nossas letras notará que, terra de poetas e filósofos, Sergipe é de desoladora penúria no que diz respeito a oradores e romancistas.

Não preciso dar-lhe a razão ou razões do fenômeno: basta que o assinale.

E daqui os meus aplausos à bela formação da sua inteligência, a minha admiração à sua operosidade e ao momentoso do seu aparecimento, criando pouco a pouco o conto, a novela e o romance sergipanos, gêneros tentado por Curvelo de Mendonça na "A regeneração" e cuja fórmula definitiva procura encontrar Alberto Deodato nos materiais esparsos da vida regional.

Foi reagindo contra semelhante falta e visando despertar o interesse da mocidade esperançosa desta terra pelo conto e pelo romance regionais, que dai a lume em 1903 a "Vida sergipana", pequena coleção de contos, cujo fim passou despercebido. De nada serviram eles mas me servem agora para documentar a necessidade que logo senti de ver o pensamento sergipano se afirmar no romance que, "em exame superficial e inatento dá à comédia dos enganos o seu aspecto cósmico".

A sua obra, meu ilustre conterrâneo, é pois uma obra de arte e de patriotismo: nela, belamente impressos, se me depararam recortes de seus escampos em manhãs claras e cantantes, dias ensolarados de fecundante e pródiga vitalidade, mirados de estrelas sob um toldo azul de firmamento um pedaço do mundo que é nosso e nos fala à alma em revoadas de sonhos e carinhos.

E se não me faltasse autoridade na matéria, lhe lembraria eu ao terminar já não ser lícito hesitar na longa estrada quem, dentro da vida, tão primorosamente escreve o lírio na torrente.

É prosseguir... Prosseguir.

Patrício admirador.[21]

21 Correio de Aracaju, Ano XVIII, nº 253, 4 de setembro, 1926.

Capítulo V

Notas de Anápolis

Anápolis hospeda um escritor ilustre

A Luta

Desde as 20 horas de terça-feira, acha-se nesta cidade, em companhia de sua exma. família o ilustre escritor sergipano Dr. Ranulfo Prata. S. Sa. que além de escritor é um dos competentes médicos do Hospital de Cirurgia, de Aracaju veio com ideias de retemperar o seu organismo respirando o ar balsâmico do sertão. Assim é que, depois de ligeira permanência aqui irá ao "Pisca", pitoresca fazenda que lhe tem inspirado vários e importantes escritos.[22]

22 A Luta. Anápolis – Comarca de Simão Dias, 20 de janeiro, 1926.

O escritor Ranulfo Prata vai residir em Aracaju

A Luta

Conforme publicamos na edição passada chegou nesta cidade no dia 15 o festejado romancista Ranulfo Prata, nosso ilustre colaborador. Logo que nos foi possível fomos levar-lhe o nosso abraço. O Dr. Ranulfo recebeu-nos com a afabilidade tão característica no seu trato. Começou falando-nos sobre os progressos no Rio de Janeiro, onde passou nove meses trabalhando incessantemente na aplicação do Raio X.

O escritor patrício sabendo que neste país não se vive de literatura, instalou um importante consultório na capital da República, onde tinha grande clientela. Convidado para trabalhar no Hospital de Cirurgia, da capital deste Estado, o competente médico aceitou o convite, indo trabalhar brevemente na matéria que se especializou.

Procuramos saber quando saía a luz da publicidade o seu anunciado romance A Jagunça.

– Não será agora, disse-nos. Tenho estudado muito e, só muito adiante quando me sobrar tempo para as minhas lucubrações reiniciarei os meus trabalhos intelectuais.

Despedimo-nos do escritor com o contentamento de vermo-lo muito forte.[23]

23 A Luta. Anápolis – Comarca de Simão Dias, 21 de janeiro, 1926.

Capítulo VI

Entrevista

As Previsões de um escritor

A Luta

Há cerca de doze dias Anápolis hospeda o romancista sergipano mais ilustre da nova geração, Dr. Ranulfo Hora Prata.

Assim que nos foi possível fomos ao palacete do Col. Felisberto Prata, genitor do simpatizado patrício e onde o mesmo se acha hospedado no intuito de visitar. Tivemos a sorte de encontrar o romancista na sala de espera. Depois dos cumprimentos entramos em luxuoso salão.

– O Dr. veio certamente demorar-se nessa cidade a fim de readquirir as energias perdidas com a operação?

– Sim. Uns quatro meses. Preciso de um repouso absoluto. Já me sinto impressionado, porém, imaginando como poderei demorar-me tanto tempo por aqui.

– Oh! Os meses passarão ligeiros, assim, conchegado à família cheio de conforto, cercado de carinho.

Nesse momento o festejado escritor já conversa conosco deitado em um sofá cercado com luxuosos almofadões.

– O Dr. volta a São Paulo logo que se fortifique?

– Volto. Demorar-me-ei, porém algum tempo, no Rio de Janeiro.

– O que nos pode dizer do movimento revolucionário do

Sul do país?

– Dizem geralmente que o general Isidoro está no Paraná com os revoltosos, os quais são combatidos pelas forças do general Rondon. No Rio Grande do Sul o movimento é terrível, pois os civis se aliaram as forças revoltosas.

Ali se batem por um princípio a queda da autocracia borgista. Cada gaúcho é um herói. A cavalaria dos pampas onde passas, é como um furação devasta, aniquila tudo.

– A quem presume caber a vitória?

– Infalivelmente ao Sr. Presidente da República que está cercado dos elementos mais poderosos e conta com o apoio de todos os Estados.

Estávamos satisfeitos. Despedimo-nos deixando o escritor afogado em almofadões multicolores.[24]

24 A Luta. Anápolis – Comarca de Simão Dias, 21 de dezembro, 1924.

Capítulo VII

Conferência

Diário Oficial do Estado

Dos diretores do Centro D. Vital desta capital recebemos o seguinte convite:

O Centro D. Vital de Aracaju, representado por sua diretoria abaixo firmada, tem a honra de convidar V. excia. e exma. família para assistirem à conferência que, sob o título "Do sofrimento. Caminho de Perfeição", realizará, no dia 11 do corrente, às 8 ½ horas da noite no salão nobre da Associação Comercial, o notável romancista sergipano doutor Ranulfo Prata, que será apresentado pelo vitalista Dr. Abelardo Cardoso.

Aracaju, 7 de fevereiro de 1933. – Rubens Figueiredo, presidente; Dr. Volney Tavares, vice-presidente; Cícero Sampaio, secretário; Dr. Guilherme Nabuco Maciel, tesoureiro; prof. Graça Leite, bibliotecário.[25]

25 Diário Oficial do Estado de Sergipe. Aracaju, 11 de fevereiro, 1933.

A conferência do Dr. Ranulfo Prata

Sergipe-jornal

À noite do último sábado o mundo literário de Aracaju assistiu à linda conferência que o ilustrado homem de letras conterrâneo, Dr. Ranulfo Prata, realizou no salão nobre da Associação Comercial.

As palavras eloquentíssimas do notável romancista foram ouvidas num ambiente fidalgo de conhecimento aos seus méritos literários e a sua palestra mereceu, pelos conceitos emitidos e pelo fino espírito de que se revestiram as calorosas manifestações dos presentes.

A conferência que teve um cunho todo especial, foi como a fundação do Centro D. Vital, de Aracaju: foi assistida pelo mundo oficial pelos literatos e pelo clero sergipano, sendo feita a apresentação do Dr. Ranulfo Prata aos presentes pelo Dr. Abelardo Cardoso, moço culto e com acentuado pendores religiosos, o que põe em maior relevo a sua intelectualidade bem formada.[26]

26 Sergipe-Jornal. Aracaju, 13 de fevereiro, 1933.

Capítulo VIII

Julgamento Crítico

Denunciei a fome como flagelo
fabricado pelos homens,
contra outros homens

Josué de Castro
1908-1973

RANULPHO PRATA

O TRIUMPHO

EPISODIOS DE HOJE

PS
1264

1918

O Triunfo - 1918

Revista A B C

É mais um nome e valor da novíssima geração literária. E dizemos de valor porque o Sr. Ranulfo Prata não apareceu sobraçando o clássico livrinho de sonetos que é a primeira arma de que se vale, entre nós, todo pretendente à imortalidade, quando mais não seja, da que principia no aplauso altamente significativo das encantadoras.

O novel autor surgiu com o romance, gênero que poucos se dedicam na sua geração. O Triunfo ainda não é uma obra definitiva e transparece em suas páginas a muita mocidade do autor. Preso aos processos mais radicais do naturalismo, o Sr. Prata é, de certa forma, um "*revenant*" mas tantas são as suas boas qualidades de escritor, já reveladas neste livro, que esperamos vê-lo, brevemente, em voos mais altos, mais livre o seu espírito das peias de uma escola francamente em decadência – senão morta.

Porque se pode dizer que ainda há, na obra de Lima Barreto, por exemplo, uma nota de naturalismo, é preciso não esquecer que essa é a de toda verdadeira arte. E o que faz admirável o Isaias Caminha ou o Policarpo é a personalidade do autor, que se afirma constantemente, muito acima de escolas e dogmas literários. A primeira parte do romance do Sr. Prata passa-se em Sergipe, em uma pequenina cidade sertaneja. É aí que o autor se revela observador perspicaz, digno de louvor. A segunda parte, que se desenrola no Rio de Janeiro é muito menos interessante e se advinha que o autor conhece mal a

sociedade carioca.

Não que esta sociedade não mereça a sátira do autor; o que queremos dizer é que este não pôde penetrar justamente as feições mais complexas e delicadas da nossa grande feira de vaidades.[27]

Ranulfo Prata

Jornal do Comércio

Com os títulos e subtítulos abaixo e a propósito da obra O triunfo produção do nosso talentoso conterrâneo cujo nome epigrafa estas linhas, temos o que se segue no Jornal do Comércio do Rio, confirmando, assim, o serviço telegráfico que temos recebido a respeito:

Livros Novos

Ranulfo Prata – O Triunfo, Rio de Janeiro, 1918. – O Sr. Ranulfo Prata é um moço verdadeiramente talhado para romancista e do qual esse gênero literário muito deve esperar. Esta sua primeira obra constitui, sem dúvida, uma bela promessa e já um começo de cumprimento. Raros escritores se estréiam, revelando qualidades tão dignas de aplauso e animação. Apenas nos parece que a publicação deste livro deveria ter sido retardada, transferida para daqui a alguns anos, quando o autor começasse a ler a sua prosa com olhos mais entendidos e exigentes e a fazer

27 Rio. Revista A B C, 31 de agosto, 1918. Republicado: Aracaju, Correio de Aracaju, 1 de outubro, 1918.

a crítica de si mesmo.

O romancista, que conta talvez menos de vinte anos, não teve ainda tempo, naturalmente, de apurar as sua faculdades de observador nem o seu gosto de artista. Há nele uma pronunciada tendência para a investigação e a análise. Tudo lhe interessa. Na apresentação duma figura, por exemplo, descreve-lhe pormenores de aspecto que, por supérfluos, poderiam ou deveriam ser desprezados; e de passagem, com perfeita inutilidade, vai contando os antecedentes da personagem, os seus parentescos, episódios mínimos da sua vida...

Assim, a exposição do romancista peca, as mais das vezes, por excesso de detalhes que a não tornam nem mais bela nem mais verídica. Incontestavelmente, porém o Sr. Ranulfo Prata tem a bossa do narrador. A ação do seu romance desenvolve-se com uma facilidade, uma espontaneidade que tornam a leitura deveras cativante.

Trata-se, em suma dum tipo de arrivista provinciano. A sua história começa nos bancos colegiais onde ele imediatamente revela os dotes e recursos naturais o futuro triunfador... a seu modo. Adula mestres e superioras, delata os camaradas, que doutro modo escapariam a punição de travessura e faltas escolares; e escolhe de (ina..ncio.) condiscípulo carioca filho dum influente político, que, mais tarde lhe poderá dar a mão ajuda o na vida.

A sua carreira de estudante traz-lhe vitória facilmente obtidas pela constante preocupação de agradar, lisonjear, fazer-se proteger. Depois, consegue a nomeação de Promotor Público na terra natal, a chamada para o Rio, a sucessiva conquista de posição até poder entrar na alta sociedade, construir uma casa na Copacabana, dar recepções, triunfar, enfim, como ele desejava – como tantos, na verdade desejam.

Está claro que, sem nenhuma superioridade mental ou moral, que lhe permitisse subir tanto pelo próprio valor e o próprio esforço, teve o herói que continuar a usar sobretudo dos processos da primeira mocidade. Assim veio alienando, arredando de si os preconceitos da dignidade da retidão, do amor próprio. Um sentimento imutável: o amor pela esposa, amor profundo e deslumbrado, a que todo o seu ser se entregara. Pois bem; nisso mesmo, nesta paixão sagrada, ele cede, se avilta, desce a condição miserável dos maridos enganados que o sabem e em profitent. Que importa a desonra, a ruína moral? Se ele triunfa.

Tal a história que o Sr. Ranulfo Prata nos conta com bastante engenho e graça. Apenas, como já dissemos, o jovem escritor precisa educar melhor a sua observação e cuidar a sua linguagem, onde as impropriedades de termos e os descuidos gramaticais prejudicam seriamente às vezes, o merecimento da obra.[28]

O Triunfo

Péricles Munis Barreto

"Esquecemo-nos, talvez de que a grandeza de uma gente reside simplesmente na fiel compreensão dos seus hábitos, sentimentos e ações, que devem traduzidos na cadência do verso e na beleza da prosa, para indelével afirmação do que é e do que vale".[29]

É ainda esse meu juízo, com melhores entusiasmos...

28 Rio de Janeiro. Jornal do Comércio, 24 de setembro, 1918. Republicado: Aracaju. Jornal do Povo, 4 de outubro, 1918.

29 Do Literatura Regional, artigo por mim publicado em 14 de abril de 1918, neste mesmo órgão.

Afigura-se-me como de meritosa grandeza intelectual a espécie de literatura que Silvio Romero titulou de popular.

Na sua rústica translucidez, ela floresce docemente clara em toda leiva, onde as lendas e os costumes decidem-se naturais, com perfumes agrestes e maravilhas do sertão.

A literatura regional é humanamente luminosa; tem lágrima e sorriso, num contraste sereno de auroras poentes, retratando vida nas suas oscilações e dúvidas.

Mas o traço firme e severo da formação dessa grande arte de pintar nas letras uma paisagem, uma face de mulher, um arrepio de tabaréu, ou a tradição de um sítio, é a alma do povo, a sua história, que é sempre tão simples como uma pétala de rosa ou um desejo de criança.

As exaltações que me trazem os segredos de uma paixão sertaneja, cheia de ciúmes e de trovas amorosamente tristes, são eternamente novas, virgens e fortes no seu misticismo enternecedor.

O sertanejo ama até o sacrifício, que sempre nasce das caatingas na viola ritente, tecidas em festejos, entre algaraviosa matutice e gorgolejos da pura; e os desafios decidem-se no terreiro, enquanto as morenas carnudas batem boca no escuro das camarinhas.

No verso agreste a poesia inculta é divina.

Passa no coração da gente, que sente a vida na sua fonte de mágoa, como um fio de água clara e pura correndo sobre sombrias folhagens, embalsamando os ninhos e alegrando raízes distantes...

Quem lê uma quadrinha sertaneja, fica enternecido, todo espiritual e olha a vida dos modismos urbanos com irritação profunda.

Raros, porém, compreendem esse modo comocional, e não

se fartam de mergulharem nos requintados francesismos, suplicados na ânsia de imitação criminosa dos brejeirismos d'além mar; e o cabedal da terra nativa anda em mãos raríssimas, que os têm num sagrado preço.

Censurando, vai para cinco meses, os velhos cultores regionais sergipanos, que se fazem ineditamente insultados com as bagagens de erudição palpitante, tão necessária aos noviceiros que estudam e trabalham, sem a mania de ostentarem méritos que nunca viram nem possuem, como fazem muitos, salientei quatro nomes coetâneos devotados às preciosidades da literatura sergipana, que foram: Alberto Deodato, Clodomir Silva, Cleóbulo Amazonas e Ranulfo Prata.

O acerto dessa consciente citação tomou agora altares maiores que os por mim previstos.

Ranulfo Prata, talento visionário e refletido, sazonando a seiva do seu espírito fértil, publicou um romance simples, de hábitos sergipenses, muito natural, de cores rústicas, pontuadas de lances estrelares, que se derramam mansamente em mais dos capítulos.

Vendo aplaudi-lo.

O Triunfo, – é como se titulam as páginas copiadoras de variados costumes de Simão Dias – chamada Anápolis, observados minuciosamente por ele, que teve a felicidade de ver todo o atraso do povo, transvasá-lo em prosa tersa e fina narrando, para todos os olhos um entrecho moral, comum e admirável.

Comum, porque Angelina é um vulto do tempo na sua ardência transitória; e o Quincas é um como há muitos...

No romance, a Rusinha é a personagem que mais me atraiu; senti profundamente a sua virgindade rolar pelo brilho do anel do moço formado, escravizada pela volúpia da carne; tão pobrezinha no seu viço sentido dia a dia os seios reflorirem sobre a camisa...

É um primor de delicadeza como Ranulfo Prata, com a sua sutileza e frase descreve a perdição dessa menina infeliz.

Vê-se claramente a validade de ariscos pais, num transe em que a honra de uma donzela vale menos para eles, que um canudo bacharelício, expulsando-a depois de casa, para a menina bater à porta do milicioso cura da cidade...tendo o Quincas, por fim, uma esposa que levada para as vertigens cariocas, lhe dá a compensação; internando Godofredo na alma, para satisfazer os caprichos do sangue...

Resumo assim maravilhosas ora sós...

Rusinha morreu, esquecida e todos eles, no romance vivem ainda a serena viração marítima, sem lembranças das guerras de filarmônica, distante das notícias louvaminhas da A Luta nos enleios viciados da grande capital.

Ranulfo Prata é um artista despretensioso com a ilustre da mocidade nortista.

O seu livro, O Triunfo, maravilha e encanta a quem queira sentir o seu fundamento de alvoroço e tristeza.

Para analisá-lo, mister se tornava uma apurada coordenação de idéias psicológicas entoadas em harmonia com as surpresas eloqüentes e próprias do enredo que insculpiu maravilhosamente.

Não chegamos ao delírio de chamá-lo impecável, no entanto ele é singular entre os diversos que hão aparecido com intenção de imortalidade.

O ilustre patrício realizou que velhos regionalistas não se cansaram ainda: fez um livro simples e verdadeiro, que , ao invés de ter enfeites, esclarece fatos vivos, costumes da cidade e vida sergipanas.

Longe de mim o presumir sombra de crítica nessas letras escritas na agonia de uma banca de jornal, com o tipógrafo a suplicar à última lauda, muito ao contrário disso eu as julgo, pois,

nem pude dar uma idéia do romance, – elas são um brado sincero de admiração profunda.

Ainda arvorei-me a chamar a estas letras alguns nomes do romance, para assim atestar que trago o seu livro à mão e mui carinhosamente.

Ranulfo, ao pintar os tipos dos coronéis políticos evidentes, foi apressado, mas não deixou de ser de uma justiça superior, melhor compreendida quando os ilustres volverem sobre o nosso tempo.

Muito talento e muita alma possuem o autor de O Triunfo, e, se nada mais escrever, o seu livro é que baste para a sua glorificação e da sua mocidade.

O seu trabalho assim aclamado vale de exemplo a todos os moços que se labutem nas serras da literatura.

É o que devemos cuidar, que tal virtude muita expressão revela de amor ao que é puro e de cultos as purezas irmãs da nossa vida.

Ranulfo Prata está numa altitude espiritual elevadora de Sergipe, e não sou eu quem lhe negue as glorificações que merece.

Reconhecendo-as, dou-lhe as minhas simpatias com admiração, e bendigo satisfeito o seu iluminado esforço adicionando um livro imitando de pensamento, de verdade e de inteligência.

Com este modo de considerar, me contento, porque é assim que me és faço quando louvo os espíritos brilhantes e singulares.

Ranulfo Prata, com o seu livro, triunfou cheio de aureolas, e o mais sério palavrear somente...[30]

30 Diário da Manhã. Aracaju, 25 de setembro, 1918.

O Triunfo

Lima Barreto

O Sr. Ranulfo Prata teve a bondade de me oferecer um exemplar de seu livro de estréia – O Triunfo. Eu o li com o interesse e o cuidado de todos os livros de moços que me caem nas mãos, pois não quero que um só de talento me passe despercebido.

É um romance, antes, uma novela em que o autor revela grandes qualidades para o gênero.

Já possui a sobriedade de dizer, a naturalidade do diálogo e não limalha a frase estafadamente.

O personagem principal – o triunfador – é estudado com toda a minúcia e exatidão.

O seu caráter amoldável, fácil, e capaz de todas as dedicações, é nitidamente examinado e explicado.

Comprar-se o Sr. Ranulfo Prata no detalhar uma pequena cidade do interior da Bahia e, apesar desse gênero de estudo ser por demais comum, a sua pintura de Anápolis sai muito viva e original.

Teimam todos os romancistas que tratam de tais cenas, em atribuir às moças dessas cidadezinhas, beleza.

Algumas vezes que tenho visitado tais vilarejos, nunca encontrei uma moça que a tivesse.

A Angelina do Sr. Prata é linda, é bela é, de meninota da roça, passa a coquete do Rio, cheia de amantes.

A minha experiência a esse respeito é infelizmente nula e não posso apresentar objeção de preço, mas duvido que seja assim. Contudo, tudo isso são nulas sobre as quais não quero insistir.

Tais são as qualidades do livro, tais são as promessas que

ele encerra, que o meu dever de escritor e justiceiro é animar o confrade pedindo que ele continue, que ele se esforce mais, a fim de tirar da nossa vida brasileira obras de arte dignas da imortalidade dos séculos.

O Triunfo está cheio de cenas de costumes cativantes.

A rivalidade das bandas de música é uma delas e eu não posso deixar de transcrever aqui a descrição da representação de um drama, num teatrinho do interior. Ei-la:

"Entrava o terceiro ato, o último. O drama encerrava um poderoso exemplo de moral. Os protagonistas eram a mulher de um pintor, o pintor e um conde.

O papel de pintor coube ao Paiva, que o encarnou muito bem, de carmim nos lábios, gravata preta e olhar romântico. O conde era um rapaz alto, de cabeleira, aprendiz de alfaiate. Ele queria à viva força possuir a fresca mulher do pintor, que resistia tenazmente, apesar do ouro oferecido. Uma noite, não podendo sufocar o seu desejo, penetrou audaciosamente no humilde lar do artista e quis forçá-la, recebendo uma grade bofetada. O pintor casualmente entra no momento, e raivoso, alucinado, – o que o Paiva fez muito bem – quer estrangular o fidalgo.

A mulher fiel pede-lhe, de joelhos, que não o faça.

O conde, humilhado, ali mesmo saca do revólver e suicida-se.

Quando o pano caiu a platéia aplaudia delirantemente, vertendo lágrimas de emoção."

Com tantas e superiores qualidades, é de esperar que o Sr. Ranulfo Prata venha a ser um grande romancista, a quem aconselho abandonar toda a preocupação de elegâncias para só atender o que é propriamente de sua arte: a alma humana e os costumes.

Tive com a leitura do seu livro o máximo prazer e espero que se repita em um segundo livro que, em breve, estou certo,

ele nos dará.

Se ainda lhe falta, talvez, uma profunda e sagaz visão da vida, sobra-lhe outras qualidades de escritor que suprem aquela falta.

Com o tempo, o jovem escritor corrigirá os defeitos e nós teremos um grande romancista digno das nossas letras e dos destinos da nossa língua.

É desejo de quem escreve estas ligeiras notas e o faz ardente e sinceramente.[31]

O Triunfo

Correio de Aracaju

Ranulfo Prata não é apenas uma esperança nos horizontes do romantismo; é uma vocação decidida e pronunciada, que já frutifica em produções ferazes duma literatura exuberante, uma realidade romântica a fazer muito no resente e a prometer ainda muito mais para o futuro.

O Triunfo, que ele acaba de lançar à crítica do grande público, é a consagração da sua juventude ardorosa e refletida, uma revelação de seu talento produtor.

Trama-o a história simples dum rapaz de Anápolis, que vai estudar na Bahia; volta, apaixona-se por uma pobre menina, lança-a na perdição, casa-se com outra, vai depois para o Rio e torna-se tolerante para galgar posições.

Em todos esses quadros de uma vida real, Ranulfo Prata surge um pintor esmerado e conhecedor da psicologia humana.

31 A.B.C. (semanário político) Rio de Janeiro, 28 de setembro, 1918. Republicado no livro Marginalia, 1953.

A vida simples do matuto, o estudante sorna e o calouro desasnado, pintou-os ele com traço de mestre.

Não foi talvez tão feliz, ao apreciar o mundanismo carioca; cremos que deveria ter frisado mais certos pontos em que se traduz ao vivo aquele grande mundo, e omitir outros que pouco tem de característico.

A primeira qualidade do romancista é a observação; e o autor do Triunfo é realmente um observador curioso; sabe lançar mão de particularidades, à primeira vista insignificantes, mas que constituem para assim dizer, senão a alma ao menos a graça do romance.

Os quadros sucedem-se no desenvolver natural das manifestações cronológicas, e a exposição, em geral bastante elegante, prende pelo interesse da forma e pelo fio sempre bem reatado de todos os discursos.

Haverá talvez defeitos, não o duvidamos. São pequenos senões de todos os que escrevem mais propriamente que deslizes da idade, porque Ranulfo Prata, digamo-lo em seu abono, quase se não resente das imperfeições que soem empanar os romancistas de 20 anos.

O seu estilo é sóbrio, bem orientado, a linguagem variada e discreta.

Com isso não queremos dizer que O Triunfo seja uma obra de fôlego que chegue a assombrar, não. O que sustentamos é que é um romance comum, muito completo no gênero, e isto é sumamente lisonjeiro para o seu autor.

Uma vez que outra perca pela incorreção da frase, e há nele cenas susceptíveis de, mas desenvolvimento, ao passo que outras se resentem um pouco do excesso.

São imperfeições que escapam mais ou menos a todos, porque ainda está para aparecer à obra sem senões.

A leitura do Triunfo confessa-nos, deixou-nos na alma uma impressão agradável, e pelas colunas do Correio de Aracaju, enviamos com os agradecimentos pelo exemplar que nos ofertou, os nossos cumprimentos ao talentoso patrício, que tão bem estreou no romantismo indígena.[32]

Um romancista sergipano

João Ribeiro

Já sabem os nossos leitores que o nosso jovem patrício acadêmico Ranulfo Prata, filho do conceituado Sr. Coronel Felisberto Prata, acaba de estrear nas letras brasileiras com o seu livro – O Triunfo.

Romance de costumes, escola naturalista, o trabalho do talentoso literato foi tão bem recebido pela crítica, que já constitui uma obra de subido valor.

Dentre os críticos do O Triunfo, destaca-se a figura eminente do notável Sr. João Ribeiro, cujo parecer referente ao apreciado romance de Ranulfo Prata damos, linhas abaixo:

Quando me dispus a ler o romance do Sr. Ranulfo Prata, O Triunfo, em cujas páginas se fala da pequenina terra em que nasci, pude sentir o contrário de amas irmãs que o destino dispersara.

Na paisagem que me agora cerca, tenho apenas à vista os alinhados fios de ferro que levam as conversas para lugares distantes, e sobre eles, a maneira de notas de música, as aves pou-

32 Aracaju Correio de Aracaju, 29 de setembro, 1918.

sam e rumorejam sem interromper o diálogo que passa.

Alonguei também as minhas recordações até a infância, sob a magia destas páginas.

Sergipe é um pequenino recanto do norte. Uma faixa apenas de verdura separa o dos latifúndios áridos do deserto.

Daquela terra, pobre e rústica, tem saído uma numerosa horda de homens voluntariosos que se desmandam extraviados, pelas cidades do sul.

São quase todos emigrantes expertos, senão inteligentes; constantes e contumazes senão ativos. Varam as cidades e campos, as oficinas, as fábricas ou as escolas onde o trabalho afoga a fome e a expatriação.

Lá, no foco primitivo, trabalham eternamente as mesmas forças centrífugas que amadrastam o destino de todos os seus filhos.

São elas que instituem esse exílio obrigatório a migração forçada e por uma ordenação antiga aconselham o homizio, fora da vila e termo.

***

O Sr. Ranulfo Prata deve ser uma dessas andorinhas costumeiras; se não o é, tarde ou cedo o será, para o bem das capitanias hereditárias.

O que eu louvo no livro que acaba de publicar são muitas coisas ao meu tempo: o valor da própria obra, o viço e frescor de quem escreve e tem apenas vinte anos de idade se tantos; a mesma espécie em que se classifica, definitivamente, e pela flor, a sua vocação de romancista.

É tão usual escrever um livrinho de versos na sua idade que a preocupação do romance me parece um sinal auspicioso para aquelas terras e para o nosso tempo.

Sergipe fornecerá ainda ao Brasil um romancista; e o meu desejo é que essa esperança logre a altura a que chegara a outras esferas, os nossos mestres.

O Triunfo é uma estréia apenas. Há ali muita coisa inábil; há incorreções dialectais que se irão perdendo ao contato dos centros literários mais polidos e intensos; há desigualdades e falta de medida, que só o tempo e a cultura proporcionaram aos escritores.

Creio, porém, na solidez dessa esperança a só estudar o arcabouço do romance. É bem carpentejado, tem harmonia de linhas gerais bem travadas, que, em sua congruência, compõem um todo vital.

Esse romance é a história de um bacharel, apanhado desde o estado nascente, que entre as famílias políticas, começa no boqueirão uterino onde se plasma lesmento o futuro chefe e Don da terra.

O bacharel é sempre o ser "Paramount".

Vem a luz numa pequena cidade sertaneja pra onde o progresso arrojou as coisas mais elementares: a banda de música, o magistrado, o chefe político e o vigário. Essa onda grave do estatuto e da ordem pública, por vezes se agita sob algum incidente mínimo: o amor ou o assassino.

"Matter of course" – são explosões insignificantes. Amor e morte.

O bacharel Quincas Mendes é o tipo do gênio provinciano, retórico, erótico, sedutor a princípio, chifrudo ao depois, que tudo é o mesmo e são pontos de mesma curva triunfante.

As notações episódicas, as festas, os interesses mesquinhos das pequenas cidades, os motivos de deitar o verbo o "júri", os jantares – tudo está exatamente observado e podemos assegurá-lo pelo conhecimento que temos das cidades, dessa fermentação humana, que apodrece, interrompe, empesta e ulcera, de trecho

a trecho, o silêncio céptico dos campos.

O Triunfo é, por enquanto, ainda um livro inábil, queremos dizer, juvenil, apressado senão na forma pelo menos nas idéias. As sensações atropelam-se, por vezes, sem o mínimo de ritmo que reclama a respiração. A noção de tempo é um pouco confusa: algumas passagens precipitam-se em sínteses, outras se alongam sem a preocupação que exige a perspectiva das coisas.

Estou que esse defeito é apenas uma inabilidade e estreante que não centra suficientemente os seus personagens e confundiu suas elipses mentais com as do leitor desprevenido.

É preciso, portanto, subentender muitas coisas neste livro que não foram escritas.

Convém, não para arrefecer, e, pelo contrário, para aguilhoar o estro do autor, dizer-lhe que um bom romance implica certa cultura de espírito muito mais profunda que a da egolatria habitual dos versejadores. As idéias gerais, a observação psicológica, e até um pouco de ciência infusa (tão intima que exclua o pedantismo das fórmulas) são indispensáveis elementos como a sua vida de e a ironia, a boa linguagem e o gosto apurado, para uma obra perfeita de que temos o exemplo sem igual em Machado de Assis.

Dos grandes mestres mais domésticos, Camilo deu a força e o vigor da expressão, Eça o atrevimento da sátira a, mas só Machado realizou o cristal em todas as suas faces, a todas as luzes.

É claro que não podemos exigir da adolescência que apenas termina, do Sr. Ranulfo Prata, as qualidades de solidez e equilíbrio, de proporção e beleza, dos mestres consumados na grande arte da prosa.

Estamos certos, porém, de que as incorreções juvenis desse romancista não passam de vícios precários que irão desaparecendo com o tempo.

De outra coisa ainda estamos seguros, e é da boa fortuna com que se estrelou no romance, ao contrário da multidão daqueles que, todos ou quase todos, conferem a lira a única expressão do sentimento.

São em pequenos números os nossos prosadores; muitos deles se perdem em filosofias pedantescas e abstrusas, outros se deixam devorar pela veracidade do atualismo, na crítica e na crônica e em toda espécie de obras fúteis e efêmeras.

Somos, a maior parte de nós, involuntariamente uns suicidas, e a mau grado do nosso egoísmo, os maiores inimigos de nós próprios.

É assim o jornalismo e Deus o livro, ao nosso jovem autor, dessa "camuflagem" do talento e da literatura, que se chama a imprensa...[33]

O Triunfo

Altamirando Requião

O livro que tenho em mãos é a estreia de um jovem de talento no romance realista moderno. O realismo é ainda hoje a fórmula literária capaz de todas as relações em psicologia, e se liberto dos exageros e das extravagâncias que o fazem uma simples aberração, constitui-se um campo magnífico de ação estética e intelectual de inestimável e indiscutível valor.

Bem sei das antipatias que desperta, como das acres censu-

33 Diário da Manhã. Aracaju, 1º de outubro, 1918. Republicado da edição de 29 de setembro por ter saído com algumas incorreções.

ras que provoca. Flaubert exemplifica maravilhosamente a assertiva, com a sua Madame Bovary, que representou um papel de acontecimento social, na época de transição em que surgiu nas letras francesas. O livro venenoso do cinzelador dos costumes cartagineses, ressurgidos em Salammbô, ainda agora mostra os sinais indeléveis que teve de suportar para não morrer.

Que querem, porém, os adeptos e doutrinas outras, opostas a esse rumo da instituição literária?

Se "a arte é a natureza vista através de um temperamento", não temos senão que nos conformarmos com as espécimes dessa mesma natureza, que nos são apresentados, de acordo com as emoções e com a alma de cada indivíduo. O homem é o que é, e não o que os demais querem que ele seja, razão de sobra essa para inspirar a tolerância que deve dominar sobre todos os julgamentos e apreciações, se não quisermos ser iníquos, antes mesmo de sermos imbecis.

Como exigir que a Sra. Albertina Bertha, por exemplo, escreva fantasias à Feuillet ou a Lamartine, e que o nosso fecundíssimo Coelho Neto dê para tracejar imensos quadros a Zola?

Seria o despautério, antes de ser a chatice dos papalvos que dorme no íntimo de noventa por cento de todos os críticos de ocasião.

É assim que entendo as coisas, e a entendê-las de modo diverso, preferência não ter nenhum entendimento.

O Sr. Ranulfo Prata, pois, escreveu um livro francamente realista, mas de realismo não incontido, moderado, tangenciando pela impressão exata que todos temos das coisas que nos cercam, sem com tudo descer à lama vocabular que o próprio gosto estético e literário repele comumente.

O seu romance focaliza, acima de tudo, dois grandes aspectos: – o da vida simples de uma localidade do interior em

atraso, e o da existência tumultuária de uma grande capital como o Rio.

A primeira parte de sua história passa-se em Anápolis, cidade sertaneja de pouca importância, onde reside o protagonista do livro Quincas Mendes, misto de madraço e de matreiro, raposa destinada a vencer na vida por meio dos expedientes mais servis, sempre convencidos que daí por diante se levantará!

O que lhe falta em inteligência verdadeira, lúcida, capaz, brilhante, sobra-lhe em queda; em instinto, em intuição, por assim dizer, para o triunfo...

E é devido a essa qualidade, essencialmente sua, que ele consegue chegar a bacharel, em seguida a promotor de sua cidade natal da República, e por fim a gran-senhor, que joga no "Clube dos Diários", aposta nas corridas, bebe champagne ao jantar, e membro de uma dúzia de sociedades, habita num palácio de Copacabana e possui automóvel.

Tudo na vida lhe serve de arma para subir, até a mulher com a qual se casa, e que é o seu principal elemento de vitória, no meio da sociedade carioca.

O romance daí por diante entra na sua parte mais acalorada e viva.

É uma carreira vertiginosa para o delito, para a deslealdade, para o adultério, para o sacrifício supremo em prol do luxo e da figuração!

O Rio fotografado em todo o seu objeto esplendor eis o que são os últimos três capítulos d'O Triunfo.

No decorrer dessas páginas, há passagens, há trechos, há fragmentos, há frases, há descrições que deixam clara a forte e vibrátil inteligência do romancista, cheio de futuro e de impressões que de todo não foram ainda exteriorizadas.

Assim é que, mesmo nos melhores pontos de ação do li-

vro, está evidente que o Sr. R. Prata não se desenvolveu suficientemente, e que a estreia de hoje não é mais do que uma cintilantíssima perspectiva de outras obras posteriores mais perfeitas e completas.

Nem podia deixar de ser assim, por uma lei natural...

No começo do capítulo V, há essa comparação de meninote, que escreve o seu primeiro conto:

"...A Avenida, como uma mulher histérica, estava no período de excitação. Formigava."

A cena do encontro culpado de Angelina, a mulher de Quincas Mendes, com Godofredo, amigo e protetor do mesmo, é de uma precipitação inaudita, sendo até ridículas as palavras de confissão amorosa do apaixonado lamecha.

Entretanto, que bela descrição da Rosinha, da sua desventura, das intrigas políticas de Anápolis, e de Angelina, que "era uma flor silvestre, criada entre as boninas, nos vastos campos do Riacho Preto!"

Uma coisa desmerece, em parte. O Triunfo e com pesar o digo: – é a vernaculidade, afetada em muitos pontos, de incorreções e deturpações, que poderiam ser facilmente evitadas.

Em todo o caso, o seu autor há por certo, de corrigir-se mais tarde, e é nessa esperança, que eu daqui bato palmas à sua promissora avançada no terreno do romance nacional...[34]

34 Salvador. Diário de Notícias, 22 de novembro, 1918. Republicado: Aracaju. Correio de Aracaju, 1º de dezembro, 1918.

Juízo e comentários

– Sobre O Triunfo, Romance de Ranulfo Prata –

João Cabral

Tarde será, talvez, para dizer-me, no entanto, que na seara das letras será sempre tempestivo qualquer juízo ou comentário que se exteriorize com sinceridade, justeza e elevação de ânimo.

A palavra é a concretização viva e imortal de sensações pressentâneas.

Sempre que um livro lido perlido me deixa nas faculdades retinentes do espírito uma impressão vivaz, é de meu hábito fixá-la, defini-la, num lance de vista, por um comento rápido, sintético.

É o que faço agora, à plena luz do juízo literário de Sergipe.

No meu torrão nativo, os seareiros das letras são meia dúzia de moços promissores, mergulhados numa apatia melancólica e renunciante, ou um que outro escrevedor já velho, já desenganado e encanecido, havido em conta de erudito, com devotos e altares, onde o consagram por uma tradição encomiástica, que todos respeitam e transmitem como a expressão inviolável de uma verdade sólida.

Quem anda a contrapelo da opinião vulgar há de ter sobre si, inevitavelmente, os convícios supliciadores da escumalha social que não perdoa o ser sincero, justo e indobradiço.

É a realidade em sua rudez necessária...

Não me promove, neste passo, interesse de nenhuma casta,

mais que a de ser justo, na medida do meu alcance, pois o fazer justiça é, dos contentamentos humanos, o maior e o mais legítimo.

O Triunfo do Sr. Ranulfo Prata é um romance de iniciação literária, adicionado há quatro meses, lido e festejado por larga cópia de gente ilustre e que muito deixa entrever das possibilidades amplas do seu autor.

E essas tão evidentes a inescurecíveis são que o próprio João Ribeiro, mestre colendíssimo e demolidor de ilusões literárias não lhe negaram precônios, não lhe minguou o mérito real e soube propiciar-lhe, a esse respeito, palavras alentadoras, conclusões benévolas.

Quanto a mim, li O Triunfo em dias de entediamento, entre águas crespas e mugidoras, sobe a sugestão nostálgica do oceano, e aquelas paginas vivas, centelhantes, despertaram-me admirações pelo imprevisto de cada lance, pelo vigor da elocução, em que se revelavam, luminosamente, os dotes raros do escritor, já definidos, já acentuados.

Um livro, que se escreve à plena luz da mocidade, quando todas as demasias e descomedimentos são naturais, leva sempre insobriedades, excessos, perabundâncias.

A seiva juvenil, com que ascende na cáudice das árvores novas, transmuda-se em vitalidade, amplitude, expansão e não há de buscarmos medida justa onde tudo é desmesurado.

O Sr. Ranulfo, porém, possui já, por temperamento ou esforço próprio, a noção precisa das proporções de si e raro em raro se lhe transvia a pena, não é isso mais que a exteriorização involuntária do seu espírito moço, incendido, vivaz.

O romance é, por si mesmo, um gênero difícil, onde melhor se verificam e ressaltam as possibilidades de uma inteligência criadora.

Exige certas condições imperiosas, iniludíveis, imprescin-

dentes que só o tempo e o perene meneio dos mestres exemplares podem determinar. Injunge o estudo, a observação, o convívio diuturno de arte e mais a penetração perspícua, a sagacidade de aprender o assunto, flexibilizando-o amplificando-o.

Um bom romance é o produto de grandes lavores suplicantes, em que o artista se faz castigador de si mesmo, num recolhimento de reclusão e egoísmo e tudo nele é então esforço incontestável em emendar polir, amplificar ou condensar um trecho, lapidar um período tessendo * o fio a fio a fina teia, que virá a ser o fruto ótimo do seu trabalho a consagração do seu renome.

Só ao declínio dos anos, extinta a exaltação dispersiva da juvenilidade, é que melhor podemos compreender a necessidade da quietude e dos silêncios fecundos para a realização de uma obra imperecedoura.

E então se verifica que a arte quanto mais simples, mais sóbria, mais natural tanto mais é perfeita e inimitável.

Nós moços, porém, ao clarão ofuscador de ilusões crepitantes, não sabemos a virtude da concisão e da justeza; trazemos a vitalidade rica das seivas impetuosas, as impulsões do ideal, todas as ânsias de ascensionalidade, a visualidade exagerada das cousas e tudo isso nos exalta, faz nos vibrar, numa iluminação interior.

Inegavelmente o Sr. Ranulfo Prata, – um dos rebentos ilustre da milagrosa terra de Sergipe, – tem dotes excelentes de romancista.

No Triunfo há muita cousa que não agrada de todo em todo: há muito lance precipitado, por onde poderia o artista haurir fontes ricas de interesse narrativo.

Deparam-se-nos, contudo, expressões felicíssimas, pitorescas, evocativas; períodos vivos, ágeis, centelhantes de naturalidade, que vão diretos à sensibilidade de quem os lê e despertam idéias, visualidades, sensações.

Um dos graves defeitos no romance é a elocução abstrata, inerte, fria, que não vibra, não transmite impressões.

O Sr. Ranulfo foge a esse labéu.

Na arte descritiva tem páginas boas; não se expande em dissertações inúteis, requintadas. Não enuncia os caracteres das personagens, preconcebidamente, antes faz ressaltá-los no decurso da narrativa, ao entrelace dos acontecimentos.

O vocabulário é rico, mas sem afetação, o autor possui o dom raríssimo de obter efeitos novos como palavras vulgares e usadiças, – pela sua combinação hábil e inédita.

O segredo da linguagem está na precisão e propriedade das expressões.

Assim, pois, à parte uma ou outra mácula de invernaculidade, o Sr. Ranulfo Prata triunfa magnificamente pelo seu estilo simples e ágil.

É uma promessa feliz para a nossa terra natal. Não lhe regateio o meu aplauso anônimo, mas sincero...

Rio, dezembro de 1918.[35]

*. Escrevo tesser e não tecer por motivos de etimologia – Vide o étimo latino texere.

35 Diário da Manhã. Aracaju, 29 de dezembro, 1918.

Às Quartas-feiras

Carlos Garrido

Transcrevemos linhas abaixo, do Jornal de Alagoas, de 23 de fevereiro próximo findo, a crônica do inteligente moço Carlos Garrido, sobre o romance O Triunfo do nosso talentoso patrício Dr. Ranulfo Prata, que se acha atualmente clinicando no Estado de São Paulo, sem com tudo se descurar das letras, pois, segundo estamos informados, dentro em pouco dará novamente publicidade a outro romance.

***

Epifânio da Fonseca Dória, meu exemplar amigo e nome que, irradiando de Aracaju, já se tornou, pela dedicação e zelo com que dirige a Biblioteca Pública de Sergipe, um nome nacional, quis ainda há uma semana dar-me, com mais uma prova carinhosa da sua bondade e da sua afeição que me comove testemunhar valioso de uma nova revelação, em documento destes dias, espécimes merecedor de alto apreço – nova evidência material do quanto tem podido realizar o cérebro do norte pela grandeza literária do país.

É assim que me enviou pelo Correio para que os meus olhos lessem e afim de que a emoção dessa leitura me pudesse perdurar no espírito – O Triunfo – romance com que estreou nos arraiais da publicidade Ranulfo Prata, jovem médico recém-formado e seu coestaduano, de cujo merecimento como escritor – percorridas atentamente as cento e oitenta e cinco páginas do

seu livro – bem e pode dizer, tal qual a crítica o ano passado proclamou desse outro jovem e não menos valoroso romancista d'O destino da Escolástica – Lucilo Varejão – que não é somente uma promessa por que é robusta afirmação de talento e de tendência para o gênero, de si difícil e por isso mesmo pouco cultivado nesta época de muito verso fácil e de muita prosa breve...

Ranulfo Prata estudou profundamente a psicologia da nossa sociedade desde a cidade do interior à capital do país, e assimilando a técnica perfeita do romance, esboçou a obra – obra útil sobre tudo – que, revista sem demora, editada em 1918 e lida mesmo agora, constitui um ruidoso sucesso, tão flagrantes de realismo são os episódios que a enchem.

Eu de mim, que anteriormente me embebera desse encanto com que escrevem romance no Brasil, dentre outros, Papi Junior – o heróico cinzelador do Sem crime – e Xavier Marques, que a Academia por fim recompensou em o elegendo para a ilustre companhia – e que ainda admirando e aplaudindo as mocidades sadias e fecundas de Romeu d'Avelar e do novelista d'A mulher do próximo não me hei deixado estranho ao rebrilhante esforço de Raul de Azevedo dando-nos Onde está a felicidade... e de Rodolfo Theofilo, o bem aventurado *conteur* da saudade triste e do infortúnio doloroso dos bizarros paroáras (para não trazer à baila a personalidade superior de Afrânio Peixoto) – eu de mim confesso – que não existo um instante em assegurar a glorificação dessa juventude radiosa, que tem a seu favor, para tanto, mais, uma naturalidade de estilo, de linguagem, de comparações, e de tropos, que nos empolga de entusiasmo pelo seu espírito que nos enternece ao mesmo tempo com a lembrança de que Sergipe e a Nação têm, no seu pensamento, na sua cabeça, a seqüência ininterrupta desse fulgor que faz das mais belas tradições da nossa terra.

Vê-se entanto; sente-se – não vai bairrismo eu acentuar –

que o norte porfia por não ceder a palma à mentalidade do sul. Produzindo sempre frutos opimos nessa como em todas as outras modalidades das letras pátrias, tanto mais gloriosas quanto elas têm contado em todas as fases da sua evolução vocações fortes, espontaneidades como essa de Ranulfo Prata – sol em aurora que quando chegar ao zenith... por certo que eu nem mais ousarei erguer os meus olhos para o mirar, tão alto ele está destinado a subir...[36]

36 Correio de Aracaju. Aracaju, 09 de março, 1921.

RANULPHO PRATA

dentro da vida

CLUBE DO LIVRO SÃO PAULO 1953

Ranulfo Prata – Dentro da Vida

Perillo Gomes

Dentro da Vida, do Sr. Ranulfo Prata não faz exceção à tendência genérica do romance para o sofrimento. Ao contrário, quase todo ele, da primeira a última página, não é senão pela dor que faz apelo à nossa sensibilidade. Escrito no tom de narrativa, começa pelas mais dolorosas reminiscências:

"Nasci na humildade e no sofrimento. As cenas e episódios da minha infância amargurada tenho-as ainda na mente, entalhadas na memória. Dessa época dolorosa guardo, como um consolo supremo da minha mãe, cheia de resignação e bondade, a padecer silenciosamente, sem uma queixa, sem um gemido, santamente muda.

Só as paredes desnudas e frias daquele casebre do Meyer poderiam testemunhar o quanto de miséria houve ali, anos seguido, sem alternativa, irremediável como a própria fatalidade. Mas elas miram, desapareceram, levando nos escombros e para esquecimento, o segredo do meu lar que não foi lar".

O autor prossegue a narrativa dolorosa que ele figura como suas: são as cenas de violência do pai alcoólico que acaba sobre o mármore do necrotério da polícia; é o espetáculo do todas as vicissitudes companheiras da miséria curtida até o dia em que a mãe, tuberculosa fecha os olhos no derradeiro sono em estreita cama de hospital; são os maus tratos em casa de um padrinho que o recolhera para amparar a sua orfandade. Depois a perseguição ao relento, sem pão e sem teto, pelas ruas da metrópole. Em suma, o autor conta muitas outras decepções, muitas outras amarguras, até que tendo conquistado o grau de doutor em medicina, vai exercer o seu apostolado em quieto recanto do grande solo mineiro.

Então nos fala da natureza e dos homens que conhece

pela primeira vez, e ora descreve uma paisagem, ora revela um costume da pitoresca vila de São Thomaz do Aquino.

O autor consegue manter sempre ativo o espírito do leitor. Aqui e ali pode haver um ponto em que diminua a intensidade da nossa atenção sem que, contudo chegue jamais a enfraquecer-se. Logo, porém que alcançamos o encontro do personagem central do romance com Cândida Maria, e ao desenvolvimento do fato amoroso entre eles, entra o enredo na sua fase aguda, a mais absorvente. Daí em diante frente de tal modo o nosso espírito que a leitura se faz quase num fôlego.

Cândida Maria é filha de ricos fazendeiros, a quem, no entanto infelicita uma herança terrível: o mal dos lázaros. Ela espera que os pais, mais cedo ou mais tarde, paguem o tributo do horripilante mal. E mais ainda ela sabe que mesma não poderá fugir a esse infortúnio, e faz a sua preparação interior para suportar com resignação a fatalidade desse destino. Assim, espalha quanto bem pode entre os pequenos e os infelizes, e enche a sua alma dos consolos da religião, desprendendo-se de todas as ambições terrenas.

A presença de Jorge, o médico, altera um pouco esse programa todo espiritual. Porém ela encontra forças em seu coração para tornar intangível, de um largo e nobre idealismo, a afeição com que corresponde à desse moço, também como ela devotada à causa dos sofredores.

O Sr. Ranulfo Prata que nos diálogos, quer na correspondência, gênero este de ordinário tão ingrato, soube fugir ao prosaísmo, digamos mesmo: manteve sempre alta a nota da emotividade. As situações deu sempre a fisionomia que lhes convinha, e aos indivíduos imprimiu feição própria, de acordo com as regras fundamentais da caracterização.

Entre outras virtudes desse romance, devemos apontar a de elevar e enobrecer os tipos que põe em destaque, o que é seguro indício de que serve a sadia, a verdadeira orientação estética que se resume nesta fórmula: ''Realizar o ideal e idealizar o real''.

Muitas outras cousas há que louvar no romance do Sr

Ranulfo Prata, não só do ponto de vista exclusivo de arte como das suas consequências morais. Bastemos, porém acrescentar que é um bom livro, sincero, sentido, e se é triste é, porém de uma tristeza que consola que tonifica; de uma tristeza purificadora que nos faz sentir a ação da beleza e da bondade sobre a terra.

Terá defeitos, não contesto. Lembro, porém que é romance de um moço que não deu ainda tudo quanto está nas possibilidades do seu talento e nas promessas da sua arte.[37]

37 O Jornal. Rio de Janeiro, 25 de junho, 1922.

Dentro da Vida

Diário da Manhã

D'O País, de 13 de julho próximo findo, extraímos a excelente crítica feita no último romance do nosso jovem patrício – Dr. Ranulfo Prata:

Tocante pela sua simplicidade e o acento de sincera e vivida emoção dos seus episódios é o Dentro da Vida (narrativa de um médico de aldeia), do Sr. Ranulfo Prata. Escrito despretensiosamente, em um estilo trivial mas adequado as situações que urde e descreve aos quadros pitorescos que esboça, dá a impressão, de início, de que o autor o escreveu, não apenas por fazer literatura, mas por uma necessidade sentimental, por um impulso irresistível de deixar vivendo em livro algumas horas profundas, mais de tristeza que de alegria, da sua própria existência.

Pertence a essa espécie de livros que conquistam desde logo a nossa admiração, penetrando-nos de uma estranha simpatia, de um indefinido sentimento de fraternidade para com os que sofrem de tal modo, as primeiras páginas, nos põe em contato com as cenas da realidade de todos os dias, de pequenas misérias e injustiças.

É a história singela e empolgante de uma pobre criança, nascida no infortúnio e na desgraça, enxotada desde o berço pelo vento mau da fortuna, que, através de todas as privações e sofrimentos, logra formar-se em medicina, indo começar a vida a um lugarejo no interior de Minas.

Ali, vencidas as primeiras dificuldades da profissão, vem a conhecer o coronel Pereira, fazendeiro em Santa Clara, último re-

presentante de uma rica e tradicional família do lugar, mas que sofre de um mal incurável – a morféia.

É em torno de Cândida Maria (filha do coronel, já atacada pela doença terrível), figura angélica de menina e moça, digna de um poema de Novais, que se desenvolve a ação central da narrativa. São de um vivo quadro de Goya as impressões que deixa a cena dolorosa do encontro de Beto Luiz (que este é o nome do médico) com "aquela que era um anjo disfarçado" (como pensava a gente simples da vila), quando já monstruosamente deformada pela moléstia.

Está cheio o volume de quadros que ficam a comover-nos longamente, após leitura.

Releva uma fina observação, uma discreta minúcia de traços os flagrantes de vida que o autor consegue aprender no vazio e bronco meio provinciano.

Mas o que permanece como impressão dominadora de todas as outras, e há de ficar como uma criação na literatura nacional é a figura de mártir de Cândida Maria na sua história trágica, na sua renúncia, na sua resignação de santa, no seu sacrifício sobre-humano ao amor do médico, que a venera espiritualmente, que a vê sempre sob uma aureola mística...

Sem ser propriamente um romance nem uma autobiografia, creio, Dentro da Vida em o seu maior encanto em participar de ambos esses gêneros literários: interessa fundamentalmente como um conjunto harmônico que é, no seu entrecho, e ao mesmo tempo oculta um não sei quê de real, de vivido, que lhe empresta este caráter de sensação sentida realmente, anotada dia a dia, feição que tanto agrada e seduz nos "jornais íntimos" e nos romances, em que nós mesmos somos os personagens...[38]

38 Diário da Manhã. Aracaju, 23 de outubro, 1922.

Ranulfo e o Mal de Lázaro

Acrísio Torres

Li semana passada, Dentro da vida, romance de Ranulfo Prata. Neste romance o autor se revela já um emotivo, comunicando-nos a força de seu impressionismo das cousas dolorosas da vida. Revela-se já, também um notável paisagista. Raimundo era quartanista de medicina, quando publicou este romance de costumes sertanejos. Estudava na Bahia, mas concluiu o curso médico no Rio. Tinha uma forte razão para preferir o Rio. É que foi sempre grande a sua ânsia de análise da psicologia social, e nenhum meio melhor que o Rio, centro intenso de idéias.

Dentro da Vida traz como subtítulo "narrativa de um médico de aldeia". Neste romance, Ranulfo Prata conta a história de uma família de Lázaros. Fazendeiros ricos, "tarados de sânie". É por Cândida, última flor brotada nesta família de Lázaros, que se apaixona o médico da aldeia. Nasce entre eles um amor dulcíssimo, só interrompido por ela quando sente que nela "o mal chegou, enfim". E, para afastar o enamorado, o médico da aldeia, Cândida lhe diz. "Bento quero que você não venha mais a S. Clara, que não me veja mais, está ouvindo? Que não me veja mais...?"

E, súplice, resignada, confessa. "Não se moleste, meu amigo, não me queira mal. O destino não quer que continue para mim a tão grande ventura deste viver. Estou doente. O mal chegou, enfim. Não me causa surpresa, já o aguardava. Sinto que ele me invade as carnes, levando-as impetuoso para a dissolução e para o nada. Apesar de amar a vida, não temo a morte. Ela não

me horroriza. Pelo contrário, será para mim, neste caso, de uma infinita bondade. Não me acho uma desgraçada. Merecia a sua afeição. E o quanto basta para morrer feliz".

Morrer Cândida. Lege a fazenda S. Clara e toda a sua fortuna para um leprosário. E eis as humaníssimas conclusões do autor, as reflexões profundas de médico de aldeia, o próprio Ranulfo, exemplo raro de amor, saber e dedicação médica. "A minha vida resume-se em duas únicas coisas um culto e uma ambição. O culto da memória de Cândida, e a ambição de descobrir a terapêutica do mal de S. Lázaro. Não se dirá que sou infeliz. Uma grande dor e uma grande esperança fazem que a vida valha ser vivida. Lamento não ter lido antes este tocante romance. Peço perdão aos manos de Ranulfo Prata![39]

39 Gazeta de Sergipe. Aracaju, 10 de junho, 1978.

RANULPHO PRATA

O LYRIO NA TORRENTE

EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

Os romances brasileiros
O Lyrio na torrente

ABC

O Dr. Ranulfo Prata é um romancista dotado de predicados pouco vulgares entre os nossos escritores de ficção. Seus livros – romances, novelas, contos – , atestam um equilíbrio interior, uma serenidade uma harmonia em descontinuidades, nem contrastes. A imaginação nunca se lhe desgarra para o fanatismo e o inverossímil. Seu estilo é um dos mais fáceis, límpidos, correntios da nossa novelística, uma linguagem natural e rítmica, cuja maior sedução reside na simplicidade vocabular.

Possui ainda o Sr. Ranulfo Prata, – e essas qualidades predominam no seu novo livro, O Lírio na torrente – a graça da narrativa, a fabulação sugestiva e uma rara acuidade psicológica na composição dos personagens, que vivem, de uma vida intensa na ação da novela, nos lances de dramaticidade nos mínimos detalhes do enredo. Situando o seu mundo fictício no hinterlan paulista, fixou o romancista, com sutileza e veracidade de observação, pitorescos aspectos da vida das pequenas cidades, figuras típicas da roça e costumes curiosos dessa gente rústica. A paisagem vai-lhe da pena ceia de colorido e de realidade, denunciando no escritor, a par do animador ágil de caracteres, um temperamento pictórico igualmente vigoroso e original.[40]

40 Rio de Janeiro. Revista ABC, 10 de outubro, 1925.

O novo romance de Ranulfo Prata

Emílio Rocha

Eu ainda não tinha transcrito todas as críticas que os jornais fizeram de A Longa Estrada, como é do meu intento, e já Ranulfo Prata dá a luz da publicidade outro belo romance – O Lírio na Torrente.

A gente começa lendo o enredo sem interesse. Um filho bastardo daqui do interior é chamado pelo pai que era rico, para residir no Rio. De temperamento frouxo, enfezado nem quis seguir a carreira burocrática nem a comercial. Encaminhado para a terra do ouro verde, não só levou consigo o anelo de juntar dinheiro; também lhe fervia no coração um grande amor por Chiquita, carioca loira que lhe tornou romântico.

Tomando a frente duma agência muito lucrativa, descobriu tempos depois, que concorria de algum modo, para transações sem escrúpulos. Enojou-se e procurou ganhar a vida honestamente, bem no centro das matas.

Abri o laureado escritor descreve, com brilho, a capacidade produtora da terra paulista. Fica-se tão impressionado que o desejo que se tem é de abandonar este Norte ingrato e procurar aquelas regiões opulentas.

O filho bastardo, depois de trabalhar muito, esbarra. Uma angústia profunda fere-lhe a alma. Chiquita traíra o seu amor entregando-se a prostituição!

Sofre. Sofre muito. Atacado de terrível psicose capacita-se para o trabalho e torna-se um admirador extremado da natureza.

Certa noite, porém, alguém bateu-lhe a porta. Abriu-se.

Era Chiquita.

Exultou. Pareceu-lhe acordar de um sonho muito longo. Na sua alma escura entrou uma nesga de sol. E acordou-se para a vida, para o Amor.

O escritor patrício descreve com verdadeira poesia o idílio desses dois amigos. Não há felicidade duradoura. O bastardo, depois de algum tempo, começou a ver com os olhos da sua imaginação, vestígios de outros beijos, beijos ardentes e lascivos, no rosto lirial da sua amante.

Um ciúme forte envenenou-lhe a alma. Agora só desejava morrer com ela, bem juntinhos...

E, numa tarde silenciosa, tendo por testemunhas as árvores verdes e as garças cor de neve, se deixaram arrastar pela torrente do murmuroso Tietê até se engolfarem para sempre, unidos num só beijo e num só abraço na cachoeira formidável do Salto.

– O Lírio na Torrente tem páginas que impressionam, outras que entusiasmam, outras ainda que sensibilizem.

Continuo a dizer que Ranulfo Prata é a mais bela esperança a Sergipe, no meio literário.[41]

41 A Luta. Cidade de Anápolis – Comarca de Simão Dias, 11 de outubro, 1926.

RANULPHO PRATA

A LONGA ESTRADA

(CONTOS)

EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

Literatura do Sertão

ABC

O regionalismo na literatura brasileira é, quase sempre, uma atitude de citadino desencantado, um esnobismo às avessas. O escritor tentado por essa curiosidade literária, desejando autenticar a sua especialidade, geralmente pouco, mas julga que tem a fazer do que se munir de um dicionário de argot caipira e para ele verter os diálogos dos seus romances ou contos. Do caráter da genes sertaneja, do seu semblante moral, dos seus costumes pouco se pode aprender a porta da Garnier ou da Alvear, com o só auxílio o receituário de Catulo (o cearense) ou dos chernovizes folkloricos... Mesmo no tocante à parte glótica do gênero, os sertanistas da Avenida, não são mais exatos. Confundem dialetos e modismos, pondo muita vez na boca de um guasca a gíria dos mamelucos da Amazônia ou dos cabras do nordeste. O Sr. Ranulfo Prata, no seu livro A Longa Estrada não incide de tais disparates, mesmo porque fugiu ao desgracioso, capricho de decalcar dialetos sertanejos. Dão-nos, sim nas suas interessantes narrativas, belos quadros, cheios de cor e movimento, da vida rural, figuras rústicas, costumes, superstições e preconceitos dos quais ressalta a pitoresca fisionomia social das pequenas cidades da roça. Com a honestidade dos seus propósitos, o jovem escritor apresenta a simpatia da crítica e do público outros títulos legítimos, uma linguagem simples e pura, facilidade de fabulação e de narrativa e um vivo sentimento das realidades do ambiente das suas ficções.[42]

42 Rio de Janeiro. Revista ABC, 1º de agosto, 1925.

Um livro apreciável

Gazeta do Povo

A literatura brasileira acaba de ser enriquecida de mais um trabalho e verdadeiro mérito. Não fora hoje acentuado lugar comum, e diríamos que esse trabalho consiste perfeito sucesso de livraria.

Queremos nos referir ao livro de contos, que o nosso talentoso patrício e afamado romancista Ranulfo Prata vem de dar à estampa com o título – A Longa Estrada. O consagrado autor de O Triunfo e do Dento da Vida, no livro a que nos vimos referindo, se afirma o mesmo fino observador dos homens e das cousas do nosso país, o mesmo lavorista da frase bem cuidada e do estilo sugestivo e impressionante. Ninguém melhor do que Ranulfo Prata sabe escrever os costumes rústicos do nosso sertanejo, nem traçar com tintas mais apropriadas os quadros da natureza selvagem do Brasil nordestino.

Qualquer dos contos de que se compõe A Longa Estrada é magnífico, mas a nossa atenção ficou mais presa à leitura dos que se intitulam – "O moço esculápio", "Razão de Ser", "Tio Neco" e "O tropeiro".

Os apreciadores das boas letras muito lucrarão com a leitura dessa coletânea de pequeninos romances, verdadeiros primores literários.

Somos gratos a Ranulfo Prata pelo exemplar que gentilmente nos ofereceu.[43]

43 Gazeta do Povo. Aracaju, 04 de agosto, 1925. Republicado, A Luta. Cidade de Anápolis – Comarca de Simão Dias, 10 de agosto, 1925.

O novo livro de Ranulfo Prata através da crítica

Gazeta do Povo

O crítico literário d'A Noite, do Rio, assim se manifestou de referência ao novo livro de Ranulfo Prata, primoroso sergipano:

A longa estrada – pelo Sr. Ranulfo Prata

Com esse título, Ranulfo Prata, cujos trabalhos literários são sempre recebidos com agrado, alinhou uma série de contos sertanejos, deliciosos, como enredo e como forma. A Razão do Ser, O moço esculápio, O Tropeiro, para citar três, ao acaso, são contos de uma leveza encantadora, de um humor finíssimo e delicado, demonstrando bem a segurança e a maestria da pena que traçou o perfil de seus tipos ingênuos e simples.

Com A Longa Estrada se firmariam os méritos do escritor, se outras obras não tivesse ele para recomendar ao bom gosto dos que, nesta terra, sabem ler e apreciar esse gênero. [44]

44 Gazeta do Povo. Aracaju, 10 de setembro, 1925.

O novo livro de Ranulfo Prata Através da crítica

Gazeta do Povo

Assim noticiou o Correio da Manhã, o Rio, o aparecimento do novo livro do escritor sergipano Ranulfo Prata:

A longa estrada – contos de Ranulfo Prata

O conhecido escritor sergipano acaba de publicar mais um volume e este contendo a última coleção dos seus contos. Depois dos sucessos dos seus romances O Triunfo e Dentro da Vida, o Sr. Ranulfo Prata reaparece com mais este trabalho, por onde se vê que o seu estilo cada vez mais se apura e mais define a individualidade do jovem novelista.

O Sr. Ranulfo Prata tem o gosto da literatura regional. Pertence mesmo á legião dos que se preocupam com a vida dos caboclos e a psicologia do caboclismo, e, como é sertanejo fala com conhecimento, por experiência do trato pessoal com a sua gente e a sua terra.

O seu gênero aproxima-se muito daquele que fez a fortuna literária de Afonso Arino e alguns dos contos de A longa Estrada podiam ser assinados pelo saudoso escritor mineiro-paulista.

A edição, bem acabada é do anuário do Brasil.[45]

45 Gazeta do Povo. Aracaju, 14 de setembro, 1925.

A Longa Estrada

A Luta

Acabo de ler com entusiasmo, o terceiro livro do Dr. Ranulfo Prata, A Longa Estrada, edição do Anuário do Brasil, Rio de Janeiro.

Saúdo agora à lume, em meio de uma aluvião de livros novos, nem por isso ninguém o deixará à margem, tal a beleza dos contos literários de que se compõe.

Razão de Ser, eu e o primeiro conto do livro, vale por uma obra monumental. Balthazar, é a personagem mais em evidência, vivia entregue a maior preguiça. Na sua choupana entrava até o mato, sem receio de ser roçado pelo gume da foice...

Objeto de valor tinha apenas uma viola, a qual só deixava quando precisava caçar para saciar a fome.

Trovador experimentado, amou uma menina que lhe tinha adoração. Casar, não podia. Fugir com ele, não tinha coragem. Nesta incerteza, procurou um recurso para possuí-la. Como? Trabalhando. E foi o que fez. Foi à terra do café, onde a natureza protetora adjuntora o braço que trabalha.

Fez-se homem por um sentimento único: o amor, que lhe extinguiu com a apatia, dando-lhe força, vigor e coragem para o trabalho.

Depois de ficar proprietário de uma importante fazenda de café, em São Paulo, regressou a sua terra natal, a fim de contrair casamento com a menina que tanto amava. Ao chegar lá, quão profunda não foi a dor ao saber que ela já havia casado com outro!

Ele que ariscou tantas vezes a vida em meio de estran-

geiros; ele que abandonou sua viola e a quietude do seu sertão! Trabalhou como um mouro para fazê-la feliz e agora via-a nos braços de outro homem!... Oh! Como era cruel aquilo!

Ai o brilhante escritor diz: "As grandes dores não se descrevem, ou se sentem ou se imaginam".

Balthazar voltou à fazenda e se imobilizou numa rede, preso à grande mágoa que lhe sangrava a vida! Os vizinhos roubaram-lhe o terreno, numa fúria louca de enriquecer mais ainda. O infeliz voltou ao que era d'antes: preguiçoso, sem ânimo, vendo, com indiferença, o mato entrar-lhe de porta adentro.

Tem ainda Obstinação cujo enredo é bem o espelho da vida humana, com verdades impressionadoras. Adiante o escritor faz o leitor rir gostosamente descrevendo a heroicidade d'um simples Jeca cá do sertão: Os homens da cabeça de pito, frágil e pigmeu que conseguiu esbofetear todos os policiais da feira.

N' A Longa Estrada, Ranulfo Prata descreve com o fulgor dos romancistas célebres, as delícias fugazes do amor e as agruras, e os sofrimentos e os revezes da vida do homem.[46]

46 A Luta. Cidade de Anápolis – Comarca de Simão Dias, 26 de julho, 1926.

Impressões

Sobre o livro A Longa Estrada do Dr. Ranulfo Prata

Elias Carmello

Não tenho assunto para um regabofe espiritual. Olho a estante onde guardo os pouquíssimos livros que possuo e nenhum deles me convida a escrever, pois já os tenho lido e relido. Com que, então, matar esta idiossincrasia que me avassala a alma sedenta desse pabulo para lhe dar arras? Vou de um para outro lado do meu quarto de trabalho; minutos depois me disponho a sair para ir ter com o papa das letras em Sergipe, na frase do Dr. Nobre de Lacerda que é Prado Sampaio, legítimo orgulho da intelectualidade sergipana e ver se de lá arranco alguma novidade literária para descanso da minha ansiedade anímica. Desfeito, meia hora depois, o bonde Pinheiro Machado leva-me a este destino. Já à porta o encontro refestelado em sua cadeira de vime, gorro branco à cabeça e a respirar amplamente o ar oxigenado que lhe vem macio e levemente da praia.

Sem afetação mando-lhe prazerosamente o meu costumeiro cumprimento e me abanco na cadeira de que, pelo hábito, já me pareço seu dono, embora permaneça em sua casa, e entramos na prosa amiga.

Da sua boca pretende-lhe constantemente um cigarro de fumo marca Veado, seu predileto, e a palestra se inicia com aque-

la verve fina que ele sabe ter.

Cismado às espirais que o fumo silente descreve até desaparecer, vai reproduzindo, de quando em vez uma estrofe poética ou dito chistoso do grande mestre Tobias Barreto, o maior gênio de seu tempo.

E assim, nesta boemia admirável aos quantos lhes cercam, enchemos a tarde, de onde se vai com uma lição a mais.

Passaram-me toda aquela idiossincrasia: tinha agora a alma rarefeita para suportar, uns dois dias a mais a nostalgia da vida.

Ele naquela placidez que o caracteriza, gosta de fazer surpresas.

Ao dar-lhe as minhas habituais despedidas – agora ao Ceará – até, disse-me ele, sente-se um pouco mais, vou lhe dar uma cousa boa pra ler – A Longa Estrada, de Ranulfo Prata, ou já a leu?

Não lhe respondi, então esperei. Não se tardou e logo um volume de 140 páginas de impressão simpática, caiu-me às mãos; olhei-o e sobraçando-o lhe repeti o clássico até.

Logo que no bonde tomei assento, um relance d'olhos passei na primeira página daquele livro que bem valeu a surpresa.

Aguçou desde então a ansiedade da sua leitura, não na fazenda ali porque julgo pedantismo ler nos bondes.

Assim aguardei-me para casa onde melhor poderia sentir a força do talento, do seu autor, pois nenhum trabalho desse nosso inteligente patrício me havia ainda caído às mãos, apesar de saber das suas produções, através dos jornais.

E o li com interesse e ansiedade: achei-o bom, ótimo mesmo, dando-me a pensar que o Dr. Ranulfo Prata vai à vanguarda de quantos se apresentem nesse gênero de literatura, gênero, aliás, difícil.

A simplicidade de linguagem com que tão natural correntia e singelamente descreve o Dr. Ranulfo Prata o seu conto Razão de Ser, empolga-nos de tal maneira que aquele quadro,

assim descrito, parece-nos como visto numa tela, traçada por um desses gênios da encantadora arte de Horácio Hora.

O Dr. Ranulfo põe ali toda sua alma de beletrista exímio, assombroso mesmo.

Dou-me, pois, por satisfeito pelas duas horas a fio, em que, afastado do torvelinho das ruas e surdo aos boatos inanes que de boca em boca correm pela cidade inteira, estive espiritualmente preso àquela obra genialmente descrita e lhe envio o meu parabém afetuoso.[47]

47 Correio de Aracaju. 05 de novembro, 1926.

Teses

RANULPHO PRATA

A Renascença das lettras em França

(These apresentada ao Atheneu Pedro II, para preenchimento da cadeira de Litteratura).

1926
Estab. Graph. José Lins de Carvalho
ARACAJU

A Renascença das letras em França

A Luta

Empolgou-nos a leitura da tese apresentada ao Ateneu Pedro II pelo Dr. Ranulfo Prata, com o título supra. Conhecíamos como romancista inspirado e irônico, faltava-nos conhecê-lo como historiador.

Nessas teses o escritor patrício começa dizendo que o período da Idade Média não foi obscuro espessamente sombrio, mas, sim um período preparatório, de elaboração e transição.

Fala-nos do feudalismo, do seu poder, da sua força e também da sua admiração aos trovadores daquela época.

Fala-nos depois com arroubo do surgir maravilhoso da Renascença e lembra os seus escritores e as suas obras, obras de estilo, de senso e de beleza.

Diz-nos o que foi a poesia, transcreve sonetos inspirados, por fim diz que a prosa teve muito mais brilho do que a poesia.

Cita Rabelais como o apóstolo da era nova na ordem moral, pois fez renascer a alegria de viver, indo de encontro ao ideal místico da idade média que via na vida uma simples preparação.

Diz que somente o teatro não evoluiu, deixando-se impenetrável aos ares puros da grande renovação.[48]

48 A Luta. Cidade de Anápolis – Comarca de Simão Dias, 18 de julho, 1926.

RANULPHO PRATA

Repercutiu na nossa litteratura o movimento romantico de 1830?

(These apresentada ao Atheneu Pedro II, para preenchimento da cadeira de Litteratura).

1926
Est. Graph. J. Lins de Carvalho
ARACAJU

Duas teses de literatura

Prado Sampaio

Apresentou-me o Garcia Rosa. Franzinamente organizado, de olhos claros e vívidos, discreto sorriso nos lábios, o tal Ranulfo Prata.

Conteur já o conhecia de um naturalismo doce e escoimado de escabrosidades. E desde então, penso que Sergipe nele depare o seu futuro romancista.

Rápido o nosso encontro.

Não tardei, porém em travar de perto conhecimento com o intelectual patrício, lendo com satisfação os trabalhos com que se candidatou à cadeira do Ateneu Pedro II.

Do que foi o concurso não registraram os jornais da terra uma nota sequer e nem do seu valoroso destinaram falar os nossos literatos, que são legião.

O certo é que os estudos passaram despercebidos sem que o fato possa causar estranheza a quem conheça o meio, infelizmente ainda hostil aos estudos superiores, às elevadas lucubrações da inteligência.

Despretensiosas, valerão, pois, estas linhas por um protesto contra a conspiração do silêncio pela justiça a que todos temos direito.

****

Duas as teses apresentadas: a primeira – A Renascença as letras em França; versando a segunda sobre o ponto formulado pela Congregação: "Repercutiu na nossa literatura o movimento romântico de 1830?".

O que foi a renascença das letras em França já não permite discussão. É trabalho feito no domínio da crítica literária por Sainte Beuve, de La Harpe, Edmundo Scherer, os maiores e melhores da crítica francesa, e, sob o ponto de vista histórico, magistralmente traçado por Guizot na Histoire de La civilisation em France, na parte referente ao renascimento.

Fez Ranulfo Prata com bastante talento de síntese e elevação crítica.

Tratando, em escorço retrospectivo, da fase histórica da Idade Média que elaborou a renascença, firmou ter sido a idade medieval um período de zimoses, de fermentação de povos e instituições, que deram nascimento às nações modernas e formaram os elementos essenciais da civilização atual.

"Foi na fase que se seguiu à desagregação produzida pelo bárbaro escreveu ele, que se elaboraram os elementos essenciais da civilização hodierna".

É um fato cuja documentação nos fornecem os achados da escola de Le Play.

Ela nos mostra que ao limiar da idade média a invasão dos Germânicos no século V encontrou preparada a ruína do império romano pela infiltração de povos estranhos ao seu organismo, que lhe vinham de há muito corroendo as instituições imperialistas, sendo, porém os Germânicos a última leva das migrações dos aludidos povos, aos quais devemos graças à sua organização particularista, as grandes nações que hoje ocupam a vanguarda da civilização.

Ranulfo Prata saiu-se bem no seu escorço sobre a renascen-

ça francesa literária; focalizou Rabelais e Montaigne como estrelas de primeira grandeza no céu do pensamento onde brilham e refulgiram as inteligências da Plêiade, e foram lançados os alicerces de um teatro que preparou o grande teatro francês.

****

Quanto ao romantismo, em rápidos traços de filogênese literária, firmou o jovem crítico que suas origens remotas prendem-se a Jean Jacques Rousseau, "como nele está também o germe da revolução". E dali asseverar que a nova concepção estética, vivificando o espírito nacional dos povos, foi um dos poderosos fatores que concorreram para dar ao mundo o sonhado liberalismo saído da fornalha revolucionária.

Não estou longe de pedir à lei do consensus, formulada por Spencer, a explicação do aludido fato. Porque somente à primeira vista nos pode parecer que a elaboração política desce origem ao romantismo, que criou a liberdade na arte. Em verdade, como fase do desenvolvimento intelectual e artístico (e não simples escola literária) o romantismo foi a forma correspondente ao racionalismo, como o naturalismo a feição correspondente ao cientificismo. É ponto este assinalado por escritor competente consoante os ensinamentos da crítica alemã e os desenvolvimentos autônomos e dispares da Política e da Arte.

Foram a meu ver, as paixões e doenças morais que afligiram a alma alemã que preferentemente criaram a atmosfera emocional em que surgiram o Werther, de Goethe e os Salteadores, de Schiller.

Para Ranulfo Prata o romantismo foi no Brasil – não uma repercussão, mas um prosseguimento da marcha entusiasta iniciada na Alemanha.

Aqui as nossas idéias se polarizam.

Não sabemos em que o espírito brasileiro trilhou na fase romântica, novos caminhos, nem rasgou novos horizontes literários e artísticos.

Repercutiu no amplo sentido do ermo, recapitulando o movimento espiritual alemão, direi melhor – o movimento literário francês, pois da França diretamente nos veio ele em 1836, com Domingos de Magalhães. Seguiu a Lamartine, a Chateaubriand a Hugo, dando às novas formas literárias pela adaptação os esplendores da nossa natureza e toda a subjetividade do dorso desequilíbrio étnico.

E eis Poe que recapitulou o movimento geral criando três escolas – a lamartiniana, a indiana, a condoreira.

A despeito, porém de compreendê-lo como uma persecução, ele firmou em seguida: "Antes de vermos o que foi o fenômeno estético entre nós, a sua repercussão em plagas americanas", etc.

E ficamos então de acordo e de pleno acordo ainda quando ao invés de fenômeno histórico (como escreveu repetidas vezes – não só em relação ao romantismo, como em relação à renascença) ele melhor se expressa, considerando-o de fenômeno estético, como deve ser considerado tanto um como outro. Poderia deixar cair ainda uma ligeira nota no referente a Tobias Barreto. Levado pelo influxo da crítica fluminense, contra a qual debalde protestou Silvio Romero fundando a crítica antropológica, escreveu Ranulfo Prata, em tratamento dos últimos românticos: "Da influência desta poesia entre nós resultou o condoreirismo, iniciado por Pedro Luiz e Tobias Barreto, aceito Varela e ultrapassado por Castro Alves, etc.

E aqui interrogo a mim mesmo: teria sido Pedro Luiz um indicador, um dos chefes da escola hugoana em nosso país? Tenho minhas dúvidas.

São pequenos nadas, esses, que em nada desfeiam o belo trabalho do jovem crítico sergipano, trabalho bem pensado e bem escrito e, digo-o com sinceridade, – bom e moderno.

****

Concluindo. Influenciado pelo meio, Ranulfo Prata abeberou-me no manancial da crítica francesa, parcial e apaixonada no que diz respeito ao romantismo. Mas, espírito progressista e observador, novas idéias lhe surgirão em breve, abrangendo o kosmos, o mundo, a vida e a sociedade. Será então um dos representantes do pensamento do seu povo, uma figura representativa de sua terra e da sua gente. Tal o que já se nos afigura lícitos esperar constatando em sua bagagem de romancista recortes de nossos céus e a clássica nostalgia do sergipano a dominar agros sofrimentos no inclemente combate pela existência.[49]

1928

49 Gazeta de Sergipe. Aracaju, 05 de fevereiro, 1928.

Sofrimento

À guisa de prólogo

Pe. Moisés Ferreira

Convidado gentilmente pelo Centro D. Vital, como Diretor do jornal católico – A Boa Nova – para assistir a uma conferência do erudito sergipano Dr. Ranulfo Prata, residente em Santos, S. Paulo, quando visitando seu berço natal e lar paterno, por ocasião de festejarem seus pais suas Bodas de Ouro matrimoniais, senti tamanho entusiasmo pelo que ouvi naquela noite de arte, que resolvi pedir ao seu autor, para dar publicidade; dando, assim, a quem não ouviu o sainete de ler o que o sábio disse.

Senão me falecesse a competência, falaria do literato, cantaria o profissional e enalteceria o experimentado, mas como reconheço a exigüidade dos meus méritos – Apresento – não o autor, que é Mestre, mas a obra que é vantajosa.

Ao público em geral e às famílias em particular, ofereço esse tributo do meu grande reconhecimento ao Exmo. Sr. Dr. Ranulfo Prata, pela atenção a mim dispensada.[50]

Aracaju, 1933

50 Ranulfo Prata, Sofrimento (Apresentação). Aracaju, 1933.

LAMPEÃO

Ramulpho Prata

ARIEL EDITORA LTD.

Lampião

Boletim de Ariel

O nome deste famigerado bandido, de tão triste celebridade, está constantemente na berra e, agora, raro é o dia em que os nossos jornais não lhe dedicam extenso noticiário. Tudo o que se tem Ito, entretanto, acerca do terrível cangaceiro e das suas atrocidades através do nosso sertão tem sido até hoje fruto de reportagens apressadas, sem o cunho do verdadeiro documentário, tão em voga atualmente na Europa, mas que além de probidade e zelo, exige a pena de um consumado escritor. Ranulfo Prata, nome já conhecido nas nossas letras, acaba de realizar esse trabalho numa obra que deverá aparecer ainda este mês e está fadada ao mais justificado êxito. Em outro local desta revista o leitor poderá certificar-se da justiça dessa nossa asserção, lendo a bela página em que o Sr. Ranulfo Prata, num estilo vigoroso e muito seu, nos retraça um impressionante perfil de Lampião. O livro, ornado de numerosas gravuras, acha-se dividido em novecapítulos, cada qual mais interessante, pois neles se sucedem e multiplicam as proezas e atrocidades sem conta praticadas pela façanha do bandoleiro. Caberá a Ariel Editora a divulgação deste livro sensacional.[51]

51 Boletim de Ariel. Rio de Janeiro, nº3, dezembro, 1933.

As excentricidades do Banditismo – Ranulfo Prata e, o seu livro sobre Lampião

Donatello Grieco

Ainda outro dia um jornalista francês falou da "decadência do documentário". Apontava exemplos significativos: os livros de "choses-vues", de reportagens sensacionais, de viagens pelo Tibet, arrancadas pelo Saara, "visões da China", "espelhos do Alaska", "infernos dos vivos", etc., etc., eram todos, muitas vezes, frutos de imaginação excitada. Nem sempre os "fatos" descritos correspondiam à mínima particular da realidade, ou os "gestos" exaltados apresentavam dez por cento de caracteres de autenticidade de fácil comprovação. Assim, o foliculário gaulês decretava a morte do documentário.

Sem querer incidir no vício brasileiro de achar que no Brasil tudo é assombroso, formidável, gigantesco, eu chamaria a atenção de tal jornalista, e de todos os descrentes nas obras de honestidade de documentação, para o volume que o Sr. Ranulfo Prata acaba de publicar sobre Lampião.

O assunto é velho. Como antiga é a fama do bandoleiro, e antiga a descrença dos nordestinos em qualquer possível medida para o extermínio do mal.

Ainda há meses, em Propriá, cidadezinha perdida às margens de um São Francisco muito minguado (uma desilusão, o São Francisco!), um caboclo narrava à assistência extasiada de jornalista do Sul, "fatos" e "gestos" de Lampião. Mas com uma perfeição de detalhes que tornava todos os aspectos da narrativa ainda mais saborosos. Perguntei-lhe então como conseguira tan-

ta minúcia interessante a respeito. E ele:

- Ora, todo mundo sabe. Nós todos somos repórteres "formados" em Lampião. Pois ele não anda por ai soltinho?

Nos primeiros tempos, o caboclo encarou o banditismo como uma praga. Depois, o espírito brasileiro dos filhos do Norte foi se acostumando com o flagelo: a praga, já que apresentava caracteres de eternidade, devia ser encarada de outro modo. Por exemplo, como a seca. A seca é uma praga contra a qual não há remédio. O banditismo será também encarado como a seca. Essa filosofia do caboclo.

Já o Sr. Ranulfo Prata, que passou pelos bancos dos cursos secundários e de uma escola de medicina, não tem (nem podia ter) essa opinião resignada, apalermada, admirativa, mesmo, do flagelado diante do flagelo. Ele chega por vezes mesmo a ter palavras violentas. Os vocábulos "chaga" e "vergonha" aparecem a cada passo. Terá o Sr. Ranulfo vantagem com isso?

Em qualquer país, um livro como Lampião causaria crises ministeriais e quedas de gabinetes. No Brasil, quando muito, arrancará gritos de indignação dos burgueses e fará com que se levantem os punhos rotos dos revoltados. Uns gritarão: É uma miséria! E outros: "São os defeitos do regime!" Mas aqueles que deveriam gritar, não gritam. Esses preferem o assento cômodo das poltronas de sua burocracia deleitosa, o retrato nos jornais, a palavra pelos microfones. Que fazer contra um inimigo tão incômodo? E depois, fica tão longe! E onde arranjar a verba para combater o facínora?

Mas o livro do Sr. Ranulfo ficará como documento. Nesse sentido, ele é admirável. Tem trechos que reunidos dariam ótimas monografias sobre as "Excentricidades do Banditismo" ou sobre a "Despreocupação virgiliana dos governos". Mas está tudo isso no livro, e repetir os fatos seriam estragar o gosto da

leitura dos que abrirem o Lampião.

Aqui fica o registro, e o protesto diante do jornalista que falou na "decadência do documentário". Se o português não fosse uma língua tumular, o tal francês, diante de casos como o do morticínio do sítio Alma-cega, da sangueira de Vila Queimadas ou da matança de Aquidabã, seria forçado a acreditar que estava mesmo diante da "verdade", e que nenhuma imaginação, nem mesmo a imaginação, tropical que pudesse ser um dos dotes do Sr. Ranulfo Prata, poderia compor tantos detalhes sangrentos em tão poucas linhas...

Porque o Sr Ranulfo não fala só no passado, nem só no presente. Também faz profecias. As suas linhas sobre a passagem triunfal de Lampião pela Avenida Rio Branco da Capital Federal são (com licença do objetivo) gostosíssimas.

E – quem nos afirma ao contrário? – com todas as probabilidades de realização em um futuro que seria falta de patriotismo avaliar muito distante...52

52 Folha da Manhã. São Paulo, 28 de janeiro de 1934. Republicado: O Estado de Sergipe. Aracaju, Ano II, nº 298, 13 de março de 1934.

Noticiário

Diário Oficial do Estado de Sergipe

Acabam de ser enriquecidas as letras nacionais com o recente livro do nosso já notável patrício Dr. Ranulfo Prata, obra de interesse social, objetivando focalizar a grande chaga do banditismo nordestino, com o relato documentado das tropelias do famigerado Lampião - o terror dos sertões.

Salva a louvável intenção do festejado autor, dando à sua obra o caráter de um apelo aos poderes públicos diante do alarmante flagelo que, há duas décadas, vem assolando o nosso "interland", há passagens no livro do Dr. Ranulfo Prata que revelam uma ligeireza de apreciação ou uma desfiguração da verdade, singularmente estranháveis em quem, como o doutor autor de "Lampião" possui os melhores elementos para conhecer a fundo os acontecimentos que se propôs apreciar.

Não nos é lícito silenciar esta impressão em face de conceitos como este que se encontra a pag. 208 do aludido livro:

"Merece encômios e louvores o esforço perseverante da Bahia, empenhada, sozinha, na peleja.

Sergipe, que a princípio a ela se uniu, numa colaboração proveitosa, dentro de uma uniformidade perfeita de vistas, nestes últimos tempos, não sabemos porque, lhe tem faltado com a ajuda necessária e imprescindível".

Essa afirmação do festejado romancista sergipano contem uma iníqua adulteração da verdade e, - seja-nos permitido dizer - um inexplicável cortejo à ação do governo baiano, a quem é atribuída uma suposta preeminência na campanha contra o can-

gaceirismo, ao mesmo tempo que se deprime o esforço, contínuo e eficiente do trabalho da Interventoria sergipana.

Mais do que ninguém está habilitado o Dr. Ranulfo Prata, pelos seus laços de família, pelo conhecimento pessoal da zona sertaneja, de onde é natural, a saber que após o advento do regíme revolucionário, ou seja após a última façanha de Lampião em Aquidabã e Capela, de onde foi valentemente repelido em Outubro de 1930, não mais voltou o facínora a acampar no território sergipano a sua horda de malfeitores.

Para esse resultado não há de ser ignorado pelo romancista conterrâneo que a Interventoria sergipana instituiu um regular serviço de defesa das fronteiras, mantendo destacamentos volantes e postos fixos da Força Pública, em pontos estratégicos, servidos por estações de rádio-comunicação em constante intercâmbio entre si e com a capital.

Não há contestar que essas providências produziram o resultado de conter os bandidos a distância, de modo a nunca mais se registrarem no Estado as depredações repetidas que até então traziam em perene sobressalto as povoações do interior.

Devia ser também do conhecimento do Dr. Ranulfo Prata que essas medidas continuam a ser ordenadas, autonomamente, sem dependência do plano de combate da Bahia, que de sua parte, nunca deixou de encontrar a solidariedade de Sergipe no acolhimento de suas forças de perseguição.

Ora, tudo isso é muito diferente da afirmativa de se encontrar o grande Estado vizinho só, isolado, na peleja contra Lampião.

Tudo isso desmente a proposição de ter, em qualquer tempo, Sergipe faltado com a colaboração necessária à campanha contra o banditismo.

Ao contrário, Sergipe tem feito o mais que lhe tem sido possível fazer, e, se é certo que merece encômios o esforço per-

severante da Bahia, que afinal resulta improfícuo, pois que o sinistro bando de Lampião permanece devastador e invencível nas caatingas baianas, aberra do senso comum negar igual louvor ao pequeno Estado que, a despeito da insuficiência dos seus recursos, tem conseguido, pelo menos, impedir as incursões dos bandidos, graças à vigilância incessante exercida nas fronteiras pelos elementos da Força Pública especialmente destacada para esse fim.

Em que, pois, e quando Sergipe negou à Bahia a sua colaboração na campanha contra o cangaceirismo?

Refere o Dr. Ranulfo que de uma feita recusou o Interventor de Sergipe essa solidariedade, quando a Bahia, utilizando um plano do capitão João Miguel, da polícia daquele Estado, começou a evacuar a caatinga, enxotando dos seus lares, "a coronhadas e pontaços de sabre" os pobres sertanejos, na estapafúrdia esperança de que, deserto o sertão, "o bandido ficasse no meio, atarantado, como rês desgarrada, sozinho, tonto, sem direção e sem tino".

Mas a falta dessa colaboração é o próprio Dr. Ranulfo Prata que a destaca como um gesto louvável do Interventor de Sergipe, nestas palavras:

"Felizmente, graças à sensatez do Interventor sergipano, capitão Maynard, que repudiou a idéia, a medida não se estendeu ao território de Sergipe".

E afora este caso, não sabemos de nenhum outro em que haja faltado a colaboração sergipana na campanha contra os grupos de salteadores que infestam os sertões.

Acreditamos que se o talentoso autor de Lampião pedir informes da atitude do governo de Sergipe aos dignos membros da sua família, habitantes que são das terras lindeiras, fazendeiros na vasta zona sertaneja, será levado a reconsiderar os

seus conceitos sobre a ação da Interventoria sergipana no caso do banditismo.

Até lá só nos cumpre lamentar que o belo livro do festejado intelectual sergipano não esteja escoimado de uma injustiça bradante em relação ao governo da terra que se desvanece de ser o berço do escritor anapolitano.[53]

Lampião, Ranulfo Prata

O Jornal

Tem caracteres da mais absoluta honestidade o volume Lampião, que o Sr. Ranulfo Prata acaba de lançar à publicidade, por intermédio de Ariel Editora Ltda., do Rio.

Compreendendo nitidamente as linhas gerais do problema do banditismo, vista como viveu longos meses nas zonas infestadas pelos famigerados assassinos dos sertões bravios do Nordeste, Ranulfo Prata quis antes de tudo, fazer de seu livro um trabalho em que ressaltasse vibrante, nas últimas páginas, o aparelho cruciante que todas as populações supliciadas pela praga humana lançam aos homens de governo que têm poderes para dar solução radical ao problema. Não quis, portanto, o Sr. Prata fazer um livro superficial, um livro que amontoasse detalhes faltos de verdade, sem mas nenhum característico daquilo que ele quis evidentemente fazer, isto é, trabalho pensado, trabalho meditado, que, sem sair dos limites da boa sociologia refletida, ficasse dentro do qualificativa leve de reportagem. Foi o que o autor quis fazer, e o conseguiu plenamente, sem nunca

53 Aracaju. Diário Oficial do Estado de Sergipe, 31 de janeiro, 1934.

descambar para o terreno da mistificação barata.

A vida do bandido, sem primeiros passos na senda das ações criminosas que lhe ensangüentam o tipo, seu perfil psicanalítico, seus antecedentes familiares, principais episódios crônicos de sua vida, ousadias e valentias desenfreadas pelas caatingas ensolaradas – tudo é contado pelo Sr. Prata num estilo escorreito, e por isso mesmo leve e saboroso. Não exagera ele os detalhes, de modo que tudo salta no seu livro num ambiente de vida verdadeiramente vivida. Além disso, soube ele também coligir inúmeras fotografias sobre o problema, apresentando alguns instantâneos verdadeiramente sensacionais, e o que é mais interessante, absolutamente inédito.

Escusado é dizer que, tendo saído da Ariel Editora, o livro apresenta esmerada confecção gráfica, e as gravuras aparecem-nos em nitidez rumorosos o excesso de Lampião em todo o Brasil.[54]

Lampião, Ranulfo Prata

Peregrino Junior

Este Lampião de Ranulfo Prata é, sobretudo um livro pungente. Entristece. Aperta o coração. E é um livro sintomático. Põe diante dos nossos olhos o "dossier" patológico de um "caso clínico" sem remédio: o cangaceirismo do Nordeste. O espetáculo é desses que envergonham a gente, porque comprometem completamente a nossa civilização... O que nos consola é que nos

54 Rio de Janeiro. O Jornal, 19 de janeiro, 1934. Republicado: Aracaju, O Estado de Sergipe, 31 de janeiro, 1934.

Estados Unidos existe Al Capone...

Quanto à documentação, o livro do Sr. Ranulfo Prata é excelente. Entretanto, o autor não soube ver com clareza o fenômeno do cangaceirismo. Procurou para ele explicações e soluções positivamente literárias. E a verdade é que o banditismo, no Brasil, é uma diátese pedagógica. Trata-se evidentemente de um problema de educação. Para acabar com os cangaceiros, em vez de mobilizar fuzis, devíamos mobilizar professores. Quem conhece o sertão sabe o ambiente de admiração e solidariedade que sempre cercam as figuras românticas desses famigerados heróis do crime: Jesuino Brilhante, Antonio Silvino, Virgolino Lampião. Como destruí-los senão transformando, pela educação, o clima em que eles florescem? O Sr. Ranulfo, no seu livro, toda vez que faz tiradas sociológicas ou literárias, erra, e perde o interesse. Mas, quando se limita a nos contar as façanhas de Lampião – que poder de evocação, que vivacidade de colorido, que força de expressão ele tem![55]

Apresentação

Antonio A. C. Araújo

Os problemas sociais, políticos e econômicos causadores do cangaço, que nasceu com o Brasil Colônia, vicejou no Brasil império e só foi encontrar o seu fim após a República velha, são ainda presentes na atualidade.

Talvez com outras nuances, novas formas modernas no-

55 Sobre Alguns Livros, Peregrino Junior. Rio de Janeiro, Revista Lanterna Verde, nº1, maio, 1934.

menclaturas, mas são encontrados ainda no interior daquela região nordestina percorrida por Lampião e sua gente.

Com essa reedição do livro Lampião, do escritor Ranulfo Prata, a Editora Traço coloca ao alcance de todos os que se interessam pelos problemas nacionais, esse trabalho.

Editado pela primeira vez o célebre cangaceiro batalhava contra as polícias de sete Estados Nordestinos, chegou a ter em suas mãos um exemplar do mesmo; informação esta, obtida por nós, junto a elemento que pertenceu ao bando temido.

O chefe lendo a obra fazia observações sobre pontos dos quais discordava e que não correspondiam à realidade.

É compreensível que o autor, escrevendo no calor da luta obtendo informações somente de vítimas e dos que perseguiam os cangaceiros, tinha cometido alguns enganos.

A obra no entanto é de mérito indiscutívl e essencial para os que se interessam por problemas nordestinos e, pelo cangaço, em particular.[56]

Notícia de Lampião

Jorge Amado

Há nesse magnífico documentário de Ranulfo Prata uma frase que o autor recolheu da boca de um sertanejo, que é admirável de verdade e de ironia.

" – Meu sinhô, meu sinhô, o sertão véve debaixo duma carga pesada. Um costa é feito de Lampião e da seca e o outro é

56 Lampião, Ranulfo Prata (Apresentação). Editora Traço.

só da força do governo" (Lampião, pg. 158).

Outra frase, esta do próprio bandoleiro, acaba de definir o que é a luta entre a polícia e o cangaço nordestino:

" – Quá, seu vigário, o governo não me deixa assocegá, mas tenho a certeza que os macacos não me mata porque eu só um pé de dinheiro... Hoje em dia a vida só é boa pra sordado e pra bandido" (Lampião, pag. 77).

Realmente, se fosse dado ao pobre do sertanejo escolher entre o bandido e a polícia, acho que não haveria vacilações. O sertanejo preferiria sem dúvida o cangaceiro ao soldado. Naquele há pelo menos certo heroísmo (trágico heroísmo), certo senso de justiça, como o livro de Ranulfo Prata deixa entrever, roubando ricos e por vezes protegendo pobres.

Uma chaga: o cangaço. Porém chaga muito menor que a polícia perseguidora, que também furta, mata, deflora, com poderes oficiais. O cangaceiro faz tudo isso de preferência nos fazendeiros e prefeitos. Os soldados fazem sempre nos abandonados trabalhadores rurais.

Daí essa espécie de simpatia que apesar de tudo o sertanejo tem pela figura do "intrépido forasteiro", como o chamou o Sr. Jackson Alves de Carvalho, comerciante de Capela, que lhe ofereceu a Vida de Jesus de Pipini, em encadernação de luxo...

O próprio Ranulfo Prata, que com esse livro nos fornece a melhor contribuição que existe sobre o lendário bandido, não conseguiu se furtar a essa dominação, a certo entusiasmo que a coragem de Lampião desperta. O seu livro, e com razão, é mais um combate à polícia que ao cangaço. O Jornalista soube reunir os fatos mais característicos, os feitos mais notáveis do cangaceiro com muito tato. Sente-se que esses feitos são autênticos. Não inventados para noticiário barato dos jornais. Pena que de quando era vez a linguagem seja empolada, metida a Euclides

da Cunha, sem o vigor bárbaro deste e com certas pretensões a linguagem castiça. Pena porque há nesse volume um escritor denunciado pelo forte retrato de Lampião. Não há em Lampião pretensões a ensaio. Documentário simplesmente, com dois saborosos bilhetes do "interventor do sertão". No entanto, eu gostaria que o autor procurasse estudar certas causas do cangaço. Delimitasse responsabilidade. E então o público saberia que os grandes fazendeiros, os grandes senhores rurais são os responsáveis pelo cangaceiro.

Na minha zona pelo menos é assim. O abandono criminoso das crianças e proposital, visando a formação do criminoso de profissão, que eliminará os inimigos do fazendeiro...

Um estudo ainda a fazer.

***

Outras coisas que tornam apreciável o livro de Ranulfo Prata são as inúmeras fotografias que completam o documentário e a capa, um dos melhores desenhos do grande ilustrador que é Santa Rosa.[57]

57 Boletim de Ariel. Rio de Janeiro, nº9, 1934.

Ranulpho Prata

NAVIOS ILUMINADOS

Navios Iluminados

Hermes Andrade

O Sr. Ranulfo Prata é incontestavelmente um grande escritor. Críticos severos, temidos mesmo, não lhe regatam louvores.

Como romancista, o autor coloca-se entre os melhores do nosso país.

Não carrega de mais na tinta dos seus quadros, nem tão pouco deixa-os esmaecidos à alta de cor adequada. É real é verdadeiro. O que ele nos apresenta em seus romances é a vida sem falsas imagens.

Seu último romance – Navios Iluminados – urgido em dezembro, confirma o que afirmamos convicta e sinceramente.

Vemos em José Severino, a principal personagem do seu bom livro o tipo do sertanejo que vai tentar a sorte, lá pelo sul, e esta é quase sempre cruel e impiedosa. Nele se resume a história de quem parte desejoso em melhorar a situação, levando n'alma uma porção de saudade: de sua velha mãe e de seu pedacinho de terra, e como complemento de sua amargura conduz no coração a imagem da Raimunda. Parte para Santos. Meses de espera. Contemplação dos navios iluminados. Dificuldades em colocar-se na companhia. Afinal de contas consegue trabalhar no pesado.

A Raimunda o esquece (sempre as eternas esquecidas para atrapalhar a gente!) e casa-se com o vaqueiro do Cel. Guedes. Uma desilusão para Severino que, ao receber a nova, exclama enraivecido: Peste!

Um namoro com a Florinda, a portuguesinha filha de seu Milagre. Casamento. Um pouco de consolação em sua vida.

Nove meses e doze dias após, dois gêmeos. Dificuldades. Depois um enfraquecimento pulmonar. Uma licença. Progressão da moléstia, Severino foi parar no pavilhão dos tuberculosos, erguido na encosta do morro do Fontana, fazendo parte do edifício que em 1543 Braz Cubas fundou dizendo que era "a casa de Deus para os homens".

Com menos de dois meses volta para casa. Queria fechar os olhos junto a Florinda e os filhos. Uma madrugada, com o coração angustiado, o sertanejo de Patrocínio do Coité, a pequenina. Vila que avistamos numa distância de poucos quilômetros, partiu para a sua última viagem...[58]

Navios Iluminados

Folha da Manhã

O Sr. Ranulfo Prata, que já conta com uma bagagem literária significativamente louvada pelos nossos melhores críticos e ensaístas, oferece-nos, agora, em edição da Livraria José Olimpio, o romance Navios Iluminados.

Nessa narrativa sóbria e substanciosamente, repleta dos contrastes humanos e das singularidades da vida dos humildes, a emoção pessoal influiu sempre, e decisivamente, no estilo do autor.

Analisando, dia a dia, a vida dos ambientes do porto brasileiro de Santos, o Sr. Ranulfo Prata soube sempre dominar a sucessão dos fatos por uma disciplina de estilo e de urdidura, de

58 A Luta. Cidade de Anápolis – Comarca de Simão Dias, 23 de janeiro, 1938.

modo a concluir um romance antes de tudo incisivo pela sobriedade e atraente pela singeleza com que foi composto.

Nessas belas qualidades de ficcionista reside o segredo do sucesso de livraria que os Navios Iluminados constituem neste momento.

E o Sr. Ranulfo Prata pode incluir entre os livros que já escreveu, em posição de relevo, os Navios Iluminados, que em nada vieram desmerecer os elogios que ao seu autor tributaram as mais expressivas personalidades na nossa crítica literatura.[59]

Livros e Idéias

Rubens do Amaral

Santos é uma terra privilegiada que, apesar do porto dos armazéns, do café, das montanhas de mercadorias que por ali saem, produz inteligências e culturas de exceção, desde os Gusmões, os Andrades, Frei Gaspar de Madre de Deus, Fernandes Pinheiro, Pimenta Bueno e Cardoso de Menezes, até a magnífica floração contemporânea em que fulgem Vicente de Carvalho, Martim Francisco, Alberto Sousa, Gastão Bousquet, Martins Fontes, Paulo Gonçalves, entre os mortos, e, dos vivos, Reynaldo Porchat, Abrahão Ribeiro, Alonso Schmidt, Ribeiro Couto, Amando Fontes, Heitor de Morais... e quantos outros?

Faltava a Santos, porém, o romancista da cidade. Praias e pescadores tiveram quem escrevesse o seu romance e os seus contos, quem cantasse as suas dores e as suas glórias. Por dentro

59 Folha da Manhã. Aracaju, 11 de fevereiro, 1938.

das praias e diferentes dos pescadores, há o porto com os seus estivadores e carroceiros, gente humilde perante a Fortuna, que a esqueceu como a esqueceu a Literatura, a não ser nos tempos em que a demagogia santista, apavorava a polícia de S. Paulo, trovejando na boca dos tribunos que caçavam votos e nas colunas dos jornais que caçam níqueis, por ocasião das greves que paralisavam o comércio e as Docas.

Apareceu agora esse romancista, o Sr. Ranulfo Prata, autor de Navios Iluminados, que é a história daquela gente do cais em sua mistura com a Vila Macuco, à margem do giro do café, do movimento da importação, do gozo das praias com os seus balneários e os seus cassinos. História sentida como se o autor fosse um dos seus protagonistas, e narrada como sabe fazê-lo o artista de quem disse João Ribeiro: "O Sr. Ranulfo Prata é dotado das excelências próprias do escritor já feito, senhor e mestre da sua arte". Ou o Sr. Tristão de Athayde: "São reais e pouco comuns os dotes de verdadeiro romancista que revela o Sr. Ranulfo Prata". Ou ainda o Sr. Agripino Grieco: "Nada de banal e ao mesmo tempo de exagerado nesse livro, evidentemente um bom livro".

Navios Iluminados confirmam os louvores feitos aos livros anteriores. Tecido simples, em que o drama ressalta da própria vida, tal como é. Narrativa singela, em que técnica e emoção surgem sem esforço nem violência de tons. Diálogo de uma naturalidade que parece colhida em flagrantes taquigráficos. E figuras que nascem e se desenham e se afirmam por si, nos acontecimentos e nas situações, para afinal aparecerem recortadas, nítidas, nos seus sentimentos, no seu caráter, na sua tragédia que nada tem de excepcional, que é a tragédia quotidiana e por isso mesmo enobrece a arte do escritor que a transplantou para o livro.[60]

60 Folha da Manhã. São Paulo, 23 de fevereiro, 1938. Republicado, Folha da Manhã. Aracaju, 31 de março, 1938.

Navios Iluminados

G. Conception

Eis o grande romance a realidade escrita vez da ilusão do nordestino emigrado, na pseudo terra de Canaã. Foi sob o influxo a inspiração do drama doloroso e rude, que envolve e domina a inquietação instintiva do emigrante, que procura melhor padrão de vida econômica, que o rigoroso escritor Ranulfo Prata, essência fecunda das letras sergipanas, num olhar retrospectivo, àqueles fatos reais entregou-se a uma narrativa humana, em estilo singelo e recreativo, oferecendo aos leitores de todas as plagas, a realidade emigrativa no seu grau de inexperiência. É a percepção popular um quadro humano, verdadeiramente realista, sobretudo pela mais pungente e pura realidade – a ilusão. Basta, para frisar o desespero medrado, o nome de Severino o mais infeliz dos personagens. A impressão, pois, que nos deixa esta obra palpitante e instrutiva, sem alardes nem exagero, é um precioso presente de literatura, com a retribuição de um reservado na galeria das obras nobres e sentimentais.[61]

Anápolis, 17.02.1938.

61 A Luta. Cidade de Anápolis – Comarca de Simão Dias, 27 de fevereiro, 1938.

Livros Novos

Nelson Werneck Sodré

Navios Iluminados é o romance do nortista que vem ao sul em busca de trabalho. A história de Severino é a mesma de todos os outros. A pobreza do meio nordestino, a lenda fulgurante dos elevados salários existentes ao sul, a ânsia de melhorar de sorte e de amparar as famílias numerosas, – impelem os habitantes daquelas plagas a buscarem os grandes centros em que o desenvolvimento da riqueza permite maiores oportunidades nos trabalhadores. Uma ilusão de que os adventícios se desfazem logo ao chegar as novas terras, quando verificam a dificuldade na obtenção dos empregos e na falsidade do salário aparentemente elevado, que se dilui na alta do preço da vida. Todas as esperanças se desfazem nesse contato áspero com a realidade. O velho desejo de socorrer aqueles que ficaram nos recantos de origem, enviando-lhes as sobras do minguado salário, fica frustrado ante as necessidades da própria subsistência.

No romance do Sr. Ranulfo Prata esses detalhes surgem em toda a plenitude. A história de José Severino é igual à história de todos os seus companheiros que demandam os centros maiores do país. Na partida, o mundo das esperanças e das ilusões, a mentira dos conselhos daqueles que tendo provado o amargor da realidade, teme confessar o erro em que incidiram e que disfarçam através das falsas palavras. Na travessia, ante o desconforto ainda subsiste o amparo da confiança numa rápida melhoria, tão logo cheguem à terra prometida. Na chegada, o espanto ante os novos hábitos e a visão dum progresso que os deixa aten-

tos. Após os primeiros dias, as primeiras nuvens. Os primeiros desenganos obscurecendo a confiança primitiva. As dificuldades exigidas. As necessidades aumentando. As economias esvaindo-se. A busca tenaz dos empregos. A repetição das mesmas negativas. Os primeiros desânimos. Os primeiros desenganos.

Com José Severino aconteceu tudo isso. Levado pela fala mansa de Felício, no intuito de ajudar a mãe, os irmãos, o pai, trabalhadores todos, larga a terra natal e acompanha o amigo, com destino a Santos, onde trabalhará na estiva. Traz algum dinheiro, para os primeiros dias. De resto Felício arrumará todo. Tem o desembaraço dos que possuem a prática da vida. Anima-o uma tranqüila filosofia. Tudo para ele é fácil. Tem uma confiança absoluta na sua fala, nas suas relações, no seu prestígio. Não veio ao sul para enricar. O dinheiro gasta todo nos seus pequenos prazeres.

Severino acredita na conversa do outro. Ronda, diariamente, os escritórios de empregos, nas docas, já conhece, pelas informações do companheiro, o gênero de trabalho que vai freqüentar. Na impossibilidade de conseguir o almejado emprego, com as economias findas, lança mão ao recurso derradeiro: a cara de representação do chefe político, obtida por Felício, com o endosso do voto prometido para as futuras eleições. É o argumento valioso do cabo eleitoral. Num país em que todos os cargos se preenchem segundo o mesmo processo, o critério eleitoral, desde os mais altos, não é de se admirar que, para obtenção de um posto, na estiva, seja necessária a clássica carta de apresentação, sanção de um regime em que à hierarquia social assenta-nos mesmos hábitos.

Neste ponto, o livro, que já continha a acusação mais tremenda, que já constitui um verdadeiro libelo, adquire os dons e as notas maravilhosas da ironia, quando narra o complicadís-

simo processo burocrático, com o requerimento a estampilha, o retrato e a carteira policial, por que tem de passar o infortunado candidato a um meio de vida que lhe assegure a alimentação.

O sertanejo costuma dizer, no seu conformismo com os males que o assaltam, que desgraça pouca é bobagem. José Severino pensa assim. Atolado nas dívidas provocada pelos compromissos que assumiu para conseguir o emprego almejado, sobrecarregado de trabalho, impossibilitado de socorrer a família distante por não haver sobras no seu dinheiro – resolve casar-se. Com o casamento vêm os filhos. Com os filhos, novas despesas, mais trabalho. São navios e navios que chegam ao porto imenso. Mercadorias de toda sorte, para embarcar e desembarcar. Algumas pesadas, outras cujo transporte prejudica a saúde dos mais vigorosos. Sob os sacos, sob as caixas, sob os fardos congelados, o nordestino arrasta a sua existência de pária e de infeliz. A alimentação dos filhos, os cuidados com a esposa, obrigam-no aos sertões, aos trabalhos extraordinários, em que a sua saúde se desfaz. Um dia, chega o momento decisivo, a hora que se não espera: sofre o primeiro baque, fraqueja pela primeira vez. Vai ao médico. Precisa de repouso. Repouso, com salário, só lhe dão por algum tempo. Depois, vem o descanso obrigado com sacrifício de meia parte daquilo que ganha. A mulher entra a contribuir com as suas forças. Mais adiante, os dias de convalescença obrigam ao último dos sacrifícios: perde o direito ao dinheiro que assegura a sua subsistência e a dos seus. Volta ao serviço, contra as indicações do médico. E sofre a queda última, que o inutiliza. Vítima da pior das enfermidades, das que conservam o homem no convívio dos seus semelhantes, para que sinta maior a sua desgraça, vai de fraqueza em fraqueza até a cama do hospital, para permitir a saúde das crianças.

No trecho em que aparecem as cenas da Santa Clara, ad-

vinha-se, no doutor Luciano, a figura de Martins Fontes. Na sua larga bondade, na sua expansividade, no seu ateísmo, na larga dose de compreensão humana, que foi um dos traços principais da luminosa existência do poeta de Verão.

A luta dos trabalhadores do porto contra as máquinas que, com a sua força, dispensam o trabalho braçal, lembra certas páginas, cheias de colorido e de movimento, dos livros de Panait Istrat.

O romance do Sr. Ranulfo Prata guarda o interesse contínuo, da primeira a última página. A língua em que foi escrito é simples e corrente. As suas descrições são semelhantes a realidade. O panorama que traçou da existência dos trabalhadores do porto, na sua estreiteza e na sua miséria, guarda as linhas precisas e só se afasta do comum e do cotidiano no episódio da viagem de Felício a Buenos Aires.

Os dotes de romancista já revelados pelo autor em outros livros surgem, neste, mais fortes e mais nítidos. O Sr. Ranulfo Prata como que se encontra na plenitude da sua força de escritor. O fundo trágico e revoltado, da sua obra é amenizado por uma larga dose de sentimento que a anima e lhe infunde mais cor e mais beleza.[62]

62 São Paulo. Correio Paulistano, 20 de março, 1938. Republicado, Aracaju. Folha da Manhã, 26 de abril, 1938.

Navios Iluminados

Menotti Del Picchia

Ranulfo Prata nos dá com Navios Iluminados um belo romance marinho. Escreve o novelista com simplicidade; observa com certeza. Coloca-se na primeira linha desses novos autores realistas, que levaram o romance para o setor da documentação, longe do esforço inventivo. Entre esses é Ranulfo Prata dos mais fortes.

A vida humilde dos trabalhadores do cais, dos nossos trapicheiros, das mansardas praieiras é observada com honestidade e evocada com emoção. O trabalho de identificação da existência dura dos estivadores, falo deste escritor com rara maestria. O livro nessa atmosfera salina e tentadora que emana do cais, atmosfera que encerra a tentação da viagem e do mistério.

Um navio é uma balouçante e nômade promessa de surpresas e de aventuras. É um caçador de inédito. A idéia de um navio iluminado, singrando dentro da noite, fatiando seus rumos, procurando a revelação colorida e movimentada de portos exóticos é, já por si, uma idéia extremamente excitante e poética. Ranulfo Prata não procurou entretanto, esse plano lírico: ficou dentro da suada e muscular realidade praieira, vendo dos ofegantes transatlânticos não os passadiços, as piscinas, o bar ruidoso, o salão de festas; viu nele o porão, em cujos subterrâneos penetram, como carreiros de formigas, as filas exaustas dos estivadores.

Esse aspecto duro e operário é que ele espelhou as páginas bem humanas do seu volume que recomenda o autor com um dos nossos novelistas mais honestos, mais observadores e mais espontâneos.

Nessa série de volumes realistas – alguns dos quais estultamente obscenos – o livro de Ranulfo se recomenda pelo seu asseio mental e pela espontaneidade com que foi concebido. [63]

Navios Iluminados, Ranulfo Prata

Carlos Chiacchio

Outro, que não se quer jungido a fórmulas dos teoristas atuais, é Ranulfo Prata, com o seu "Navios Iluminados".

O romance tem tido entre nós cultores, criadores, doutrinadores, o diabo. Até historiadores. Ranulfo, Menotti, e alguns mais, que não vêm agora à trela, nem dão pela existência desses donos das obras alheias.

Enquanto eles botam abaixo os nomes da nossa galeria de romancistas, desde o Almeida até Raquel, fazendo-se substituir como críticos aos verdadeiros criadores, Ranulfo, Menotti e poucos mais, vão escrevendo melhor que discutindo o romance.

E muito bem, ora dá-se. Navios Iluminados, também é obra fixadora de aventuras.

Estudo, a esse modo, elegante, escorreito e direito, tipos do norte que procuram o sul, migradoras andorinhas da ambição singela, voando através das extensões brasileiras à procura da felicidade, nem sempre fáceis aos sonhadores, mas quase sempre circunscrita a essa simples procura.

A tragédia dessa desilusão, que a muitos acontece com o espanto da vida áspera e cruel, bem que a simboliza Ranulfo, em

63 São Paulo. Diário da Noite. Republicado: Aracaju, Folha da Manhã, 28 de abril, 1938.

sua síntese de aventuras nacionalistas.

O mundo de suas personagens rola entre uma cidade do norte e a próspera Santos, de São Paulo. E pode ser resumida neste trecho gravativo:

"Nasceu-lhe então, pela primeira vez, o desejo de voltar. Mal por mal, preferia Patrocínio. O melhor seria regressar mesmo e ficar sossegado no seu canto, conformado com a sua sorte de pobre. E a saudade se assanhou dentro do seu coração. De longe, e com a ausência de mais de dois anos, começou a querer um bem furioso a tudo de lá: o casebre, mandioca, a cerca de bambus, a cajazeira da porta. Mas o malvado do Felício esfrioulhe o ânimo com esta simples pergunta".[64]

Ranulfo Prata

Silveira Bueno

Aquela tarde era essencialmente paulista: fria e de garoa que mais parecia ponta de agulha na epiderme da gente. Qualquer serviço me encaminhava os passos para a redação da Folha da Manhã, que nesse tempo, funcionava juntamente com as linotipos, na mais completa balbúrdia, trabalhando redatores e linotipistas, impressores e literatos, lado a lado. Venha da rua todo friorento quando, ao entrar no recinto, com o calor das máquinas, recebi um eletrizante aviso de Correia Junior.

– Olhe, ai está um escritor à sua espera...

O aviso era eletrizante, porque perigoso: as minhas críticas

64 A Tarde (Homens & Obras). Romances, Salvador, 31 de maio, 1939.

na seção de Livros Novos andavam irritando toda a irritabilíssima casta dos inspirados das letras. Rara era a semana em que não me perguntavam pelo número de costelas possivelmente partidas e, talvez, chegasse então o momento de algum desforço pessoal. Esse tal literato, que me esperava lá dentro, deveria ter vindo para experimentar a força do braço contra quem lhe escrevera palavras amargas. Desci ainda mais o sobrevenho fiz a cara mais feia do que do costume e avancei para o homem que me aguardava.

Dados os primeiros passos, quis sorrir: o meu pretenso adversário era bem menor do que eu e, sobretudo, mais franzino. Se não me puxasse revólver ou faca, mão limpas, ou empataríamos, ou ganharia eu no segundo "round". Mesmo assim, caminhei de rosto fechado:

– É o Sr. quem me procura?

– Foi o Sr. quem fez a crítica do meu livro?

– Sim, e que deseja agora?

– Dar-lhe um abraço...

Imaginem o pasmo em que fiquei: esperava bordoadas e recebia abraços!

– Quem é o Sr?

– Ranulfo prata.

– O autor de "O Lírio na Torrente"?

Abraçamo-nos com tanta espontaneidade que ainda agora continuamos amigos de verdade, sim, continuamos amigos apesar de a morte haver-nos separado fisicamente e estar eu a repetir palavras escritas quase há vinte anos.

Ranulfo Prata, um dos muitos sergipanos ilustres que vieram trazer-nos a colaboração da sua inteligência, médico de profissão, mas escritor de nascimento, traduzia em suas obras o

vigor espiritual que sua pequenina estatura não revelava. Imaginá-lo através da leitura de seus livros era supô-lo atleta, gigantesco, tal a força expressiva da sua frase, a energia irresistível dos seus períodos forjados em bloco, tal a unidade maciça das suas construções literárias. Sóbrio dentro da sua imaginação do norte tomava as fotos entre as mãos como o faz o escultor com o barro, com o granito, com o mármore e, a golpes de talento, transformada a pena em camartelo ou escopro, modelava, esculpia, forjava o episódio, a figura, o herói, o acontecimento, irresistível e artisticamente. O vocabulário era uma das suas forças: dizia o que queria e dizia com justeza, coerência e adequada ênfase. A medicina disciplinara-lhe a fantasia pela observação quotidiana do ser humano, a obra mais real da Criação. O laboratório do médico educara os olhos do artista para tudo ver na medida exata da verdade, embora a fantasia do escritor atenuasse um pouco a crueldade dos episódios. Por isto, as páginas de Ranulfo Prata são vividas, reais, sentindo-se a emoção da vida que delas se desprende, ora queimando como acontece a quem se debruça a contemplar um corpo em febre, ora enregelando como sucede aos que de perto observam as coisas mortas. De um ou de outro modo, impressionam, provocando admiração ao que soube condensar na pequena unidade da palavra a imensa energia que dela se desgarra.

Desse laboratório, onde observava homens e acontecimentos; desse consultório médico, aonde iam ter as águas profundas da vida, lágrimas e dores, sofrimentos e impulsos mal dirigidos, material de que soube construir seus primeiros cantos, seus primeiros romances, estendeu Ranulfo Prata a sua observação à sociedade toda, pondo-se em contato com as classes sofredoras, com o sofrimento coletivo dos homens. Se da primeira fase tivemos “Dentro da Vida”, “O Triunfo”, “O Lírio na Torrente” e

"A Longa Estrada" ficou-nos da segunda o profundo e doloroso romance social "Navios Iluminados". Em todos os seus primeiros livros, há o homem que sofre ou que luta, nunca o homem que goza e se delicia. No seu grande romance, há uma classe inteira, representada no herói, esmagada e triturada pelas ilusões da vida, lutando e sendo vencida pela força da máquina, das instituições, da ganância, do lucro, do dinheiro. Se Euclides da Cunha observou os fantásticos de Canudos: se Plínio salgado surpreendeu a existência do imigrante em seu grande livro O Estrangeiro, Ranulfo Prata descreveu-nos o drama do Estivador, do homem-máquina que faz entrar e sair do país toda a sua riqueza, ficando cada vez mais pobre e desgraçado.

Santos, a Babel do Brasil, aí está nas páginas de Navios Iluminados com todo o doloroso drama dos seus homens do porto, da estiva, das cargas e descargas, legiões dantescas de lutadores desconhecidos e incompreendidos, gente muito diversa daquela que os veranistas conhecem, que nem sequer suspeitam que possa existir. Ranulfo Prata conheceu esta parte dolorosa de Santos, tratou dos seus párias, auscultou-lhe as esperances e as desesperanças, dando-nos a mais viva e impressionante descrição da sua tragédia social. Com Navios Iluminados, colocou-se o escritor sergipano entre os grandes escritores do mundo, vindo na série que começa em Vitor Hugo, com Os Homens do Mar. Se tivesse escrito em espanhol ou inglês, de há muito tempo que o seu grande livro estaria nas telas dos cinemas, apontado como uma das obras primas do pensamento moderno. Mas escreveu em português... Daqui o benefício que nos fez o Clube do Livro, oferecendo à cadeia dos seus leitores esta construção ciclópica do desaparecido escritor sergipano. O agradecimento de todos os seus milhares de associados deve dirigir-se à Exma. Sra. D. Maria da Gloria Prata, a silenciosa adoradora da memória de seu ilustre

esposo, ela que fora a devotada companheira dos seus dias gloriosos na terra paulista. A seu filho, continuador seu que vai ser na carreira médica, compete a continuação também da sua vida de escritor: a medicina e a literatura, a ciência e a arte formam a herança melhor que lhe deixou Ranulfo Prata. Que o talento paterno, transmitido pelo sangue, afervorado pela veneração do lar, recomponha, na sua pessoa, a nunca assaz pranteada figura de quem lhe deixou, ao redor do berço, a riqueza da inteligência, a opulência do coração, nublado embora pela saudade que não se finda, pela lembrança que não se acaba, das quais fazemos nós, os do Clube do Livro, grande parte nossa.[65]

Livros Navios Iluminados, romance de 1937, é reeditado

Antonio Gonçalves Filho

Último livro do escritor e médico sergipano Ranulfo Prata (1896-1942), Navios Iluminados foi lançado em 1937 pela Livraria José Olympio Editora e recebido com entusiasmo por críticos como Nelson Werneck Sodré e Alceu Amoroso Lima. O autor morreu sem publicar outro livro depois desse, aos 47 anos, mas vem sendo redescoberto por novos leitores e acadêmicos. A coleção Reserva Literária, da editora Com-Arte, em parceria com a Edusp, acaba de lançar a quinta edição brasileira desse que é um vigoroso exemplo do romance social dos anos 1930, já comparado ao melhor da produção de Graciliano Ramos.

65 Navios Iluminados (Apresentação), Ranulfo Prata. São Paulo, Clube do Livro, 1946.

Não há exagero nessa aproximação entre os dois escritores, o sergipano e alagoano. Ambos são econômicos em adjetivos, honestos e comprometidos com os menos favorecidos.

Há também que veja no fatalismo de Navios Iluminados ecos de Euclides da Cunha, como a professora Marisa Midori Deaecto, autora da apresentação do livro. De fato, o migrante José Severino, que sai da cidade baiana de Patrocínio do Coité (atual Paripiranga) para tentar a sorte no porto de Santos, é um personagem que bel poderia ter saído de um livro do imortal da Academia Brasileira de Letras que escreveu Os Sertões. Há, porém, uma diferença de abordagem: Prata passou ao largo da filosofia positivista. Foi um trágico, na melhor tradição existencialista russa estabelecida por Dostoievski.

De sertanejo nem um pouco forte a tísico proletário urbano, a vida de Severino é um sucessão de tragédias.

Desenraizado, com, a mãe doente em Paripiranga, ele deixa o município baiano no Polígono das Secas apenas para sofrer um pouco mais numa cidade praiana, a exemplo dos pobres imigrantes europeus - portugueses, espanhóis =- que disputam com ele uma vaga no cais do porto.

O neorrealismo de Prata não se distancia muito dos outros romancistas da época, que adotam a tipificação social para denunciar as injustiças de um sistema perverso, mantido pela força numa época em que pipocavam greves, a classe trabalhadora se organizava em sindicatos e o PCB ganhava força, isso até o golpe de 1937, justamente o ano do lançamento de Navios Iluminados. Com toda a munição ideológica que outros autores certamente usariam, Prata prefere eleger o drama do protagonista como objeto de sua investigação sobre o comportamento dos portuários numa era turbulenta, em que empresários defendiam a ação enérgica do Estado.

Prata ambienta sua história no bairro do Macuco, à beira do cais, descrevendo as ruas e os hábitos locais com precisão cirúrgica, dos botecos em que desocupados jogavam bilhar e dominó aos cabarés da zona de prostituição. Severino, que tanto luta para virar estivador, não tarda a perceber que a troca da miserável propriedade rural na Bahia por um quarto de pensão no Macuco não lhe trouxe nenhum benefício. Ao contrário: seu infortúnio cresce. O narrador não tenta amenizar o drama com lirismo. A exemplo de Graciliano, é seco, direto, decidido a construir um épico sobre um personagem obscuro, esmagado pela história.

Ao escolher a lavadeira Florida como companheira de Severino, o narrador acena com um gesto de solidariedade entre miseráveis, capaz de mudar a vida do protagonista, reconduzindo-o ao caminho original após superar todos os obstáculos. Contudo, prevalece o desamparo. Prata não recua. Lima Barreto foi um dos primeiros a reconhecer suas qualidades de romancista já no livro de estreia, O Triunfo (1918). Outros, por sorte, o seguiram.[66]

66 O Estado de São Paulo, 10 de outubro de 2015.

Capítulo IX

Análise Geral da Obra

Ranulfo Prata

Messias Fonseca

Há nos romances de Ranulfo Prata um cunho tão forte de sua personalidade que lendo-os a gente penetra logo na natureza delicada e entranhadamente boa de seu autor.

Sabe Deus eu estava preparado para entrar em comunicação com aquele mundo de idéias de efeitos e sentimentos bons.

É um encanto quanto descobrimos em outra imagem e conceitos que se acham latentes em nós, mas expressos por uma nova forma mais feliz.

Precisamente é neste ponto onde se estriba a sua originalidade, pois mesmo contando coisas simples quotidianas vulgares, Ranulfo Prata empolga.

Dele se poderia o que disseram de Andrés Theuriet. "É terno, sóbrio e tem uma visão delicadamente melancólica de todas as coisas".

Simão Dias, Lagarto enfim os lugares que nos pinta com mão de mestre, vivem eternamente em sua linda imaginação e são evocadas em seus tipos, usos e costumes em páginas de rara felicidade.

Tal é o autor do Lírio na Torrente, que a Academia Brasilei-

ra de Letras acaba de premiar.

O seu nome é hoje em dia tão grande, sobe tão alto que eu receio que me tomem por pretensioso querendo traçar, o que não consigo, o seu perfil literário.

Cumpria-me agradecer a atenção que o ilustre romancista patrício tem tido para comigo oferecendo-me as suas obras e eu não poderia fazê-la senão me exprimindo assim.[67]

Ranulfo Prata e suas obras

Frasilde

Em 25 de setembro de 1918, dizia um jovem poeta e jornalista sergipano a respeito do livro O Triunfo, de autoria do Dr. Ranulfo Prata.

"Muito talento e muita alma possui o autor de O Triunfo e se nada mais escrever, o seu livro é que basta para a sua glorificação e da mocidade".

O malogrado poeta, dias depois, era barbaramente assassinado na capital deste Estado, vivo teriam de impingir-lhe entusiasmo arrebatador, as demais obras do Dr. Ranulfo Prata.

A crítica rígida de Altamirando Requião em 1918, estudando até trecho da primeira obra do Dr. Ranulfo Prata, não teria certamente, hoje, argumentos para apontar senões às últimas obras do autor de Navios Iluminados.

O comentário das obras do Dr. Ranulfo Prata, estriba-se nas palavras elogiosas de João Ribeiro, Tristão e Ataide, Agripino Grieco, Jackson de Figueiredo, Fabio Luz, Silveira Bueno e outros escritores que tem se manifestado a respeito de O Triunfo, Dentro da Vida, O Lírio na Tor-

67 A Luta. Cidade de Anápolis – Comarca de Simão Dias, 14 de novembro, 1926.

rente, (premiado em 1926 pela academia Brasileira de Letras), A Longa Estrada, Lampião e Navios Iluminados, recentemente editado pela Livraria José Olimpio, vai além das demais obras já tão aceitas e elogiadas. As obras do Dr. Ranulfo Prata, são volumes destes que se aproveita apenas a feição material, no escândalo de cores de capas preparadas a gosto, para despertar o apetite das traças humanas.

Ranulfo Prata publicando Navios Iluminados conseguiu em literatura romântica, uma obra de arte, digna de ser apresentada. A fórmula literária e o sistema de considerar as idéias abstratas como seres reais. O artista e literato apresentam a natureza sob o aspecto real, não ocultando o que nela pode haver de repulsivo com altas revelações em psicologia. A simplicidade da linguagem amena e sem ênfase, fica ao alcance de todas as camadas.

José Severino, tipo do norte, filho da minha velha Patrocínio do Coité é a figura principal do romance. Cena passa-se em Santos, onde José Severino à guiza de arranjar trabalho para arrimo da sua velha mãe e a realização de seus desejos amorosos com a Raimunda, que ficara em Patrocínio do Coité, sofre em terra estranha, as escabrosidades da classe trabalhadora até a morte.

Como em quase todos os romances há sempre uma figura de mulher, aparecem em Navios Iluminados, entre outras, Raimunda e Florinda. José Severino tivera o seu coração dilacerado pela velabilidade da Raimunda e as suas dores amenizadas por Florinda que tornara-se depois sua fiel companheira na alegria e na dor.

A figura esquisita de Pato Tonto, com sua habilidade extrema de construir casas, igrejas de papelão, depois de longos dias e longas noites, construíra um veleiro de dois palmos denominou-o de Esperança, ofereceu a José Severino no hospital dos tuberculosos. Pato Tonto, com a sua obra, trouxe inspiração ao autor para o título do magnífico romance.

José Severino, esvaindo-se numa terrível tuberculose na Rua Manoel Tourinho, no porão imundo de uma enorme casa, fez a sua

última viagem no veleiro. Esperança que ele sonhara grande e iluminada. E a Esperança leva consigo também a última página do romance cuja leitura nos deixa saudades comovendo-as a um desejo ardente de tornar ao princípio.[68]

Anápolis, 17.2.1938

Um lugar para Ranulfo Prata
(Contribuição bibliográfica)

Paulo de Carvalho Neto

De Sergipe a São Paulo

Ranulfo Hora Prata nasceu em Lagarto, Estado de Sergipe, no dia 4 de maio de 1896 e faleceu em São Paulo, no dia 24 de dezembro de 1942, aos 47 anos de idade. Formou-se em Medicina, no Rio de Janeiro, em 1919. Clinicou em algumas cidades do interior de São Paulo, antes de se transferir para Santos, definitivamente, em 1927, a fim de dirigir o Serviço Radiológico da Santa Casa e Beneficência Portuguesa.

Começou sua carreira de escritor sendo ainda estudante de Medicina, na Bahia, quando recebeu o Primeiro Prêmio do Concurso de Contos d'A Tarde, em 1916, com o seu conto O Tropeiro incluído, nove anos mais tarde, na coletânea A longa estrada (1925).

O seu primeiro livro foi um romance: O Triunfo (1918).

68 A Luta. Cidade de Anápolis – Comarca de Simão Dias, 27 de fevereiro, 1938.

Desde então, desenvolveu uma obra de valor ascendente e de entrega quase periódica, embora não tivesse sido considerada volumosa: Dentro da vida, novela, 1922; A longa estrada, contos, 1925; O lírio na torrente, romance, 1926; Lampião, documentário, 1934; Navios Iluminados, romance, 1937.

Seis livros, nada mais e três folhetos de tese, que não tem a importância daqueles volumes: Do riso (1921), A renascença das letras em França (1928) e Repercutiu na nossa literatura o movimento romântico de 1837?, (1928). Do riso foi sua tese em Medicina e os outros dois folhetos foram teses para o preenchimento da cadeira de literatura do Atheneu Pedro II, em Sergipe, cadeira que ele ganhou, mas que não chegou a ocupar. Também folhetos, mas não teses, foram: Martins Fontes, médico; O Teatro no Brasil; O valor da radiografia no esqueleto e no diagnóstico da sífilis congênita.

Vários manuscritos ficaram inéditos, inclusive o romance Uma vez na Montanha.

Qual o lugar que a história da literatura brasileira concede a Ranulfo Prata? Nenhum! É fato notório que se trata de o "grande injustiçado". Numerosas são as vozes de protesto contra esta realidade. "Navios Iluminados é um livro que permanece – diz o crítico Leonardo Arroyo (1960) –, embora se possa reconhecer, com melancolia, que não se tem feito muita justiça ao romancista Ranulfo Prata". O seguinte trecho de Geraldo Azevedo (1955) é dos mais eloqüentes sobre o tema:

"Não será inverdade afirmar que Ranulfo Prata é um dos injustiçados da literatura nacional. Nossa crítica, tão pródiga em dispensar elogios, ainda não se deteve demoradamente para estudar a obra, não muito vasta, do escritor sergipano. Compreende-se até certo ponto essa ausência: é que Ranulfo Prata, de temperamento arredio, lutando sempre contra a pertinácia da

doença, vivendo exclusivamente para o trabalho e a família, não teve tempo de brilhar nas reuniões pseudo-literárias, em que o cabotinismo, a auto-insensação, a bajulação sem termo nem medida tomam a maioria das horas daqueles que procuram a glória sem quererem participar das renúncias que a arte exige dos seus seguidores. Felizmente, o tempo não conserva ídolo de barro. E os que viveram uma vida literária sem literatura acabarão por ceder o lugar que injustamente ocupavam aos homens de têmpera e valor. Um dia, quando se fizer uma revisão honesta na história de nossas letras, Ranulfo Prata de certo aparecerá com todo o esplendor de sua grandeza humana. A obra que construiu "cheia de brasilidade e calor, de ternura e emoção emergirá do esquecimento atual para deslumbramento das gerações futuras. Nesse dia, a crítica literária nacional terá apagado da história de nossas letras mais uma injustiça".

E se consultamos as atuais bibliografias, dicionários, manuais, antologias, introduções, interpretações e histórias da literatura brasileira, já tão numerosa, nossa pena é ainda maior. Nada sobre Ranulfo Prata! Carpeaux, José Paulo Paes e Massaud Moisés, Antônio Cândido, José Aderaldo Castello, Mário da Silva Brito, Afrânio Coutinho, Aurélio Buarque de Holanda Bezerra de Freitas... e tantos outros autores responsáveis por darem forma orgânica ao patrimônio literário brasileiro, não incluem Ranulfo Prata em seus esquemas históricos. Não obstante, incluem e resenham outras obras de alguns autores que não resistiriam a um estudo comparado com a produção de Ranulfo.[69]

69 Ranulfo Prata e a História da Literatura Brasileira

Sobre Ranulfo Prata

Sobrinho e afilhado de Ranulfo Prata pude, em 1960, obter sua coleção de recortes de jornais, sobre a sua própria obra, a fim de sistematizá-la algum dia e apresentá-la ao leitor, na forma em que o faço agora. Maria da Glória Prata, viúva de Ranulfo, nessa oportunidade acedeu em doar ao Itamaraty, por meu intermédio, a biblioteca de seu marido, a qual foi constituir o núcleo básico do Centro de Estudos Brasileiros, de Quito, Equador. Como fundador e diretor do Centro, dei a todos esses livros – cerca de 1.200 volumes – uma encadernação primorosa sob o título geral de "Coleção Ranulfo Prata". A maioria está constituída de primeiras edições da literatura portuguesa, francesa e brasileira, e todos lá estão, em Quito, servindo ao povo equatoriano e à espera de quem deseje escrever qualquer ensaio sobre a formação cultural de Ranulfo Prata e a influência da mesma em sua obra.

Ao organizar agora os recortes de que falo, com o proposto de contribuir à redenção do Noé desse autor, distribuo-os de acordo com o livro ao qual se referem antepondo um número, de 1 a 5, a cada título, números que possuem a seguinte convenção:

1. Simples notícia.
2. Comentários à margem.
3. Resenha informativa.
4. Crítica.
5. Fonte imprescindível.

Espero que este critério ajude o leitor interessado no tema. A presença do asterisco, principalmente, indicando a existência de uma "fonte imprescindível" para o conhecimento de Ranulfo

Prata, prestará, creio, um grande serviço como roteiro.

Infelizmente, muitas fontes não figuram com toda a indicação bibliográfica necessária. Às vezes, só trazem a menção do jornal, outras vezes, só a data ou o nome da cidade. Assim foram colecionadas pelo próprio Ranulfo ou por sua dedicada esposa, que, com modéstia displicência e bom coração, jamais pensaram no valor que este álbum viria a ter.

Os seus maiores críticos

O que de imediato ressalta é a quantidade de grandes valores das letras nacionais que escreveram sobre Ranulfo Prata. Este fato acentua a injustiça que assinalamos, pois é mesmo incompreensível que o nome de Ranulfo não seja levado em conta na atualidade, tendo sido festejado por João Ribeiro, Lima Barreto, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Agripino Grieco, Fidelino de Figueiredo, Nelson Werneck Sodré, Paulo Dantas, Afonso Schmldt e Tasso da Silveira, entre outros. Alguns desses autores escreveram páginas que, inclusive, mereceriam ser incluídas em suas próprias coleções póstumas de dispersos, por quem esteja dedicado à essa tarefa de colecionador de estudos perdidos e esquecidos.

O Realista e o Regionalista

Basta a leitura desses trabalhos para que o exegeta de Ranulfo Prata adquira uma idéia inicial sobre a corrente em que

deverá classificá-lo.

Comentando O Triunfo, por exemplo, Altamirando Requião, crítico literário da Bahia, em 1918, considerava-o uma obra realista, "francamente realista". "O livro que tenho em mãos – escreve – é uma estréia de um jovem de talento, no romance realista moderno. O realismo é ainda hoje a fórmula literária capaz de todas as revelações em psicologia, e se liberto dos exageros e das extravagâncias que o fazem uma simples aberração, constitui-se um campo magnífico de ação estética e intelectual de inestimável e indiscutível valor".

Tristão de Athaide (1925) classificou A Longa Estrada e O Lírio na Torrente como obras regionais. Para ele, "o Sr. Ranulfo Prata [nos dois livros citados] mostra como realmente não é necessário limitar-se ao pitoresco localista para criar regionalismo de boa espécie".

Enquanto que Agripino Gieco (1925) encontra n'A Longa Estrada "ligeiros laivos de romantismo, de envolta com atraentes imagens plásticas".

Osório Lopes (1926) secundou a Tristão de Athaide, diante de A Longa Estrada e O Lírio na Torrente, afirmando, sem deixar lugar a dúvida, que "a obra de Ranulfo Prata e profundamente regionalista". Mas acrescentou: "Ranulfo Prata pode considerar-se o mais puro dos realistas".

Para Jackson de Figueiredo (1925) "o simbolismo, que está em tudo, não se sobrepõe à realidade". E acrescenta a propósito daquelas obras: "A nota idílica e a nota realista se confundem na mesma harmonia de um são romantismo, ou de um naturalismo de eu na se afastou a poesia da vida".

Destarte, não faltaram as tentativas de muitos críticos, na época, por buscarem os autores nacionais que mais se assemelhavam a Ranulfo, a fim de facilitar a tarefa de um julgamen-

to definitivo. Alguns dos contos de A Longa Estrada, dizia, por exemplo, o crítico do Correio da Manhã, em 1925, "poderiam ser assinados" por Afonso Arinos. Na opinião de Silveira Bueno (1925) este livro era um dos melhores que se havia publicado, com um estilo superior ao de Alberto Rangel e ao de Coelho Neto. Em 1926, Silveira Bueno soltava ao tema, insistindo em que "talvez só Monteiro Lobato" soubesse manter o leitor tão preso à narrativa. Mário Couto (1938) declarou por sua vez, categoricamente, que "não hesitava em dizer que Ranulfo Prata é tão bom romancista quanto Amado, Lins, Fontes e Cardoso". Oscar Mendes, também em 1938, foi claro a respeito. "Amando Fontes – diz Oscar Mendes – é o autor que podemos, entre os novos romancista, colocar ao lado do Sr. Ranulfo Prata". Vinte e cinco anos depois, Paulo Dantas (1953) mostrava-se do mesmo parecer. Uma e outra vez, Dantas traz sempre juntos os nomes de Ranulfo Prata e Amado Fontes.

Sofrimento e Miséria

Com este realismo regionalista que descobriram em seus escritos, Ranulfo foi várias vezes apontado como o romancista da dor nas classes pobres do Brasil. "Ranulfo Prata é um narrador amargo", asseverou Murilo Araújo (1925). "A nota característica do temperamento literário de Ranulfo é a amargura", diz Silveira Bueno (1926). E esclarece: "Mas uma amargura de indivíduo varão, de homem que é triste pelo pensamento, pela reflexão, sem o pieguismo dos temperamentos mulheris que escrevem com lágrimas nos olhos"... "A amargura do escritor sergipano é dessas que amaram rostos, sulcam faces, descoram lábios,

mas não destilam uma lágrima sequer".

Ele próprio se considerava um revoltado. O Triunfo, declarou certa vez, "foi o resultado das minhas primeiras revoltas". "É preciso se deixar de fazer arte pela arte", disse no prefácio de Dentro da vida. Osório Lopes (1926) considerava O Lírio na Torrente "uma página viva do sertão bárbaro, do Brasil bárbaro que os burgueses desconhecem".

Mas esta aproximação a dor e miséria dos camponeses e operários, na obra de Ranulfo, não foi considerada positiva pelo radicalismo de esquerda, pois descambava para a solução cristã e piedosa. Navios Iluminados, dizia Tasso da Silveira (1938), "não flui da fonte libertária": ao contrário, era um livro "visivelmente de inspiração cristã". Na apreciação de Oscar Mendes (1938), o autor afasta-se "dos clichês da chamada literatura proletária", sem por isso deixar de reclamar "uma reforma social", mas que não deixasse de ter um lugar para a caridade.

Não podia ser outra a atitude de Ranulfo. Ele estava marcado por sua época pela influência pessoal e contínua de Jackson de Figueiredo, a falar-lhe de Cristo todos os dias. "Viva – recomendava-lhe Jackson em 1928 –, isto é, sofra, aprofunde o seu próprio incontentamento, e há de ver que o que mais lhe doe, o que o magoa, é não ser a vida que pudera ser, se Jesus fosse um exemplo e não um puro símbolo, como o é para quase todos nós que só vemos da vida a raiz do Calvário e não buscamos a grande luz que ilumina o sacrifício no cume da montanha". Acabou sua vida, como era de esperar-se, absorto na Bíblia. "Nos seus últimos anos – declara Maria da Glória Prata à reportagem de Geraldo de Azevedo (1955) –, Ranulfo Prata se dedicou à leitura de assuntos religiosos. Diariamente lia a Bíblia, num volume que lhe havia sido dado por Jackson de Figueiredo".

Curioso é como um Nélson Werneck Sodré (1938), de for-

mação materialista, tenha dissentido do radicalismo da extrema esquerda, ao considerar que "a larga dose de sentimento em Navios Iluminados, amenizando-lhe o fundo trágico e revoltado", lhe infundia mais cor e mais beleza".

Ranulfo Prata foi, assim, um dos primeiros escritores sociais do Brasil, mas que não pode encontrar uma solução social para esses problemas sociais. Consumia-se numa dor atroz, num sofrimento irremediável que tinha, como saída, somente um pessimismo doentio. Faltou-lhe a criatividade das soluções reais, limitando-se a ser amargo, sem conduzir o leitor a metas de esperanças no futuro. Talvez a sua formação de médico tivesse influído em grande parte neste processo.

O certo é que a crítica cristã da época louvava-lhe o seu realismo masoquista e distanciado das soluções materialistas e violentas, enquanto os críticos da vanguarda política de então o encontravam ultrapassado. Até em Lampião, o melhor documentário realista daquele tempo, Ranulfo foi acusado de ser "ingênuo" por Valdemar Cavalcanti (1934).

Por outro lado, como seu realismo não só fugia às soluções sociais como ainda ao sexualismo palpitante e escandaloso de Júlio Ribeiro e Aluizio Azevedo, Ranulfo era cada vez mais acatado e festejado pela ideologia conservadora do Brasil, necessitada de ouvir falar em dor e misérias, mas num piano distante, a sexual e não subversivo.

As causas de seu Esquecimento

A esta altura, podemos conjecturar, com melhores elementos, sobre as causas dessa grande injustiça que fazem a Ranul-

fo Prata, excluindo-o da história de nossas letras. Não será uma delas, por acaso, o seu idealismo tão simbólico e subjetivo, tão excessivamente cristão e bíblico? Não terá sido também, a sua linguagem pura, escorreita, limpa de palavrões e indecências? E a sua morte, quando apenas tinha 47 anos de idade, recém entrada na fase madura de sua produção? Ou a maior de todas essas causas não terá sido o estilo de sua vida de escritor ermitão, inimigo acérrimo das panelinhas e das portas de livrarias? "Ranulfo Prata não cortejara os consagradores oficiais de talentos", dizia Henrique Câncio, procurando explicar, por volta de 1923, a razão pela qual Dentro da Vida não tinha causado "um grande sucesso de norte a sul" Muitos insistiram em tal argumento. Leonardo Arroio (1943) lamentava-se de que Ranulfo se recusasse a aparecer em público, após o êxito de Navios Iluminados. "Não era um escritor de pose", dizia Arroio. "Vivia arredio, quieto, fora da efervescência intelectual". Correa Junior (1954) também observou que Ranulfo "era o que se pode chamar um espírito fechado, pouco amigo de intimidades, não cultivando jamais a camaradagem boêmia".

As Influências Decisivas

Complementando essas conclusões críticas que situam Ranulfo Prata no realismo e no regionalismo, há insistentes alusões às possíveis influências que ele sofreu. Por exemplo, Henrique Câncio, da Bahia, aproximadamente em 1922, achava que Dentro da Vida lembra Vargas Vila. Jackson de Figueiredo (1925) denunciou-lhe "uma lastimável influência de Câncio Branco, não só quando as expressões literárias mas até quando a

certas faceirices, modismos e surpresas, muito do gosto daquele eterno cultivador da aflição e da agonia". Osório Lopes (1926), não só lhe descobre "a influência de Camilo", mas também a de Eça Queiroz.

Waldemar Cavalcanti (1934), por sua vez, descobriu Euclides da Cunha em Lampião, O euclidismo de Ranulfo, diz Cavalcanti, é visível em seu empenho de escrever "difícil, em períodos grossos, como querendo impor densidade, fazer volume, com enchimento de adjetivos, com artifícios antigos".

Em 1943, Leonardo Arroio voltava a comentar a "influência religiosa de Jackson de Figueiredo". Acrescentando: "Esta amizade, que os ligara fortemente até à morte dramática de Jackson, desempenhou importante papel na formação mental de Ranulfo Prata, pois foi ela que trouxe para a sua produção literária o tom de evangélica resignação que se observa nos personagens principais dos seus livros. É assim como uma revolta serena a de seus tipos, lembrando vagamente os de Knut Hamsun. Com a diferença, entretanto, de que as criações do autor de Fome têm consciência de sua miséria, ao passo que as de Ranulfo Prata sofrem com a fatalidade que lhes dá a própria ignorância".

Ranulfo na Literatura Sergipana e na Santista

Há nesta documentação, ainda, algumas referências sobre o que Ranulfo representa no âmbito limitado da própria literatura sergipana, embora me parece difícil falar de "autor sergipano" quando trata um tema tão profundamente paulista como o da vida dos trabalhadores do cais de Santos. Há sempre um certo bizantinismo naquelas classificações de autores por Estados ou

por países de nascimento.

Não obstante, Ranulfo necessariamente forma parte da geração de Curvelo de Mendonça com A regeneração, de Prado Sampaio, com Vida sergipana (1903), de Alberto Deodato, Armando Fontes e outros tantos autores provincianos. Rubens Amaral (1938), por sua vez, é dos que preferem situá-lo no quadro das letras santistas, ao lado de Frei Gaspar da Madre de Deus, Pimentel Bueno, Vicente de Carvalho, Martins Fontes, Afonso Schmidt, Ribeiro Couto.

Cenas Históricas da Literatura Brasileira

E não falemos dos inumeráveis episódios na vida pessoal e literária de Ranulfo, contidos nestes artigos, que hoje contribuiriam para a compreensão da vida daqueles contemporâneos que foram seus amigos. Basta lembrar, por exemplo, o do vício alcoólico de Lima Barreto.

"Lima Barreto Elogiou o livrinho – conta Ranulfo Prata a Silveira Peixoto em 1940 – , e foi visitar-me no Hospital do Exército, onde eu era interno. A visita desse mulato genial deu-me grande alegria. Sentados num dos bancos do imenso parque do Hospital, o Lima, meio tocado, como sempre, mas perfeitamente lúcido, claro, brilhante mesmo, queria saber com segurança se a Angélica do romance era realmente bonita como eu a pintara. Todos os ficcionistas, dizia-me com ironia, têm a mania de fazer belas raparigas das cidades pequenas. Nos lugarejos por onde eu andara nunca vira nenhuma... Eram todas feias, grosseiras, desalinhadas... E eu garanti que a minha angélica era, positivamente, encantadora, capaz de virar cabeças sólidas de gente de grandes cidades".

Doutra feita, Ranulfo convidou Lima Barreto a passar uns dias em Mirassol, como seu hóspede. Narra Paulo Dantas (1953):

"O objetivo de Ranulfo era tentar a cura do alcoolismo do genial criador de Policarpo Quaresma, pondo-o no regime do copo de leite. E o grande e humilde Lima Barreto foi para Mirassol, onde no início, até começou a engordar, enchendo assim o coração do jovem médico de esperanças. Mas, aconteceu que certo dia, justamente quando foi marcada uma conferência literária de Lima Barreto em Rio Preto, o escritor entrou num boteco e voltou a beber. Ranulfo Prata que o procurava pela cidade , aflito, deu com Lima em estado lamentável. Era a volta ao álcool.

– Prata – foi dizendo Lima Barreto, humilde e em tom de justificação –, que você em sua vida nunca tenha os motivos que me fazem beber assim...

E irremediavelmente perdido, Lima Barreto voltou ao Rio".

As Opiniões Divididas

Na falta de um balanço atual e decisivo sobre a obra de Ranulfo, ficam a flutuar os dois extremos de opiniões. As opiniões negativas, por um lado e, por outro, as positivas.

De Waldemar Cavalcanti (1934), por exemplo, é a afirmação de que Ranulfo Prata tinha "má fama" como romancista, afirmação que ele não provou.

Enquanto que um Tristão de Athaide (1925), com sua enorme responsabilidade de crítico profissional, chegou a considerá-lo "entre os nossos bons romancistas contemporâneos", Grieco, nesse mesmo ano, dizia, com o seu modo peculiar, que "este prosista merece ter leitores, e isto porque não pratica o

pior dos gêneros, o gênero tedioso". E em 1943, Paulo Dantas afirmava, convictamente, que "Navios Iluminados é o melhor romance até hoje escrito sobre as docas de Santos e o melhor romance proletário brasileiro, podendo ficar num âmbito singular com Os Corumbas".

As transcrições que faço de cada fonte, mais adiante, completam este quadro de opiniões.

Um Lugar Para Ranulfo Prata

Não insistirei em maiores detalhes. Suponho estar entregando aos historiadores da literatura brasileira, os elementos necessários para uma "revisão honesta", no dizer de Geraldo Azevedo (1955). Noutras palavras, o material imprescindível para que se conceda a Ranulfo Prata o lugar que pertence por direito e que lhe tem sido negado, por estranhos caprichos do destino. Ainda não se cumpriu o prenúncio de Silveira Bueno (1926), quando afirmou a propósito de Ranulfo: "Na história da nossa literatura, quando os críticos tratarem dos narradores, dos romancistas, um ótimo lugar há de ser reservado a esta capacidade de escritor, que, no início ainda da sua vida literária, já nos apresenta estas realizações surpreendentes".

Passamos à enumeração das fontes que encontrei em seu álbum de recortes:

I. – Sobre O Triunfo. Rio de Janeiro, 1918.

[4] CABRAL, João. Juízos e Comentários. O Triunfo. Aracaju: Diário de Aracaju, 29 de dezembro de 1918.

"O sr. Ranulfo, porém, possui já por temperamento ou esforço próprio, a noção precisa das proporções e se de raro em raro se lhe transvia a pena, não é isso mais que a exteriorização involuntária do seu espírito moço incidido, vivaz".

[4] FIGUEIREDO, Jackson . Carta a um jovem romancista. Rio de Janeiro: A Notícia, 3 de setembro de 1918.

"É evidentemente impossível negar méritos de inteligência a quem, tão moço ainda, aparece, em tal meio, não com um livrinho de versos, mas tentando um gênero realmente difícil e, por último, quase abandonado entre nós. No Brasil contemporâneo os romancistas de verdade não ultrapassarão talvez a seis ou sete: Rodolfo Teófilo e Papi Junior, no Ceará, a grande figura de Xavier Marques, na Bahia, Afrânio Peixoto, Coelho Neto e Lima Barreto, aqui no Rio, Veiga Miranda, em São Paulo, são aqueles de que me lembro agora. De certo deve haver por ai outros nomes, mas estes ou não conseguiram interessar o grande público – como até se pode dizer de Papi Junior – ou só agora se vão levantando em nosso horizonte intelectual".

[2] FONTES, Lourival. De alto a baixo. Miragens suaves. Salvador, Bahia: Diário de Notícias, 1918.

"O Triunfo é uma visão da paisagem da natureza brasileira, impetuosa, reverdejante em plena selva, ressuscitando na sua frescura perene".

[4] GARRIDO, Carlos. "Ranulfo Prata. Maceió: jornal de alagoas, 23 de fevereiro de 1919.

"Vê-se, entanto: sente-se – não vai bairrismo em acentuar – que o Norte porfia por não ceder a palma à mentalidade do Sul"...

[3] K. Mundanas & Sociais. Salvador, Bahia: A Tarde, 7 de

outubro de 1918.

"Depois da correspondência de uma estação de cura, do magnífico João do Rio, não sei de livro mais admirável em língua portuguesa".

[4] LIMA BARRETO. O Triunfo. ABC, 28 de setembro de 1918.

"É um romance, antes, uma novela em que o autor revela grandes qualidades para o gênero. Já possui a sobriedade de dizer, a naturalidade do diálogo e não limalha a frase estafadamente". "Com tantas e superiores qualidades, é de esperar que o Sr. Ranulfo Prata venha a ser um grande romancista"... "Tive com a leitura de seu livro o máximo prazer e espero que ele se repita em um segundo livro que, em breve, estou certo, ele nos dará".

[3] Livros Novos, O Triunfo. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 24 de setembro de 1918.

"O Sr. Ranulfo Prata é um moço verdadeiramente talhado para romancista e do qual esse gênero muito deve esperar".

[3] MUNIS BARRETO, Péricles. O Triunfo. Aracaju: Diário da Manhã, 25 de setembro de 1918.

"Muito talento e muita alma possui o autor do O Triunfo e, se nada mais escrever o seu livro é que baste para a sua glorificação e da sua mocidade".

[1] O Triunfo. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 22 de setembro de 1918.

"O livro é escrito em estilo sóbrio e fluente e a sua leitura torna-se agradável, por tal ponto, que pudemos levá-la a cabo sem enfado".

[1] O Triunfo. Aracaju: Correio de Aracaju, 29 de setembro de 1918.

"A primeira qualidade do romancista é a observação e o autor do Triunfo é realmente um observador curioso: sabe lançar mão de particularidades, à primeira vista insignificantes, mas que constituem, para assim dizer, senão a alma ao menos a graça do romance".

[4] REQUIÂO, Altamirando. Crônica das Livrarias. O Triunfo. Salvador, Bahia: Diário de notícias, 22 (de setembro?) de 1918.

"O Sr. Ranulfo Prata, pois, escreveu um livro francamente realista, mas de realismo não incontido, moderado, tangenciando pela impressão exata que todos temos das coisas que nos cercam"...

[4] RIBEIRO, João. Crônica Literária. O Triunfo. Imparcial, 9 de setembro de 1918.

"O que eu louvo no livro que acaba de publicar são muitas coisas ao mesmo tempo: o valor da própria obra, o viço e frescor de quem escreve e tem apenas vinte anos de idade, se tantos: a mesma espécie em que se classifica, definitivamente, e pela flor, a sua vocação de romancista".

[1] RUBENS, Carlos. O Triunfo. Rio de Janeiro: A Cidade, novembro de 1918.

"O Triunfo é já uma afirmação de talento e para o seu autor uma grande promessa de vitória".

II. – Sobre Dentro da Vida, Narrativas de um médico de aldeia. Rio de Janeiro: typ. Anuário do Brasil, 1922, 189 pp. Se-

gunda edição – S. Paulo: Clube do Livro, 1953.

[1] ATHAIDE, Tristão de. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: O Jornal.

"É um livro de intensa sensibilidade, lição de conformidade e de renúncia, como aquela que Fromentin nos quis dar nas páginas imortais de Dominique".

[3] CÂNCIO, Henrique. Dentro da Vida. Salvador: Diário da Bahia.

"Lembra Vargas Vila. O magistral escritor hispano-americano escreveu sobre o motivo da herança horrível da morféia em livro, que se lê, de cabelos eriçados de assombro e torturas de nervos combalidos. Em Dentro da Vida, Ranulfo Prata conta a história de uma família de lázaros".

[3] C.C. Bibliografia. Dentro da Vida. S. Paulo: A Garoa.

"Em nossa opinião, Dentro da Vida pode ficar ao lado dos melhores romances brasileiros. Poucos se lhe comparam no tocante ao estilo, que é dos mais sóbrios, e nenhum o sobrepuja no que concerne à observação, finura de pensamento e, sobretudo, decência de linguagem, em que prima. Só em Machado ou Pompéia podemos achar sem custo dois tipos tão bem tratados como o Dr. Bento e Cândida Maria".

[1] Dentro da Vida. Rio de Janeiro: Árvore Nova nº2.

"Ranulfo Prata é um temperamento definido de novelista e a notável capacidade de criação que este seu último livro revela e poderá desdobra-se ainda em obras das mais admiráveis que no gênero tenhamos produzido".

[1] Dentro da Vida. Rio de Janeiro: América Brasileira.

"O livro é feito com grande emoção, traduzindo a angústia de um espírito forte desejoso de penetrar os meandros obscuros do mistério do mal".

[3] Dentro da Vida. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 15 de julho de 1922.

"... a verdade é que escrevendo dentro da Vida, realizou o novel escritor, não só uma excelente obra de ficção, propriamente, mas um lindo poema em prosa"... "Com este seu pequenino romance bem pode ser que o Sr. Ranulfo Prata inicie uma nova era na história do ficcionismo brasileiro".

[3] Dentro da Vida. S. Paulo: Revista do Brasil.

"Eis aqui uma obra que dá gosto bibliografar. Excelente por todos os motivos, sincera, rica de todas as qualidades que fazem de um livro algo mais que papel impresso com palavras de engenhoso arranjo". "Estilo correntío, sem defeitos, sem arrebiques, todo plasmado nessa simplicidade que é o segredo de todos os verdadeiros escritores. Ranulfo Prata é, em suma, um perfeito artista do romance e há tudo que esperar da sua sensibilidade de eleito e da sua pena pura de amaneirados ou vícios da moda".

[3] GARRIDO, Carlos. Dentro da Vida. Maceió: Jornal de Alagoas, 1922.

"Um dos escritores contemporâneos que mais me têm impressionado é o Sr. Ranulfo Prata. Impressionado, pela serenidade com que delineia os seus romances, pela justeza com que traça os seus períodos, pelo colorido suave que imprime à sua frase, sempre tersa e bela".

[4] GOBAT, José. Dentro da Vida. Natal, Rio Grande do Norte: A Imprensa.

"A crítica impressionista, que é essa que por ai se faz no jornalismo diário, não se deteve diante do livro de Ranulfo Prata, o tempo que ele exigia, reclamada pela vertigem da vida. 'Ranulfo Prata é um romancista de vastos recursos e nesse livro de dramatização violenta firmou o seu pendor para esse gênero literário que não vinha sendo até bem pouco o que reservava maiores sucessos para as nossas letras'".

[4] GOMES, Perillo. Vida Literária. Dentro da Vida, Rio de Janeiro: O Jornal.

"O Sr. Ranulfo Prata que nos diálogos, quer na correspondência, gênero este de ordinário tão ingrato, soube fugir ao prosaísmo, digamos mesmo: manteve sempre alta a nota da emotividade. As situações deram sempre a fisionomia que lhes convinha, e aos indivíduos imprimiu feição própria, de acordo com as regras fundamentais da caracterização". "Muitas outras coisas há que louvar no romance do Sr. Ranulfo Prata, não só do ponto de vista exclusivo da arte como das suas conseqüências morais. Basta-nos, porém acrescentar que é um bom livro, sincero, sentido, e se é triste, é, porém de uma tristeza que consola, que tonifica; de uma tristeza purificadora que nos faz sentir a ação da beleza e da bondade sobe a terra".

[1] K. Trechos. Salvador: Diário da Bahia.

"Não sei de muitos romances no Brasil, tão belos de verdade, de observação, de tão perfeita síntese da miséria e dor humanas".

[1] Livros Novos. Dentro da vida. S. Paulo: Folha da Noite, novembro de 1923.

"Muito se falou desse livro no Rio de Janeiro e em Portu-

gal. Em S. Paulo, porém, quase nada. Uma ou duas pequenas crônicas somente. Entretanto, poucos romances merecem ser tão conhecidos".

[4] LUIZ Fábio. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: Rio Jornal, 5 de julho de 1922.

"Com uma simplicidade de linguagem, que não exclui arte e emoção, sabe o autor fazer vibrar nossa sensibilidade, sem rebuscamentos artificiosos, sem excessos episódicos, nem de adjetivação, fazendo descrições lineares". "Com esta narrativa de um médico de aldeia, firma-se-nos a crença de que mais um grande romancista conta a literatura brasileira".

[3] NANTES, Lauro de. Dentro da Vida. Rio Preto, S. Paulo: Diário de Rio Preto, março de 1923.

"Com um pouquinho mais de trabalho teria produzido uma obra completa, um romance dos melhores que tem aparecido ultimamente".

[4] NOGUEIRA, Hamilton. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: A Ordem.

"Enfim, é um livro de real valor, tal a elevação das suas idéias".

[4] PRATES, Homero. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: O País, 13 de julho de 1922.

"Pertence a uma espécie de livros que conquistam desde logo a nossa admiração, penetrando-nos de uma estranha simpatia, de um indefinido sentimento de fraternidade para com os que sofrem de tal modo, as primeiras páginas, nos põe em contato com as cenas da realidade de todos os dias, de pequenas misérias e injustiças".

[4] RIBEIO, João. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: Imparcial, 16 de maio de 1922.

"Todas as páginas do livro até esse momento são fortes e encantadoras e talvez as melhores do romance que é de grande correção de forma e de formosa simplicidade de entrechos". "A primeira parte do livro é a melhor, sob todos os aspectos; e não só a melhor, é excelente como ideação e expressão próprias de verdadeiro romancista".

[4] SANTOS, Maria Felício dos. Novos Livros. Rio de Janeiro: A União, 1922.

"Enfim, o livro escrito em estilo singelo e linguagem lídima, interessa, comove e impressiona bem o leitor".

[1] Um romancista de nova geração. Dentro da Vida. Rio de Janeiro: ABC.

"Também a sua personalidade se impõe logo, inconfundível, na história do nosso ficcionismo, podendo-se esperar que, se conseguir trabalhar obra de maior vulto, venha a ser um dos mais altos representantes do romance no Brasil".

III. – Sobre A Longa Estrada. Contos. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1925, 24 págs.

[4] A longa estrada. O Globo, 7 de agosto de 1925.

"Narrativas, simples narrativas de fatos, de simples fotos da vida corrente, das gentes simples".

[4] A longa estrada. Ribeirão Preto, S. Paulo, 28 de agosto de 1925.

"Não sabemos de livro de contos, nestes últimos anos no Brasil, que tenha alcançados tão elevado nível de intelectualidade".

[1] A longa estrada. Rio de Janeiro: Correio da Manhã de 2 de setembro de 1925.

"O seu gênero aproxima-se muito daquele que fez a fortuna literária de Afonso Arinos e alguns dos contos de A longa estrada poderiam ser assinados pelo saudoso escritor mineiro-paulista".

[3] ARAÚJO, Murilo. Um artista amargo. Rio de Janeiro: Rio Jornal, setembro de 1925.

"Ranulfo Prata é um narrador amargo". "Muitos dos contos são modelos do gênero: a ação desenrolada rápido, o final breve, a estrutura da fábula perfeitamente arrematada".

[4] ATHAIDE, Tristão. Vida Literária. A Longa Estrada; O Lírio na Torrente. Rio de Janeiro: O Jornal, 27 de dezembro de 1925.

"Os contos, portanto, e, principalmente, o romance do Sr. Ranulfo Prata, colocam-no já agora, com as restrições feitas, entre os nossos bons romancistas contemporâneos".

[4] FLORESTAN, J. Livros Novos. A longa estrada. Vanguarda, 14 de agosto de 1925.

"O Sr. Ranulfo Prata faz, pois, contos de costumes, como faz, por exemplo, Gonzaga Duque, e como querem todos os parentes intelectuais de Franklin Távora". "A viagem dos imigrantes sergipanos para S. Paulo, através do sertão baiano e Minas, constitui um quadro de vida brasileira dos mais lúgubres e sinistros".

[4] GRIECO, Agripino. A longa estrada. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 24 de setembro de 1925.

"Este prosista merece ter leitores, e isto porque não pratica o pior dos gêneros, o gênero tedioso. Sua prosa é límpida, fácil, escorreita, sem expressões anfractuosas e sem metáforas rebarbativas. A quando e quando, um pouco de sal e pimenta. E também, não raro, provas de uma fina sensibilidade, ligeiros laivos de romanticismo, de envolta com atraentes imagens plásticas. Há nesse amador de almas sertanejas, um observador otimista, um temperamento sadio e até jovial, mas há também um poeta comprimido, algumas vezes, pelo ironista". "... O Sr. Prata dá-nos aqui o melhor talvez dos seus volumes, seja porque se percebe nele e coluna vertebral de uma idéia diretora, seja porque nele o trato da prosa já revela certos efeitos verbais de estilista desempenado".

[1] Literatura do sertão. ABC, 1º de agosto de 1925.

"Com a honestidade dos seus propósitos, o jovem escritor apresenta a simpatia da crítica e do público outros títulos legítimos, uma linguagem simples e pura, facilidade de fabulação e de narrativa e um vivo sentimento das realidades do ambiente das suas ficções".

[1] Livros novos. A Tarde, 1º de novembro de 1925.

"Bastaria isso que o livro do escritor nortista se impusesse ante a produção destes últimos anos no romance brasileiro".

[4] LOPES, Augusto. Livros sérios. Dentro da Vida. A longa estrada. Santos, S. Paulo; A Tribuna.

"Dentro da vida é incontestavelmente um livro sério, um livro de artista e de pensador".

[4] LOPES, Oscar. Crônicas de livros. A longa estrada. Im-

parcial, 31 de julho de 1925.

"A longa estrada é um livro destinado a êxito brilhante e bem representa a obra de um escritor feito".

[4] LOPES, Osório. Momento Literário. A Longa Estrada. O Lírio na Torrente. Rio de Janeiro: A União, 7 de janeiro de 1926.

"A prosa de ficção tem na personalidade de Ranulfo Prata um dos mais finos cultores". "A obra de Ranulfo Prata é profundamente regionalista". "Os contos que formam a longa estrada são sugestivos, impressionantes, trágicos".

[4] NEMO. A longa estrada. S. Paulo: Cidade do Prata, 23 de agosto de 1925.

"Trata-se, pois, de quem já vem com um nome recomendado por tão seguras credenciais e hoje se apresenta com direitos firmados na literatura nacional. E com razão assim é revelando-se o escritor na posse de qualidades artísticas que desde muito rareiam no Brasil".

[1] O livro do dia. A longa estrada. Recife: Diário do Estado.

"Ranulfo Prata é um admirável criador de tipos, sabendo vivê-los e movimentá-los dentre da mais perfeita lógica".

[4] SILVEIRA BUENO. Livros Novos. A longa estrada. Folha da Noite, 8 de agosto de 1925.

"O seu livro A longa estrada é um dos melhores que se tem publicado. Foge ao brilho excessivo de Alberto Rangel, ao seu brilhantismo nem sempre acertado, ao seu preciosismo vocabular, por muitas vezes audacioso e criticável. Nem é como Coelho Neto, mirabolesco, afadigante, com aquele pedantismo literário de todas as suas fantasias. Ranulfo Prata conta, narra, vigorosa-

mente, mas sereno dando a impressão de uma enchente que vem vindo, que vem vindo, que se vem aproximando, larga, mássica apoderando-se de tudo, irresistível, até o domínio completo, no desfecho final".

[4] SILVEIRA BUENO. Figuras íntimas. Ranulfo Prata. S. Paulo: Jornal do Comércio, 10 de novembro de 1926.

"Como narrador bem poucos poderão comparar-se ao seu vulto: no livro A longa estrada há um conto, O furto, que ficará entre aquelas páginas capazes de, por elas, aquilatar-se o vigor descritivo de uma literatura". "Talvez só Monteiro Lobato saiba manter o leitor tão surpreendido até o fim, arrastando-o na torrente prodigiosa da narrativa".

[4] Uma evocação oportuna. A propósito do último livro de um laureado da A Tarde. Salvador, Bahia: A Tarde, 15 de agosto, 1925.

"Todo ele é um empolgante livro regionalista, como um filme de impressões a deslizar diante dos olhos do leitor a paisagem sertaneja, com os seus tipos clássicos, os seus lances de heroísmo obscuro cortando a monotonia dos dias tropicais a escorrem luz e sol pelas malhadas e pelos campos intérminos. A narração flui em linguagem simples"...

[1] "Uma carta do conhecido homem de letras sergipana Dr. Prado Sampaio ao Dr. Ranulfo Prata, também nosso patrício e ilustre romancista". Aracaju: Correio de Aracaju, 4 de novembro de 1926.

"É d'aqui os meus aplausos à bela formação da sua inteligência"...

[1] Um livro apreciável. Aracaju: Gazeta do Povo, 4 de

agosto de 1925.

"Ninguém melhor do que Ranulfo Prata sabe descrever os costumes rústicos do nosso sertanejo, nem traçar com tintas mais apropriadas os quadros da natureza selvagem do Brasil nordestino".

[1] Várias. A longa estrada. Aracaju: Época, 1925.

"Ranulfo Prata tem esplêndidas qualidades de escritor: maneja admiravelmente a língua"...

IV. – Sobre O Lírio na Torrente. Rio de Janeiro: Ed. do Anuário do Brasil, 1925 (Prêmio de Romance da Academia brasileira de Letras, 1926. Júri: Gustavo Barroso, Aloysio de Castro e Medeiros e Albuquerque).

[1] L. V. O lírio na torrente. Recife: Diário do Estado, fevereiro de 1926.

"No Lírio na Torrente ainda uma vez reafirma o autor com a mesma eloqüência dos trabalhos anteriores, as suas excelentes qualidades de observador".

[3] Os romances brasileiros. O lírio na torrente. Rio de Janeiro: ABC, 10 de outubro de 1925.

"O Sr. Ranulfo Prata é um romancista dotado de predicados pouco vulgares entre os nossos escritores de ficção. Seus livros – romances, novelas, contos –, atestam um equilíbrio interior, uma serenidade e uma harmonia sem descontinuidades, nem contrastes. A imaginação nunca se lhe desgarra para o fantástico e o inverossímil. Seu estilo é um dos mais fáceis, límpidos, correntios da nossa novelística, uma linguagem natural e rítmica cuja maior sedução reside na simplicidade vocabular".

[4] SILVEIRA BUENO. Lírios Novos. O lírio na torrente. S. Paulo: Folha da Noite, 11 de outubro de 1925.

"A força narrativa de Ranulfo Prata surge do conjunto todo, do poderoso arquitetamento da obra inteira, onde nada é dispensado, onde tudo é necessário para o desfecho profundo, inesquecível, humano, dos romances que escreve".

[4] SILVEIRA, Homero. Ranulfo Prata, narrador idealista. S. Paulo: Mogy-Mirim, 27 de outubro de 1926.

"Se não se devem ler autores modernos, por inábeis ou vazios, deve-se conviver bastante com Ranulfo Prata, pelo contrário".

[3] PITTA, Sérgio. Bibliografia. O lírio na torrente.

"O Sr. Ranulfo Prata não é um desconhecido nas rodas intelectuais brasileiras".

V. – Sobre Lampião. Rio de Janeiro: Ariel Ed. Ltda. 1934.

[3] Bibliografia de Lampião. Jornal do Brasil, 20 de janeiro de 1934.

"Lampião é, por isso, livro honestíssimo, e como tal deve ser encarado por todo o leitor ansioso de conhecer a verdade sobre os acontecimentos que vem ensangüentando o Nordeste".

[3] Bibliografia de Lampião. A Tribuna, 8 de fevereiro de 1934.

"Esse livro não é uma obra literária, destinada ao simples deleite intelectual. O seu alcance tem mais utilidade social".

[3] CORREA JUNIOR. Lampião. A Gazeta, 4 de dezembro de 1954.

"... uma das obras já consideradas clássicas para os curio-

sos do assunto".

[3] Estante Literária. O cangaço na literatura brasileira. A Gazeta, 27 de novembro de 1954.

"... já pode ser considerado como um trabalho clássico no assunto".

[3] Lampião. A Noite, 16 de fevereiro de 1934.

"Gustavo Barroso e Leonardo Motta estão entre os que trataram o caso de modo a interessar – aquele em Almas de almas e aço e este em Lampião, apenas nos capítulos iniciais. O livro que vem de ser publicado, da autoria de Ranulfo Prata, inscreve-se entre os melhores".

[4] CAVALCANTI, Valdemar. Uma biografia de Lampião. Rio de Janeiro: Diário de Notícia, 11 de março de 1934.

"O Lampião do Sr. Ranulfo Prata tem muito do livro que há tanto tempo se espera sobre um assunto tão vasto e tão sedutoramente plástico".

[3] CARVALHO, Tito. Lampião. Florianópolis: O Estado, 19 de fevereiro de 1934.

"Livro de dor, sem preocupação literária, conseguiu entretanto, o autor, na sua espontaneidade, torná-lo aparecido, afirmando-se um escritor de quem é lícito muito esperar".

[3] FERREIRA, Marcos. Lampião. Anápolis, Sergipe, 1934.

"O Sr. Ranulfo Prata deu à literatura um grande livro e ao seu nome mais um padrão de raro brilho".

[3] GTV Publicações. Clamor e apelo aos responsáveis pe-

los destinos de país.

"Depois da leitura desse interessantíssimo livro, ficar-se seguro que Lampião não é uma lenda".

[1] H. P. Lampião. Belo Horizonte. Surto, 1934.

"O livro de Ranulfo Prata, em última análise, é o mais tremendo líbero que já se escreveu contra um governo".

[1] Lampião. Correio de S. Paulo, 27 de janeiro de 1934.

"Tratando-se de uma coletânea série de documentos e de dados autênticos a respeito do problema do cangaço, Lampião deve ser considerado como o mais perfeito documentário jamais publicado no Brasil sobre o banditismo do Nordeste".

[4] Lampião. O livro do Sr. Ranulfo Prata e uma carta ao Globo. Rio de Janeiro: O Globo, 26 de fevereiro de 1934.

Correções de alguns fatos narrados pelo auto de Lampião.

[4] Lampião. Recife: Diário da Manhã, 18 de março de 1934.

"Um eco para ser ouvido pela consciência pública brasileira, a fim de que esta, numa justa revolta, exija do governo a eliminação de um bandoleiro tão perverso".

[4] Lampião. Rio de Janeiro: Jornal do Comercio, 20 de maio de 1934.

"... livro empolgante, pelas suas narrações, e em cujas páginas se encontram, num estilo espontâneo e colorido, vigoroso e quente, preciso e documentado, as mais dolorosas cenas"...

[3] Lampião. Rio de Janeiro: O Mundo Ilustrado, de dezembro de 1954.

"Lampião é uma reportagem que esgota o assunto".

[3] Livros Novos. Lampião. O Jornal, 19 de janeiro de 1934.

"Tem caracteres da mais absoluta honestidade, o volume Lampião que o Sr. Ranulfo Prata acaba de lançar à publicidade por intermédio de Ariel Editora Ltda., do Rio".

[1] Livros Novos. Lampião A Nação, 24 de janeiro de 1934.

"O volume Lampião que acaba de surgir e que está despertando um vivo sucesso, é, em verdade, uma completa reportagem literária sobre o famoso bandido nordestino".

[3] Livros Novos. Lampião. A Noite, 25 de janeiro de 1934.

"É trabalho que merece a maior atenção por parte daqueles homens do sul que ignoram a extensão do problema importantíssimo do banditismo no Nordeste".

[4] Livros Novos. Um livro sobre Lampião. Belém: a Semana, 3 de outubro de 1934.

"Por isso, Lampião é, antes de tudo, um livro honestíssimo".

"... belo documento da história do banditismo nordestino".

[4] MENEZES, Olímpio de. Lampião. Recife: Momento, março de 1934.

"O livro do Sr. Ranulfo Prata merece ser lido e meditado"...

[3] MIRANDA, Gracita de. Um mito do sertão. Lampião. Diário de S. Paulo, 23/24 de dezembro de 1955.

"É um belo documentário o livro de Ranulfo Prata. Entretanto, não responde a todas as perguntas que o nosso espírito formula. Relata os fatos, estribado em depoimentos e provas. Não analisa o ambiente sociológico e as causas profundas que gera-

ram Lampião".

[4] MIRANDA, Nicanor. Um tema doloroso. Folha da Manhã, 2 de fevereiro de 1934.

"Sob dois aspectos merece ser encarado esse livro flagrante que Ranulfo Prata acaba de escrever sobre o dominador do sertão: o literário e o social".

[4] OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO. Lampião. Curitiba: O Dia, 31 de janeiro de 1934.

"Mais um progresso sensível dominou a nossa literatura regional com o aparecimento de Lampião, de Ranulfo Prata".

[2] PALMEIRA, Sinval. O livro de Ranulfo Prata. Aracaju, 1934.

"O livro de Ranulfo é um grito que vem do campo para a cidade".

[4] PATI, Francisco. Lampião e suas leituras. Folha da Noite, 14 de março de 1957.

[4] PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Lampião. S. Paulo: O Estado de S. Paulo, 19 de outubro de 1957.

"Ranulfo Prata apresentou seu livro como um Documentário. E esse realmente é seu valor, tanto para um historiador dos costumes do Nordeste quanto para um sociólogo".

[4] PIRES, Herculano. Sabatina Literária. Lampião. Diário de S. Paulo, 27 de fevereiro de 1954.

"Mas a sua natureza documental, o seu valor de testemunho, fazem dele uma contribuição básica para o desenvolvimento

dos futuros estudos sobre o fenômeno". "Seria bom que outros volumes aparecessem, nesse mesmo sentido documental, como preparação do período de estudos sociológicos que há de surgir, sobre o fenômeno do cangaço".

[3] RIBEIRO, João. Lampião. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 24 de janeiro de 1934.

"... escorço biográfico, documentado e sereno".

[4] SCHMIDT, Afonso. Um livro que volta. Correio Paulistano, 12 de novembro de 1954.

Sobre a segunda edição de Lampião, pela Editora Piratininga, com prefácio de Paulo Dantas, desenhos de Aldemir Martins e capa de Edgard Koetz.

"Que eu saiba, o livro do escritor sergipano é o primeiro e o melhor documentário sobre aquele cangaceiro"... "Disso resultou uma obra que, com certeza não desaparecerá da literatura brasileira. Daqui a muito tempo, quando os sábios, os historiadores e os artistas se voltaram para essa aventura medieval do primeiro quarto de nosso século, irão inspirar-se no documento honesto de Ranulfo Prata". "Quando Ranulfo Prata escreveu o precioso documentário os olhos dos estudiosos ainda não tinham pousado sobre Virgulino Ferreira. Ele ainda não era histórico, contentava-se em ser fenômeno. Foi depois deste livro escrito em 1933 que os etnólogos e sociólogos tomaram Lampião como objeto de estudo".

[3] Um documentário sobre Lampião. Apareceu o novo livro de Ranulfo Prata. Salvador, Bahia: O Estado da Bahia, 31 de fevereiro de 1934.

"Lampião, de Ranulfo Prata, é qualquer coisa de novo, e de

muito novo, na vasta literatura que se tem derramado no Brasil sobre a figura trágica do afamado bandoleiro nordestino".

[1] Um livro sobre Lampião. Diário da Noite, 27 de janeiro de 1934.

"Lampião de Ranulfo Prata, é, assim, antes de tudo, um exemplo nítido de trabalho de literatura social".

[3] Um livro sobre Lampião. A Platéia, 9 de março de 1934.

"Assim, ninguém como ele poderia escrever tão bem e com tanta autoridade. Sobre a chaga do banditismo".

[4] XAVIER, Lívio. Bibliografia. Lampião.

"O autor é mais uma das vítimas inumeráveis de Euclides da Cunha"...

"Sob essa reserva, o livro do Sr. Ranulfo Prata vale por uma boa reportagem".

VI. – Sobre Navios Iluminados. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, Editora, 1937. A 3ª Ed. é das Edições O Cruzeiro. Traduzido para o espanhol por Benjamin de Garay, tradutor de Os Sertões, de Euclides da Cunha.

[4] AMARAL, Rubens. Navios Iluminados. Folha da Manhã, 23 de março de 1938.

"História sentida, como se o autor fosse um dos seus protagonistas"...

[4] ARROIO, Leonardo. Livros e Autores. Breves notas sobre Ranulfo Prata. S. Paulo: A Noite, 1 de fevereiro de 1943.

"Navios Iluminados é um livro puramente social, abordando um problema inédito na literatura até então – a vida do cais

de Santos, apenas relembrado vagamente por Ribeiro Couto em versos modernos".

[4] ARROIO, Leonardo. Navios Iluminados. Folha da Manhã, 1960.

Sobre a terceira edição de Navios Iluminados. "É um livro que permanece embora se possa reconhecer, com melancolia, que não se tem feito muita justiça ao romancista Ranulfo Prata".

[4] B. B. Um romancista. A margem da obra de Ranulfo Prata. A Gazeta. 23 de setembro de 1938.

"Será esse, certamente, o melhor romance do Sr. Ranulfo Prata, cujo estilo escorreito, se não possui muita arte, também não incide nos efeitos de brilho fácil".

[4] COUTO, Mário. Livros Novos. Návios Iluminados. Belém do Pará, 1938.

"Não hesito em dizer que Ranulfo Prata é tão bom romancista quanto Amado, Lins, Fontes e Cardoso".

[4] DANTAS, Paulo. Ranulfo Prata. O Tempo, 15 de abril de 1953.

"Ranulfo Prata morreu quando estava em plena posse de suas forças criadoras de romancista, logo depois de ter lançado Návios Iluminados"... "O livro é um modelo de serenidade e virtude descritiva, podendo figurar ao lado de Os Corumbas de Amado Fontes, como as duas maiores contribuições do romance sergipano à moderna literatura brasileira".

[3] LEMOS BRITO. Navios Iluminados. Rio de Janeiro: Vanguarda, 7 de marco de 1938.

"Em Návios Iluminados a personalidade artística do autor se mostra avigorada no trato de um tema complexo e emocionante".

[3] Álvaro Lins. Navios Iluminados. A Tribuna, 4 de janeiro de 1934.

"Navios Iluminados é bem o romance da pobreza de Santos, que ainda faltava escrever-se. Ranulfo Prata, pelo conteúdo humano que neste livro condensou, afirma-se, mais uma vez, como um dos mais brilhantes romances da geração contemporânea".

[3] MAURO Léo. Dois artistas. Ranulfo Prata. Herman Lima. Santos: Flamma, junho de 1939.

"Navios Iluminados, um belo romance, tão belo como o seu título".

[4] MENDES, Oscar. Navios Iluminados. Belo Horizonte: O Diário, 6 de março de 1938.

"Amando Fontes é o autor que podemos, entre os novos romancistas, colocar ao lado do Sr. Ranulfo Prata, cuja obra literária, feita sem pressa nem trombeteamentos, já mereceu aplausos e elogios, de críticos como João Ribeiro, Jackson de Figueiredo, Tristão de Athayde e Agripino Grieco".

[1] Navios Iluminados. Florianópolis: Diário da Tarde, 1938.

"As qualidades de ficcionista do Sr. Ranulfo Prata vêm sendo exaltadas pelos nomes mais ilustres da nossa crítica literária".

[1] Navios Iluminados. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 26 de janeiro de 1938.

"Navios Iluminados, por isso mesmo, é um livro de alta

significação no momento literário".

[1] Navios Iluminados. Natal: a República, 18 de fevereiro de 1938.

"Eis um romance harmônico e com grande unidade".

[1] Navios Iluminados. Diário da Noite, 24 de março de 1938.

"Coloca-se na primeira linha desses novos autores realistas, que levaram o romance para o setor da documentação, longo do esforço inventivo".

[3] O. B. S. Livros Novos. Navios Iluminados. A Tarde, 11 de fevereiro de 1938.

"O livro de Ranulfo Prata é antes de tudo, um livro humano".

[2] PIRES WYNNE. Navios Iluminados. Ribeirão Preto. S. Paulo: A Cidade, 1938.

"É que os Navios Iluminados nada mais são que páginas de uma história ainda não escrita. A história da vida bandeirante nos dias contemporâneos, e a amálgama de uma raça que se forma impelida por um fenômeno do Nordeste vindo ao encontro da eclosão das riquezas do Sul".

[3] SILVA, Jair. Navios Iluminados. Folha de Minas, 25 de março de 1938.

"Navios Iluminados é um grande livro de Ranulfo Prata, feito com as coisas do mar, os cenários humildes e as emoções da plebe".

[4] SILVEIRA, Tasso da. Letras Nossas. Romance e Conto.

10 de março de 1938.

"Justamente a simplicidade extrema do assunto é que põe de relevo a virtuosidade que adquiriu o romancista de O Triunfo, cuja técnica de vida se apresenta agora como das mais apuradas na jovem geração de romancista patrícios".

[3] VILAVERDE, Antonio de. Navios Iluminados. Santos, S. Paulo: O Diário, janeiro de 1938.

"Afinal, um livro sincero e bem escrito, o que é notável nos dias de hoje, em que a mentalidade se encarreira para uma arte feita de palavrões"...

[4] WERNECK SODRÉ. Livros Novos. Navios Iluminados. Correio Paulistano, 20 de fevereiro de 1938.

"Os dotes de romancista já revelados pelo autor em outros livros, neste, mais fortes e mais nítidos. O Sr. Ranulfo Prata como que se encontra na plenitude da sua força de escritor. O fundo trágico e revoltado da sua obra é amenizado por uma larga dose de sentimento que a anima e lhe infunde mais cor e mais beleza".

VII. – Traços Gerais sobre o Autor

[*] A Associação dos Médicos de Santos restará amanhã comovida homenagem à memória do inesquecível médico e escritor Ranulfo Prata. Santos: O Diário, 6 de janeiro de 1943.

Discurso: Obra Literária de Ranulfo Prata, por Fidelino FIGUEIREDO; Médico e Amigo, por Edgard BOAVENTURA. Impressões do Dr. Hugo dos SANTOS SILVA. Trecho da entrevista de SILVEIRA PEIXOTO em janeiro de 1940.

[*] A Associação dos Médicos de Santos tributou ontem expressiva homenagem póstuma à memória do inesquecível médi-

co e escritor Ranulfo Prata. Santos: Diário, 8 de janeiro de 1943.

Orações dos Drs. Fidelino FIGUEIREDO, Edgard BOAVENTURA e Dirceu VIEIRA DOS SANTOS.

[*] A Santa Casa da Misericórdia de Santos reverenciou a memória dos Drs. Tomás Catunda e Ranulfo Prata. Santos: O Diário 8 de novembro de 1943.

Oração do Dr. Guilherme GONÇAVES sobre Ranulfo Prata.

[*] AZEVEDO, Geraldo. Testemunho de Ranulfo Prata: Encontrei o verdadeiro caminho da vida. Como trabalhava e vivia o autor de Lampião. S. Paulo: Folha da Manhã, 12 de junho de 1955.

"Não será inverdade afirmar que Ranulfo Prata é um dos grandes injustiçados da literatura nacional".

[*] FABIO. Notas. Ranulfo Prata. A Gazeta, 30 de dezembro de 1942.

"Da malícia e do cabotinismo trouxe sempre afastado o seu espírito"...

[*] Síntese biográfica. Ranulfo Prata. S. Paulo: O Tempo, 8 de março de 1953.

Indica outros trabalhos de Ranulfo Prata como: Martins Fontes, médico; O Teatro no Brasil; O valor da radiografia no esqueleto e no diagnóstico da sífilis congênita.

[*] VILAVERDE, Antônio de. Ranulfo Prado. Diário, 1 de janeiro de 1943. Ranulfo Prata em um Martins Fontes sereno e tímido.

[*] Vivi em Sergipe ao tempo de Lampião. A viúva de Ranulfo Prata nos dá uma entrevista. S. Paulo: A Gazeta, 11 de de-

zembro de 1954.

VIII. –Trabalhos Menores

– O Tropeiro. Prêmio d'A Tarde. Salvador, Bahia: A Tarde, 20 de maio de 1916.

Suplemento sobre o Concurso Literário d'A Tarde, no qual se publica o conto O Tropeiro, de Ranulfo Prata, 1º Prêmio. Membros do Júri: Theodoro Sampaio, Aloysio de Carvalho e Lemos Brito.

– K. Trechos. Salvador, Bahia: A Tarde, 22 de novembro de 1915. (Notas sobre O Tropeiro).

[*] GARRIDO, Carlos . Registro Do Riso. Maceió: Jornal de Alagoas, 13 de maio de 1921.

Crítica sobre Do Riso, 60 págs. Tese com que Ranulfo se diplomou em Medicina, no Rio de Janeiro. Esta analisa os aspectos psicológicos e patológicos do riso. "E é um encanto ter-lhe o brilhante estudo, magnífico de conceitos, de argumentações eruditas, de inteligência".

[*] PRADO SAMPAIO. Duas teses de literatura. Aracaju: A Gazeta de Sergipe, 5 de fevereiro de 1928.

Crítica das teses com as quais Ranulfo concorreu à cadeira de literatura do Atheneu Pedro II, em Sergipe, intituladas: 'A renascença das letras em França e Repercutiu na nossa literatura o movimento romântico de 1830?'. Parecer de Prado Sampaio: "Fez Ranulfo Prata com bastante talento de síntese e elevação crítica".[70]

70 Revista do Instituto de Estudos Brasileiro – USP. São Paulo, nº12, 1974, p. 171-190. Washington, Vol. XXIV, nº1 – jannuary-march, 1974.

Contos Esparsos

Capítulo X

Sonho de Escoteiro

Ranulfo Prata

Aos escoteiros da Bahia

As barracas alvejavam no comoro que se erguia distante, acariciado por um vento fresco, coberto por uma relva rasteira, que refletia os raios quentes do sol que baixava faiscando num céu índigo.

Findara o exercício. Os escoteiros acampados cruzavam-se fortes e rosados, procurando o abrigo das tendas.

As ordens cessavam deixando os entregues à garrulice festiva dos corpos sadios.

Uns se recolhiam aproveitando o rápido repouso; outros se estendiam na relva macia com a satisfação ruidosa das almas pueris.

Minutos depois, quase todos descansavam, dormitando, velados pelas sentinelas, que na cadência do passo iam e vinham: olhando o azul do céu a se confundir na curva imensa do horizonte longínquo.

Frederico, um escoteirozinho de olhar inteligente, musculatura juvenil espontando soberba, mostrava-se afadigado, sentia lasso o seu corpo de ephebo.

O exercício daquele dia estafara-o.

Guardou-se em sua tenda, engolfando-se logo no regalo de um sono cândido, com o céu que o cobria.

E o patriotazinho foi tangido para longe, no esplendor de um sonho belo.

Palmilhava uma estrada infinita, alamedada por árvores nervosas que se perdiam na imensidão do azul.

Era uma natureza augusto em deslumbrante nudez.

Parava aqui e ali, enlevado, ouvindo sussurros de cataratas, estralar de asas, cicio de ramagens.

Da falda dos montes de prata, deslizavam ribeiros de pérolas diluídas. Pedrarias nunca vistas cintilavam nas planuras. Nas escarpas dos rochedos, veias de oiro luziam ao sol. Era por certo paragens encantadas de fada benfazeja.

Frederico caminhava tonto de beleza. Adiante, porém, desfazendo a opulência do quadro, num contraste ríspido, fazia um homem moço, andrajoso, empoeirado e faminto.

Parecia um novo Tântalo, lançado em Tártaro desconhecido.

Com carinho, Frederico cercou-o dos primeiros cuidados. Refrescou-lhe a fronte com água cristalina e deu-lhe o resto do pão, que trazia. Agora, juntos e amigos conversavam.

O abandonado ergueu a cabeça debilitada e falou-lhe: Sou filho das gentes de além mar. Herdei de meus pais as imperfeições e recebi de meus filhos este desprezo, sem fim. Nasci em meio deste oiro e criei-me ao sabor destes ventos, sem conselhos e afeto. Sou herói e sou bom. Quero levantar-me e crescer, mas ninguém me ouve, ninguém escuta a voz do meu gênio. Sou a vítima de um gênio mau; possuo as riquezas que me cercam, castelo de torrões de oiro, tesouros fabulosos, glórias inapagáveis; mas vivo inconcusso e todos me chasqueiam. Choro o meu passado e temo o meu futuro. Tu que és moço derrama sobre mim essa aura divina, fazendo-me ressurgir.

Oh mocidade! Asila-me em teu peito santo e comunica-me o fogo sagrado do teu entusiasmo. Leva-me daqui e tem-me amor.

Ao calor do teu peito e com o auxílio do teu braço, serei gigante,

dominarei os grandes.

Viverás, então, da minha grandeza futura.

Calou-se, molhando os lábios ressequidos.

– Teu nome? Indagou Frederico.

– Chama-me Brasil – respondeu.

Agitado por uma emoção estranha. Frederico beijou-lhe cariosamente a fronte – dizendo-lhe: Confia em mim, Brasil amado. Vem dali, vamos para aquele outeirozinho onde branqueiam aquelas tendas. É a mocidade quem te fala.

Ela ouvia-o eu queixume e vem em teu auxílio. Em seu seio encontrarás o grande amor que vivifica.

Sai desse abandono, tem fé na seiva bendita dos corações que amanhecem para te amparar. Vamos, move esses membros gigantes, arrima-te ao meu barco, que te lavarei para a glória e para o triunfo. Crê na energia deste músculo, na guerra, e confia na firmeza deste cérebro, na paz. Já me ferem a retina as luzes do teu brilho futuro. E nesse futuro, que já divino, domina as ensoberbado, protegendo os que hoje te protegem.

Vem, crê no ressurgimento do meu vigor.

Avistando o acampamento, Frederico bradou numa hurra forte que ecoou longe, muito além:

Camaradas, salvamos o Brasil.

E um grito de – viva o Brasil! – partiu uníssono de todos os peitos moços, avigorados pelo ideal supremo.

Está salvo! Está salvo! Gritavam.

Está salvo! Gritou Frederico acordando e ouvindo a voz dos companheiros que o chamavam de fora.[71]

Bahia, 7 de setembro de 1916.

71 Diário da Bahia. Salvador, setembro, 1916. Republicado no Correio de Aracaju. Aracaju, 03 de outubro, 1916.

Fertilidade

Ranulfo Prata

"De quelque cote que l'homme porte sés regards, Le même spectacle d'um amour universel s'offre à lui, dans tout Le monde anime, pour l'inviter à y prendre part".

P. Garnier.

Naquela tarde de junho, quem passasse por aqueles sítios afastados notaria, de certo, a grandeza daquela terra.

As chuvas, despenhadas em aguaceiros pesados, lhe tinham dado exuberância de vida.

Regando-a e umedecendo-a trouxeram à sua superfície o tesouro fabuloso que está contido em seu seio.

Nos baixos, que se tornam brejo no inverno, a plantação despontava rica de seiva, germinante. O capinzal muito verde se estendia cobrindo as baixadas. As hastes dos pés de milho iam alamedando os altos até a orla da mata. E, já crescidos, vergavam carregados de grossas espigas que mostravam através da palha gretada o alvo caroço intumescido, anunciando a "quebra" próxima. A mandioca daquele ano também prometia.

Viam-se nos leirões do terreno as suas copas aplainadas, pequenas e arredondadas, tintas de um verde escuro.

Da rama dos algodoeiros pendiam os cambos cerrados, esperando agosto para se fenderem ponteando de branco a vastidão dos planaltos.

Ao longe, num fundo azul, uma cadeia de outeiros denteava o horizonte.

Levantava-se de um lado, na ala, de um cerro, a casa do sertanejo "arranchado" dono daquela terra. Sem a cal, tapada caprichosamente em festivo "batalhão" mostrava seu terreno varrido e o interior bem cuidado.

Borregos e cabras aproveitando a mornidão do sol de inverno ruminavam deitados à beira dos cercados. Fora, no oitão sombreado, em gaiolas, um cardeal e um pintassilgo cantavam saudando a magnificência da natureza pujante e fecunda. Um canário pousado na cajazeira defronte cantava também, com mais vigor; e estalos e "corridas" saíam do seu bico amarelado com ritmo e com arte.

No tanque da baixa, agora cheio e com várzea a brisa penava em deslize suave enrugando sua face líquida.

No roçado da porta um boi urrou revirando os olhos mansos e abocadando a relva rasteira.

Mais de cinco horas e ainda Ana Maria trabalha tecendo sob o alpendre uma renda rapidez e destrezas, passando-os por entre os dedos finos. Sentada com desleixo deixava aparecer fora da chita uma perna amorenada, roliça. O busto, de um vigor mimoso, derreava-se sobre a almofada na angélica atitude das ingênuas. Na tranqüilidade do seu rosto moreno dois olhos rasgados fitavam a renda muito alva que seus dedos faziam.

Escurecia.

A luz mortiça da tarde fugia pelos descampados.

O pintassilgo como que se despedindo do dia recrudesceu no canto. O cardeal imitou-o.

Ana Maria levantou-se numa lentidão preguiçosa.

Olhando em derredor baixou de manso as pálpebras, aspirando ao silêncio sensual daquele pôr do sol.

Um tlintar de ferro fez-lhe olhar atrás. Era João, o seu marido, que voltava do trabalho. Um sorriso feliz iluminou o rosto

de ambos. Descansando a ferramenta, João aproximou-se lhe falando das coisas do dia. Contente com o florescimento da terra transmitia a companheira as suas esperanças de uma vida melhor, sem dever, ter alguma coisa.

Da terra que se escurecia, vinha, de espaço a espaço, um lento e profundo suspiro de fecundidade. Da cajazeira defronte, saía um ruído leve produzido pelo entrelaçamento de seus galhos, na comunhão dos amores naturais. Pairava sobre tudo uma palpitação de vida.

A lei divina da procriação se exercia na escala infinita dos seres.

Juntos e muito amigos, conversavam ainda olhando a sombra que caía desfazendo a forma das coisas, inundando o verde do plantío. E na aceitação instintiva do supremo convite da natureza inteira, João chegou-a a si beijando-lhe nos lábios grossos e quentes.

Uma nambu tardia cantou no fundo da mata. 72

Bahia, novembro de 1916.

72 Correio de Aracaju. Aracaju, 28 de novembro, 1916.

Rendeiros

Ranulfo Prata

Quando tocou a vez de falar ao enricado coronel Bandeira, o velho Manuel Rodrigues despegou do pé nu a espora grande roseta de cobre sujo, depois o chapéu e o chicote sobre o banco e enfiou-se respeitosamente na saleta. O coronel, sentado à mesa, os óculos empinados na testa ampla, remexia, com as pesadas mãos, papéis comerciais. Tinha o olhar duro como pau ferro, um crânio calvo e uma cara sanguínea, de fartas bochechas pendente como papadas de teiú.

Manuel Rodrigues embarcou perto e quedou-se mudo, receoso de lhe interromper a ocupação.

O coronel levantou o rosto e inquiriu, com a natural aspereza do rico que fala ao pobre:

– Que deseja?

– Eu tive notícia de que V. S. estava arrendando terras e vim saber se podia me arranjar uma meia dúzia de tarefa.

– Já sabe do preço?

– Ainda não, senhor.

– São 20$000 a tarefa, por ano, pagando a metade à vista e a outra na ocasião da colheita.

– Não tem menos, seu coronel?

– Nem um vintém. Já é de graça por este preço. É terra de primeira.

O velho matutou uns instantes, fazendo cálculos mentais, balanços financeiros, e disse:

– Então V. S. faça o favor de me apartar cinco tarefas.

– Só?!

– Só, sim, senhor, não tenho filhos, já estou velho e doente, não agüento com muita lida. Se pegar mais é pro mato comer. A mulher, meu adjutório, também já não pode, sofre de reumatismo nos joelhos.

O proprietário assinou um pequeno recibo, e Manuel Rodrigues, catando algumas cédulas, na ponta de um lenço de ramagens verdes, pagou com a solenidade de quem trespassa um tesouro.

Ao se despedir, lhe foi dito que procurasse o administrador e com ele escolhesse o pedaço que o agradasse.

O rendeiro agradeceu, apanhou o chicote e o chapéu, repôs a espora, montou e partiu para a vila de Japaratuba, onde tinha a mulher hospedada em casa de um compadre.

À noite, à beira do fogo, ele lhe falou do negócio feito e dos novos planos de vida ali, naquele norte sergipano, onde a terra e os homens pareciam bons e acolhedores.

Eram dos mais desgraçados aqueles dois seres. Tinham consumido toda a longa vida peregrinando pelo sertão baiano, de déu em déu, trabalhando aqui e acolá, numa luta incessante e feroz. Arrancavam dos corpos esforços físicos desesperados, comiam febras do bacalhau com farinha, vestiam andrajos e, no entretanto, nunca houve jeito de conseguirem um pecúlio para a compra de um cavalo ou de um casebre. Então cansados, envelhecidos, doentes, resolveram mudar de terra, partir para longe, para ver se distante no desconhecido, lograriam a virada da sorte. Tão próximos da morte ainda viviam de esperanças.

– Pois mulher, si Deus e esta perna me ajudarem ainda tenho fé de fazer uma boa roça e juntar uns vinténs que sossegarão a nossa velhice.

E falando com um brilho de energia nova no olhar, o velho

apalpava enfaixada por um trapo que escondia uma úlcera antiga e incurável.

***

O administrador, um pequeno homem de fala doce, levou-os a ver o lote escolhido, um trecho eloqüente de mataria.

Manuel Rodrigues encarou a massa verde escura e falou:

– Pau muito, e duro de cair! Isto é derrubada pra braço de moço. Mas eu não enjeito não senhor:

E a mulher, animosa:

– Deus há de nos ajudar, Manuel, de piores labutas temos dado conta.

O administrador insinuou, então, que se não quisessem derrubar, que pegassem a capoeira o que redundaria em lucro para o patrão.

Mas o rendeiro retrucou:

– Semente nova em terra velha não dá certo. Eu fico mesmo com o pedaço de mato. O que é bom custa.

***

Manuel Rodrigues, como os outros rendeiros, construiu o seu colmado nas proximidades da roça que ia iniciar. Era uma miserável cabana, pequena e estreita, de teto de gravatá e paredes de pindoba.

Cedinho, quando os pássaros se remexiam na folhagem, o casal partia para o trabalho, o mais penoso e heróico do roceiro: a derrubada.

A ele, a arrastar a perna doente, cabia enfrentar os troncos fortes, os paus d'arcos roliços, as aroeiras férreas, as massarandubeiras linheiras como postes, que o olhavam desdenhosamente do alo de suas frondes, e que acabavam morrendo-lhe às mãos

negras e poderosas.

Para a mulher era reservado serviço mais leveiro: ceifar o mato rasteiro e fino que cresce e se enrosca nos pés dos grandes.

Quando a sombra lhes minguava aos pés, era porque o relógio do sol, o grande e belo relógio que Deus lhes dera, marcava meio dia, hora de quebrar o jejum.

Comiam ali mesmo, à sombra das árvores, um almoço mais frugal do que o de um monge do deserto: beijus alvos e transparentes como hóstias, bocados de farinha atirados à boa com as pontas dos dedos, um gole de água da cabeça...

O descanso da digestão era aproveitado para adiar o gume da ferramenta embotada no trabalho matinal.

Ao leve descair do sol recomeçavam a luta, e quando regressavam à cabana os bacuraus esvoaçavam nas veredas e já a mão da noite apagara a lâmpada do sol.

Longos dias depois, pares de semanas, só com a trégua dos santos domingos estava vencida a primeira parte da batalha. Tudo caíra, se abatera, e as grandes cepas mortais jaziam num leito de folhagem amarelecida, e os tocos disseminados pela terra pareciam cotos de membros decepados.

Precisava, agora, que o sol completasse a obra de extermínio, sugando todo o húmus para propiciar a queima.

Mas o tempo não ajudava, como sempre, e contra o tempo a energia de Manuel Rodrigues era vã e impotente.

Restava-lhe, somente, esperar, conformado com a vontade das Alturas, que mandavam o sol e a chuva.

Quando alguns dias corriam claros, com o calor a exsicar a vegetação e o rendeiro marcavam a queimada, desabava inopinado, aguaceiro torrencial que umedecia o roçado, avivando e reverdecendo a folhagem.

E vinha o adiamento, mais uma vez, entre os receios de che-

gar março e dia de S. José sem ter a terra pronta para a semeadura.

Afinal, num meio dia escaldante, o fogo ateado nos quatros cantos da roça alteou-se, cresceu, alevantou-se para o alto como uma torre vermelha.

O fumo, negro e grosso, taparam por instantes a cara do sol.

E durante toda a tarde ficou a rugir, estrelejando, assobiando, pipocando.

Mas que horas infernais! Apesar dos aceiros estarem feitos pelas mãos experientes de Manuel Rodrigues, debruando a derrubada como uma faixa de lindo pardo, o fogo, nas azas do vento, salteou-os em vários lugares, caindo vertiginoso e violento, sobre o mato circunvizinho. Os dois velhos, porém, correndo e pulando como dois demônios por entre as chamas, a enxada e a foice, e venceram-no, quebrando-lhe o ímpeto, encurralando-o novamente no roçado como um animal bravio e temeroso.

Ao se recolherem neste dia estavam mortos de canseira, as faces da cor de cobre aread o, os olhos estriados de sangue, as carnes chamuscadas, as gargantas crestadas a sufocar. A chaga da perna do velho magoado por um galho, que a raspara com uma cureta, estava a escorrer sangue que de mistura com carvão parecia lama. Era tão grande o cansaço que adormeceram sem comer, vencidos pela fadiga sobre-humana e mortal.

Veio depois a coivara. Durante muitos dias os ocupou o esgotante serviço, carregando, como formigas pacientes, troncos e galhos que empilhavam aqui e acolá transformando em fogueiras. Vergados, negros de carvão, com as vestes em tiras, as mãos e os pés em feridas, alimentavam as coivaras até a completa limpeza do chão.

Mas, agora, as preocupações redobraram. Lançada que fosse a semente viria a chuva para a germinação? Era a atroz incerteza que afligia aqueles corações já curtidos de dores seme-

lhantes. Quantas e quantas vezes não tinham perdido trabalho idêntico por aqueles sertões que Deus esqueceu? Derrubavam, queimavam, coivaravam e plantavam. Mas, oh angústia! A chuva não caía e a terra guardava, para sempre, a semente que era o sustento e a vida. Outras vezes era o contrário: depois do plantío as cordas d'água desciam intermináveis durante dias e dias, e a semente morria do mesmo modo no seio avaro da terra.

Manuel Rodrigues, antes de semear, sondava o céu, fazia cálculos de lua, e a mulher rezava baixinho, pedindo a Nossa Senhora.

Entrado março deram uma limpa no chão fertilizado de cinza, abriram covas, levantaram leiras e, num gesto largo e divino, semearam.

E a chuva, como uma benção de Deus, veio nas proximidades do dia de S. José.

***

Nos fins de maio era um gosto se olhar a roça. Bem que valera a pena o esforço do cultivo! Os pés de mandioca, trepados em covas altas, enfileiravam as sua hastes longas e nodosas que se abriam no alto em redondas copas verde-chumbo.

O milharal já começara a espigar, seivoso, entremostrando o cabelo loiro das "bonecas". O feijoal se alastrava, viçoso, de vagens túmidas. Os cipós das abobreiras serpeavam pelo chão com as suas grandes folhas empinadas para o sol. E havia mais o amendoim, a ervilha, a fava, o aipim.

Agora era a recompensa, a colheita. A alegria bíblica de receber da terra, dobrado, triplicado, centuplicado, o que a ela confiara.

E os planos feitos, à noite, à porta da cabana, eram muitos. Pagar ao proprietário, comprar um chalé, um terno de brim

macio, mezinhas para as pernas e mantimentos de que andavam tão carecidos, presos a uma sobriedade definhante.

Todas as manhãs deixavam o casebre e penetrando no plantío, catando, aqui, uma erva daninha entre os pés de feijão, matando, acolá, uma lagarta nas espigas, endireitando, mais além, as suas mãos duras e negras, tinham afagos de plumas para todas as plantas, da mais rasteira e humilde a mais alta e soberba.

Eram felizes. Já não sentiam canseiras nem o frio que entrava pelas frestas do colmado.

***

Manuel Rodrigues e a mulher julgavam que sonhavam. Espertara as pálpebras e o pesadelo não se desfez.

Era a realidade.

Na clara manhã tinham diante dos olhos estarrecidos um quadro de catástrofe: de toda a verdejante roça restava, apenas, o chão forrado por uma massa escura de vegetação apisoada, esfarelada, mastigada. Nem uma haste de pé, nem uma cova ou leira intacta. Tudo revolvido, tudo raso, tudo devastado como um campo de batalha.

Havia sido um magote de gado que ali pastara, durante a noite, por ordem do dono da terra, useiro naquelas práticas impiedosas.

***

Expulsos, tangidos, escorraçados como mal feitores, os rendeiros caminhavam dentro da noite. Para onde iam? Não sabiam. O caminho desconhecido era duro e pedregoso. No alto, muito em cima, um escasso brilho de estrelas que não chegava até eles. Um chuvisco fin como renda vaporizava o tabuleiro que

se desdobrava como um tapete imenso, plano e infindável. E já durava muito aquela jornada dolorosa. Com a chaga sangrenta e viva, o velho Manuel caminhava, trôpego, amparado num bordão. A mulher aí-lhe ao lado como uma sombra. Os seus olhos buscavam na treva úmida um sinal de casebre que lhes fosse abrigo. Mas a planície continuava deserta.

Afina muito adiante, uma sombra cresceu à beira da estrada. Era uma santa cruz. Pequena, caiada, coberta de telha e fechada por um gradil de madeira.

Os caminhantes entraram, benzendo-se. No fundo uma grande cruz com os braços cheios de fitas multicores e os pés de côtos de velas. Em torno ex-votos.

Manuel Rodrigues e a mulher agacharam-se a um canto como animais fustigados. E com os corpos rentes, adormeceram.

E o velho teve um sonho, um sonho lindo, um sonho de criança. Chovia na terra havia muitos dias, incessantemente, copiosamente. As águas alagavam as cidades e os campos, transbordantes e impetuosos, crescendo a cada minuto que passava. A inundação chegou ao alto dos grandes prédios, no cimo das grandes árvores ultrapassando as torres mais altas. Era um novo dilúvio.

Essa água, porém, era diferente da do mar e da dos rios. Eram lágrimas choradas por todos os desgraçados de terra que, como ele, viviam sem alegria, famintos e angustiados, dando sangue a vida aos outros, aos ricos.

Toda a terra estava, agora, submersa; só havia mar e céu. Mas a santa cruz onde ele se abrigara, como uma estranha barca de Noé, sobrenadava, parecendo que alguém a guiava, tal o rumo certo que levava.

E foi assim que Manuel Rodrigues viu que entrava no céu, recebido por anjos e serafins que o cegavam com os seus halos de luz.

Despertou e olhou a companheira. E lhe viu nas lívidas feições uma expressão tal de felicidade e de paz celestial, que se certificou de que ela também sonhava o mesmo sonho...

Nascia o dia. Pássaros cantavam nos galhos hirtos das juremeiras. Luz e canto despertavam mais uma vez as angústias de terra.[73]

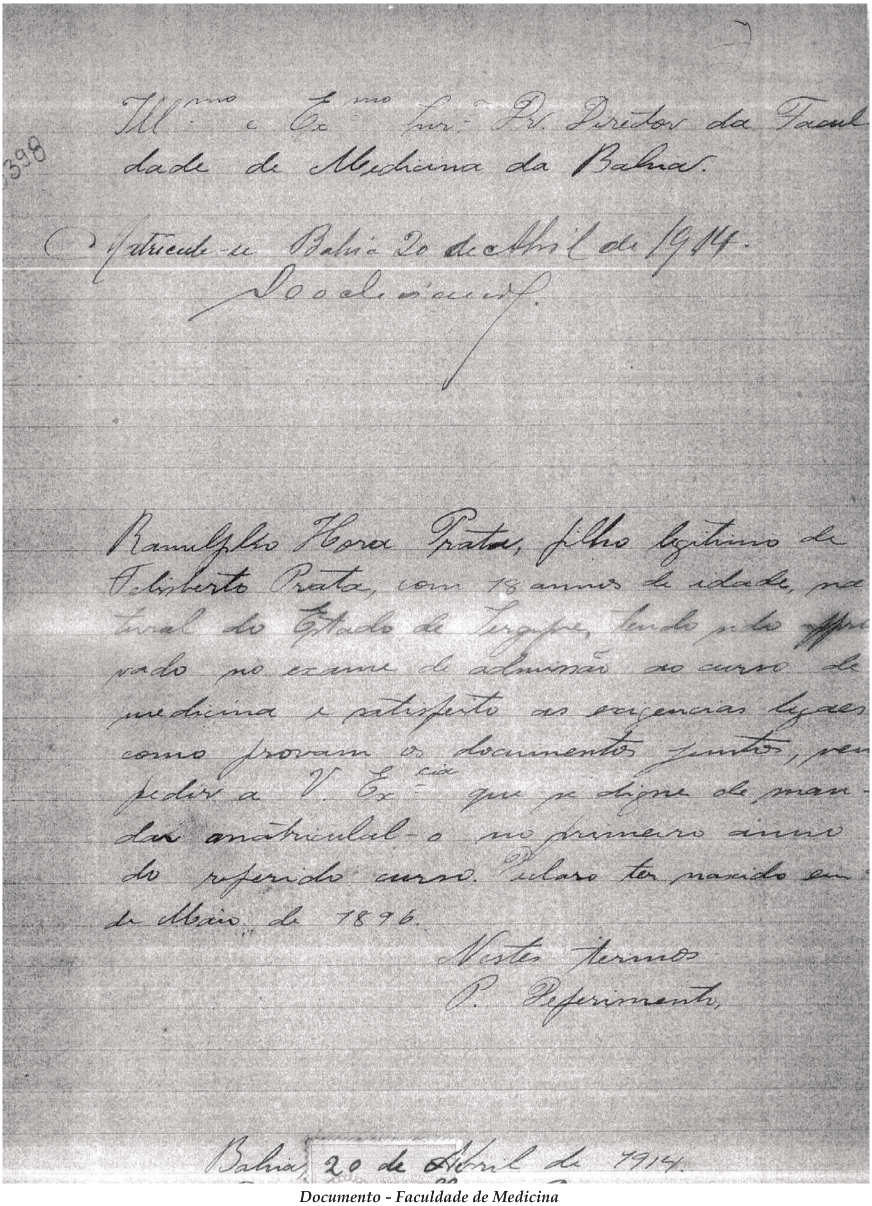
11.05.1932.

73 Revista da Academia Sergipana de Letras. Aracaju, nº4, Ano II, dezembro de 1932.

Capítulo XI

Subsídios Biográficos

Faculdade de Medicina da Bahia fundada em 18 de fevereiro de 1808.



Illmo e Exmo Snr. Dr. Director da Faculdade de Medicina da Bahia.

Matricule-se Bahia 20 de Abril de 1914.
[illegible]

Ramulpho Hora Prata, filho legitimo de Feliberto Prata, com 18 annos de idade, natural do Estado de Sergipe, tendo sido approvado no exame de admissão ao curso de medicina e satisfeito as exigencias legaes como provam os documentos juntos, vem pedir a V. Excia que se digne de mandar matriculal-o no primeiro anno do referido curso. Declaro ter nascido em [illegible] de Maio de 1896.

Nestes termos
P. Deferimento,

Bahia, 20 de Abril de 1914.

Documento - Faculdade de Medicina

Faculdade de Medicina da Bahia

CONHECIMENTO

N. 1090 Anno 1914

Fica debitado ao Snr. Thesoureiro desta Faculdade a quantia de sessenta mil reis Rs 60$000

que pagou o Snr. Ranulpho Hora Prata

de taxa frequencia na 1ª serie medica

Typ Catilina—22.194

Bahia, 20 de Abril de 1914

O Thesoureiro, O Amanuense,

[illegible]

Documento - Faculdade de Medicina

*Felisberto da Rocha Prata - pai de Ranulpho Prata**

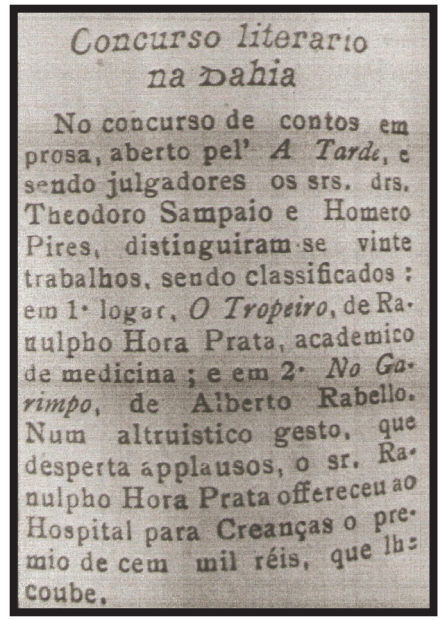
*Anna Hora Prata - Mãe de Ranulpho Prata**

*Coronel Francisco Basilio dos Santos Hora**

*Maria Perpetua de Vasconcello Hora - Avó materna de Ranulpho Prata**

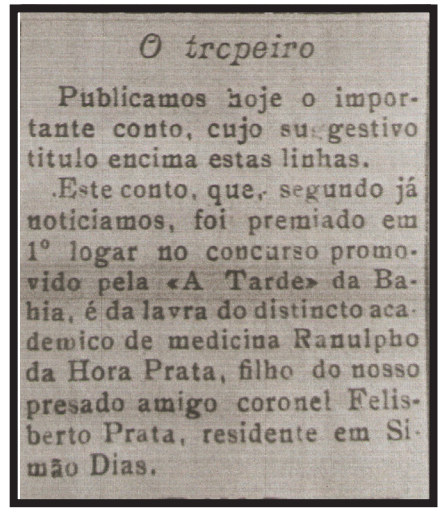
*Familia de Ranulpho Prata - início do século XX**

** Acervo de D. Isaura Mascarenhas, pesquisadas por José Carvalho de Menezes.*



Concurso literario na Bahia

No concurso de contos em prosa, aberto pel' *A Tarde*, e sendo julgadores os srs. drs. Theodoro Sampaio e Homero Pires, distinguiram-se vinte trabalhos, sendo classificados: em 1º logar, *O Tropeiro*, de Ranulpho Hora Prata, academico de medicina; e em 2º *No Garimpo*, de Alberto Rabello. Num altruistico gesto, que desperta applausos, o sr. Ranulpho Hora Prata offereceu ao Hospital para Creanças o premio de cem mil réis, que lhe coube.



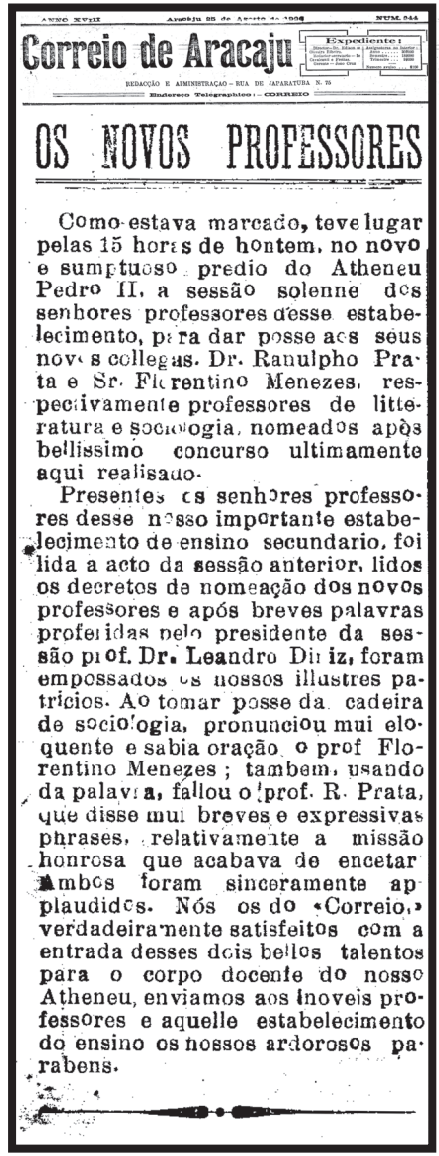
O tropeiro

Publicamos hoje o importante conto, cujo suggestivo titulo encima estas linhas.

Este conto, que, segundo já noticiamos, foi premiado em 1º logar no concurso promovido pela «A Tarde» da Bahia, é da lavra do distincto academico de medicina Ranulpho da Hora Prata, filho do nosso presado amigo coronel Felisberto Prata, residente em Simão Dias.

Notas publicadas no Correio de Aracaju maio de 1916

Ranulfo Prata



ANNO XVIII — Aracaju 25 de Agosto de 1936 — NUM. 044

Correio de Aracaju

Expediente

REDACÇÃO E AIMINISTRAÇÃO – RUA DE SAPARATUBA N. 75

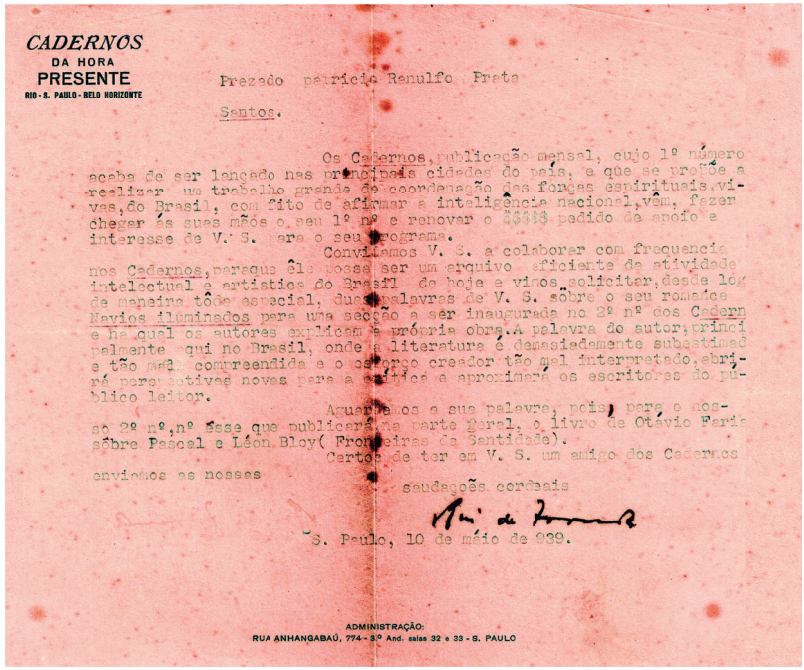
Endereço Telegraphico – CORREIO

OS NOVOS PROFESSORES

Como estava marcado, teve lugar pelas 15 horas de hontem, no novo e sumptuoso predio do Atheneu Pedro II, a sessão solenne dos senhores professores desse estabelecimento, para dar posse aos seus novos collegas. Dr. Ranulpho Prata e Sr. Florentino Menezes, respectivamente professores de litteratura e sociologia, nomeados após bellissimo concurso ultimamente aqui realisado.

Presentes os senhores professores desse nosso importante estabelecimento de ensino secundario, foi lida a acto da sessão anterior, lidos os decretos de nomeação dos novos professores e após breves palavras proferidas pelo presidente da sessão prof. Dr. Leandro Diniz, foram empossados os nossos illustres patricios. Ao tomar posse da cadeira de sociologia, pronunciou mui eloquente e sabia oração o prof Florentino Menezes; tambem, usando da palavra, fallou o prof. R. Prata, que disse mui breves e expressivas phrases, relativamente a missão honrosa que acabava de encetar. Ambos foram sinceramente applaudidos. Nós os do «Correio,» verdadeiramente satisfeitos com a entrada desses dois bellos talentos para o corpo docente do nosso Atheneu, enviamos aos noveis professores e aquelle estabelecimento do ensino os nossos ardorosos parabens.

Correio de Aracaju. Ano XVIII, nº 044, 25 de agosto de 1936



CADERNOS
DA HORA
PRESENTE
RIO - S. PAULO - BELO HORIZONTE

Prezado patrício Ranulfo Prata

Santos.

Os Cadernos, publicação mensal, cujo 1º número acaba de ser lançado nas principais cidades do país, e que se propõe a realizar um trabalho grande de coordenação das forças espirituais vivas, do Brasil, com fito de afirmar a inteligência nacional, vêm, fazer chegar ás suas mãos o seu 1º nº e renovar o pedido de apoio e interesse de V. S. para o seu programa.

Convidamos V. S. a colaborar com frequencia nos Cadernos, porque êles possa ser um arquivo eficiente de atividade intelectual e artistica do Brasil de hoje e vimos solicitar, desde logo de maneira tôda especial, duas palavras de V. S. sôbre o seu romance Navios iluminados para uma secção a ser inaugurada no 2º nº dos Cadern e na qual os autores explicam a própria obra. A palavra do autor, princi palmente aqui no Brasil, onde a literatura é demasiadamente subestimad e tão mal compreendida e o esforço creador tão mal interpretado, abrirá perspectivas novas para a crítica e aproximará os escritores do público leitor.

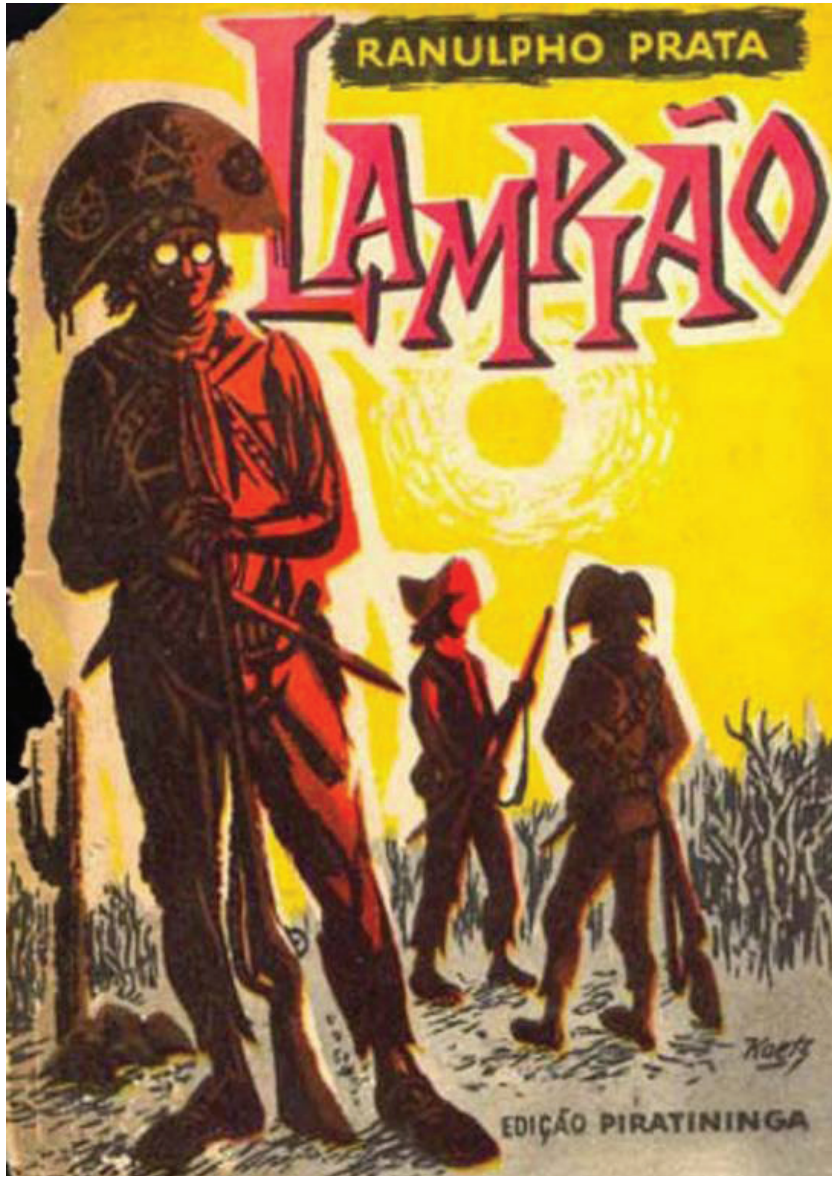
Aguardamos a sua palavra, pois para o nosso 2º nº, nº êsse que publicará na parte geral, o livro de Otávio Faria sôbre Pascal e Léon Bloy (Fronteiras da Santidade).

Certos de ter em V. S. um amigo dos Cadernos enviamos as nossas saudações cordeais

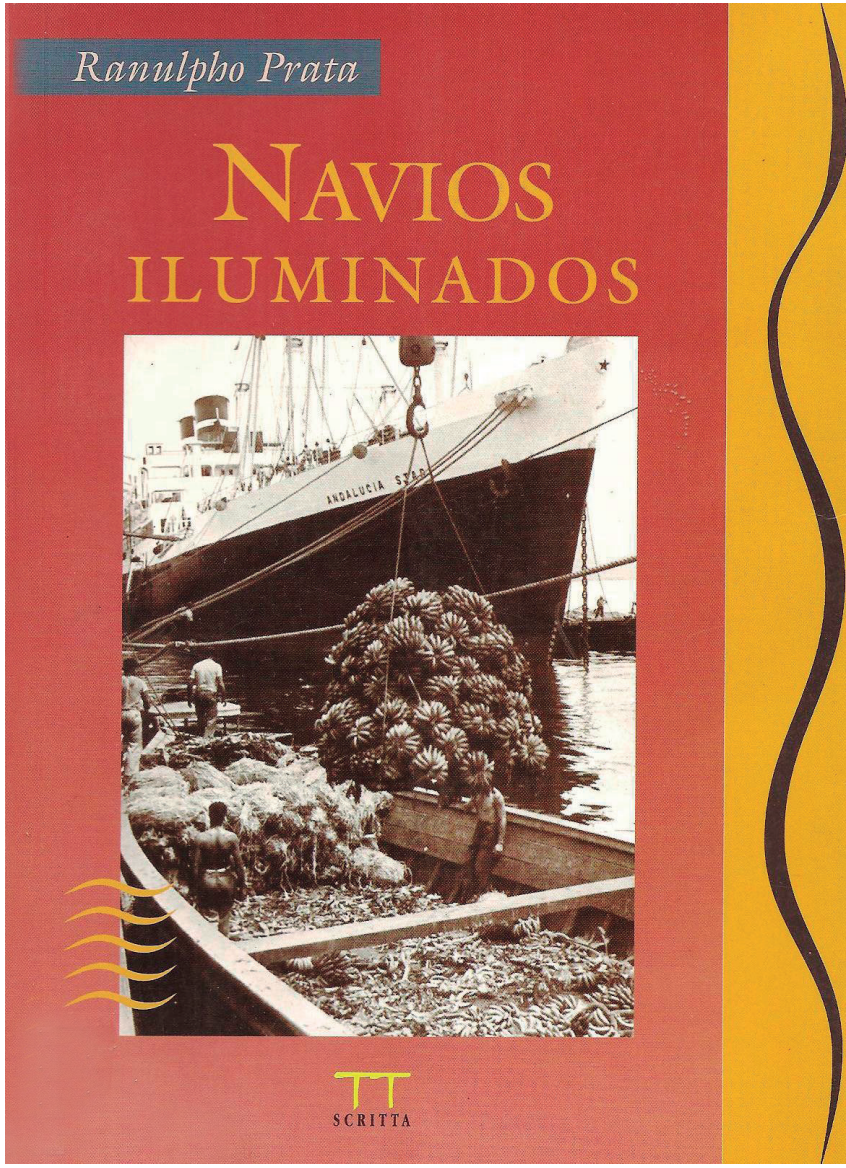
S. Paulo, 10 de maio de 939.

ADMINISTRAÇÃO:
RUA ANHANGABAÚ, 774 - 3.º And. salas 32 e 33 - S. PAULO

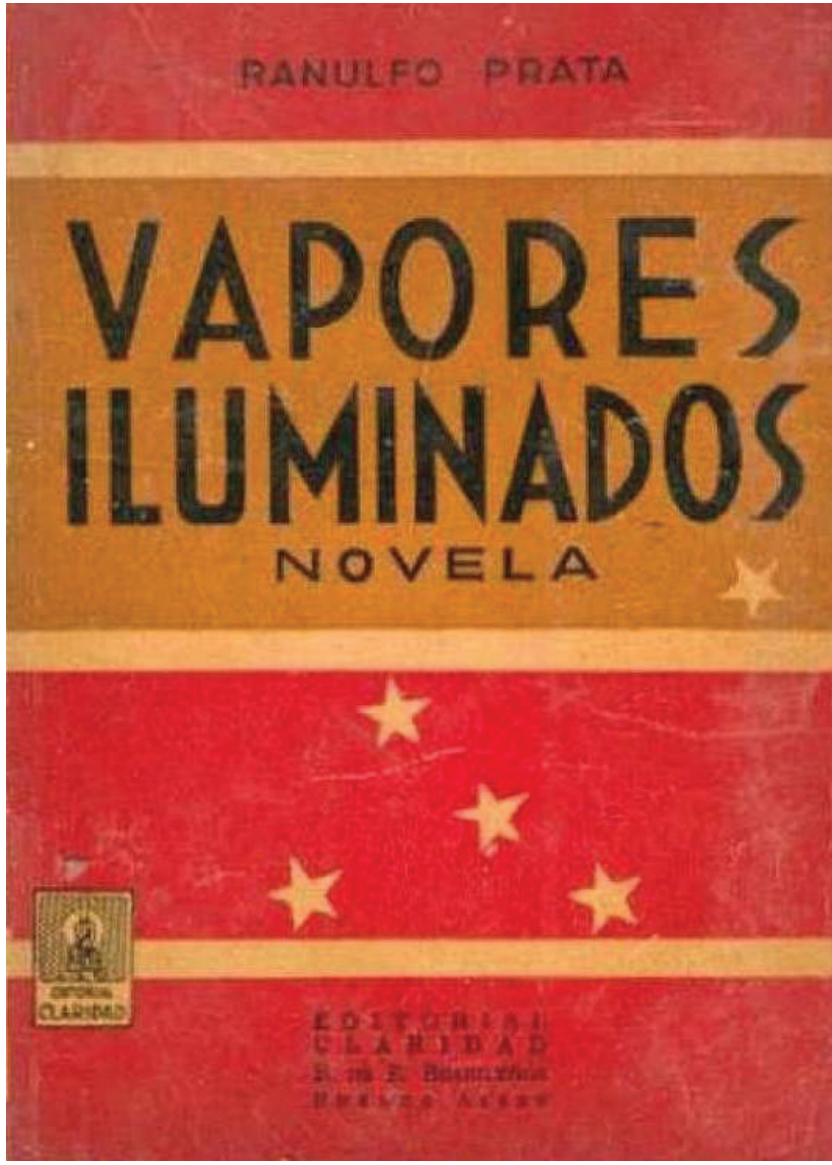
Bilhete do amigo Rui de Arruda para Ranulfo Prata



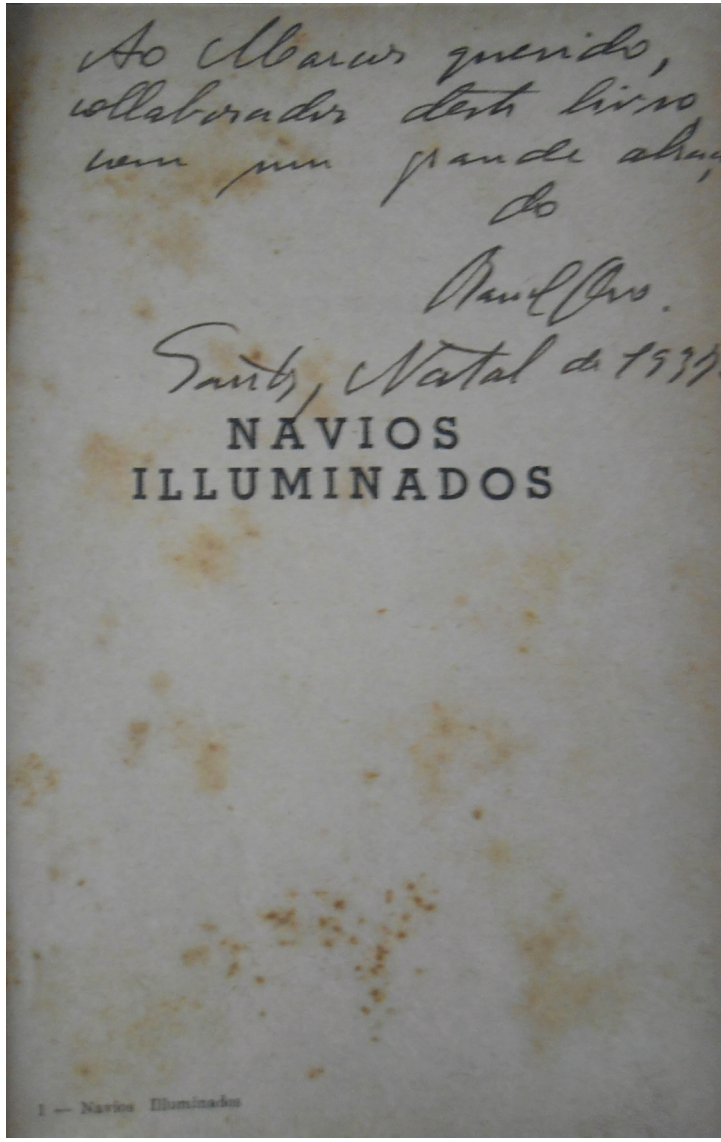
Capa da segunda edição, 1945.



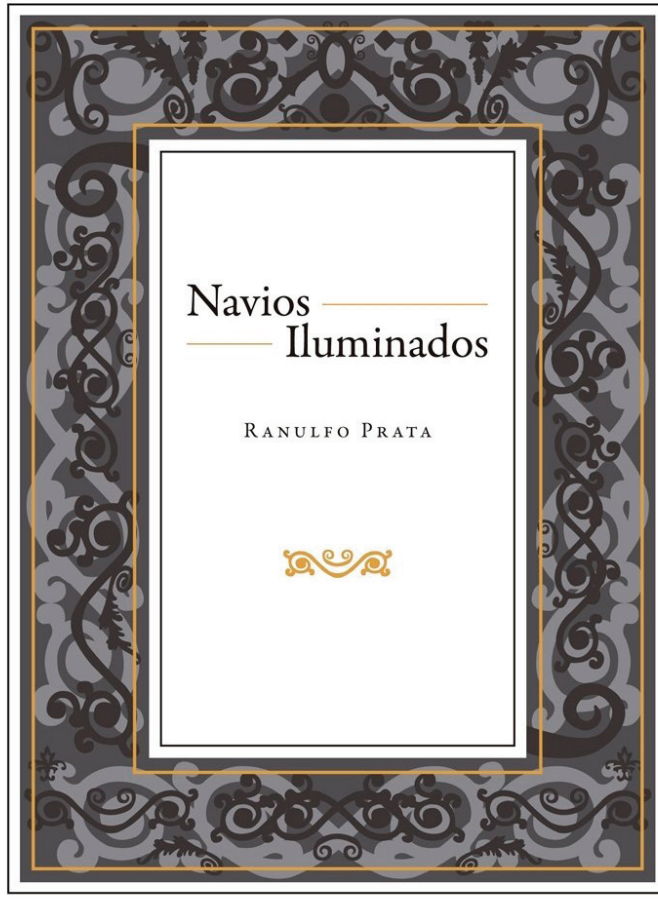
Capa da 2ª. Edição, 1996.



Traduzido para o espanhol por Benjamin Garay, o mesmo tradutor de Os Sertões, de Euclides da Cunha.

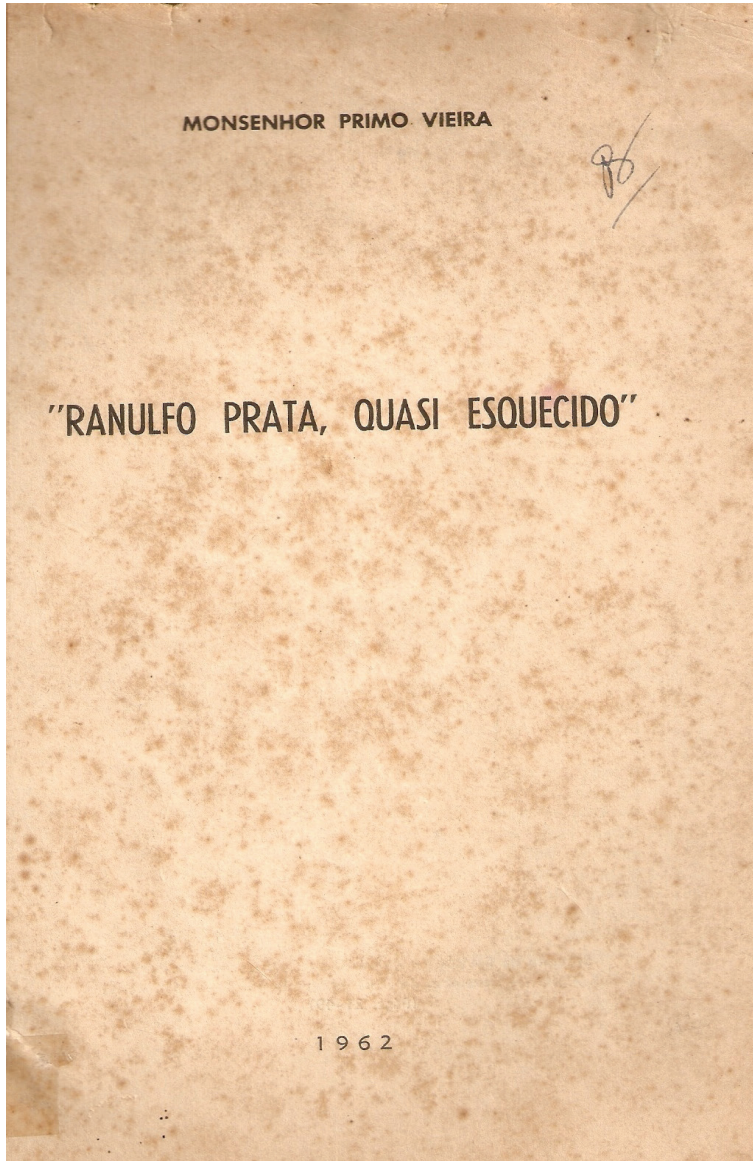


Dedicatória de Ranulfo Prata ao amigo Marcos Ferreira de Jesus - 1893-1983 -, Ex-prefeito de Aracaju - 1947-1951 - e membro da Academia Sergipana de Letras. Exemplar pertencente a Gilfrancisco.



Capa da 5ª edição, 2015.

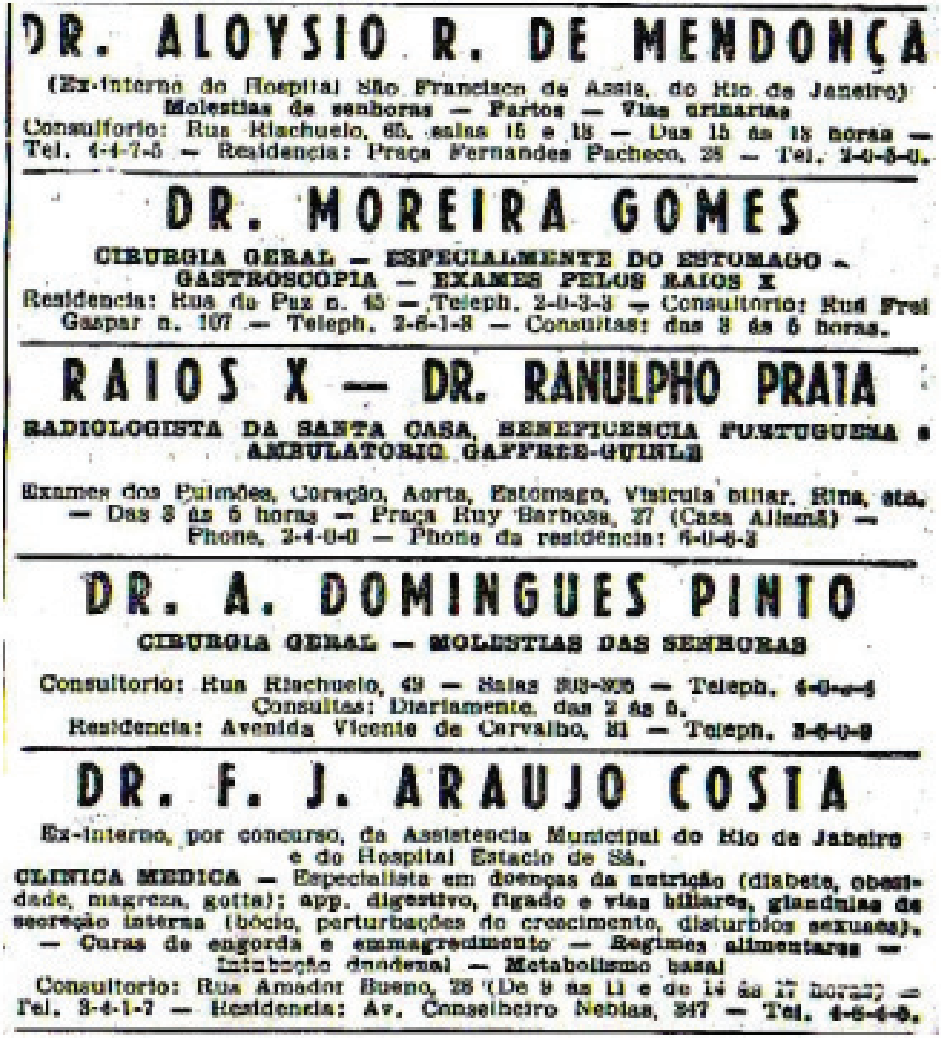
Ranulfo Prata e amigo



MONSENHOR PRIMO VIEIRA

"RANULFO PRATA, QUASI ESQUECIDO"

1962



Publicidade do consultório de Ranulfo Prata

Capítulo XII

Apêndice: Academia Sergipana de Letras

Saudação

Discurso do Acadêmico Marcos Ferreira, por ocasião da posse do Dr. Luiz Pereira de Melo na Cadeira vaga com o falecimento do Acadêmico Ranulfo Prata.

Inda bem que a vossa bondade Sr. Presidente da Academia Sergipana de Letras, buscou aquele que foi na vida e continua em memória, o mais dedicado amigo de Ranulfo Prata que, neste instante, estende o manto de recordações sobre nós nesta festa de arte.

Permiti que, agradecendo-vos, me queixe de vossa generosidade, no que me distinguiu a mercê que me fizestes.

Colocastes-me num ângulo miraculoso do tempo, em cujo vértice, olho-o o passado e vislumbro a penumbra da morte a envolver, no seu sudário, alguém que passou, deixando um rastro de luz como o clarão de certas estrelas. Voltando-me para o presente vejo mergulhado na alegria alvorecente e franjada de festivas emoções, o novo companheiro que me destes a honra de saudar.

Sob imperativo destas duas tão profundas impressões, retorno ao passado, envolvido em suave melancolia de bem gra-

tas recordações amigas, mesmo assim, jubiloso, porque sinto vós comigo, que ele, cada dia está mais vivo e sempre ao nosso lado, imperecível na beleza e a grandiosidade de sua obra, tal como pensou e escreveu de um amigo. Neste compungir de tão doloroso recordar revejo, junto a mim, aquele formoso espírito projetando-se aureolado, no perpétuo banquete da inteligência. Vivíamos então estreitados numa amizade muito nossa.

"Amizade, que, no dizer de Cícero, traduzido pelos clássicos Damião de Góis e Duarte de Rezende, não outra cousa senão um final consentimento de todas as cousas divinas e humanas com benquerença e caridade. Não sei, continua o grande orador romano, desdobrando sua afirmação, se, irando a sapiência, há outra cousa melhor, que os imortais deuses concedessem aos homens que a amizade.

Nenhuma outra causa é tão apta e conveniência à natureza humana, assim para as cousas prósperas, como para as adversas. E, portanto os ausentes são presentes e os necessitados são abastados e o que mais caro é dizer, os mortos vivem, pela muita honra, memória e desejo, que os seguem de seus amigos."

Bebendo o filtro encantado desta consoladora saudade, nem já sei se as imagens de hoje correspondem às verdadeiras. São exaltados sentimentos queridos, explodindo num estado de plenitude, em que, imediata concordância se estabelece entre o meu espírito e o ambiente em que viveu e pontificou Ranulfo Prata. Tempos idos e vividos, foram aqueles e despreocupada fase estudantil, tão grato às recordações de agora. A inteligência enriquecia-se deslumbrada e o moço que se mostrava sob calor de um impenitente estudioso, era a própria doçura levemente acidulada por umas gotas de ironia.

O temperamento amadurecia contemplando a vida com ardente fé, como se cada novo dia ela renascesse para nova aspi-

ração, com aparência nova,convencido de que a felicidade consiste não em possuir, porém no constante anseio de realizar. Foi aquele miniaturista singular das letras, um convertido iluminado, de alma cristã, como diria Junqueiro, resumindo-se em caridade, em bondade, em simpatia pela dor.

Desta forma, os prelúdios de sofrimento borbulhavam na alma adolescente, marcando, com buril de fogo, o travo profundo que lhe deixaram no coração, as labaredas da chama interior, tão cedo apagada. Enternecia-se com as lágrimas dos humildes, comovendo-se com suas desventuras. Abominou o orgulho, a arrogância, a crueldade, a dureza, a hipocrisia, sentindo-se bem com os simples, os deserdados e as vítimas. Passou, na terra, encarando a vida como beleza real, transfigurando-a e sublimando-a em beleza ideal e criadora. O sofrimento de Ranulfo Prata, foi a entrada espinhosa e sombria que o conduziu, abarcando toda aquela existência, tão sombria e profunda que ele dizia: "Quando o homem se transvia e o mal lhe turva a alma de impurezas, Deus confia ao sofrimento, que o envolto nas suas chamas purificadores. O sofrimento tem, pois, na ordem física, como moral, uma verdadeira missão: educa e corrige". Sua obra foi um inesgotável caudal, onde extravasava a infinita sensibilidade de sua inteligência, voltada carinhosamente para o estudo e observação da gente simples, e retratou o coração nos seus mais escondidos refolhos de bondade. Aquele mágico socialista a Leão 13, consumou-se no artista descritivo dos pequeninos trabalhadores sertanejos do interior sergipano.

Os tentáculos cosmopolitas do meio paulista não conseguiram esmaecer, no escritor nordestino temperado de tabaréu, o acendrado amor ao recanto nortista onde viveu e frondejou a melhor de sua obra.

Residindo em São Paulo, ventos Galernos tangiam o seu

pensamento para Sergipe, no galope da imaginação privilegiada e de cá, levou trabalhada a urdidura da obra, cujas figuras primaciais aqui viveram, embora lutassem lá no sul, naquele anseio imigratório muito nosso feito de filho de Estado pequeno e pobre, todas por sem dúvida, desejosas de retornarem à vida aldeã donde partiram, sonhando uma linda miragem de fartura. Conheci aquela gente. Certa vez mando-lhe a notícia da morte de Zé Paturéba, figura típica que ele tão magistralmente descreveu. Era assim que ele já surpreendendo, bem no íntimo a alma do homem tabaréu, numa incontida e insatisfeita ânsia de perfeição. Na fazenda, sentado no terreiro, ouvia histórias da gente aldeã, ou na pacata monotonia dos horizontes rasgados de luz, de Simão Dias, debuxou ele o arcabouço da obra, que o imortalizou no cenário literário do Brasil. Foi um enamorado da gente sergipana. Certa vez, escreveu-me: "Estou com vontade de dar um volume de contos uniformes com o título de Nordestinos, de cousas só daí. Mande-me alguns motivos que se restem; que é o sertanejo, a sua imagem, bruteza, hospitalidade, amor, grandeza d'alma." Formava desta maneira o assunto escolhido de seus livros e vive ainda hoje muitas figuras originais de suas obras, nas ruas de Simão Dias, tão profundos foram os traços que o Mestre do romance deu ao tipo que descreveu com perfeição. Ranulfo estreou, nas letras, como um escritor vitoriosamente certo da missão que o levaria a conquista de um nome laureado.

Seu primeiro trabalho, O Tropeiro, conto publicado no jornal A Tarde, da Bahia, marcou a intensa compreensão do sertanejo sofrendo e lutando, com o arranco brutal do homem rude e bom do interior, e o seu nome firmou-se no panorama literário acadêmico da cidade. Observador consciencioso guardava os componentes que serviam de orientação aos espontâneos impulsos do pensamento, realizando a obra imperecível que nos

deixou. Aquele talento voltado ao estudo do homem humilde conhecia fundamentalmente o coração e sabia que a verdadeira felicidade está no homem sem história. O traço inimitável do seu feitio mental foi aquele estilo de conversa íntima, com que retratou as figuras dos seus livros, com um consumado poder de simplicidade descritiva, onde se tornou artista impecável. Privou da intimidade de Jackson de Figueiredo, de quem recebeu profundos ensinamentos e conselhos. O Mestre, ardente na arremetida, rompia impetuosamente; cavaleiro cruzado duma brilhante fase histórica social brasileira; o discípulo, manso, escondido na candura de um detrotamento nunca esmorecido, ambos defendendo os mesmos postulados de fé, abraçados a um sentimento de crença luminosa, porque criam em Jesus, que é ao mesmo tempo a graça das graças e a virtude das virtudes na sublime expressão de Mauriac. Apaixonado de Camilo Castelo Branco estudou-lhe a multifária obra com dedicado carinho. Mais que tudo refloresceu, na contínua ação do seu espírito, aquela simpatia humana, plena de clareza e honestidade, de pensamento e expressão, na magnífica sinfonia de seu estilo filigranado. Viveu num mundo de sentimentos elevados. Refletia o coração e assim se expressara em conferência realizada em Santos. A verdadeira vida é a espiritual. Buscando-a e aprofundando-a, não fazemos mais do que aperfeiçoar o que há de melhor em nós, do que desenvolver o lado essencial que constitui a nossa individualidade. A espiritualização é o primado da vida humana, seja ela qual for cristã ou não.

Ranulfo diplomou-se, no Rio, ficou em dívida com a velha e querida Bahia dos estudantes, nasceu lá o verdadeiro gosto pelas letras. Demos rumo diferente aos nossos destinos, um seguiu rumo ao estremo norte, a mergulhar a alma na maravilha infinita do cenário amazônico ou andino, o outro procurou, no sul,

o centro requintado melhormente propício aos seus pendores espirituais levou ele na sua bagagem de estudante provinciano um livro. Era a vida de Simão Dias, Anápolis, naquela época, pintada no feitiço de seus laçarotes de enfeites. Vejo, ainda agora, no silêncio daquelas ruas, cheias de paz singela, o Dr. Quincas, Dr. Pereira, o João das Dores, contra mestre da Lambe tudo, filarmônica local, que ainda hoje executa, na praça, suas tocatas, aos domingos. O Sabueiro, velho e competente regente, que certa vez, à frente da banda, em hora solene de visita presidencial, não correndo as harmonias nos seus desejos, grita, bate com a batuta violentamente incontida e exclama: piano peste. Aquele primeiro livro mereceu de Nestor Vitor, em carta a seguinte observação: "Com o seu livro de estréia, O Triunfo, mostra-nos o senhor uma cousa, é que vem realmente para escrever. Esse livro é um documento a mais de que o futuro poderá dispor para fazer uma idéia de nossa vida e dos nossos costumes provincianos hodiernos. Só lhe falta uma cousa de essencial, é casar a sua sensibilidade com a de sua geração. Não fora escrito ao gosto da época, passara a moda do romance naturalista, experimenta-se outra escola; penso porém, que a obra de arte é sempre atual, feita sob a vibração emotiva de qualquer escola literária, quando o escritor consegue, a golpes de talento, despertar sensações no leitor, realizando fielmente o sonho transformado na observação real do ambiente. Em 1922 estava formado; clinicando no interior de S. Paulo, manda-me novo livro.

A novela mais bonita das que tenho lido. O escritor compreendeu que todo pensamento é incompleto se não acaba no coração e botou o coração dentro do livro. A minha vida tem sido de sonho em sonho, de esperança em esperança, minh'alma tendo sempre desejos novos, numa ânsia de felicidade que procuro por toda parte o que não existe em parte alguma". Ai está, em

tonalizações borrifadas de pessimismo, retratado o escritor, na maravilha desse trecho do livro.

A crítica engalanou-se na consagração. Falou Mestre João Ribeiro: Dentro da Vida e, na realidade a obra de um escritor já feito. Jackson chamou-a de pequena obra prima de sentimento e Afrânio Peixoto escreveu: suas paisagens são deliciosas, sóbrias enxutas luminosas.

Suas almas são confessadas, expostas e perduram imprimidas na lembrança. Tristão de Ataíde, Agripino Grieco, Mário de Alencar, Rocha Pombo, todos teceram hinos de louvores no aparecimento de tão mimosa jóia. Já, dentro da vida, era seu triunfo.

A tormenta onde se consumia a alma crescia, avolumando-se com os sofrimentos que eram profundos.

Foram longos e dolorosos os dias de Mirassol, onde se instalara Ranulfo. Dentro de pouco tempo, vende tudo e corre ao Rio, entre a vida e a morte. Mergulha a fundo no sofrimento, mostrando quanto era nobre aquele impulso de curiosidade e rápida simpatia humana, que ele espalhou perdulariamente. Veio convalescer em Sergipe. Em pouco tempo, apresenta-se para o concurso de literatura, no atual colégio de Sergipe, com as teses: "Renascença das letras em França" e "Repercutiu na nossa literatura o movimento romântico de 1830?". Aprovado e nomeado, leciona aquela matéria e mais uma cadeira na efêmera escola de farmácia que tivemos. Saturou-se num ano, de tangível melancolia, que é o sentimento primordial da cidade, como escreveu um amigo, boêmio incorrigível e um dos maiores romancistas de costumes, que tivemos, Lima Barreto. Voltou ao Sul, cheio de aspirações novas, para que melhormente pudesse sentir refletido n'alma, a ausência e mais refinado se tornasse o bem querer de Sergipe.

Lá viveu sonhando e sentindo os encantamentos da paisa-

gem sergipana e pintou-a com meiguice a consistência quase imponderável de um pincel de plumas, com ternuras de namorado. Acompanhá-lo na obra que nos deixou, é rever ou evocar as ruazinhas de Simão Dias, com suas personagens humildes, ridículas ou empavesadas e os seus mil atrativos soberbos de simplicidade. Realizou uma obra homogênea de puro amor a terra. O realizador não esquecia a sua obra e, em 1925, chega-me um primoroso rendado de contos artisticamente cinzelados, a Longa Estrada e em seguida, o Lírio na Torrente, uma cintilante moldura de luz tamisada, lembrando Lagarto, sua terra berço, encerra o ano como um primoroso presente de natal. Em 1929 eis novamente tentando o magistério, em Ribeirão Preto, apresentando-se para concurso, no Ginásio d'aquela cidade, defendendo tese sobre: o Teatro no Brasil. Ainda desta vez o destino o afastou do ensino.

Instala-se definitivamente em Santos e só em raros intervalos vem a Sergipe rever amigos e parentes, num carinho de poucos dias. Começa então médico especialista, impondo-se ao respeito e admiração dos colegas e do público.

Naquele ambiente de ciência e arte cristalizou-se o componente material com que tecia a obra resultante de sonhos e aspirações, conjugando-se num fecundo abraço da alma simples e impetuosa do nordestino com o turbilhão do formigueiro da luta, no sul. Assim se irradiavam as fagulhas emocionais e sensitivas daquele talento peregrino. Como conferencista, soube transfundir o pensamento refeito de conceitos magistrais. Em 1931 leu o original estudo na sociedade médica de Santos: Martins Fontes Médico. Justa e merecida homenagem ao altíssimo poeta, um de seus mais chegados companheiros de arte. Para a fama do escritor já a longa estrada porque percorrida dentro da vida, como um lírio na torrente, em constante triunfo. Em 1933 passou férias em Simão Dias, e numa tarde, d'aquelas silenciosas

e iluminadas tardes dos arredores de minha terra, deitados na grama aveludada do tabuleiro, leu-me ele comovido, a conferência primorosa que, poucos dias depois, pronunciou no Centro D. Vital desta idade, cujo tema, sempre o seu assunto predileto: No sofrimento caminho da perfeição.

Aquela profissão de fé, esmerado trabalho de joalheria assim principia:

Na vida toda cheia de incertezas, de ilusões e imprevistos, só há de certo e fatal o sofrimento. Sentido e magoado queixume de quem era seduzido pela alegria de viver, cujos olhos, atraídos pela curiosidade eram iluminados pela experiência e sentiu enquanto viveu o estilete permanente da moléstia. Já de volta a Santos escreveu-me: avalio bem esse relato, solitário, desiludido, aí onde tivemos dias tão agradáveis. Se não fossem os filhos, invejaria, porque a vida não merece outra atitude a não ser cruzarmos os braços e deixá-la passar.

Foram laivos da tempestade em que vivia ele, desejando paz e consolado remanso, enquanto as labaredas iam destruindo paulatinamente aquela vida e aquele coração ao cheio de excelsitudes infinitas.

Contudo, continua escrevendo e vem-me novo livro, com zombeteira dedicatória de refinado humorismo:

"Venda dos garrotes, compre passagem na costeira e venha passar uns dias aqui, para a salsugem do mar civilizado tirar-lhe o cheiro de surrão de feira. Precisamos de você aqui, por uns dias." O livro descreveu a história do banditismo no nordeste, principalmente em Sergipe. Estudo apressado falho de apontamentos, de inseguras informações, do qual o próprio escritor teve a coragem de se penitenciar mais tarde. Batizou-o de Lampião e debuxou um fenômeno que continua a espera de um novo Euclides da Cunha para desbravá-lo, no bronze daquele estilo

e com a força impetuosa de um talento ainda não superado nas letras nacionais. Apenas uma leve penumbra no luzeiro do artista. Refeita a imaginação do romancista, volta ao filão, onde tanto ouro tirou para nosso deleite, surge no esplendor maravilhoso de novo livro: Os Navios iluminados. Obra magistral, de fino sentimento social e cristão, de acabada contextura artística, onde as figuras, retraçadas com pincel de multicoloridas tonalidades, vivem, num estilo recamado de singeleza, o homem do nordeste, desbravador valente e audaz, cheio de ternura e repleno de sentimento humano e perfeição artística. José Severino, Delegado Déda, elicio, toda essa gente sergipana de Santos, onde residia e movimentou o enredo do livro, encontra-se entre nós a cada passo e recebeu o carinho do escritor, no seu próprio lar, que era uma espécie de consulado de bondade caridosa e muito encorajamento para o sergipano, faiscador de aventuras. A obra de Ranulfo Prata, meus senhores, foi a resultante de um profundo sofrimento em busca da perfeição, viveu-a com o coração devotadamente voltado para a crença que o embalou e fortaleceu. Refletem-se, em sua quente publicação, os lampejos dolorosos e designados do seu profundo sentido cristão. E foi assim, nesse estado de convicção certa que proferiu uma conferência na associação dos Médicos de Santos: Servidão e grandeza da doença: que há pensamentos desta natureza e verdade: seja qual for o ângulo pelo qual se encare a vida, seja qual for a religião professada, habite o pólo sul ou pólo norte, o ser deve apoderar-se dos materiais que a doença lhe oferece e com eles construir alguma cousa, ou muita cousa. A principal graça da doença, em muitos, é o descobrimento da alma.

O assunto capital de sua obra foi sempre o sofrimento, sublimação de martírio de uma vida de Médico, que se observava minuciosamente e numa atroz ironia defende tese sobre o riso

e viveu sofrendo e trinfando, na longa estrada, dentro da vida, como um lírio na torrente, indo acabar num maravilhoso e encantado sonho de navios iluminados. Repercutiu fora do Brasil o seu nome, José Geraldo Vieira, o torna personagem de um de seus melhores livros, a mulher que fugiu de Sodoma. A Academia Brasileira de Letras concedeu-lhe prêmio de romance e um escritor argentino traduz-lhe entusiasmado, Navios Iluminados. Ranulfo realizou sua obra cinzelada e sentida com o coração. Foi um consumado radiologista e só à sombra de repouso freqüente, pra aquele tão frágil organismo, ia edificando o pedestal do monumento que o consagrou um dos maiores novelistas brasileiros.

Grande médico associou, no seu espírito, as verdades eternas da ciência as verdades profundas da poesia, na sutil expressão de Anatole France.

Sua obra é borbulhante de boa seiva, até quando transparecia aquele travor de tristeza ao compreender que a miserável felicidade humana existe.

Soube, nas ondulações surpreendentes do seu talento, mesclar o sonho e a fantasia à própria realidade com a graça de um estilo leve e genuinamente seu.

Privar de sua intimidade foi sempre um honra e um privilégio que se não esquecia, tais os eflúvios de bondade que se irradiavam do seu espírito.

Traziam as dedicatórias dos livros, que me enviavam uns tons atenuados de ironia, levemente borrifados com umas gotas de desilusão; eram retalhos de confissões surpreendidas na palpitação da frase ligeira.

Espírito aberto à todos os conhecimentos modernos, sentiu o desmoronamento da civilização atual e compreendeu o drama de todas as consciências vivas deste mundo morto, de todas os corações que pulsam nesta hora sem coração em que vivemos.

Intimamente era Ranulfo de uma simplicidade comovedora. Quantas vezes aquela vontade afeita a intensa luta interior, moral e física, mergulhava num prolongado muitíssimo revendo o seu mundo interior, ninguém conseguia arrancá-lo daquele silêncio, então quantas vezes, a velhinha, sua boca e santa mãe, dizia-me: converse com Ranulfo, ele está tão calado. Tentava trazê-lo à realidade ele dizia-me cismarento: meu caro esta carcaça não dura muito.

Numa de suas últimas visitas a Sergipe, fomos rever o poeta, no seu eremitério, sonhador impenitente, que teima em viver no cristal do seu encantamento. Peregrinação agradável, numa tarde luminosa e alegre. Ranulfo expansivo e loquaz abraça Garcia Rosa, no seu alcandorado retiro de menestrel. Entardecia e as luzes pirilampejavam derramando-se nesta feiticeira e catita Aracaju, quando retornamos contentes. Naqueles dias de amplas expansões, o espírito acomodava-se ao sentido salutar da vida e nós como colegiais, que não foram à aula, desfrutávamos amplamente.

Rompiam de quando em quando os laivos do enorme sofrimento que não o abandonava e foi seu companheiro inseparável de todo instante, eu o compreendia em toda a sua força, quando o via ajoelhado, numa concentração de muita fé fazendo sua conversa íntima com Deus. Espírito de eleição, nunca se conseguiu enxergar nele. Um mínimo sinal de pouco sofrimento, ainda nas ocasiões que corria maior perigo qualquer boa paciência.

Aquele homem desataviado e simples trabalhava a frase com primor com que se assinala a mestria dos privilegiados no escrever, que receberam da natureza o dom artístico do ouvido, não menos necessário aos prosadores que aos poetas, é de Rui o pensamento.

Certa vez, passamos uns dias juntos, em Santos. Era um encanto acompanhá-lo, hora certa, da Sta. Casa a Gafré ou ao seu consultório ou a Beneficente Portuguesa. Em todos aqueles

departamentos de caridade era ele o chefe, o mestre do raio X. 10 horas chegamos a Beneficente Portuguesa, recebeu-nos o provedor lido em cousas de Portugal, servia-se chá e biscoitos, aparecia então grandiloqüente, de branco, algo espalhafatoso o poeta trovador do indaiá, aquele mestre cantor celebrava sua missa votiva de adoração a Eça de Queiroz em quanto Ranulfo mostrava os encantamentos da frase camiliana. Exaltados instantes aqueles festins da inteligência, onde refulgia imponente a fantasia irisada de mil facetamentos intelectuais, onde o peregrino talento de Martins Fontes, boníssimo coração, rebrilhava como oiro velho e reacendia como um inspirado genial, derramando-se em turbilhão, amansando em mar de bonança ante o sorriso de Ranulfo. O ateu e o católico paradoxalmente se uniam, porque na fineza de seus corações não havia refolhos onde o ódio se aninhasse e traziam consigo a chama do mesmo devotamento aos humildes.

Era desse feitio aquele evangelista das letras, que se foi, quando apenas começara a viver, se é verdade que a vida principia aos 40. Um predestinado que escreveu sua última página, quatro dias antes da morte, página do livro inédito, sua melhor obra depois de seu filho, dizia, na qual falece a figura principal do livro tal como ele veio a falecer poucos dias após. Cleomenes Campos, o nosso poeta, o grande poeta, cantou Ranulfo, na lira fecunda da sua formosa inspiração.

Ao prezado Ranulfo
Sonhador e irmão
Que tem prata no nome
E ouro no coração

Perdoe a divulgação meu ilustre confrade. Não me atrevera a dizer tanto, se não fora maior a prova do que o dito, como

escreveu o cintilante gênio Vieira. Sonhos queridos, e gosto de recordar arrastaram a imaginação para o passado, porque melhoramento se mostre a singularidade desta recepção e mais fidalgo o convite ao vosso talento, como substituto de quem nos fora tão querido e festejado. Tudo isto vem mostrar a excelência da escolha para a poltrona nº 7.

Sois o cronista elegante da síntese literária por onde se derrama o caudal de vossas leituras, pois viveis num constante diálogo com os livros, tendo exata compreensão das cousas novas e das idéias progressistas, escrevendo, como fazeis sem pretensão, com simplicidade e clareza, como límpido ribeiro de fresca e saudável linfa, descobrindo aqui ou acolá esta ou aquela gema por circunstâncias especiais de pureza, formosura e cintilação.

Vestis os vossos trabalhos com uns ceves tons de crítica, com idéias sintéticas e englobados a incutirem no leitor a impressão aguda, violenta e penetrante do livro. Crítica honesta e selecionadora, que Mário Cabral tão brilhantemente definiu: "um gênio construtor, duplamente construtor".

Construindo em relação a si mesma, monumentos de estética e de literatura.

E construindo em relação a obra realizada, verdadeiros monumentos de sugestão e de interpretação. E Álvaro Lins completa: "Uma criatura que procura outra criatura, que procura tudo penetrar e tudo entender, num sentido absolutamente humano, nos seus elementos fundamentais de pureza, de amor, de sensibilidade, de sugestão e de interpretação. Vê-se logo que estudais na obra antes a estrutura que o enfeite e vossa tolerância literária marca a verdadeira medida cultural, com o cuidado de expressões que transitam como folhas que descem o rio ao som das águas".

Os vossos castelos, onde impera uma percuciente análise,

refletida no manuseio do bom linguajar, não se desconjuntam em destruidora esterilidade. São alcançares de fronteiras por onde perpassa um sadio sopro de vitalidade. Num fluxo e refluxo d'alma inundada de alegria, ides construindo o vosso assunto, no ritmo recompensado de estilo, com impiedoso desejo de acertar, ora esmaltando ou enaltecendo a forma do comentário em nítidas e definidas obrigações.

Neste instante de tumultuária indisciplina universal, não há como refusar o vosso jornalismo de quieto refugar, refeito de rapsódias acomodadas a um sentimento equilibrado de conscienciosо anotador, que traz cada dia para o meio social onde escreve a novidade atual de achegas fecundas, num trabalho nobilitante de orientar e construir. Assim vai o vosso talento tracejando o cenário das realidades brasileiras à sombra de conformação espiritual adequada às camadas profundas da vida nacional, cheio de consciente amor ao Brasil. Escrevestes, releio uma página vossa: não resta dúvida que o Brasil hodierno é um país que marcha para uma intensa evolução, ou seja, uma transformação perfeita.

Estudioso do direito sente-se perplexo ante a conjuração mundial, esmagado pelos acontecimentos que já não sai do homem, mas vem de fora para encontrá-lo, para levá-lo de roldão na sua força e na sua impetuosidade. Sentistes o dinamismo da hecatombe, em que, todo homem de pensamento espera a volta da razão e do bom senso, como o verdadeiro império da justiça e do respeito humano.

Essa atividade amadurecida na defensão do ideal ressurge nos vossos escritos incendiada de patriotismo.

Muito moço, já seguistes rumo seguro, para onde pendulam vossos sonhos num hino triunfal à vida e à Pátria. Como vós, também sentimos os arrebatamentos da idade burburinhando na maravilha da tempestade, temperamos, porém, o fogo das

ilusões primaverais com a serenidade de nossa experiência, conquista da idade, já refeita de amadurecida atividade. Os moços de hoje são verdadeiros argonautas do pensamento moderno e procuram o gosto do definitivo, atraídos pela curiosidade, a relegarem às sombras imprecisas onde se refugia sempre a fantasia da adolescência. Vivem procurando "exprimir pensamentos flutuantes, sonhos sem formas, desejos de corações atormentados que a tudo aspiram e a nada se prendem numa verdadeira e profunda inquietação de espíritos insatisfeitos como resultante da grandeza das ambições desencadeadas", no bonito pensamento de Taíne.

Papel revolucionário esse da mocidade, refletido em anseios e ímpetas expansões que voam com as asas de aspirações e marcam a força do pensamento, galopando em tumultuosas e quentes vibrações irrefreadas. Poesia da vida canta a mocidade o hino madrigalesco da idade, como cruzados menestréis de idealismo sonhando, exultando, bebendo a vida sofregamente, derrubando ídolos e desfazendo afirmações. Os moços são destemidos iconoclastas, que deixam ao passarem o sopro quente e infinito de sua inquietação até que, um dia, o vôo vertiginoso começa a languescer e fatigar. As remansadas manhãs ficam mais amenas e as tardes envolvem-se de mais quietude.

A sombra acolhedora da reflexão cristaliza-se no plasma da forma e o pensamento refinado, aflora sorrindo das tempestades e trovões que se afastam como nuvens acumuladas e desfeitas pelo vento. A razão vai aclarando a inteligência com os anos, porque, moços olham para frente e para o alto, paulatinamente, a idade serena aos ímpetos e anseios e vai ela se voltando para o passado que não morre. Algo fica, resultado dessas batalhas e demolições é o jovem idealismo servindo à unidade multiforme da cultura, já plena de lucidez, com uma visualidade compreen-

siva acima de todas as paixões. Um sentimento mais profundo de equilíbrio e de ordem comanda a inteligência, produzindo o sazonado fruto da obra definitiva.

Panoramas de luz e de calor passam nos olhos, deixando a cicatriz do combate, no veludo de uma saudade. Fugaz e transitória é a mocidade. Vive os moços a fase angustiosa de sua geração. Alguns deles terão realizados, na velhice como escreveu Álvaro Lins, um sonho de mocidade que terá realizado o seu destino e o destino de sua personalidade.

O resto se desfaz em sonhos, fragmentos de sonhos, na expressão de Romain Roland, informes e móveis, poeira de átomos, que dançam ao leu, turbilhão vertiginoso que passa e se desfaz em risos ou horrores. Esta casa, Sr. Dr. Luiz Melo, iluminada pela experiência, espera a vossa mensagem de confiança e muita fé no futuro, pois do futuro vive a esperança da Pátria.

Vossa obra, Sr. Acadêmico, embora fragmentada, já está indicando a inclinação dos vossos pendores.

A multiplicidade em que estão divididos os vossos que fazeres rebrota em galhos e se faz consonância, como diria Mário Matos, da vida que faz os escritores refugiar-se em carreiras afins, como sejam o jornalismo, a advocacia, a medicina e o professorado. É um mimetismo por virtude do qual, mal o seu grado deles, prestam serviços a cultura e ao progresso social, imprimindo-lhe graça e leveza. Ainda estudante prepara dois estudos de especialização na seara do direito: o divórcio e menores e delinqüentes e finalmente o trabalho biográfico sobre Gumercindo Bessa, mostra um lugar privilegiado para o vosso talento.

Este cabedal de conhecimento, enriquecido por um beneditino amor aos estudos, demonstra sobejamente que foi justa a escolha do vosso nome para este cenáculo das boas letras sergipanas. Moço, de pensamento amadurecido pela observação e

pelo estudo, compreendeu que o espírito não tem idade e pensais assim: é vosso o trecho: "Evidentemente se o espírito pode continuar forte e fecundo no velho, a idade, por ela mesma possui uma virtude: o homem que se acalmou vê o mundo de mais alto". É o nosso consolado amparo na ladeira para onde já nos inclinamos. Nem sempre a vossa orientação literária satisfaz o impenitente ledor que tenho sido. Mal de mim que busco na biografia, o homem em movimento dentro, no meio em que vive, o segredo da lenda que se teceu em derredor de seu nome, um complexo conjunto de fatos e observações que completem toda a gama cromática da poesia e da verdade na história do homem estudado, agitando-se no meio da sociedade. O vosso debuxo é singelo, atraente e estuda o homem com valor intelectual em luta contra os erros que o cercam. Descobre-se a vossa intensa preocupação pela vida do espírito aliada a um decidido desejo de provar a vossa fé e corporificar a maravilha de um homem soberanamente exponencial, que viveu em Sergipe e para Sergipe, derramando cintilações magníficas.

Realçou num imenso esforço o quadro onde viveu, pensou, lutou e imperou Gumercindo Bessa, político, pensador, vivendo no campo de batalha do pensamento, procurando mais e mais fugir da torre isolada do orgulho e sono, da cultura pela cultura, como sempre vivêramos, sonhando e sofrendo, no vital imperativo das realizações que se agitam no mundo.

Defendendo esse postulado e encarado por este prima, o vosso trabalho é um magistral estudo do homem como força atuante para a verdadeira orientação da sociedade. Consoladora miragem essa de se trabalhar pelo bem e a felicidade humana, como complemento substancial da cultura.

Possuindo tais e tão recomendadas credenciais penetrastes às ombreias desta Academia e foi ungido cavaleiro cruzado

do pensamento sergipano à serviço da inteligência brasileira, do nosso Brasil. Dr. Luiz Pereira de Melo, a Academia Sergipana de Letras delegou-me o mandato de vos receber neste momento, aqui onde tudo é graça espontânea e felicidade. Desobrigando-me de tão nobre e realçada excelsitudes desejo para vós, muito ilustre confrade, a consagração que teve Ranulfo Prata. Sede um dos nossos, Sr. Acadêmico, nessa casa, onde todos são iguais, como disse Bilac, amigos e irmãos pelo trabalho e pelo afeto e em que o homem por mais superior que seja, ou por mas superior que erradamente suponha ser, aos outros, não tem o direito de fechar os olhos, os ouvidos, a alma as aspirações, as esperanças, as dúvidas da época em que vivemos.[74]

74 Revista da Academia Sergipana de Letras. Aracaju, nº11, abril, 1946.

Recepção

Discurso Proferido na ASL, pelo Dr. Luiz Pereira de Melo, na solenidade de sua Recepção.

Substituir Ranulfo Prata nesta academia foi, sem dúvida, a maior surpresa da minha vida.

Jamais alimentei tamanha ambição e honraria. Pois não costumo seguir a teoria do pirilampo invejoso, sempre a desejar o destino de estrela!

Eleito sem tivesse direta ou indiretamente concorrido para isso, aqui estou no Cenáculo das Letras Sergipanas.

Cumpre-me, agora, agradecer aos intelectuais que me proporcionaram esta honra insigne, especialmente ao meu grande amigo Dr. Antonio Manuel de Carvalho Neto, ilustre Presidente desta Academia excelsa expressão da cultura e da inteligência, autêntica glória de Sergipe.

A responsabilidade do intelectual, no momento presente, constitui um assunto de intensa complexidade.

O homem de letras tem que ser necessariamente um estudioso profundo da psicologia das massas, a fim de penetrar no realismo humano, sem violação dos direitos individuais, e mostrar sincera e honestamente a verdade, apontando também o erro, para ser combatido e eliminado.

Não se pode ficar contemplativo e inútil quando se tem um papel a representar em face do universo.

Pois o que é o homem se lhe falta a consciência da própria finalidade?

É necessário orientar a vida, trabalhando por um mundo mais humano, onde a justiça seja o digno sustentáculo dos povos e das nações.

E traçar rumos para a conquista de um destino nobre, colocando sempre a verdade acima de contingências ocasionais, é a grande tarefa da intelectualidade. Pois já dizia Berthelor, é preciso tocar para a frente pela ação quando se pode, mas sempre pelo pensamento.

A cultura é um imperativo categórico na existência de uma sociedade.

Como riqueza da humanidade tem inconcussamente uma junção de forças, explanando e excitando a atividade funcional do organismo.

Uma equação que traduza um elemento de perfeita igualdade de grandeza dependente. E não resta dúvida, o princípio da harmonia dos valores espirituais e materiais do homem.

As ambições do espírito carecem de uma impulsão natural das expressões associativas.

Reconhecemos que – "toda cultura tem em si mesma implícita, uma aspiração, uma tradição, uma finalidade, na forma objetiva de um ideal mais amplo, que o ideal simplesmente individual.

Esse ideal mais amplo da aspiração, da direção e da finalidade da cultura, é o grande ideal da coletividade. E esse ideal assim da coletividade é o mesmo ideal humano e cristão do bem comum.

Dominando, desse ou daquele modo, ou procurando dominar, por essa ou aquela forma, a natureza, na impetuosidade de suas forças vivas, ou na serenidade de suas energias latentes, é assim que o homem se apresenta em ação plena de cultura, é assim que está o homem em função eminentemente cultural. A

ação da cultura pelo domínio. Função de domínio pela cultura".

O ilustre professor Miguel Osório de Almeida, de regresso dos Estados Unidos, onde estivera presidindo à reunião da Comissão Internacional Provisória de Cooperação Intelectual, focalizou, magistralmente, o papel do intelectual – "coloca os direitos da verdade, tomada esta em seu sentido mais amplo e mais honestamente sincero, acima das contingências, dos interesses ocasionais, próprios, ou mesmo de grupos mais ou menos extensos. Se em muitos casos não pode ele bem distinguir onde se acha a verdade, pode ao menos reconhecer onde impera o erro, a fim de resgatá-lo, de combatê-lo, ou reduzi-lo às proporções mínimas".

Hoje em dia, ante o progresso e o destino dos povos, não é lícito se distinguir os deveres do intelectual e as obrigações do homem.

O escritor deve estudar a solução dos magnos problemas que envolvem o universo, deve se dedicar ao estudo, a fim de encontrar a realidade, sem violação dos direitos individuais.

Tudo, porém, há de ser condensado num ambiente espiritual onde a livre consciência seja sempre respeitada. Romain Rolland, o fulgurante escritor da terra de Anatole France, detentor do Prêmio Nobel, imortalizado pela criação profunda de talento e de gênio – Jean Cristophe – proclamou numa grande visão profética que "o nosso destino foi o de nascer em uma grande época de luta e por isso não era permitido nos afastar dela".

A violência, por maior que seja a sua intensidade, nunca será veículo de empecilho à comunicação do pensamento e à cristalização da inteligência.

O mundo que pensa, o mundo que produz, não foi vencido e jamais o será pela fúria de bárbaros conquistadores ou por falsos reformadores.

A inteligência será sempre a grandeza espiritual do homem, expansão do sentimento em marcha para a jornada rápida da compreensão.

Reconhecemos que a inteligência brasileira se achou no período de guerra mobilizada contra o regime que escravizou todo o universo.

O nosso Ranulfo Prata, como intelectual e como homem, sentiu também o horror da tragédia que vivia o mundo, daí declarar de certa feita "– como não posso fazer a guerra do fuzil faço a guerra dos espíritos que é de muito valor, concorro para mobilização dos valores morais".

E em palestra pronunciada na Associação dos Médicos de Santos, palestra essa que teve o título "Médicos e o Momento Nacional" declarou que aquela guerra era de duas Cruzes, a de Cristo e a Suástica, que é do Nazismo.

O que é cristão deve tomar o seu lugar na vanguarda.

Depois e tantos anos em que a guerra com o seu cortejo tétrico de misérias e de lágrimas assolou o mundo, eis que surge a paz.

E, como sempre, com a vitória do espírito. Pois não há exército ou ditador que possa entravar a marcha das idéias. Pode matar, render, torturar os idealistas, as idéias são eternas e intangíveis.

"Só onde a unidade humana for livre a coletividade humana pode ser consciente".

O império nefasto da força e o predomínio da justiça são pelos antagônicos ao poder prodigioso do Direito, norma controladora das relações sociais.

"As nações vivem de tranqüilidade e segurança já afirmava Rui Barbosa, de crédito e de trabalho, de inteligência e probidade; e um só desses benefícios resiste à vasta dos sentimentos, em

que transborda o regime da ameaça, da intolerância e da sedição. O motim não é a democracia; a celeuma não é parlamento; a rua não é o país; o incêndio não é a razão; o crime não é o direito; o assassinato não é a justiça; a anarquia não és tu, ó Liberdade! Teus heróis não são os gigantes da perseguição, os semideuses do terror; são os bons, os mansos, os justos, os mártires a inefabilidade política no trono, na plebe, os homens que venceram pregando, escrevendo, edificando, salvando, e morrendo; os que abraçados contigo, semearam religião, lavraram o direito, estabeleceram a moral política, esse composto de moderação, experiência e senso comum".

"A hora é de paz e é na paz que se constrói".

Não há, pois, lugar para o Estado Soberano, agressivo e ambicioso, e sim para o estado interdependente, que livre, integrado na sua própria grandeza territorial, colocará sempre a cooperação internacional muito acima dos caprichos nacionais.

Conforta-nos uma convicção: uma certeza que esta civilização que se chafurdava ontem em ondas espumantes de ódio no seu próprio sofrimento tenha aprendido a ser mais justa.

Alberto Torres, o genial sociólogo patrício, com o seu profundo senso dos homens e das cousas, advertia que: – "Os homens felizes são incapazes de fazer justiça, porque não têm a noção do fenômeno mais comum da vida que é a dor".

Oxalá, portanto, que a angústia destes anos de guerra vá inspirar melhores sentimentos de justiça, que têm como instrumento o Direito e a Liberdade.

A Liberdade tem necessariamente que ser encarada como um bem inalienável, "um atributo humano de inestimável valia pelo qual grandes cousas que se realizam e pelo qual o indivíduo afirma a sua personalidade".

O mundo tem que ser reconstruído em bases asseguradas

da paz e do progresso de toda a humanidade, bases estas ditadas pela Justiça, qualidade sagrada e indispensável, pois não há paz sem justiça nem justiça sem paz.

É a Justiça o fundamento da paz.

Senhores: –

Quando Academus legou cidade de Atenas uma terra que possuía às margens do Cephiso, longe estava de pensar que o seu nome seria tão ligado à posteridade. Atenas passara a chamar aquele agradável retiro de Jardim de Academus, em honra do seu doador.

Platão, apreciando a amenidade daquele parque maravilhoso, coberto de oliveiras verdejantes, ali se encontrava com os seus discípulos e sua Escola ficou sendo chamada de Academia, influência do nome do lugar onde era exposta a sua doutrina.

Podemos dizer que foi com Platão, nos heróicos tempos da Grécia antiga, que nasceu a Academia.

Foi, porém, a academia Francesa, legalizada no reinado de Luiz XIII, graças aos esforços dos grandes Cardeal Rechelieu, a verdadeira orientadora das Academias de Letras, que têm desempenhado papel tão salientado no desenvolvimento da cultura universal.

Parece-me que a função primordial de uma academia de letras é associar os que se dedicam às cousas do espírito nos seus problemas práticos e não elaborar gramáticas e dicionários, pois o trabalho intelectual é individual por excelência.

Quando tarefas que superam a capacidade do indiviíduo " – exige coordenação de esforços, é fácil procurar especialistas, onde quer que se encontrem, dentro ou fora do âmbito de um grêmio como este"!

Tem, pois, função ativa e reguladora, confraternizando os que têm poder para as cousas que aformoseiam a vida, elevando

o espírito.

Não há exagero em dizer que muitos intelectuais se aproximam das Academias, côo a raposa da Fábula diante das uvas. E os que já se acham nas suas cadeiras repousantes repetem serenamente os versos de um acadêmico francês, que Lauro Muller traduziu com felicidade: –

Si vivos sonhos quarenta
Alvos somos da ironia
Mas o rico não se agüenta
Ninguém mais nos torce o vento
Se há vaga na Academia.

Senhores: –

O que a Academia Sergipana de Letras presta neste momento não é uma homenagem ao humilde ingressante, mas uma homenagem a Ranulfo Prata, um dos mais completos expoentes da inteligência sergipana.

Coordenei ligeiros traços da vida do ilustre pensador patrício, perfeito espiritualista cristão e aqui estou para tentar fazer um esboço da sua Vida e da sua Obra. Vida, tão profundamente interior, equilibrada, metódica, tranqüila, consagrada ao amor da família, aos afazes da profissão e, sobretudo ao aperfeiçoamento moral e espiritual, procurando a segura e íntima aproximação de Deus.

Ele mesmo confessou: – "verdadeira vida é a espiritual. Buscando-a e aprofundando-a, não fazemos mais do que melhorar e desenvolver o lado essencial do que constitui a individualidade".

E obra tão intensa de humanismo onde a realidade emerge com o vigor intrínseco das observações pessoais.

***

Nasceu Ranulfo Prata, numa tarde de 4 de maio de 1896, na cidade sertaneja de Lagarto.

Filho do coronel Felisberto da Rocha Prata e D. Ana Hora Prata, – reservas de moral da sua terra.

O meio familiar sadio que lhe envolveu a infância muito contribuiu na sua formação psicológica.

É que naquele centro de costumes dignos, de hábitos puros e de alto padrão de moralidade, foi plasmado o caráter de Ranulfo, onde ficaram gravados, desde então, requintes indeléveis do esplendor do ambiente em que vivia.

Iniciou o seu estudo primário em Simão Dias, aprendendo as primeiras letras com a professora Elisa Macedo.

Rumou depois para Estância, onde encontrou no Colégio Camerino e nas preciosas lições da tradicional educadora estanciana D. Marocas Monteiro, o prolongamento indispensável ao preparo de seu espírito juvenil.

Transportando-se para São Salvador, a velha São Salvador amiga e acolhedora, levou consigo um alicerce seguro, e aí fez e concluiu o seu curso Secundário nos Colégios Carneiro Ribeiro e Ginásio Ipiranga, matriculando-se na conceituada Faculdade de Medicina daquele Estado, onde cursou até o quarto ano, quando se transportou para a Faculdade de Medicina da Capital da República, obtendo em janeiro de 1920, o grau de Doutor em Medicina.

Embora fora de Sergipe, viveu, contudo, Ranulfo para Sergipe, numa obra de cultura e humanização.

O amor à terra pequenina que lhe serviu de berço é um dos traços característicos de sua vida, que convém fixar: Sergipe enternecia-lhe!

Alma de artista, sensibilidade intensa, afeiçoou-se, como ninguém, à gleba que lhe viu nascer.

É Sergipe que tantas vezes vemos retratado em seus livros. As suas cidades pequeninas, a sua gente simples, ignorante e boa que aceita serenamente os golpes do destino, curvando-se, humilde, aos caprichos excêntricos da vida.

E a sua obra é plena dessas evocações...

É a saudade que o faz exprimir em seus livros reminiscências da terra distante, pintando com o seu sentimentalismo a ternura nostálgica da paisagem longínqua da infância.

E é Sergipe também o assunto predileto das suas palestras. Aqui tinha seus pais, seus irmãos, sua família, seus amigos, estava preso, portanto, pelos mais sublimes elos do amor.

Interessado pela grandeza do Estado natal não hesita em escrever "Lampião", libelo terrível contra a indiferença do poder público ao martírio incessante do sertanejo nordestino.

Tomando esta atitude impávida e decidida, mostrou Ranulfo que tudo fazia pelo progresso e bem estar do seu Estado.

Não olhava sacrifícios, não media canseiras, quando se tratava dos interesses de Sergipe.

Certamente dizia como o poeta: – "C'est Le pays que ma donné Le jour".

O aspecto exterior de Ranulfo não é difícil relatar. Pequeno na estatura, medindo um metro e sessenta, olhos castanhos, cabelos ouros, bem magrinho, num antagonismo com a robustez do seu espírito.

Moderado por instinto fugia de alardes e ostentações. Nunca procurou prestígio ou popularidade.

Era um enamorado das letras, que, não seguindo a regra geral, fugia das rodas boêmias, da vivacidade dos Clubes, e até das redações. Achou seguir o conselho que Lima Barreto lhe deu, quando publicou o seu primeiro romance: – "case com a literatura menino e não se meta na Imprensa, veja lá"...

Prudente e desconfiado, tinha horror às ressonâncias fortes, às vidas ruidosas e barulhentas!

É que, temperamento equilibrado, procurava em tudo a harmonia que não cansa, o método que dá força, e a ordem que coordena.

Apesar de discreto, era de espírito comunicativo e "conversá-lo era espreitar-lhe a excelsa revoada de idéias de sua formosa inteligência"...

Sensibilidade apurada, não ficava indiferente à beleza ou à dor, que se refletindo em seu próprio eu, envolvia-lhe numa névoa de tristeza poética.

Era extremamente sensível. O aspecto do mundo exterior, a natureza, a vida, tudo lhe comovia.

E é esta tristeza resignada, este enlevo brando, que encontramos em seus livros. Podemos dizer que, apesar de nunca ter feito versos, tinha temperamento de poeta. "Teimava, segundo se conta, em cultivar não sei que secreta pontinha de pessimismo, ao ponto de cognominá-lo, certa vez, Martins Fontes, – seu grande amigo – de doce ervinha azeda, expressão que lhe ia às mil maravilhas, de vez que dizia bem da imensa bondade salpicada de tão surpreendente dose de spleen. –

Sensível às mis suaves e puras emoções, era Ranulfo Prata também muito tímido. Ele próprio confessa, falando em entrevista dada à Silveira Peixoto – "é a timidez quase mórbida que ainda hoje me atrapalha a vida".

Como já dizia Molière, em todos os corações há sempre um homem e em todo homem um menino, e os psicólogos adiantam: – o que primeiro se adquire por último se perde. A timidez foi um complexo do qual Ranulfo nunca se pôde libertar.

Em torno de sua vida morosa temos conhecimento de que em toda sua existência apenas tivesse um único afeto transitório

na pessoa de Cândida Maria, que conheceu em São Tomaz de Aquino, em Minas Gerais, quando médico da paciente que sucumbiu da enfermidade que a molestava.

E surgiu Dentro da Vida. Um livro real. É que Ranulfo compreendeu que o sentimento interior é a fonte de tudo!

E, daí, retratar neste livro as realidades humanas que o fizeram sofrer. Mas influenciado pela espiritualidade de Jackson de Figueiredo, seu grande amigo, transforma esse sofrimento em grandeza moral, em tesouro maravilhoso de sofrimento, muito acima das banalidades da vida.

Muito tempo depois se consorcia Ranulfo com excelentíssima D. Maria da Glória Prata, sua dedicada companheira. Foi um amantíssimo esposo e um pai extremoso, vivendo para sua companheira de existência e para o rebento da sagrada união – o seu filho Paulo e amando, sobretudo a tranqüilidade do lar e o sossego da família.

Não era vaidoso, apesar das distinções que renovadamente recebia dos seus amigos e admiradores.

Seu feitio moral não se coadunava com as exibições de certos espíritos.

Trabalhando na sua perseverante constância de agir, jamais no propósito de aparecer, de ascender a posições sociais e adquirir fortuna material.

Poucos homens como Ranulfo, que tão cedo se convenceu da precípua finalidade da vida cristã, – "desprendeu-se das compensações do mundo, encaminhando-se para o lado das verdades eternas, que seguidas dariam entrada de sua alma pura no reino de Deus", reconheceu a inutilidade da vida quando não se tem em mente o Bem.

Trabalhou e venceu, atingindo o ideal numa apatia às glórias terrenas, arrostando a crítica cruel dos homens não sen-

do subjugado pelo domínio humilhante do respeito humano, dedicando-se do melhor modo possível à sua fertilíssima capacidade intelectual.

Com tal proceder não teve em mira na sua obstinação e na força criadora dos seus sucessos, senão o produto do seu tirocínio, o censo prático das realidades humanas, dos desprendimentos do que o mundo lhe pudesse presentear, e como o valor de uma inteligência não se mede pelo labor em si mesmo considerado, mas no sentido espiritual de sua obra, Ranulfo Prata primou pela espiritualidade.

É esta a expressão real do seu interior.
Os seus livros demonstram o seu anseio.

Amigo dedicado, companheiro sincero sabia cultivar as amizades. Era sem dúvida a delicadeza, a bondade, a ternura do seu trato, que prendia para sempre os amigos.

Cleomenes Campos ao lhe dedicar um livro seu, assim se expressou: –

Ao prezado Ranulfo
O sonhador e irmão
Que tem Prata no nome
E ouro no coração

E Ranulfo, meus senhores, foi realmente um "coração de ouro". Afastado das paixões e dos sentimentos estéreis da vida, vivia para a beleza e para a bondade.

"Désir de bien faire", era o seu lema.

Essa foi a lição que nos deixou com o seu doce carinho pelos pobres enfermos, o clínico competente e honesto e com a sua nobre e brilhante atividade intelectual de romancista conscienciosо e ilustre.

Embora afastado desde cedo de Sergipe, contudo Ranulfo Prata nunca perdeu o seu amor pela terra natal.

O seu entusiasmo por Sergipe era como uma estrutura, firme como o cimento das virtudes cotidianas do seu trabalho e de sua retidão.

É que existe civismo quando não há homem laborioso, probo e sincero. "O patriotismo não pode separar-se do humanismo".

Possuindo a fecundidade do espírito, também tinha a do coração, e o seu amor era a ternura do anseio da redenção espiritual do homem. Não olvidou Sergipe, nem amigos e nem parentes, tinha-os sempre na mente, numa afetividade invulgar.

Ei-lo assertivando num trecho significativo de uma carta de felicitações ao seu pai assim exteriorizado: "Papai, Mamãe e Marieta, domingo passado respondi a sua carta. Papai é hoje 24 dia do seu aniversário. Telegrafamos enviando os nossos abraços de felicitações. Na verdade é uma bela idade, e Vme. deve agradecer a Deus estar vivendo tanto e sempre no gozo de boa saúde, o que é privilégio de muitas provas.

Aqui enviamos os abraços desejando ai estarmos para maior alegria. Em espírito pelos nossos ai estamos e também com a pobre Rosinha, que fez o seu segundo aniversário só e triste". –

Em 2 de novembro, recordando o Dia dos Mortos, assim escreveu Ranulfo, aos seus velhos pais: – "Hoje dia dos mortos, tenho pensado em todos os nossos queridos que já se foram: Oscar, Isaura, Prata, Agripino, Clarisse, que saudade!

Fomos visitar o poeta Fontes, de quem tenho grandes sau-

dades. Como a vida é enganosa, rápida e triste! É na verdade um vale, um grande vale de lágrimas". –

E, finalmente, em 15 de novembro de 1942, escreve Ranulfo a sua última carta, ainda em perfeita saúde, revelando um exemplo de absoluta tenacidade, quando em carta afirma: – "E Vme. mamãe, sempre queixosa dos seus males. Se eu tenho tantos, imagino vme. nessa idade e de coração tão triste e angustiado. Nos tem dado, porém, o exemplo de coragem e conformação, que não será agora que há de fraquejar, de ficar desanimada". –

Visitando o túmulo de seu irmão Dr. Oscar Prata, Ranulfo esteve em Sergipe, em março de 1942, aqui passando um mês no suave convívio dos parentes e amigos, sem pensar que oito meses depois, numa noite de Natal, às 23 horas em uma Casa de Saúde, desaparecesse do rol dos vivos, vitimado por uma hemorragia intestinal.

"Feliz aquele que traz diante dos olhos a ora da morte, e cada dia se prepara para morrer".

Morreu fiel aos princípios dogmáticos da religião cristã, como sempre viveu.

Reconhecendo o derradeiro alento de vida, o seu pensamento foi para a família distante, dizendo in extremis: – "avise a mamãe e avise a papai".

Foram estas as suas últimas palavras, evidenciando ainda uma vez a grande amizade que tinha aos seus.

É que a formação que recebera no lar, fora por demais preciosas para o alicerce deste sentimento perene.

Prendendo suas mãos às de sua esposa e do filho, nada mais balbuciou aquele espírito cintilante.

"Deus protege e livra o humilde, ama-o e consola-o; para ele se inclina; prodigaliza-lhe suas graças e depois do abatimento o eleva á glória, revela os seus segredos e docemente o convida

e atrai a si".

São palavras edificantes da Imitação de Cristo.

Ranulfo praticou a humildade, vivendo a doutrina da Verdade prudente nas suas ações de homem, submisso, primando pela perfeição espiritual, meditando na miséria humana, desprezando as vaidades terrenas, reconhecendo as graças divinas, vivendo na paz interior que o bem proporciona a uma sã consciência.

A sua extraordinária coragem e fortaleza de ânimo, ao despedir-se da vida terrena para ingressar no reino de Deus, impressionam.

É como se quisesse demonstrar que o melhor médico é aquele que nos ensina a morrer.

Catilanges, grande pensador cristão, tinha sobeja razão para demonstrar a morte como princípio da vida verdadeira, que não é a vida efêmera que ativa o corpo, mas a vida eterna da alma, desprendida deste corpo.

Para esse admirável espírito, a vida física é somente um andaime da construção do edifício espiritual da personalidade moral; concluída a obra, esse andaime cai e surge o edifício construído.

Construído o edifício de sua vida, Ranulfo é bem um farol cujo espírito espargirá sempre e sempre luzes na lembrança e na consciência dos seus amigos. Eduardo num lar, onde o sentimento religioso era conservado com o carinho de relíquia preciosa dos antepassados, desde cedo foi influenciado pelas crenças tradicionais da família.

A convivência com Jackson de Figueiredo veio aprofundar o senso místico de Ranulfo, daí a sua inspiração religiosa intensa. Ele próprio confessa por ocasião da morte trágica de Jackson: – "foi meu amigo, o melhor amigo que a vida me deu. Espiritualmente tudo lhe devia".

O sentimento religioso intensificou-se em Ranulfo.

Certificou-se que o problema religioso é fundamental, pois absorve o espírito do homem. Foi veemente a sua fé. Procurou antes de tudo a Verdade. E percebeu que Deus é o verdadeiro fim do homem e da sociedade.

Iluminado com a luz fecunda da fé infalível praticou galhardamente as excelsas virtude da alma cristã.

Compreendendo a grandeza do cristianismo, deixou-se guiar pela excelsitudes de seus princípios.

E neles modelou o seu – modus vivendi – atingindo grau bem elevado na escala da perfeição espiritual. Livre das servidões do orgulho e do egoísmo, voltou-se sem reservas para a fé, para a caridade e para a conformidade da resignação cristã.

Em carta escrita por Ranulfo à sua família ele disse: – "Nós passamos sem vontade, a minha vida decorre tão folgada e sem preocupações sociais. A clínica boa, apesar da guerra, a saúde melhor, o filho que cada vez mais me satisfaz e tudo mais que vivo a agradecer a Deus, tão grandes e tão imerecidos benefícios. Com isso talvez ele, queira me compensar dos anos de doença e pobreza".

Por ai podemos observar a intensidade do seu espírito religioso, humilde e resignado.

Percebeu como nós, Ranulfo, que sessenta gerações pretenderam inutilmente destruir, mesmo assim firme e intrépido continua o cristianismo.

Pois o reino de Cristo é eterno e ele com a sua grande doutrina de amor e misericórdia, vence e vencerá os ímpios. O seu Evangelho de Justiça e de Amor, procrastinando o ódio, exprime uma afirmação de um novo mundo moral de engrandecimento do espírito.

A religião se identifica em Ranulfo Prata como se fosse um anelo de pureza, de excelsitudes e de idealismo.

É que ele viu o mundo com os olhos de filósofo – "e contemplar o mundo como filósofo é compreendê-lo: quer dizer penetrar fundo no interior das cousas, a fim de desvendar as suas secretas raízes e as suas dependências ocultas. Compreender é trespassar a matéria com uma onda de luz emanada do espírito".

É enfim, desprezando os apetites inferiores chegar ao domínio das grandes espirituais.

Com a alma revivificada pela educação espiritual, reconheceu Ranulfo que o verdadeiro humanismo é o humanismo cristão. Sem o cristianismo não há beleza pagã que não torne um perigo mortal, mas com o cristianismo não há beleza pagã que não seja um precioso legado para a humanidade.

Pascal punha a ordem das cousas do espírito acima da ordem das cousas do corpo. E a Igreja católica continua sendo um poderoso traço de cultura dos povos.

Não se pode eliminar a cultura cristã do todo que forma a cultura universal.

Em suas obras muitas das opiniões vivas de Ranulfo são expostas como um evangelho de grandeza moral, de filosofia cristã, numa concepção admirável de quanto sabia venerar a mística de sua religião.

De uma feita em correspondência aos seus proclamou que: "– devia a vida ao milagre e Deus". Evidenciando assim mais uma vez o seu profundo sentimento religioso. Quem se segue não anda em trevas, lembra São João no Evangelho e Ranulfo soube sentir a grandeza excelsa da religião cristã, a crença do amor e do perdão.

Senhores:

Assegurou Aloísio de Castro, saudando Julio Dantas: – "ninguém é sagrado médico e assim entrando no conhecimento

da vida humana, sua grandeza e sua miséria, pode fechar o coração à medicina. É que os atributos que se adquirem no exercício desta arte não se apagam nas alturas, onde ao contrário resplandecem com mais intensa luz e ninguém os renuncia como um fardo inútil, porque eles se sedimentam no subconsciente e pelas suas irradiações incoercíveis compõem a própria personalidade". Ranulfo foi um médico que nunca esqueceu os encargos da sua profissão, pois, sobretudo viveu para os seus clientes com dedicação e bondade, não medindo canseiras, não olhando sacrifícios, quando se tratava de minorar a dor alheia.

Com carinho sondava as constituições orgânicas, esforçando-se para sanar os males do próximo, procurando aliviar-lhe o sofrimento.

Era bem a imagem do verdadeiro médico, abnegado, estóico, persistente, dando sem reserva a energia do seu esforço, num objetivo único, a cura do doente. Pensava certamente como Montaine, que: – "quem não vive de algum modo para os outros mal vive para si".

Como homem de ação científica Ranulfo foi notadamente um sensitivo, que revelava sentimento e coração numa afirmativa de que criar é obra do amor e da beleza.

Foi um devotado na defesa do homem e na defesa da humanidade.

E se a sua atividade foi fecunda, é porque via no trabalho o deleite do espírito e o efeito fecundo da alegria no trabalho.

É que o homem constrói o seu destino com fulgor de sua inteligência, com brilho de suas virtudes e com a vigor de sua energia.

Sua vida profissional foi produto de uma vocação, embora ficasse às vezes descrente da ciência de Hipócrates, quando contemplava estarrecido o martírio humano, como radiologista que sempre foi.

O traço marcante da sua personalidade foi sem dúvida a solidariedade humana. Sempre disposto a sacrificar as comodidades pessoais em benefícios de outrem.

É que se identificou totalmente com os ideais da carreira que abraçou.

Diminuir o sofrimento humano, suavizando as agruras da vida, foi sua maior preocupação.

Quanta paciência, serenidade, doçura, se percebe em seu espírito, como um impulso motriz de uma religião de amor ao próximo.

Queria como que compensar a fragilidade humana com o máximo de sua dedicação e dos seus esforços, lutando decidido pela extinção do mal que fazia alguém sofrer.

Já Musset dizia: – "l'homme est um apprenti, La douleur est son maitre".

E foi a grandeza profunda de sofrimento que Ranulfo proclamou em muitas das suas conferências.

Lembrava que o médico era o "homem da dor" e que era do seu contato com o sofrimento que lhe vinha a beleza quase sobrenatural, e a sua aureola magnificente.

E que alguém já tinha notado, que a contínua intimidade do médico com a dor, marca na sua alma um sinal particular, fazendo-o um homem à parte, isto é, um ser de mentalidade, autoridade e consciência que lhe dão uma verdadeira superioridade entre os outros homens.

Em conferência pronunciada no Centro D. Vital de Aracaju, aos 11 de fevereiro de 1933, quando revia o seu berço natal e sua família, ao transcurso da boda de ouro de seu pai, ei-lo asseverando que: – "o sofrimento é fonte de criação e de inspiração. Tem ação purificadora. Gera esforço e energia moral.

É caminho de luz e de perfeição".

Analisando a sua necessidade, indagando o motivo do so-

frimento, Ranulfo lembra que se lhe abrimos a porta do coração e o amarmos descobriremos que ele é uma forma de vida e uma das maiores necessidades.

***

Procurei delinear até aqui a vida de Ranulfo Prata, agora tentarei estudar em traços gerais a sua obra. O conto é a narrativa rápida, a observação ligeira, numa visão condensada em poucas palavras sutil e penetrante, repassada de uma vibração transitória, numa fusão de formas diversas. No Brasil, o conto ocupa o primeiro plano, considerando-se o número incomensurável de contos e contistas! Apesar de ter merecido dos historiadores da nossa literatura uma referência merencória.

Os nossos romancistas, nossos ensaístas, geralmente rabiscam contos. Daí, o número de "conteurs", superar o número de romancistas. Tanto assim que Afrânio Peixoto declarou que: – "o romance exige um esforço, uma tenacidade, uma paciente luta contra o desânimo e contra os obstáculos surgidos a cada página, que a nossa natural indolência não procura, ao passo que o conto, rapidamente escrito, concentrado e uno na ação, é de mais fácil alcance".

É uma explicação sincera, também corroborada por Ronald de Carvalho, quando demonstrava que: – "o nosso povo é um grande criador de fábulas e de historietas, sua imaginação inquieta e viva, cria sem cessar mitos, personagens e lances fantasiosos, aventuras aparentemente verídicas ou inverossímeis".

O Brasil é o país do conto, onde os nossos contistas, sob o sortilégio do nosso povo, são férteis em imaginações sentimentais ou terrificantes. Não há exagero afirmar que o nosso conto é genuinamente brasileiro, não prevalecendo, portanto o falso

conceito de que possuímos uma literatura contista de imitação.

O folclore brasileiro, na expressão sensata de Bezerra de Freitas, reflete uma das mais vivas e sugestivas manifestações da nossa psique da nossa alma dos nossos estudos de consciência. Em "Contos Fluminenses", Machado de Assis, dizia em 1872: – "é gênero difícil, despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, a pública toda atenção de que ele é muitas vezes credor". – Se vivo fosse o maior contista brasileiro, perceberia o falso conceito de sua afirmativa exagerada há setenta anos. O conto possui o seu público próprio num relevo peculiar. Ranulfo se dedicou ao conto em sua iniciação literária e viu, com apenas vinte anos, um conto seu – O Tropeiro – premiado em primeiro lugar no concurso aberto pela – A Tarde – da Bahia.

Foi o primeiro estímulo que a vida ao mocinho desconhecido e tímido que era naquela época.

Mais tarde consagra-se ao romance. Ranulfo fixou em todos os seus admiráveis contos o meio e o homem, particularizando o filho de Sergipe, num encadeamento exato, ao amor à terra natal, tendo, portanto, o colorido vivo das paisagens realistas.

Mostrando-nos ora a alma rude e sincera dos nossos caipiras, desvendando os sentimentos dos nossos políticos, o contista de Lagarto expande a lembrança dos fatos da província, num estilo nordestino, numa linguagem firme.

Ora fica a descrever o espetáculo tão nosso conhecido das feiras do interior.

"Reúne-se na praça principal do lugar em torno do Mercado, casarão de largas portas ovais, rasteiro e sólido coco uma fortaleza, uma população feita da mistura do praiano com ares de civilizado, e do tabaréu ingênuo e rude de chapéu do coco

batido na frente e trajes de carregação.

A cidade, despertando do torpor em que estava mergulhada durante sete dias, sacode-se toda e ri com alegria".

Ora atira a dose de pessimismo num assomo de piedade e de mágoa contra o nordeste, nordeste que ficou sempre indelével no meu coração, "no infeliz nordeste da política, das secas, das endemias e da pobreza.

Lá a fazenda consta geralmente duma casinha de pau a pique, onde mora o vaqueiro com a mulher, a ninhada de filhos e canzoada".

E continua Ranulfo nos seus cantos a evocar quadros e quadros de Sergipe. A Longa Estrada é bem um conjunto destas lembranças evocativas.

O romance foi um gênero da literatura no Brasil que mais retardou na sua evolução.

O prestígio do romance que data do século 19, mesmo assim, no Brasil ele foi insensível apesar da acentuada influência da literatura lusitana, que por sinal também foi tardia, pois só no Bernardim Ribeiro com Menina e Moça tivemos o seu florescimento.

A oratória, o jornalismo, o ensaio, a crítica, o teatro e a poesia, como atividades literárias, tiveram sua primazia, como atividades literárias.

Aquela delonga foi oriunda, não resta dúvida, do meio social então acrescido a um fator preponderante: – "a severa concepção patriarcal da família", base da sociedade colonial do Brasil. Existia, por assim dizer, uma atmosfera hostil à literatura novelesca e romanesca.

O homem vivia inteiramente absorto com as ocupações práticas, sem "tempo a perder com a leitura e ainda menos com a invenção de histórias".

Os literatos, na sua unanimidade, manejavam a poesia que era naquele tempo "arte mais nobre", produto de uma época e influência pela metrópole.

Na atualidade, porém o romance é conseqüência lógica da própria civilização.

O nosso Ranulfo foi, sobretudo, romancista.

Foi ao romance que dedicou principalmente as suas atividades literárias. Objetivo da sua arte é dedicar-se ao estudo da fisionomia humana, interessa-se pela vida de outrem pintando com brilho intenso o que observa. Sem impedir, contudo, que a sua personalidade apareça de quando em quando.

É que, como afirmou Maurois – "Pode-se cortar o cordão umbilical entre os personagens e a imaginação que os alimenta, sem se impedir que contraiam semelhanças, pontas de contato com o seu criador".

Turgueniev – o grande romancista russo, afirmava: – "Nunca produzi nada que proviesse somente da imaginação. Não prescindo de modelos vivos para os meus personagens".

Ranulfo, como Turgueniev, escolhia também, na variedade imensa dos tipos humanos, os mais assimiláveis à sua arte.

Como médico, parece que se familiarizou com o sofrimento. Daí, esta tortura inquietante nos seres que descreve. Os seus livros são sempre a evocação de uma grande mágoa.

Severino, em – Navios Iluminados, Fortunato em O Lírio na Torrente, e assim por diante.

Não esquece também a paisagem da terra distante e a sua gente simples, resignada e boa.

Ranulfo Prata possuía uma personalidade artística, como escritor fecundo, primoroso e, sobretudo realista.

O Triunfo, publicado em 1918 já revelou as qualidades do verdadeiro romancista.

Seu último livro – Navios Iluminados – foi de um sucesso invulgar nos meios literários do nosso país e também no exterior. Vertido para o espanhol por Benjamim Garay, o mesmo tradutor de Os Sertões.

É a vida do estivador das Docas de Santos. Uma página reivindicadora do operário, merecedor de um melhor padrão de vida. Profligando injustiças, ressaltando os nossos erros sociais, assim é o combate da vida humana, tão repleta de manifestações adversas.

Nas páginas de – Navios Iluminados – vivem os eflúvios de sua formação espiritual, dando-nos uma nítida impressão do que a grande terapêutica da questão social reside no amor e na fraternidade.

Temos que considerar como verdadeiros tesouros da inteligência os bens do trabalho, da vontade, da virtude e do amor. Parece-nos que a questão social é primordialmente uma questão individual, o que equivale dizer que sua solução está no melhoramento do próprio indivíduo.

É que – "não há saúde social se não há saúde individual, não há redenção social se não a precede redenção individual".

De vez em quando, interrompe suas narrativas para retornar às esperanças dos que lutam, vencem ou são vencidos na luta de ida.

O episódio – Severino – em Santos, é uma realidade na vida dos que emigram, dos que abandonam os lares, sequiosos de ambições.

Muitas vezes busca o próprio infortúnio, como o personagem de Navios Iluminados, que é o retrato do que luta desesperadamente e desesperadamente sucumbe num oceano de torturas e de misérias...

Tão forte é o seu realismo, que chega a mais intensa expressão.

A repercussão desse romance foi extraordinária.

O público apaixonou-se por Navios Iluminados, tão fecundo em sua realidade social e tão repleto da alma simples do nosso sertanejo.

Temos que encarar como problema vital o da justiça. Em – Navios Iluminados, – vamos encontrar a plenitude da consciência no seu contato com as virtudes cristãs.

O talento de Ranulfo na fixação das narrativas é perfeito. Pintava com honestidade o que via Dentro da Vida, – ao contrário dos outros livros seus é um romance subjetivo, reflexo de um amor profundamente místico, revelando a ascendência de Jackson de Figueiredo.

Em O Lírio na Torrente deparamos com Fortunato, o bizarro personagem que vivendo uma existência melancólica " – entregou-se ao trabalho de corpo e alma. Habituado, para logo, ao novo gênero da vida, e mesmo a amando, sentia que o trabalho lhe proporcionava um duplo prazer: – o que dele vem por si só, o do almejado proveito para a realização do seu grande e secreto desejo".

O amor platônico por Chiquita, silencioso, embora apaixonado. Um romântico, mesmo em enxergar na sua amiga uma vítima da própria sociedade.

É um livro que exprime toda a paixão de um amor intangível, feito de sonho, melancolia e dolorida saudade.

É que a – "vida amorosa, frágil e profunda, é como um lírio na torrente"...

Pois o homem tem na existência afetiva o outro aspecto de sua atividade.

Esse livro e também A longa Estrada, foram premiados pela Academia Brasileira de Letras.

A atividade literária de Ranulfo é admirável por seu valor intrínseco e também pelo significativo número de suas produ-

ções, "todas as manifestações da inteligência e da sensibilidade humana ele as amou, não em si mesmas, mas na medida em que elas significavam a aproximação desse estado místico, que é a visão da tragédia sobre o mundo moderno, porque esse estado é a única maneira com que hoje nos é dado aprender a realidade".

E assim foi a vida de Ranulfo, um constante escrever, um constante produzir.

Quando morreu, trabalhava no preparo de um romance de intensa psicologia humana. E a morte veio buscá-lo quando num labor silencioso, lento e produtivo, estudava em seu livro a própria vida da humanidade.

Mas a sua obra ai está imperecível pelos tempos em fora, como uma glória de Sergipe e do Brasil.

Senhores Acadêmicos: –

Tentei debuxar com a singeleza das minhas palavras o perfil do meu ilustre antecessor, Ranulfo Prata.

Assiste-me, agora, esboçar, em traços rápidos a figura do Patrono da Cadeira nº7, Dr. Manuel Curvelo de Mendonça.

Ambos contribuíram, sobremodo, para aumentar o patrimônio cultural da terra que lhe serviu de berço.

Nasceu Manuel Curvelo de Mendonça aos 29 dias de julho de 1870, no Engenho Quintas, no município de Riachuelo. Era filho de Antonio Curvelo de Mendonça e D. Bárbara de Menezes de Mendonça.

Em Laranjeiras e Aracaju realizou o seu curso de Humanidades, rumando para Recife, onde na conhecida Faculdade de Direito recebeu em dezembro de 1892, o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Perlustrando os episódios de sua vida percebeu-se que

abraçou o magistério, e, sobretudo o jornalismo. Lente de Direito Mercantil e Economia Política na Universidade Popular, do Distrito Federal, da qual foi um dos seus fundadores e cuja existência foi tão efêmera, como as Rosas de Malherbe...

O jornalismo foi sem dúvida o início de sua carreira pública. N'O País sua atividade brilhante assinala uma etapa de trunfos retumbantes!

Espírito culto e inteligente, Manuel Curvelo de Mendonça, já nos primórdios da Abolição e da República, lançava artigos de profunda ressonância, sob o pseudônimo de Luckner, revelando assim, desde cedo, os pendores pela arte de Alcindo Guanabara e José do Patrocínio.

O jornalista exerceu uma prerrogativa que lhe é outorgada pela própria missão de seu mister.

O seu julgamento não deve em absoluto atingir as raias da injustiça, da crueldade ou da injúria.

Procrastinar tal ética seria violar de um modo flagrante o dever moral do homem.

Positivamente o caráter e a inteligência são suas armas de combate no campo doutrinário ou informativo. A atividade jornalística deve ter sempre como escopo uma finalidade orientadora.

Ela deve ser eminentemente construtiva porque tem a seu cargo a importantíssima missão de guiar a opinião pública.

Dirigindo O País, o filho de Riachuelo sustentou grandes campanhas, pontificando o preceito da Verdade e da Justiça.

Pregando os postulados sagrados e inalienáveis do jornalismo, estabeleceu o seu Evangelho profissional, firmando o seu pensamento em relação ao jornalismo, como sendo um elo básico na educação e na cultura de um povo.

Com o seu catecismo doutrinava as idéias, como homem que pensa e medita no senso real das cousas, subordinado ao

equilíbrio mental.

E foi assim que Manuel Curvelo de Mendonça adquiriu, pela força das armas de seu caráter e de sua inteligência, uma legião de admiradores, assinalando deste modo uma época no jornalismo nacional de então.

Gumersindo Bessa, definindo o jornalista, asseverou que: – "O jornalista é um mestre da palavra improvisada.

Com a elaboração instantânea da idéia, ele afirma a expressão imediata. Tudo nele é subitâneo, desde a inspiração até ao boleio do estilo. A imprensa é um sacerdócio, que os filhos de Gutenberg são os porta-estandartes da civilização, o jornal é o Paladium das liberdades públicas, o propulsor do progresso, o paladino de todas as causas nobres, o farol da evolução humana, quando não é o açougue da honra alheia".

Os seus preciosos e magistrais estudos econômico-financeiros valem como uma consagração ao sergipano que soube honrar fora de Sergipe o seu pequeno torrão natal. O seu livro A Regeneração, romance social publicado em 1904 em Paris, foi acolhido com os maiores encômios, pois este livro contém – "um profundo estudo sociológico, em que os problemas correlatos da sociedade moderna têm a sua crítica e a sua solução".

Colaborou brilhantemente e continuadamente em inúmeros jornais e revistas do país e do exterior.

Além dos atributos dinâmicos que contém a obra literária de Manuel Curvelo de Mendonça, é ainda reveladora de um profundo senso de observação na análise dos fatos e suas conclusões.

Sua atividade indica profundos conhecimentos no campo da sociologia, disciplina básica para o homem de imprensa, obtida no contato direto com o meio social.

Dedicado também aos problemas didáticos, representou o Brasil no Congresso Pedagógico de Bruxelas em 1910, onde dis-

sertou magistralmente sobre – "A Marcha Progressiva do Ensino no Brasil".

Manuel Curvelo de Mendonça, como Ranulfo Prata, foi um idealista sincero, embora vivesse em geração diferente, pelejando embora em ambiente diverso.

Entretanto ambos foram sensíveis às realidades da vida, harmônicos nas suas idéias e proposições sociais.

Deixando-nos o exemplo da existência consagrada ao dever ao trabalho, ao estudo, principalmente ao bem estar coletivo.

Senhores Acadêmicos:

Penetrando no convívio da intelectualidade do meu Estado, resta-me, ainda uma vez, manifestar o testemunho do meu reconhecimento à Academia Sergipana de Letras, que tão generosamente me acolheu, assumindo, também, o compromisso solene de cultuar as suas tradições gloriosas, os seus ideais nobres e elevados, que visam sempre zelar pelo patrimônio cultura de Sergipe.[75]

Tenho dito.

75 Revista da Academia Sergipana de Letra. Aracaju, nº11, abril de 1946.

Pósfácio

Ranulfo Prata

Luiz Eduardo Oliveira[76]

Ranulfo Prata – Vida & Obra, de Gilfrancisco, é um livro que veio em muito boa hora. Não somente porque o lagartense Ranulfo Prata (1896-1942), médico, romancista, contista e historiador, é um dos mais importantes intelectuais sergipanos da primeira metade do século XX, embora sua produção literária tenha sido negligenciada pela crítica e historiografia local e nacional, mas também porque se trata de um acurado trabalho de pesquisa realizado pelo seu autor, que insere em seu livro, além de uma síntese biográfica bastante esclarecedora a respeito de sua trajetória, sua rara fortuna crítica, fragmentos, notas e textos críticos de figuras ilustre das letras brasileiras, tais como Lima Barreto e João Ribeiro, dentre outros. Além das qualidades devidas ao seu ineditismo, o livro de Gilfrancisco contribui de forma efetiva para o resgate da obra de Ranulfo Prata, servindo como fonte obrigatória para os trabalhos vindouros que tratem sobre o tema.

A obra de Ranulfo Prata insere-se cronologicamente numa fase realista e regionalista da literatura brasileira, sobretudo do romance, uma vez que é durante as primeiras décadas do século XX que Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Jorge Amado e Ra-

76 Luiz Eduardo Oliveira é professor do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS.

quel de Queiroz produzem suas obras mais importantes. Trata-se de um período já cantado e decantado pela historiografia literária, que censura, nos romances do tempo, e em alguns casos, o caráter panfletário ou engagé de certas narrativas. No caso de Ranulfo, apesar dos "ligeiros laivos de romantismo", como indica Agripino Grieco, num texto de 1925 sobre o romance A Longa Estrada, a crítica o considerava "francamente realista", tal como afirmava, já em 1918, o crítico baiano Altamiro Requião, sobre O Triunfo. Narrador do sofrimento, das misérias e da amargura, Ranulfo transmite em suas narrativas aquela "fatia de vida" tão necessária à verossimilhança das narrativas do gênero. É curioso que o crítico marxista Nelson Werneck Sodré, em 1938, tenha discordado do radicalismo da esquerda comunista na apreciação de Navios Iluminados, asseverando que o romance apresentava "o fundo trágico e revoltado" que lhe infundia "mais cor e mais beleza", o que não eximia o autor de ser acusado de ingênuo, como fez Valdemar Cavalcanti, em 1934.

Em 1930, Ranulfo Prata ocupou a cadeira Nº 7 da Academia Sergipana de Letras, tendo como patrono Manuel Curvelo de Mendonça. Residiu boa parte de sua vida fora do estado, mas foi muito ativo na vida cultural sergipana, tendo inclusive prestado concurso no Atheneu Pedro II em 1926 para a vaga de uma cadeira de literatura, para a qual defendeu duas teses, uma sobre o movimento romântico de 1830 e outra sobre o que identificava como "o Renascimento das letras em França". Tendo sido aprovado, permaneceu por pouco tempo no cargo, o qual era acumulado com sua função de professor da Escola de Farmácia e Odontologia. Morreu aos 46 anos de idade, em Santos, e deixou para a posteridade uma obra significativa que está carente de um estudo crítico de fôlego.

O primeiro passo já foi dado pelo jornalista, professor e

escritor baiano Gilfrancisco, que com sua obra nos obriga a olhar com cuidado para o espólio literário desse grande intelectual das letras sergipanas tão esquecido: Ranulfo Prata.

Tiragem	1000 exemplares
Formato	15x21cm
Tipologia	Palatino Linotype, 10,5
Papel	AvantGarde-Book Bold, 10
	Off-set 75g/m² (miolo)
	Cartão Triplex 250g/m² (capa)